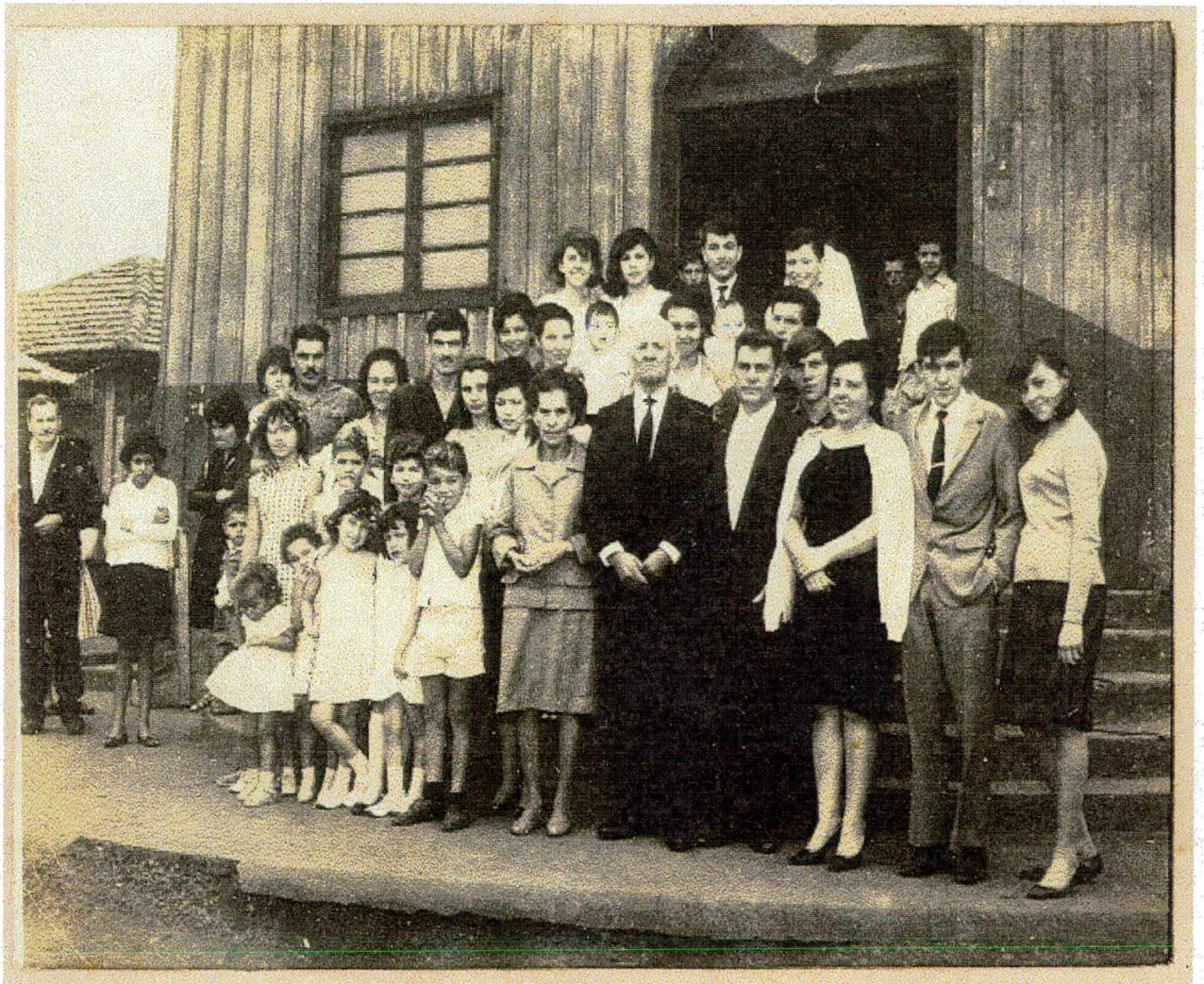


SONIA SILVA MARCON

**CRIAR OS FILHOS:
EXPERIÊNCIAS DE FAMÍLIAS DE TRÊS
GERAÇÕES**



Florianópolis, 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

CRIAR OS FILHOS:
EXPERIÊNCIAS DE FAMÍLIAS DE TRÊS GERAÇÕES

SONIA SILVA MARCON

**Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina,
para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.**

Florianópolis

1998

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**CRIAR OS FILHOS:
EXPERIÊNCIAS DE FAMÍLIAS DE TRÊS GERAÇÕES**

SONIA SILVA MARCON

**Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina,
para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.**

Florianópolis

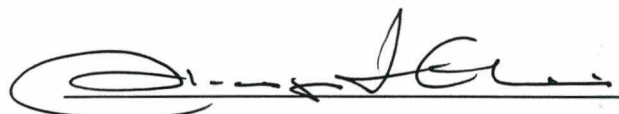
1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

CRIAR OS FILHOS
EXPERIÊNCIAS DE FAMÍLIAS DE TRÊS GERAÇÕES

SONIA SILVA MARCON

Esta tese foi orientada pela professora Doutora Ingrid Elsen e submetida ao processo de avaliação para obtenção do título de Doutor em Filosofia de Enfermagem em 11 de maio de 1998, atendendo às normas da legislação vigente no Programa de Pós-graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina.

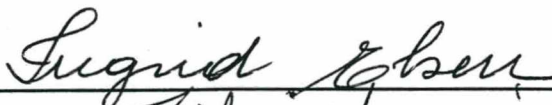


Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann

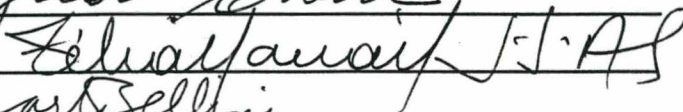
Coordenadora da Pós-Graduação

Banca Examinadora

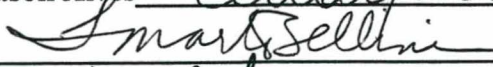
Dra. Prof. Ingrid Elsen



Dra. Prof. Zélia Mendes Biasoli Alves



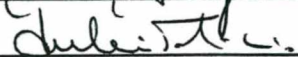
Dra. Luzia Marta Belini



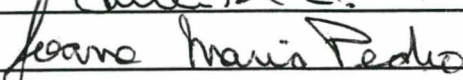
Dr. Elio Cantalício Serpa



Dra. Zuleica Maria Patrício



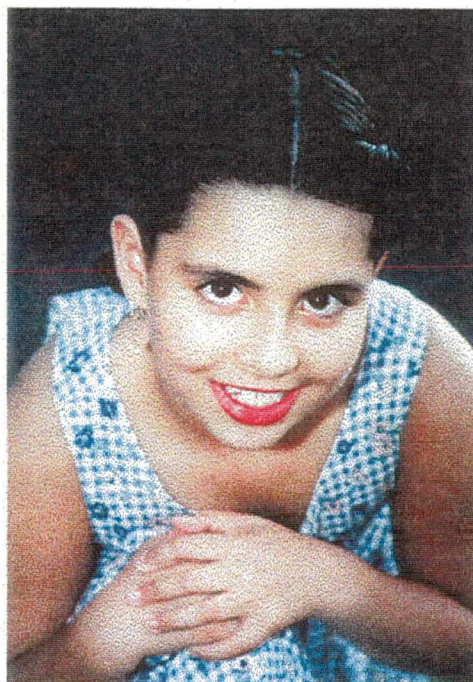
Dra. Joana Maria Pedro



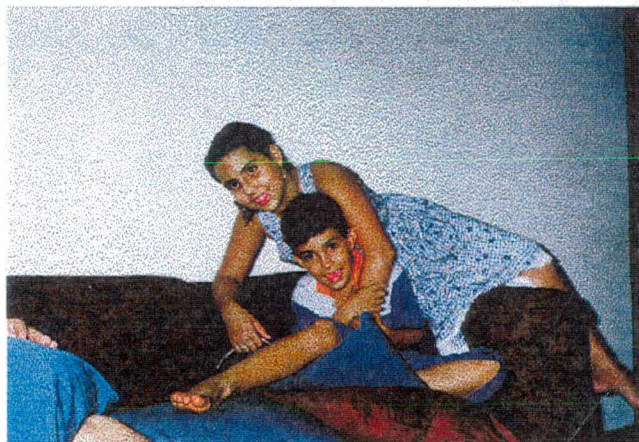
Dra. Lígia Paim



Dedico este trabalho à Rubia e ao João Ricardo , meus filhos amados, o maior bem da minha vida e causa primeira de minhas preocupações.



Foi o desejo de criá-los da melhor forma possível que me motivou para a realização deste trabalho, embora tenha sido justamente ele o motivo tão freqüente do convívio roubado ao longo destes quase cinco anos. Desculpem minha ausência em momentos tão significativos de suas vidas.



Agradecimentos

A meus filhos, com quem tenho aprendido tanto sobre o amor e o cuidar, pela compreensão da espera.

Ao Rubens, pai dos meus filhos, meu amigo e companheiro, por compartilhar, à sua maneira, meus sonhos e projetos, pela presença constante, por compreender minhas ausências e acima de tudo pelo pai que foi durante as mesmas.

Aos meus pais e irmãos queridos e a toda minha família que, ao me acreditarem sempre capaz, incentivaram-me nos momentos de dificuldades, compreenderam minhas ausências e souberam se fazer presentes apesar da distância. Obrigada pelo estímulo, afeto, companheirismo e amor que sempre nos uniu.

À minha grande amiga Angela Maria Alvarez, companheira de todas as horas, apesar da distância. Foi muito bom poder compartilhar com você mais esta etapa de minha vida. Foi bom demais sentir o aconchego de um lar (principalmente pela presença das crianças) a cada retorno a Florianópolis. Vou sentir muitas saudades suas, da Lara e do Arthur, pessoinhas lindas e queridas com quem tive o prazer de desfrutar momentos de brincadeiras e descontração em minhas viagens atribuladas e corridas.

A meus amigos pela amizade e disponibilidade em trocar idéias na incessante procura pela compreensão da vida. A todos aqueles com quem partilhei as ansiedades e dificuldades no decorrer da realização deste estudo e de quem recebi apoio, estímulo e ajuda. Muito obrigada, Angélica, Mariko, Valmir, Marieta, Marcia, Maria das Neves, Oséias, pelo afeto e pela torcida. A amizade de vocês me ajudou a caminhar mais longe e a ultrapassar os obstáculos que surgiram pelo caminho, os quais, vocês bem sabem, não foram poucos.

À professora Joana Maria Pedro, por compartilhar conhecimentos e pela disposição sempre presente de trocar idéias.

À Izaura, minha "secretária" no lar, pela certeza que sempre pude ter de que você estaria lá para cuidar de meus filhos. Obrigada, pois isto permitiu tranquilidade em minhas viagens, o que foi fundamental na realização deste trabalho.

Às famílias que fizeram parte deste estudo, em especial às informantes, que me receberam de forma solícita e desprendida, representaram sua maneira de viver e de criar os filhos, tornando visíveis aos meus olhos novas facetas desta arte, permitindo-me ver mais longe e ampliar minha compreensão do que seja criar um filho nos dias de hoje.

Agradeco de forma especial

À professora Ingrid pela orientação precisa, criteriosa e segura em momentos de incerteza e indefinições na condução deste trabalho. Obrigada pela sensibilidade e respeito que sempre demonstrou ao perceber minhas limitações; obrigada pelo respeito às minhas crenças e valores e por sua maneira tão liberal de acompanhar a busca e a expansão de meu conhecimento.

A sua forma de ser e de orientar me permitiu alçar vôos e ao mesmo tempo descobrir a importância e a satisfação do trabalho pronto. A sua amizade, disponibilidade e confiança foram os estímulos necessários para a continuidade do trabalho, pois foi o desencadeador do desejo de não decepcioná-la enquanto amiga e orientadora que me fez continuar, apesar de tantas dificuldades. Sinceramente, “meu muito obrigada”, inclusive por ter partilhado comigo mais uma vez tanto conhecimento. Sinto-me verdadeiramente lisonjeada em poder me considerar sua amiga.

RESUMO

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, desenvolvida com o objetivo de conhecer as experiências de famílias de três gerações sobre a criação dos filhos. O estudo foi realizado na cidade de Maringá, Paraná, junto a famílias que tinham em comum o fato de terem tido ou terem ainda um filho, neto ou bisneto que tivesse freqüentado ou estivesse freqüentando uma creche. Na maioria das vezes as famílias foram representadas por suas mulheres. A entrevista aberta foi a estratégia básica utilizada na coleta de dados, sendo a observação e fotografias utilizadas em menor escala. O papel adotado pela pesquisadora foi do tipo conhecido pelas informantes. Os resultados demonstraram que nas representações das famílias o criar um filho se dá inserido em um contexto e influenciado por este, e que esta experiência é única para cada família, e nas duas últimas gerações, e principalmente na última, também para cada filho. A criação é permeada pelos valores e crenças da família e também por suas concepções sobre criança, bem como sobre o papel da mulher e do homem na família. As concepções de criança variaram muito, mas se mantiveram em torno de dois núcleos básicos: o comportamento e as atividades. Assim, inicialmente a criança era concebida como obediente e educada e tinha seu dia preenchido com atividades escolares e de ajuda (considerada obrigação) nos afazeres domésticos e na lavoura. Na segunda geração ela continua sendo percebida como obediente e educada e seu dia passa a ser preenchido prioritariamente com atividades escolares e brincadeiras (realizadas fora de casa), pois o trabalho passa a ter um caráter só de ajuda; atualmente a criança é representada como desobediente e sem educação para com todos e tem seu dia preenchido por atividades escolares e de lazer, passando a maior parte de seu tempo livre dentro de casa e o trabalho praticamente não faz parte da rotina das crianças desta geração. Quanto aos valores que permeavam a criação, constata-se serem na primeira geração o estudo e a boa educação da criança (feita pela mãe e desde pequena); na segunda o estudo é inclusive exacerbado, o comportamento se volta para o social mais amplo, ou seja, aquele que a criança deveria ter em sociedade, e passa a existir uma valorização da pessoa da criança (influenciando o relacionamento entre pais e filhos). Atualmente, a valorização da criança e seu aporte psicológico determinam todo o enfoque da criação, a qual é marcada pela demonstração de afeto no relacionamento entre pais e filhos e pela preocupação com o desenvolvimento (psicológico, motor e social) da criança. As atividades que envolvem o criar, por sua vez, são determinadas pelas concepções e valores da família. Assim sendo, na primeira geração, disciplinar, educar e colocar para trabalhar constituíam a tônica; na segunda geração estas atividades continuam presentes, porém de forma menos enfática, e por outro lado, passam a fazer parte do criar o demonstrar afeto, conversar e favorecer a socialização. Finalmente, hoje em dia, estas são muito mais numerosas e guardam entre si a característica de serem realizadas quase sempre com o intuito de favorecer o desenvolvimento da criança, protegê-la ou respeitá-la em sua individualidade. A compreensão do que foi e é criar um filho hoje aponta de que forma os profissionais de saúde em especial os de enfermagem podem e devem atuar junto às famílias.

ABSTRACT

The present study is an investigation of qualitative nature, developed with the purpose of knowing the representations of three generation families, regarding child raising. The study was performed in Maringá, Paraná State, with families that have or had a son, a grandchild or a great-grandchild attending the nursery. Most of the times the families were represented by its women. For the data collecting the strategy used was of open interview, but photos and observations were also used in small scale. The role adopted during data collecting was *known by the informants*. The results showed that in the families representation, raising a child is a process that happens inserted in a context and influenced by itself. It also showed that this experience is unique for each family, being that in the last two generations, especially in the last one, it is unique as well for each child. The upbringing is permeated by family values and believes, and also by its concepts about children, as well as by the woman's and man's role in the family. The concept of children varied a great deal, but were stable around two basic nuclei: their behavior and their activities. Thus, initially the child was known to be obedient and had his day filled with school activities and help (considered as an obligation) with house chores and field work. In the second generation the child continues being known as obedient and well-mannered and his days start to be filled giving priority to school activities and play (usually in the streets) and the work starts to be seeing as little help. Nowadays, the child is represented as disobedient and uncivil, and has his day filled by school activities and leisure, spending most of the his spare time inside the house and the work almost no part of the routine of this child generation. Regarding values that used to permeate upbringing, it is verified that in the first generation they were the studies and the child's good manners (passed on by mother since early years); in the second generation an emphasis is given to studies, the behavior becomes a social issue, the kind of behavior she is supposed to have in society, and a child starts to gain a sense of value as a person (which influences parent and children relationship). Nowadays, the valorization of the child and its psychological contribution determines the focus of the child raising which is marked by demonstration of affection between parents and children and by the concerns about their psychological, motor and social development. The activities that involve the upbringing of a child, are determined by conceptions and values of the family, thus, in the first generation to educate, to discipline, and put them to work were their main concern; in the second generation these activities are still present, but in a less emphatic way, and on the other hand, to show affection, talking to the child and encouraging socialization become part of the upbringing process. At last, nowadays, these activities are much more numerous and present among each other the characteristic of being performed, most of the times, with the purpose to help in the development of the child, protecting or respecting his individuality. Understanding the process of raising a child, gives clues to the best way healthcare agents, especially those from the Nursing area, should and are able to act along with families.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – DELINEANDO O ESTUDO	01
1.1 - Reconhecendo o terreno	02
1.2 - A enfermagem com um novo olhar... a necessidade de enxergar a família ..	04
1.3 - A família, a mulher e a questão da criação dos filhos	12
CAPÍTULO 2 – TRAJETÓRIA TEÓRICA METODOLÓGICA	22
2.1 – Tomando decisões	23
2.1.1 – Referencial teórico	23
2.1.2 – Tipo de estudo	28
2.1.3 – Linha metodológica	29
2.1.4 – A decisão por um estudo trigeracional	32
2.1.5 – O local do estudo	36
2.2 – Coletando os dados	40
2.2.1 – Os atores de um cenário	40
2.2.2 – Método de coleta de dados	44
2.2.3 – Período e duração da coleta de dados	48
2.2.4 – Técnica de coleta de dados	49
2.3 – Trabalhando os dados	53
CAPÍTULO 3 – CRIANDO OS FILHOS EM MARINGÁ NAS DÉCADAS DE 40 A 90	56
3.1 – Conhecendo um pouco da história de Maringá	57
3.2 – Criando os filhos em Maringá na primeira geração (décadas de 40 e 50)	65
3.2.1 – As informantes e suas histórias de vida	65
3.2.2 – As mulheres	68
3.2.3 – Os atores do processo de criar	76
3.2.4 – Os valores e as crenças que permeavam a criação	79
3.2.5 – A concepção sobre o ser criança	83
3.2.6 – A forma de criar os filhos	87
3.2.7 – O cuidado na saúde e na doença.....	90
3.2.8 – As preocupações que permeavam a criação	95
3.2.9 – O relacionamento entre pais e filhos	97
3.2.10 – A alimentação das crianças	98
3.2.11 – A questão disciplinar	101

3.3 – Criando os filhos em Maringá na segunda geração (décadas de 60 e 70)	106
3.3.1 – As informantes e suas histórias de vida	106
3.3.2 – As mulheres	108
3.3.3 – Os atores do processo de criar	111
3.3.4 – Os valores e as crenças que permeavam a criação	118
3.3.5 – A concepção sobre o ser criança	121
3.3.6 – A forma de criar os filhos	123
3.3.7 – O cuidado na saúde e na doença	130
3.3.8 – As preocupações que permeavam a criação	134
3.3.9 – O relacionamento entre pais e filhos	135
3.3.10 – A alimentação das crianças	137
3.3.11 – A questão disciplinar	138
3.4 – Criando os filhos em Maringá na terceira geração (décadas de 80 e 90)	147
3.4.1 – As informantes e suas histórias de vida	147
3.4.2 – As mulheres	157
3.4.3 – Os atores do processo de criar	162
3.4.4 – Os valores e as crenças que permeiam a criação	175
3.4.5 – A concepção sobre o ser criança	195
3.4.6 – A forma de criar os filhos	200
3.4.7 – O cuidado na saúde e na doença	207
3.4.8 – As preocupações que permeiam a criação	211
3.4.9 – O relacionamento entre pais e filhos	212
3.4.10 – A alimentação das crianças	218
3.4.11 – A questão disciplinar	222
3.5 – Criando os filhos em Maringá nas três gerações	234
3.5.1 – Pontuando as semelhanças e diferenças	237
3.5.2 – Os resultados frente a literatura	239
3.5.3 – Repensando a criação	255
3.5.4 – Os valores que permeiam a criação dos filhos nas três gerações	258
3.5.6 – Atividades que envolvem o criar nas três gerações	261
 CAPÍTULO 4 – OS CAMINHOS QUE AS FAMÍLIAS APONTAM PARA	266
 UMA ENFERMAGEM FAMILIAL	
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	276

CAPÍTULO 1

DELINEANDO O ESTUDO

A paternidade, quer do pai quer da mãe, é a tarefa mais difícil que os seres humanos têm para executar. Pois pessoas, diferentemente dos outros animais, não nascem sabendo como serem pais. Muitos de nós lutam do princípio ao fim.
(Karl Meninger)

Este estudo procurou identificar como mulheres residentes em Maringá - PR e pertencentes a três gerações significam sua experiência de criar os filhos. Na construção e compreensão desta re-significação utilizei o referencial de experiência humana, entendendo que esta produz representação (do imaginário) conforme concebido pela história cultural. Várias foram as inquietações que levaram ao desenvolvimento deste estudo e que direcionaram as reflexões introdutórias:

As gerações constituem o espaço onde crenças, valores e práticas são transmitidos, reforçados, mantidos e/ou transformados. No entanto, as relações entre as gerações são bidirecionais e se caracterizam pelo estabelecimento de interações, que se manifestam pela troca de experiência entre os indivíduos: enquanto as gerações mais velhas se encarregam de socializar e de cuidar das mais novas, influenciando o estabelecimento das suas práticas de criar, estas se encarregam de cuidar das mais velhas no final da vida, transmitindo-lhes também suas novas experiências. As mudanças observadas nestas práticas fazem parte e ao mesmo tempo são resultantes de um processo muito maior de mudanças, inclusive na própria configuração da sociedade.

A família tem sido, em diferentes épocas, uma unidade que cuida de seus membros e, apesar das mudanças ocorridas em sua estrutura e organização, continua considerada como o principal agente socializador da criança e responsável pelo atendimento de todas as suas necessidades básicas, bem como pela formação dos referenciais de vida que lhe possibilitarão enfrentar um mundo em permanente mudança. No caso do Brasil, o reconhecimento da família como *locus* privilegiado para o adequado desenvolvimento humano está consagrado na Constituição e no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

A despeito de todas as transformações ocorridas no papel da mulher e da própria família através das gerações, suscitando o surgimento de novas práticas relacionadas à criação dos filhos no interior da família, os estudos têm apontado que a mulher continua sendo, na família, a principal responsável pela criação dos filhos.

Os profissionais de saúde, em especial os de enfermagem, estão enfrentando um processo de transição e de busca de identidade e, por conseguinte, de conhecimentos que lhes possibilitem embasar sua prática profissional, visto que o próprio assistir a família é algo novo para a enfermagem.

1.1 – RECONHECENDO O TERRENO

O interesse pelo tema "como as famílias criam seus filhos" teve um início... mas ao procurar justificá-lo, as palavras me fugiam e por mais que me esforçasse, parecia não conseguir transcrever para o papel toda a clareza com que percebia a existência de uma estreita relação entre estudos desta natureza e o desenvolvimento do conhecimento da enfermagem enquanto prática social comprometida com o ser em todas as suas significações.

Foi a possibilidade que surgiu de tornar-me o outro, de ocupar a posição do outro, que me pareceu, pelo menos em determinado momento, o melhor caminho a ser seguido, pois compreendo que a justificativa maior para a realização deste estudo é a necessidade que nós mulheres, profissionais ou não, temos de compartilhar, aprender e, enfim, crescer... O permitir expor-me possibilita esta troca, e neste momento eu também sou "o outro", à

medida que sou uma mulher, tenho filhos que de alguma forma estão sendo criados,... tenho uma família que quer me ajudar a criar os meus filhos, embora às vezes nem queira tanto assim, ou então não possa.

A partir deste exercício constatei que os aspectos que venho trabalhando em minha pequena experiência de pesquisadora foram se desenhando pouco a pouco, sem eu me dar conta do que realmente estava fazendo ou buscando. Hoje tenho consciência de que minha experiência de vida tem estado presente no que pesquiso ou me interessa em pesquisar. Não fico constrangida em afirmar isto, pois acredito realmente que esta experiência (e seus reflexos) não é isolada, única. Em um imaginário simbólico posso até afirmar que em vários momentos ela representa a experiência vivida por muitos. Ela é, no mínimo, semelhante à de uma grande parcela de mulheres de minha geração, de forma que os resultados encontrados, sejam eles quais forem, refletem aspectos da vivência de muitas mulheres que se identificam entre si pelas similaridades de seu cotidiano, marcado principalmente pelas diferenças de gênero que ainda experienciamos em nosso dia-a-dia.

Assim - posso afirmá-lo - o que na verdade me motivou a desenvolver este estudo foram algumas peculiaridades que experiencio ao criar meus filhos, peculiaridades estas representadas muitas vezes por dificuldades as quais, creio, são também vivenciadas por muitas outras mulheres de minha geração. Além disso, algumas destas peculiaridades constituem fruto do contexto atual, outras porém, já devem ter sido vivenciadas no cotidiano da vida de mulheres de outras gerações.

Por este motivo quero identificar e entender quais aspectos da criação dos filhos são representativos da atual geração de mães; o que tem sido transmitido e, principalmente, deixou de ser transmitido de uma geração a outra (com relação à criação dos filhos), a fim de poder refletir sobre as possíveis implicações que esta transmissão e não-transmissão pode ter na saúde (atual e futura) de nossos filhos e na de nossa família.

No meu entendimento, apesar de todas as singularidades relacionadas à forma de criar e cuidar dos filhos, ao vivenciar esta experiência, as pessoas experimentam aspectos comuns, e a descoberta destas similaridades poderá ser motivo de tranquilização para as mulheres que "sofrem" com o medo de não estar sabendo criar adequadamente seus filhos. Por outro lado, os aspectos diferentes poderão ser partilhados e, se desejado, adotados e adaptados às diferentes situações vivenciadas pelas mulheres em seu processo de vida, de forma a melhor proporcionar o bem-viver e o viver saudável para a família como um todo.

Em um plano mais global gostaria também de identificar novos papéis, novas formas de atuação para os profissionais e em especial para nós enfermeiros, pois estamos definitivamente descontentes com a forma como temos conduzido nossa prática assistencial.

1.2 - A ENFERMAGEM COM UM NOVO OLHAR... A NECESSIDADE DE ENXERGAR A FAMÍLIA

Nos últimos anos a enfermagem brasileira vem assistindo a uma mudança de paradigma referente à orientação metodológica utilizada no desenvolvimento da pesquisa, o que tem suscitado, por conseguinte, uma mudança também em seu foco de investigação. Tudo isso tem ocorrido paralelamente a uma crescente preocupação com a necessidade de instituir e subsidiar mudanças em sua prática assistencial.

Isto, no entanto, não está acontecendo por acaso na enfermagem brasileira. Trata-se de um efeito “cascata”, visto ser fruto de uma tendência mundial, que tem atingido diferentes áreas do conhecimento, em decorrência do descontentamento com a incapacidade do paradigma cartesiano em dar conta de respostas adequadas às questões científicas, filosóficas e sociais. A inexistência, ou pouca interrelação entre as diferentes áreas do conhecimento existentes neste paradigma (Capra, 1991) por si só já é capaz de provocar uma distorção na construção do conhecimento e na visão de mundo dos pesquisadores.

Neste paradigma ainda vigente, embora já não exista uma homogeneidade da comunidade científica em torno dele, o processo saúde-doença, por exemplo, é tratado em partes isoladas, enquanto no paradigma emergente ele tende a ser tratado de forma holística. Por conseguinte, a saúde passa a ser considerada como resultante da harmonia entre o meio ambiente, mente e corpo. Este paradigma é constituído por uma visão caracterizada, segundo Capra (1991), por “palavras como orgânica, holística e ecológica”

As implicações dessas mudanças para a área da saúde são evidentes e nelas se incluem não só a visão de mundo, como também a de ser humano e a forma de abordá-las no processo saúde-doença.

A enfermagem, por ter se desenvolvido a partir do modelo biomédico (que tem uma visão centrada no mecanicismo e reducionismo da natureza humana), sempre voltou sua prática prioritariamente para o indivíduo, com enfoque em uma assistência de caráter curativo. Apesar disto, tem demonstrado maior interesse, disposição e, de certa forma, facilidade em incorporar aspectos relacionados à subjetividade do ser humano em sua prática assistencial e no desenvolvimento de um corpo de conhecimento próprio, através do desenvolvimento e utilização de referenciais que possibilitem “ir além do modelo médico” (Paim e Trentini, 1993).

A enfermagem, portanto, começa a aprender, segundo Patrício (1990), que assistir é muito mais do que curar: é cuidar, mesmo que não objetive a cura ou leve a ela. Cuidar para Leininger (1988) é promover, manter, recuperar a saúde ou originar melhores condições de vida através de meios que vão além das necessidades físicas, emocionais e sociais dos indivíduos. Ou seja, existe uma predisposição em reproduzir a visão de mundo compatível com o paradigma emergente e isto levou Capra (1991) a afirmar que “as enfermeiras se colocam na vanguarda do movimento holístico da saúde”.

Ao mesmo tempo que a enfermagem foi se dando conta da impossibilidade de compreender as situações de saúde e doença a partir de um modelo unicausal, ela também foi compreendendo que o comportamento do ser humano, seja em situações de saúde ou de doença, é influenciado pelo contexto cultural, social e histórico, surgindo assim a necessidade de uma aproximação com outras ciências tais como a antropologia, sociologia, psicologia, história, entre outras.

Ante esta perspectiva, a família passou a se constituir em objeto de investigação ao mesmo tempo que passou a ser delineada como objeto de trabalho, e portanto, como objeto da assistência de enfermagem. Ou seja, passou a existir a convicção de que é praticamente impossível assistir o indivíduo (doente ou sadio) de forma completa quando não se considera pelo menos o seu contexto mais próximo, que é a família à qual ele pertence, pois vários estudos têm demonstrado que a família tanto pode ser entendida como fonte de saúde como de doença para seus membros (Bub et al, 1994).

Em assim sendo, já não basta assistir um indivíduo cômico de que este pertence a uma família, mas mister se faz assistir à família. A família portanto, além de ser agente do cuidado de seus membros, também deve ser considerada como objeto de cuidado dos profissionais da enfermagem e assim sendo, como seu objeto de trabalho, já que o cuidado é o próprio trabalho/atividade da enfermagem.

A importância de se inserir a família como objeto de trabalho da enfermagem deve-se ao fato de que esta, segundo Delaney (1986), “serve como zona de impacto e agente neutralizador entre os indivíduos e a sociedade, fornece proteção psicossocial aos seus membros, além de se constituir em um importante veículo de transmissão de cultura, onde se incluem os cuidados com a saúde”.

Elsen & Patrício (1986), por sua vez consideram que a família é o “agente propulsor de sua própria saúde, visto que a mesma é a primeira responsável pelos cuidados de saúde de seus membros, além de possuir potencialidades que podem ser desenvolvidas para melhor atenderem suas necessidades de saúde”

Além disso, também é sabido que a saúde dos indivíduos possui estreita ligação com as crenças, valores, relações, deveres e direitos do sistema familiar, pois a cultura, a estrutura social e o ambiente físico influenciam a forma como os indivíduos percebem e vivenciam a saúde e a doença e as necessidades de cuidados, e isto, por sua vez, determina a forma como as famílias cuidam de seus membros.

As famílias, como afirma Leininger (1991), costumam ter significações de saúde e doença e práticas próprias de cuidar, originadas de seu contexto socio-cultural. Por este motivo, a autora afirma que a enfermeira só poderá desenvolver ações congruentes se interagir com a consciência de que sua cultura pessoal e profissional poderá ser diferente daquela dos indivíduos, famílias e grupos com quem está atuando, e isto, por sua vez, só será possível através do conhecimento da cultura do outro.

Ao analisar a relação entre família e saúde, Maurin apud Nitschke (1991) afirma que, ao se formar uma nova família, seus membros trazem consigo suas forças biológicas e emocionais, bem como suas vulnerabilidades, seus valores referentes à saúde e seus hábitos de saúde, sendo o estado de saúde de cada família único e distinto. À medida que os conflitos surgem, os membros negociam e barganham, tornando a configuração inicial do estado de saúde mais específica daquela família.

[Assim, embora a saúde da família e a de seus membros sejam diferentes, estão interligadas. A situação de saúde/doença de um dos membros afeta a saúde da família.] Em seu estudo Elsen (1984) enfatiza quanto uma hospitalização ou uma doença grave pode alterar a dinâmica familiar, já que os papéis precisam ser redimensionados e o estresse permeia as relações interpessoais, gerando, inclusive, uma situação de crise na unidade familiar.

Além disso, família é, na maioria das vezes, a mais constante unidade de saúde para seus membros. Ao descreverem as abordagens utilizadas na assistência à criança hospitalizada, Elsen e Patrício (1986) afirmam que os simpatizantes da abordagem sócio-cultural acreditam ser a família o núcleo primário onde a criança recebe e aprende os cuidados de promoção à saúde, prevenção de doenças e primeiros atendimentos curativos.

Nas famílias estudadas por Elsen (1984), por exemplo, o cuidado informal, ou seja, aquele prestado pela própria família, envolvia ações de promoção de saúde, de prevenção e tratamento de doenças, incluindo as de reabilitação; e era baseado nos conhecimentos adquiridos a partir de sua cultura e das interações com os profissionais de saúde. O resultado da experiência vivenciada em cada episódio de doença é acrescentado ao referencial da família, que assim vai se expandindo ao longo de sua trajetória de vida.

Se por um lado é fácil reconhecer que a família constitui uma unidade que presta cuidado, por outro, segundo a autora citada, torna-se difícil concordar em que ela seja sempre eficiente no desempenho deste papel, pois é possível que uma mesma família seja um sistema de saúde mais adequado em certas situações do que em outras, assim como existem famílias que cuidam melhor de seus membros que outras, haja vista os casos de violência doméstica.

De qualquer forma, segundo Elsen (1984), a família já não pode ser vista apenas como aquela que deve cumprir as determinações dos profissionais de saúde. Ao se reconhecer que ela assume a responsabilidade pela saúde de seus membros, cumpre-se reconhecer a necessidade de ouvi-la em suas dúvidas, levar em conta sua opinião, e, mais que tudo, incentivar sua participação em todo processo profissional de cuidar/curar, de forma a resultar cada contato com os profissionais de saúde em subsídios utilizados pela família na ampliação de seu referencial sobre o processo de cuidar.

Vários estudos (Bub et al, 1994) têm demonstrado que para assistir a família, necessário se faz conhecer a realidade familiar em toda sua concretude, tornando-se relevantes os estudos com vistas a identificar aspectos da realidade da família brasileira.

O cuidar da família como unidade básica de saúde, portanto, exige conhecer como essa família cuida, identificando suas dificuldades e suas forças. Só assim o profissional, com seu saber técnico, científico e humanístico, pode ajudar a família a agir de forma a atender às necessidades de seus membros.

Sem dúvida, este compartilhar responsabilidades é um caminho difícil para o profissional acostumado a tomar todas as decisões relativas ao processo saúde-doença.

Entretanto, não mais podemos nos esquivar, pois nos dias atuais, os espaços para os profissionais que se acreditam “donos da verdade” estão se tornando cada vez mais reduzidos, pois como mudaram as estruturas e os papéis familiares, também mudaram as exigências por parte daqueles que procuram os serviços de saúde. E para enfrentar os novos desafios impostos pela chamada sociedade moderna, que é tecnologizada, mas que também busca ser ecológica, exige-se dos profissionais uma diversificação de enfoques teóricos e práticos em todas as áreas do conhecimento humano.

Isto significa que a intervenção deve ser não só no sentido de reconhecer a existência de um sistema profissional e de um sistema popular de saúde, mas também de preservar o cuidado já conhecido pelo cliente, seja acomodando-o ou o repadronizando (Leininger, 1985a). Este tipo de atitude profissional, a de reconhecer e compreender as diferenças culturais possibilita um cuidado congruente com as reais necessidades do indivíduo ou sua família. É que as experiências de vida são vivenciadas de forma diferente pelos indivíduos, o mesmo não se verificando quanto à utilização de um único referencial, o do profissional, formado por seus valores pessoais e profissionais e pautado no modelo biomédico, pois tal modelo privilegia a uniformidade dos valores culturais, os padrões gerais de atendimento à saúde e a universalização de sintomas e patologias.

Para se ter uma idéia da dimensão que a mudança de paradigma provoca na assistência prestada, pode-se focalizar, por exemplo, o ensino das disciplinas de enfermagem materno-infantil ou pediátrica. Tradicionalmente nestas disciplinas os alunos são orientados sobre a necessidade de repassar às mães informações sobre a alimentação da criança (o que, quando e quanto comer), cuidados na higiene, no repouso, etc. ou seja, grande ênfase era dada ao aspecto biológico da criação. A relação mantida considerava a existência de dois extremos, de um lado o profissional tido como detentor do conhecimento e de outro a mãe, que, desprovida de conhecimento, deveria cumprir as orientações recebidas. O conhecimento por sua vez era transferido para o senso comum na forma de orientações rígidas sobre a forma correta de a mãe agir em relação à criança.

A partir da década de 70, particularmente após os estudos de Bowlby (1984) e Spitz (1979), a enfermagem passou a valorizar o vínculo entre pais e filhos como recurso imprescindível no desenvolvimento sadio da criança. O ensino então passa a focar a qualidade da relação e a saúde da criança passa a ser entendida a partir de um desenvolvimento saudável, caracterizado pela existência de uma maior interação entre pais e filhos e também entre pais e profissionais. Embora isto represente um avanço na forma

de assistir a criança, é importante considerar que ela ainda é restrita, à medida que não situa a criança como inserida na família.

Com as mudanças ocorridas na forma de ensinar enfermagem, abrem-se novas perspectivas também para o exercício desta profissão, que passa a valorizar não só a inserção da família como recurso de assistência ao indivíduo, mas também a própria família como objeto de trabalho e de investigação.

Uma análise mais detalhada sobre a produção da enfermagem brasileira em relação ao tema família demonstra que ela hoje já se encontra numa nova fase. A primeira, com início a partir de meados da década de 80, demonstrava uma preocupação dos profissionais da área em se instrumentalizar para assistir adequadamente a família enquanto unidade de cuidado. Corresponde ao período em que os estudos eram realizados quase que exclusivamente no âmbito acadêmico, ou seja, como dissertação de mestrado ou tese de doutorado, tendo, portanto, algumas características peculiares: tratava-se, na maioria das vezes, do relato da experiência de aplicar um referencial teórico junto a um número limitado de famílias.

Estas experiências foram importantes na medida em que possibilitaram a constatação de alguns fatos, como por exemplo que existe diferença entre cuidar de um indivíduo que tem/pertence a uma família e cuidar da família propriamente dita, pois para assistir a família a enfermagem precisa conhecer como a família cuida do doente, identificar suas dificuldades e suas forças e desenvolver e utilizar uma metodologia de trabalho específica. Neste caso a assistência possui características próprias, pois ao cuidar da família o enfermeiro precisa estar atento ao universo das relações familiares e à interação global da família assim como utilizar instrumentos de coleta de dados que possuam caráter mais amplo, a fim de permitir reconhecer as características da família;

No diagnóstico de enfermagem o enfoque é dado às interações intra e interfamiliares, ao funcionamento enquanto unidade, ao processo de decisão e à mobilização de recursos/reservas quando necessário. A assistência de enfermagem tem dado ênfase ao possibilitar à família o máximo de participação.

O domicílio tem-se constituído em espaço apropriado para a assistência profissional à família, pois é neste ambiente que é possível conhecer e compreender melhor a família e suas necessidades de cuidado, uma vez que nele os membros familiares conseguem expressar mais facilmente suas crenças, práticas e valores sobre saúde e doença e até questionar as práticas que nós, profissionais, defendemos.

A assistência à família e, em especial a assistência no domicílio, é permeada por um caráter imprevisível, uma vez que é a situação vivida pela família no hoje e agora que determina a necessidade do cuidado. Isto por sua vez exige do profissional a utilização de recursos e estratégias adequadas a cada situação, e reatualização e reorganização de seu papel enquanto educador, além de uma constante revisão da própria postura profissional

Embora prioritariamente de natureza acadêmica, os resultados obtidos nestes estudos se mostraram tão significativos para a atenção à família, que adaptações e novas experiências começaram a ser realizadas nos mais diferentes pontos do país, consolidando uma segunda fase, ou seja, aquela que denota estar havendo uma utilização nos serviços do conhecimento produzido pela academia.

O crescente interesse da enfermagem pelo tema família fez com que o mesmo se tornasse uma constância na pesquisa realizada por profissionais desta área. Para se ter uma idéia, em 1994 realizou-se em Valdivia, no Chile, a IV Conferência Internacional de Enfermagem Familiar, na qual foram apresentados 374 trabalhos que tinham a família como temática principal e destes, 127, ou seja 34 %, foram realizados por enfermeiros brasileiros, o que demonstra o grau de preocupação dos mesmos com o tema em questão. Em um estudo dos resumos dos trabalhos apresentados nos Congressos Brasileiro de Enfermagem realizados no período de 1985 a 1996 Marcon, Carreira e Balan (1997) identificaram que (208 em 4283) deles estavam relacionados ao tema família, e mais, que o interesse nesta área vem aumentando lenta, porém progressivamente de modo especial em São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e Santa Catarina. Identificam porém, que pelo menos na amostra estudada, a interdisciplinaridade ainda é uma utopia nos estudos sobre família, uma vez que apenas 5,8% dos trabalhos tiveram como autores profissionais de outras áreas.

Apesar de os estudos com família no Brasil serem incipientes, o que se comprova pelo caráter exploratório das pesquisas, o fato de os profissionais de enfermagem estarem desenvolvendo estudos relativos às percepções das famílias representa um avanço. Tal fato demonstra o quanto estes estão conscientes da importância de se valorizar a percepção e a experiência da própria família ao vivenciar determinadas situações relacionadas ao processo de viver/ser/estar saudável e do de adoecer, como estratégia para subsidiar o cuidar/assistir a família. Trata-se de um reconhecimento do papel da família enquanto co-participante do cuidado.

Aliás, a preocupação em assistir a saúde da família hoje, não se configura como

exclusiva da enfermagem. As profissões tidas como interventoras, há algum tempo, já vêm se preocupando com o processo de trabalho e com a própria formação e capacitação de seus profissionais no sentido de proporcionar o desenvolvimento e utilização de abordagens mais apropriadas ao universo familiar.

A criação do Programa de Saúde da Família (PSF) pelo Ministério da Saúde representa por um lado a preocupação do Estado em voltar suas políticas públicas a este segmento da população e, por outro, o empenho em manter suas políticas sociais voltadas para o desenvolvimento da vida familiar.

O PSF constitui uma estratégia de ação da equipe de saúde que tem uma proposta substitutiva, ou seja, de reestruturação do modelo de assistência vigente tendo em vista a consolidação de um outro tipo de cuidado à saúde, traduzido por uma maior integração da equipe de saúde com a população, são incluídas aí, ações de tratamento e promoção à saúde através de práticas educativas participativas, inclusive no próprio domicílio das pessoas. Neste contexto e em pleno funcionamento, o PSF poderá constituir, de forma eficaz, a porta de entrada no sistema de saúde.

O PSF procura tratar o indivíduo como sujeito integrado em seu entorno e busca a integralidade da assistência, respondendo à demanda espontânea de forma contínua e racionalizada, ao invés de centrar a atuação na doença com ênfase na medicina curativa, como ocorre no modelo atualmente dominante nas práticas de saúde. (Levcovitz e Garrido, 1996). Em última instância, pretende a melhoria na qualidade de vida, melhoria esta que só será alcançada se houver um comprometimento real por parte dos envolvidos, seja em relação à prática propriamente dita, seja em relação à avaliação desta prática.

1.3 - A FAMÍLIA, A MULHER E A QUESTÃO DA CRIAÇÃO DOS FILHOS

A família em transformação....

O princípio norteador que instituiu o ano de 1994 como o Ano Internacional da Família é o de que a "família deve ser entendida como unidade básica da sociedade, instrumento essencial de preservação, transmissão de valores culturais, instituição que educa, forma e motiva o homem pois ela, ao fornecer o marco para a definição e conservação das diferenças humanas, dando forma aos papéis básicos, constitui-se no agente mais importante do processo de internalização e aprendizagem."

Mas a família também se encontra em transformação. Em termos de Brasil observa-se que nas últimas décadas, a sociedade brasileira passou por profundas transformações demográficas, econômicas e sociais, as quais repercutiram intensamente nas diferentes esferas da vida familiar.

Por um lado, a transição demográfica que teve início nos anos 40, com uma queda rápida da mortalidade, seguida, a partir da década de 60, pelo declínio da fecundidade que atingiu progressivamente todas as camadas sociais, afetou intensamente a composição e o tamanho das famílias (Monteiro, 1994).

Por outro lado, o acelerado processo de urbanização a partir dos anos 50, acompanhando a industrialização e o crescimento econômico, trouxe consigo a mudança dos valores, a redefinição dos papéis da mulher e sua maior participação no mercado de trabalho.

Finalmente, a crise econômica vigente desde a última década tem obrigado as famílias a repensarem e reformularem suas estratégias de vida, sobretudo no que concerne à obtenção dos rendimentos, tendo em vista fugir o máximo possível do impacto da recessão, do desemprego e da perda do seu poder aquisitivo, levando as mulheres de classe média a entrarem no mercado formal e informal de trabalho.

No que se refere à constituição e organização familiar, tem-se observado, segundo Ribeiro et al (1994), uma redução do número de famílias nucleares, ou seja, aquelas

constituídas por casal com filhos, paralelamente a um crescimento de formas alternativas de organização doméstica.

Duas formas alternativas de constituição familiar têm se sobressaído: a unipessoal (devido principalmente às separações e ao casamento mais tardio das mulheres) e a de famílias formadas por mulheres sem cônjuge morando com os filhos. Segundo os autores supra-citados, os tipos de união ou de organização familiar é outra mudança que vem sendo observada no Brasil, onde se constata “uma redução no número de uniões consideradas legais (aquelas em que as pessoas, vivendo em companhia do cônjuge, celebram alguma forma de casamento, seja só civil, só religioso ou civil e religioso) e aumento das consensuais”, devido principalmente às dificuldades econômicas e à precariedade das condições de vida de uma parcela significativa da população, o que tem impedido a legalização de suas uniões.

A redução no tamanho das famílias, observada após 1960, em decorrência principalmente da queda da fecundidade, constitui um dos aspectos mais marcantes de mudança nos padrões de organização da família brasileira. Esta diminuição (passou de uma média de 6 para 3 filhos por mulher) vem ocorrendo em todas as regiões do país, tanto na área urbana, quanto na rural (embora nesta última ainda se encontrem com relativa frequência famílias numerosas) e em todas as classes de renda, inclusive nos últimos anos com maior intensidade nas mais desfavorecidas - com até um salário mínimo mensal "per capita"; tendo em vista que nas classes com rendimento superior a este, a redução tem ocorrido de forma bem menos intensa, posto que já se havia iniciado em anos anteriores (Monteiro, 1994).

Vários fatores têm sido identificados como contribuintes na redução da taxa de fecundidade das mulheres brasileiras, Monteiro (1994) faz referência: 1) ao aumento de separações conjugais; 2) à intensificação da incorporação da mulher ao mercado de trabalho, associado à ausência de eficazes políticas sociais voltadas para a criação de creches e escolas; 3) à mudança de valores culturais representada, por exemplo, pelo uso do anticoncepcional oral; 4) à redução nas taxas de mortalidade infantil (que garantiram às mães maiores probabilidades de sobrevivência de seus filhos, e conseqüentemente a adoção de padrões de fecundidade mais baixos; 5) ao acesso, via programas governamentais, de grande parte das camadas populacionais aos meios de planejamento familiar.

Médice (1989), ao analisar esta questão, aponta o aumento vertiginoso das taxas de urbanização, as mudanças de comportamento oriundas do próprio processo de urbanização e a difusão dos métodos contraceptivos ao nível de todas as camadas da população, como fatores decisivos. Ariès (1986), por sua vez, refere que foi o sentimento de infância iniciado ainda no século XVII que, através da valorização da criança, influencia até os dias de hoje essa redução.

Contudo, independente de sua configuração, segundo Woortman (1987), em qualquer sociedade as famílias possuem um ciclo de vida próprio e uma grande variedade de atribuições, dentre as quais sobressaem a procriação, educação, treinamento social econômico e emocional da prole (Nogueira, 1977), a sobrevivência econômica, proteção, transmissão de valores, educação das crianças e jovens e *status*, de acordo com Gershiwin e Nilsen (1989), e socialização das crianças, dotando-as dos costumes, hábitos, valores e crenças do meio onde vivem (Bastos, 1979, Prado, 1985, Biasoli-Alves, 1995).

A responsabilidade pela manutenção da saúde de seus membros e o cuidado na doença também constituem uma importante função da família, as quais são referidas de forma implícita ou explícita por vários autores, como Cartana (1988), Elsen, 1994, Pratt, Parsons, Tuner e Bomar citados por Elsen (1994), Litmann apud Manciaux (1975)

A família, portanto, é o cenário não-profissional, não-especialista, onde a doença é primeiramente definida e as atividades de cuidado em saúde são iniciadas.

A mulher em transformação... que continua responsável pela criação dos filhos

Na família, a mulher sempre ocupou um importante papel no desenvolvimento do cuidado. Historiadores de enfermagem enfatizam que o principal componente da sobrevivência humana é o cuidado que tem sido transmitido especialmente pelo trabalho da mulher com seus filhos (Dock e Nutting apud Ray, 1981). Neste sentido, Collière (1986) afirma que o cuidado encontra-se na própria raiz da história das mulheres, para assegurar a manutenção e continuidade da vida. Em todas as sociedades do mundo, mulheres desenvolveram cuidados principalmente relacionados ao corpo e à alimentação, além de ser o elemento que cuida dos outros durante os momentos críticos da vida tais como o nascimento, a doença e a morte. As mulheres, portanto, são reconhecidas por suas

habilidades no manejo com a doença e pelo conhecimento aprendido com a experiência e transmitido pela tradição oral.

Percebo que os papéis prescritos para a atuação da mulher no interior da família foram-se modificando, devido principalmente à sua inserção crescente no mercado de trabalho. Estas mudanças são mais significativas para as famílias de classe média, nas quais trabalhar fora de casa representa, para a mulher, a oportunidade de conseguir comprar bens de consumo, os quais concorrem para o alcance do bem estar propagado pela sociedade de consumo. Considero, no entanto, que se trata mais de uma ampliação de papéis assumidos pela mulher do que de uma mudança propriamente dita, uma vez que a mulher assumiu novos papéis fora de casa mas não deixou de desempenhar uma série de outros, os quais de certa forma, são garantidores da própria existência da família.

A mudança ou ampliação dos papéis assumidos pela mulher na família e na sociedade fazem parte de um processo histórico que vem ocorrendo ao longo de todo o século. A cada vez maior inserção feminina no mercado de trabalho foi favorecida por uma ampliação de ofertas e possibilidades de trabalho possíveis de serem desempenhados pela mulher, graças ao desenvolvimento tecnológico que fez cair por terra o quesito “possuir força física” para aqueles que se propõem a entrar no mercado de trabalho.

À despeito de todas as mudanças ocorridas no papel da mulher na sociedade, ainda hoje, na família, é ela que detém a responsabilidade e o saber sobre o cuidado. Segundo Budó (1994), ela aprende em geral no convívio com outras mulheres, executa-o durante toda sua vida e transmite este conhecimento a outras mulheres, especialmente às filhas e netas. Esta dança na transmissão de conhecimentos que ocorre entre mulheres de diferentes gerações é que garante, em última instância, a qualidade e manutenção da vida familiar. As mulheres são as geradoras do cuidado e para cuidar, se organizam, fazem arranjos internos, deixam outras atividades, solicitam ajuda, em geral a outras mulheres, e assim assumem o controle, especialmente nos casos de doença.

No que se refere à criação dos filhos, observo no meu círculo de relações que, de uma maneira mais geral, é a mãe que geralmente assume o cuidado com os filhos, quando crianças, adolescentes, ou em situações de doença. Dados sobre frequência aos serviços de saúde bem demonstram esta responsabilidade: é a mãe e não o pai quem normalmente se dispõe a faltar ao serviço para levar o filho doente ao médico, da mesma forma que é a mãe e não o pai que fica em casa acompanhando a recuperação do filho. Segundo Budó (1994), é a mulher, esposa, num casal de idosos por exemplo, que cuida do marido, embora muitas

vezes a filha solteira ou mais próxima (outra mulher) substitua ou auxilie a mãe no cuidado dos irmãos ou do pai, quando esta já se encontra um pouco debilitada. E dentro de suas possibilidades, a avó também cuida; afinal, normalmente é ela que assume o cuidado das crianças quando a mãe trabalha fora (Marcon, 1997).

O papel da mulher enquanto elemento de cuidado na família não é assumido só nas situações de doença, em seu cotidiano a mulher está o tempo todo cuidando. No que se refere à alimentação, por exemplo, tive oportunidade de constatar, em um estudo sobre a experiência vivenciada pelas mulheres ao amamentar um filho (Marcon, 1996), que o próprio ato de amamentar ao seio, mais do que um modismo ou qualquer outra coisa representa, antes de tudo, uma preocupação com a saúde da criança. Esta preocupação se constitui no alicerce fundamental para o estabelecimento desta prática, ou seja, é nessa importância que se sedimentam as razões que determinaram para as mulheres do estudo, o desejo de amamentar. Da mesma forma que a preocupação com a saúde da criança, representada pelo medo de o leite não mais dar conta de sustentar uma criança "já crescida", leva as mães a desejarem desmamar.

Isto por sua vez, confirma que a construção cultural que as mulheres têm do aleitamento ainda se localiza, predominantemente, ao nível do biológico: é a saúde da criança que importa, e isto por sua vez determina a necessidade de, às vezes, as mulheres até se sacrificarem para colaborar na promoção desta saúde, o que possibilitou o reconhecimento do constructo central identificado no estudo: "Protegendo e alimentando o filho".

A preocupação com a saúde da criança também constitui a principal razão para as mulheres procurarem assistência pré-natal. (Marcon, 1990)

Às vezes as mulheres podem até não ter consciência de que, ao desempenharem todas estas ações elas estão, antes de mais nada, "cuidando". São estas diferentes formas de manifestação do cuidar que fazem da mulher o centro deste processo no seio familiar, além de principal responsável pela criação dos filhos. Assim, discutir meios que favoreçam o desempenho destas atividades representa, em última instância, uma preocupação com a saúde da família, uma vez que quando a mulher não tem condições de experienciar saudavelmente seu processo de viver, isto pode ter reflexos na saúde da família toda.

A criação dos filhos e o papel da mulher

As mudanças ocorridas no papel da mulher na família e na sociedade, mesmo que se analise um pequeno período de tempo, são evidentes. Apesar disto, a mulher continua sendo a principal responsável pelos cuidados dispensados às crianças, os quais constituem grande parte das atividades relacionadas à criação dos filhos.

Este cuidar, segundo informações apresentadas por Badinter (1985), durante algum tempo e em algum momento da história, não foi prestado diretamente pela mãe e sim por amas de leite, preferentemente fora do domicílio e até da cidade onde os pais moravam. As crianças eram, em algumas ocasiões, entregues à ama de leite sem que a mãe ao menos as tivesse pego no colo e, via de regra, durante todo o período de “exílio”, em torno de 5 a 6 anos, a mãe não a visitava e nem procurava saber notícias sobre sua saúde ou condições de vida. Neste contexto, a criança adoecia e às vezes até morria sem que a mãe sequer ficasse sabendo, e se o ficava, era algum tempo depois. Esta era uma prática generalizada entre a aristocracia no fim do século XVI e início do XVII, e que se estendeu por todas as camadas da sociedade urbana no século XVII. Era portanto um comportamento culturalmente aceitável para a época, embora já fosse criticado por moralistas e educadores.

A partir de então e com o decorrer do tempo, mudanças nos padrões de comportamento pouco a pouco foram se processando. A partir do início do século XVII os adultos começaram a enxergar a criança de uma outra forma, ou seja, tem início o sentimento da infância caracterizada pela consciência da particularidade infantil, distinguindo essencialmente a criança do adulto (Ariès, 1986). Até então a criança pequena “não contava” porque, dada à sua fragilidade, podia morrer a qualquer momento; uma vez “superado esse período de alta mortalidade, em que sua sobrevivência era improvável” ela se confundia com os adultos, passando a participar de todas as suas atividades.

Este sentimento que se iniciou no meio familiar, teve origem com o reconhecimento da criança como fonte de distração e relaxamento para o adulto, caracterizando o que Ariès (1986) chama de “paparicação”.

Outras formas de manifestação do sentimento da infância foram o interesse psicológico e a preocupação moral discutidas inicialmente por eclesiásticos, homens da lei e moralistas a partir de uma preocupação com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Ele representa segundo Ariès “o início de um sentimento sério e autêntico da infância (...) e que inspirou toda a educação até o século XX”.

No século XVIII ocorre uma ampliação no sentimento de infância na família, uma vez que se soma aos dois anteriores a preocupação com a higiene e a saúde física.

No século atual observou-se que, com diferentes intensidades e formas de manifestação, estes sentimentos estiveram sempre presentes e permeando a criação dos filhos, caracterizando diferentes momentos históricos. Houve momentos em que a criação dos filhos era tarefa de todos; ou seja, a família como um todo atuava na educação das crianças. Os avós e os tios eram respeitados, orientavam e corrigiam as crianças na mesma proporção que os pais. Em outro momento mais recente, esta responsabilidade passou a ser assumida exclusivamente pela família nuclear, e de forma particular pela mulher.

[A complexidade das tarefas envolvidas na criação dos filhos, segundo Motta e Netto (1985), está relacionada a muitas variáveis, incluindo por exemplo, a duração e força do vínculo familiar, o número de membros da família nuclear e a idade da criança dentro do sistema familiar.] Segundo estas autoras, a presença de um bebê na casa conduz a mulher a um remanejamento do cotidiano, à utilização de um tempo mais disposto em blocos, a tarefas que não permitem simultaneidade, a cuidados e maior atenção a nível de higiene, por exemplo, a uma especial demanda de tempo na qual se inclui, sem qualquer possibilidade de previsão, a doença, mesmo as pequenas e às vezes freqüentes (desarranjos intestinais e resfriados sem maiores conseqüências).

O tempo de trabalho com a roupa, por exemplo, estende-se bastante para as mulheres que têm bebê. Isto ocorre também na alimentação, que é mais freqüente e apurada, e nos cuidados de higiene e saúde. As tarefas com o bebe são, portanto, centralizadoras da organização e do tempo de trabalho das mulheres dentro de casa. A especificidade de sua demanda é se constituir em um serviço, como a maioria dos outros, fracionário, mas cujos blocos de atividades não permitem cortes. Essa centralidade é claramente percebida nos relatos das mulheres.

Se o cuidado dos filhos centraliza tanto as atividades das mulheres dentro de casa, o que acontece com este cuidado quando a mulher trabalha fora de casa? De que recursos as famílias se utilizam para prover este cuidado? Ocorreram mudanças na forma de prover estes cuidados nos últimos anos?

Estes são alguns dos questionamentos que suscitaram o desenvolvimento deste estudo. O que se sabe é que, embora a criação dos filhos seja considerada de responsabilidade das mulheres, esta não é mais uma atividade desenvolvida exclusivamente pelas mães. O momento atual tem como característica o fato de esta

atividade ser “compartilhada” com outros indivíduos (geralmente não pertencentes à família) e com instituições. Ao compartilhar esta atividade, as mulheres, mesmo inseridas no mercado de trabalho não deixam de ser “responsáveis” pela criação dos filhos, elas apenas não dão conta, sozinhas, de estarem em dois lugares ao mesmo tempo.

Como consequência, a criança hoje não reproduz apenas as práticas e ensinamentos oriundos de sua família; e isto, pode ter implicações, positivas ou negativas, tanto em seu desenvolvimento quanto em sua saúde; pois a família pode representar o espaço concreto onde as pessoas têm a oportunidade de viver e aprender o que é “ser filho”, “ser homem / pai” e “ser mulher / mãe”. As famílias precisam estar atentas para não se acomodar e transferir suas responsabilidades, pois este sistema de aprendizagem precisa ser pautado em modelos reais e não apenas fictícios, nas escolas, nas histórias em quadrinhos ou na TV (Grunspun e Grunspun, 1984)

Aliás, esta preocupação já é uma realidade. Em um estudo realizado junto a mulheres inseridas no mercado de trabalho, Marcon et al (1997) identificaram que grande parte do tempo em que as mulheres não estão trabalhando fora de casa, elas o dedicam a algumas atividades relacionadas à criação dos filhos (sua higiene, seu vestuário, sua alimentação, seu bem-estar, seu lazer, sua educação, etc) por considerar que estas constituem atividades prioritárias em seu cotidiano.

A quantidade de atenção dispensada ao filho portanto guarda uma relação direta com o padrão sócio-econômico de cada mulher. Ou seja, aquelas que têm condições de pagar alguém para fazer as tarefas da casa (lavar, limpar, cozinhar, etc) vão ter uma maior disponibilidade de tempo para dedicação ao filho, embora depois de um dia inteiro de trabalho, seja normal a mulher sentir-se cansada e não tão disponível para brincar e compartilhar com a criança. Por sua vez, as mulheres sem condições econômicas para pagar alguém para ajudá-la em seus afazeres domésticos, ao chegar em casa ainda precisam lavar a roupa, preparar a comida, passar, limpar... enfim, começar uma nova jornada de trabalho. Nestas condições a atenção à criança é quase sempre relegada a um segundo plano (Marcon et al, 1997).

[A mudança no papel da mulher na família e na sociedade, altera portanto a forma de criar os filhos. E a qualidade e intensidade do cuidar, por sua vez, têm relação direta com a saúde ou com a doença.]

A priori, toda mãe deseja que seu filho seja saudável e para tanto, ela quer que ele seja cuidado. De que recursos então ela tem se utilizado para prestar o cuidado que acredita fará de seu filho um ser saudável?

Se as diferentes formas de criar os filhos podem ter implicações sobre a forma de as crianças vivenciarem seu processo de vida, e por conseguinte, o seu processo de ser/estar saudável/ adoecer/curar, estudos que priorizem a percepção das mulheres sobre sua realidade e a identificação dos recursos utilizados no desempenho desta atividade podem ser de grande utilidade, não só para a enfermagem mas para todas as profissões que lidam com o assistir.

Os fatores que têm impedido ou dificultado uma atuação do setor saúde junto às famílias são muitos e sem dúvida carregam dentro de si componentes estruturais, econômicos e políticos. Além disso, o conhecimento produzido em relação à experiência vivenciada durante o processo de formação da família ainda não é suficiente para subsidiar uma atuação concreta do setor saúde junto às famílias, e isto tem-se constituído num dos entraves para esta atuação. Por exemplo, sabe-se que a experiência social da criança em uma família numerosa, onde a mesma está em contato frequente com avós, tios, primos, irmãos mais velhos e mesmo amigos e vizinhos, é muito diferente da daquela criada em uma família nuclear com pouco relacionamento social (Ferreira, 1984). A despeito deste fato, assistimos a uma tendência na redução do tamanho das famílias, especialmente nos grandes centros.

A redução da família, por sua vez, ao longo dos anos, implica na redução ou destruição da rede social e familiar de apoio com que as mães de famílias extensas poderiam contar para as auxiliar na criação e educação de seus filhos. As implicações decorrentes desta situação ainda não são completamente conhecidas.

A busca de uma nova prática e de um novo relacionamento nas relações mantidas dentro do setor saúde implica, necessariamente, no conhecimento mais aprofundado sobre a evolução das vivências experienciadas pelas famílias. É neste contexto que surge o interesse em estudar como as famílias de camadas médias, as quais são muito mais atingidas por políticas e investimentos que concorrem para sua nuclearização, percebem, vivenciam e representam a criação de seus filhos.

Assim sendo, defino o objetivo deste estudo como sendo o de compreender as experiências de famílias de três gerações sobre a criação dos filhos.

A questão norteadora deste estudo são as representações de famílias sobre a criança, o papel da mulher e a criação de filhos. A fim de detalhar esta questão, as seguintes perguntas de pesquisa foram elaboradas:

- Quais as crenças e valores que permeiam a criação dos filhos?
- No que consiste, a partir da perspectiva das próprias mulheres, criar os filhos?
- Quais os fatores que influenciam e os recursos utilizados pelas famílias na criação dos filhos?
- Como a criação dos filhos vem se alterando ao longo das gerações?
- Como são percebidas as relações entre as gerações no que se refere à criação dos filhos?
- Como se deu a criação dos filhos na cidade de Maringá - Paraná, em diferentes gerações?
- Quais as aproximações existentes entre a criação de filhos e os profissionais e serviços de saúde?

Vale salientar que, neste trabalho que ora apresento, nem todas as perguntas foram respondidas porém elas nortearam as minhas reflexões.

CAPÍTULO 2

TRAJETÓRIA TEÓRICA-METODOLÓGICA

Neste capítulo apresento as principais etapas percorridas no desenvolvimento do estudo, e as experiências vivenciadas no decorrer das mesmas; ou seja, procurei descrever da melhor forma possível, além dos aspectos metodológicos, todo o caminho percorrido, as decisões tomadas, as mudanças efetuadas e os sentimentos experienciados durante este percurso, que na sua globalidade constituem a experiência de pesquisa.

Para facilitar o acompanhamento e entendimento desta experiência, a mesma está sendo dividida e apresentada em três momentos distintos, que receberam as seguintes denominações: tomando decisões, coletando os dados, trabalhando os dados. Entendo que cada um destes momentos a seu tempo esteve impregnado pela necessidade da tomada de algumas decisões em relação aos aspectos metodológicos; porém estas decisões não foram baseadas somente no conhecimento puro e isolado da metodologia de pesquisa adotada, mas também na minha experiência de vida; por isto optei por fazer uma apresentação da metodologia, na qual a concomitância dos aspectos metodológicos com a minha vivência fosse salientada.

A proposta metodológica adotada constitui-se de dois momentos que se entrecruzam: o teórico e o prático. Este enlace entre teoria e prática tem a função de assegurar e direcionar nossos objetivos e questionamentos relacionados com a coleta de dados e o referencial teórico adotado. Trata-se, conforme afirma Andre (1995), de “pesquisa teórica, porém pesquisa que parte da prática, de prática que é também teórica e que precisa ser revisitada”.

No que se refere à parte teórica busquei um referencial que pudesse auxiliar não só no direcionamento e estruturação do objeto de estudo mas também na própria interpretação

do que foi resgatado através das entrevistas; e como parte prática interessou-me buscar uma metodologia que se adequasse aos propósitos do estudo, que permitisse conhecer recortes da realidade das famílias de ontem e das famílias de hoje no que se refere à criação dos filhos, levando-me a optar pela história de vida inacabada.

2.1 - TOMANDO DECISÕES

2.1.1 - Referencial teórico

O referencial teórico adotado foi o da experiência humana (Thompson, 1981). Tal experiência socialmente vivida, produz um conhecimento e uma sabedoria própria de cada geração, de cada família e de cada indivíduo.

Segundo Thompson (1981), “Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo - não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.”

Embora o autor em foco tenha utilizado o conceito de experiência na explicação e formação de classes sociais (a educação da classe trabalhadora em determinado período da história, ou seja: século XVIII – Inglaterra), acreditamos que o mesmo possa ser utilizado em relação às mais diferentes áreas. No que se refere à criação dos filhos, ao considerar a experiência da família, estamos reconhecendo o papel de homens e mulheres como agentes ativos de sua própria história. São as diferentes experiências socialmente vividas, que levam os indivíduos a efetuarem uma série de reelaborações, e a produzir suas próprias representações.

Do ponto de vista histórico este conceito pode me ajudar a entender como é que a mãe/família passa (repete) para o filho uma experiência que ela adquiriu e até como não passa (faz o filtro). Este conceito portanto, pode ser adequado para entender a questão da permanência ou não de uma experiência entre as gerações.

Ainda segundo Thompson (1981), “os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas idéias. São as normas, regras, expectativas, etc necessárias e aprendidas (e aprendidas no sentimento) no ‘habitus’ de viver; e aprendidas em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria.

Os valores, portanto, são aprendidos na experiência vivida e estão sujeitos às suas determinações. “Homens e mulheres discutem sobre os valores, escolhem entre valores, e em sua escolha alegam evidências racionais e interrogam seus próprios valores por meios racionais . Isso equivale a dizer que essas pessoas são tão determinadas (e não mais) em seus valores quanto o são em suas idéias e ações; são tão ‘sujeitos’ (e não mais) de sua própria consciência afetiva e moral quanto de sua história geral. Conflitos de valor e escolhas de valor ocorrem sempre. Quando uma pessoa se junta ou atravessa um piquete grevista, está fazendo uma escolha de valores, mesmo que os termos da escolha e parte daquilo que a pessoa escolhe sejam social e culturalmente determinados.”

Para Thompson, um exame materialista dos valores deve situar-se não segundo proposições idealistas, mas face à permanência material da cultura: o modo de vida, e acima de tudo, as relações produtivas e familiares das pessoas.

Ao relatar sua experiência, as pessoas estão olhando o passado, porém com os olhos de hoje; a temporalidade é hoje, por isto elas estão fazendo uma representação de como foi sua experiência de criar os filhos.

⌈ A representação é o instrumento de análise da historia cultural a qual tem por objetivo *“identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”* (Chartier, 1990) através de *“classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real.”* ⌋

⌈ Historia cultural, para Chartier (1990), é

“... a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das excluídas que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que

constroem as suas figuras, (...) também deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”;

entendendo que “... são as práticas que pluralmente e contraditoriamente, dão significado ao mundo” ou seja, faz-se uso deste referencial com “... o intuito de compreender as práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação”]

A representação, portanto, refere-se a uma percepção de realidade como múltipla, dinâmica, não determinada, relativa, e a uma forma de interpretar os dados marcada pelo ecletismo e pela assunção de uma postura cada vez mais relativista sobre o social. Desta forma o trabalho histórico, segundo Pesavento (1995), é apresentado como a elaboração de relações conjecturais, onde se admite a incerteza. Trata-se de uma nova tendência que passou a afirmar a inexistência de verdades absolutas, inicialmente através da história social, e a partir da década de 80, com a “nova história cultural”, que tem adotado novos objetos de estudo: mentalidades, valores, crenças, mitos, representações coletivas, traduzidas na arte, literatura, formas institucionais.

Na história das mentalidades, através do estudo das atitudes e representações coletivas procura-se “... resgatar as complexas mediações entre a concreticidade da vida real dos homens e as representações que os mesmos produzem de si e do mundo” (Vovelle, 1987).

[Representação, segundo Le Goff (1985), é “... a tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração”. O imaginário portanto,

“... faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (Pesavento, 1995)]

Segundo essa autora,

“...imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho. Há uma décalage entre a concretude das condições objetivas e a representação que delas se faz.”

Citando Bourdieu, a autora diz que

“... as representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. As representações objetivas, expressas em coisas ou atos, são produtos de estratégias de interesse e manipulação.”

Isto quer dizer, na concepção da autora, que

“...no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um ‘outro’ ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente”.

Este processo portanto,

“... envolve a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações), processo este que envolve uma dimensão simbólica (...) O imaginário, enquanto representação, revela um sentido ou envolve uma significação para além do aparente.”

A questão, portanto, não é saber se é verdade ou mentira, é saber o que está além do expresso, é como as pessoas dão significado, como representam a experiência. Como afirma Pesavento (1995), não existe uma necessária correspondência com o que se chamaria “*a verdade social*”, pois tem-se como postura não admitir que o real, a realidade, é o concreto, e o pensado, é o não- verdadeiro. Ou seja, a realidade não é “*só o que aconteceu*”, mas também “*o que foi pensado*” ou mesmo “*o que se desejou que acontecesse*”. Com relação a esta questão, Chartier (1992) refere-se aos livros dizendo que o real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita.

Em assim sendo existe a premissa de que só é possível decifrar a representação através da articulação texto/contexto. Ou seja, é preciso buscar indícios, estabelecer relações e procurar significados em dados aparentemente irrelevantes, mas que adquirem sentido dentro de um contexto mais amplo, que é a necessária referência para a

interpretação. Para Chartier (1991),

“...não é possível entender uma história cultural desconectada de uma história social, uma vez que as representações são produzidas a partir de papéis sociais e desta forma a representação do real (ou o imaginário) é, em si, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo”.

Ao utilizar a representação como recurso, como estratégia de análise de dados, o pesquisador está em última instância optando pela busca de significados, pois defensores desta estratégia, como Geertz (1989), definem cultura como um sistema simbólico constituído de ações simbólicas, que são os comportamentos humanos, e assim sendo, para entendê-los se faz necessária a busca de significados socialmente reconhecidos.

Esta busca, por sua vez, só pode ser obtida através de uma descrição densa que contemple o estabelecimento de conexões entre os vários elementos, que nada mais é que o contexto, o qual atua como fonte de significância que dá sentido à representação. Para decifrar estes significados Chartier (1991) afirma ser necessário fazer o cruzamento entre práticas sociais e historicamente diferenciadas com as representações feitas, uma vez que

“...as clivagens culturais não se organizam só através do recorte social, ocorrendo também configurações derivadas de outros fatores como sexo, idade, religião, tradição, educação, etc.”

Chartier (1992), ao utilizar esta nova visão da história na análise de textos, enfatiza que o seu significado depende de uma grande diversidade de fatores, desde a idade dos leitores até as inovações tipográficas. Segundo ele, existe uma relação triangular entre o próprio texto (o modo como é concebido pelo autor), o objeto que comunica o texto (a impressão dada pelo editor) e o ato que o apreende (leitura ou audição pelo leitor), e a variação dessa relação produz mudanças de significado que podem ser organizados em alguns modelos. Além disso, o autor salienta que

“...os indicadores explícitos pelos quais os textos são designados e classificados criam expectativas de leituras e perspectivas de entendimento. Este também é o caso da indicação do gênero, que liga o texto a ser lido a outros textos que já foram lidos e que assinala ao leitor - “o pré-entendimento” - apropriado no qual situar o texto”.

Um trabalho dentro desta perspectiva precisa analisar os dados em duas direções,

uma vertical onde procura estabelecer relação com as manifestações anteriores no mesmo ramo de atividade cultural e outra horizontal, onde determina a relação do conteúdo com o que vai surgindo ao mesmo tempo em outros ramos ou aspectos de uma cultura.

2.1.2 - Tipo de Estudo

Considerando os objetivos da pesquisa, optei por um estudo do tipo qualitativo por entender ser esta metodologia a mais adequada para a abordagem humanística que pretendo dar ao fenômeno em estudo – experiência de criar os filhos.

Segundo Leininger (1985), o tipo de pesquisa qualitativa "refere-se a métodos e técnicas de observação, documentação, análise e interpretação de atributos, conceitos e características e significações de aspectos específicos, contextual ou gestáltico do fenômeno sob estudo".

Com este método de pesquisa, o foco está na identificação de aspectos qualitativos, características ou atributos que fazem o fenômeno ser o que ele é.

A meta é documentar e interpretar tanto quanto possível a totalidade de tudo que está sendo estudado, no contexto particular que vem do ponto de vista ou estrutura de referências de pessoas. Isto inclui a identificação, estudo e análise objetiva e subjetiva dos dados, para conhecer o mundo interno e externo das pessoas nas quais estão contidos os valores, significados, crenças, pensamentos, características de eventos de vida, situações e fenômenos específicos sob investigação. (Leininger, 1985)

Além disso, pesquisa qualitativa é freqüentemente a forma inicial para descobrir o fenômeno e para documentar características não conhecidas de alguns aspectos de pessoas, eventos ou local de moradia das pessoas sob este estudo e, segundo Peltó e Sprandley, citados por Leininger (1985), é o melhor método para descobrir as essências, sentimentos, atributos, significados e aspectos teológicos ou filosóficos do fenômeno.

A escolha da metodologia qualitativa para este estudo foi determinada pelo desejo e necessidade de abordar o fenômeno da experiência humana, denominada "criar os filhos", em sua forma concreta, a partir da perspectiva dos próprios indivíduos que estão vivenciando e que já vivenciaram esta experiência, numa tentativa de explorar o mundo simbólico destas pessoas, para entender o que faz este mundo simbólico ser o que ele é.

Tal metodologia é importante porque nela os indivíduos não são reduzidos a uma

variável isolada ou a uma hipótese, mas pelo contrário, segundo Bogdan e Taylor (1975) eles são vistos como parte de um todo, e permite conhecer as pessoas e vê-las como elas estão desenvolvendo sua própria definição de mundo.

2.1.3 - Linha Metodológica

Optei pela adoção de um estudo pautado na história de vida ou estudo biográfico. Queiroz (1991) conceitua história de vida como dados exprimidos ao longo do tempo sobre a vida de uma pessoa, sendo relatada pela mesma ou por outras de seu convívio. Essa autora sustenta a idéia de que a história de vida é uma técnica que propicia a inteira relação entre a vida individual e social e afirma:

"O que se busca é o esclarecimento de relações coletivas entre indivíduos num grupo, numa camada social, num contexto profissional, noutras épocas e também agora" (Queiroz, 1991)

Uma vez que trabalhei especificamente com a questão da memória, a linha metodológica básica adotada dentro do desenho qualitativo foi a "história de vida inacabada", na qual o pesquisador normalmente introduz questões redirecionando a narrativa dos entrevistados para os pontos de seu interesse" (Biasoli-Alves et al, 1995).

Neste tipo de estudo a grande preocupação é registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de pessoas que já viveram ou que estejam vivenciando situações objeto de estudo. Este tipo de registro, segundo Bosi (1987)

"...alcança uma memória pessoal que é também uma memória social, familiar e grupal e em assim sendo, é comum o cruzamento entre os modos de ser do indivíduo que ocasionalmente está sendo objeto de estudo e sua cultura".

Além disso, como afirma Vitale (1994), depoimentos individuais podem oferecer condições para se observarem as mudanças construídas entre as gerações. Apresentam-se como

"... uma forma adequada para os estudos das emoções, dos sentimentos, das experiências de vida, uma vez que estes são duplamente subjetivos, já que evocam a vida do sujeito interpretada por ele mesmo."

Outro aspecto fundamental deste tipo de estudo é a clareza de que, para o pesquisador que trabalha com a memória, a veracidade das informações prestadas pelo narrador não se constitui em preocupação, pois como afirma Bosi (1987) *"... com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da História oficial"*. Nestes casos, o interesse do pesquisador se concentra *"...no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se em sua lembrança com relação ao foco do estudo"*.

Finalmente, a importância deste tipo de estudo reside, como afirma Halbwachs (1990) no fato de que

"...a memória é uma faculdade individual expressa e construída à partir de evocações relacionadas com o grupo pelo qual o indivíduo faz parte, é através de memória coletiva que recompomos o passado, ou seja, reconstituir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo"

Portanto,

"...mesmo que estejamos sozinhos, recordando nossas mais íntimas lembranças, estas serão sempre coletivas, pois parte de um grupo ou pessoas, que de algum modo também compartilharam das experiências que estamos a recordar."

A memória pessoal apóia-se na memória coletiva, uma vez que: *"... toda a história de nossa vida faz parte da história em geral"*. (Halbwachs, 1990). As lembranças de um indivíduo referem-se ao seu ponto-de-vista sobre as vivências mais significativas dentro de um grupo restrito, e estão, portanto, atreladas à vivência com seu grupo, seu tempo, espaço e duração dessa comunidade. A memória coletiva por sua vez, abrange os acontecimentos públicos dos quais todos os membros de um grupo compartilham, refere-se às lembranças em comum que identificam o indivíduo e seu grupo, é como afirma Halbwachs (1990).

"Para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também, que as lembranças destes grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado"

Neste sentido, a memória coletiva é entendida como

"...uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém" (Halbwachs, 1990).

O grupo portanto, com base na memória coletiva, revive, conserva práticas e correntes de pensamentos apenas daquilo que identifica e solidifica o coletivo, aquelas coisas que possuem um significado inclusive para o momento presente. É importante ressaltar que a memória coletiva é múltipla, pois ela refere-se aos vários grupos com que interagimos ao longo de nossa vida (família, vizinhos, escola, trabalho), sendo comum o fato de o indivíduo deixar de conviver no seu antigo grupo para participar de outros.

Da mesma forma que existem vários grupos, existem também diversos tempos. *"Cada grupo definido localmente tem sua própria memória e uma representação de tempo que é somente dele." (Halbwachs, 1990).*

O tempo coletivo é visto como

"...um agente que nos permite ter um ponto referencial das coisas que podemos conservar e lembrar sobre os acontecimentos vividos. Ele nos permite reviver de forma consciente determinadas lembranças, pois outras ficam submersas..." (Halbwachs, 1990).

O que diferencia um grupo do outro, apesar de viverem numa mesma esfera social, é a forma como cada grupo interpreta e dá significações aos fenômenos cotidianos. Segundo Cardoso (1998), sempre que recordamos, situamo-nos no presente e nos remetemos ao passado, assim o indivíduo desloca seu pensamento referente ao grupo em que vive para se colocar no ponto de vista de um outro grupo com quem conviveu em um determinado tempo. As lembranças produzidas constituem a releitura que o indivíduo hoje faz das experiências vividas, ou seja, ele reconstitui, recria e reconstrói suas experiências dando a elas um novo sentido. Além disso, a lembrança para ser trazida ao presente necessita de referenciais no tempo e no espaço.

Quando se desenvolve um estudo com ênfase na lembrança, remota ou recente, é porque se quer conhecer o que é lembrado e o seu significado para cada indivíduo como fruto do entrelaçamento entre o individual e o coletivo. Fica o que tem significado para a pessoa... (Bosi, 1987) pois *"cada memória individual é um ponto de vista sobre a*

memória coletiva" (Halbwachs, 1990).

Se nos esquecemos de algumas recordações, é porque nosso vínculo com este determinado grupo enfraqueceu e aquelas coisas já não têm o mesmo significado. O enfraquecimento de algumas lembranças deve-se, portanto, às transformações sociais no interior dos grupos, devido por exemplo a mudanças de interesses por parte de seus membros. Bosi (1987) afirma que esquecer um período da sua vida é perder o contato com aqueles que o rodeavam, e simbolicamente *"esquecer é morrer"*.

Por outro lado, o importante não é questionar a veracidade dos episódios rememorados, mas sim, como afirmam Fentress & Wickham (1992), entender como ocorre o processo de estruturação e transmissão do que é recuperado pelo grupo via memória social. Isto é, *"o que e como emprestam do passado antigas práticas e contribuições, revivendo e recriando-as no interior do grupo no qual participa"*.

Para considerar a questão "criar os filhos" dentro da perspectiva intergeracional é preciso ressaltar que se algumas práticas perpetuam-se no tempo e outras não, isto se deve ao fato de que, de acordo com Halbwachs (1990) memória social e memória individual são uma via de mão dupla e é através da articulação de nossas lembranças que colocamos um pouco de nós e conhecemos um pouco do outro. Desta forma memória social e memória individual não se confundem, mas se completam. Portanto, somos aquilo que lembramos, e se nossas recordações sobrevivem ao tempo é devido à forma como tanto nós quanto nosso grupo nos utilizamos dela, via linguagem, para propagá-la, isto é, graças ao modo como determinado grupo transmite e difunde idéias, seus costumes e tradições no seu interior.

2.1.4 - A decisão por um estudo trigeracional

A idéia de desenvolver um estudo utilizando como informantes pessoas pertencentes a diferentes gerações surgiu concomitante com o próprio tema: criar os filhos. A minha idéia é a de que esta é uma das atividades da vida que se aprende com a família, com nossas mães e avós. Pertence àquele grupo de coisas que nos são transmitidas implícita ou explicitamente ao longo da vida através de experiências socialmente vividas. E de que forma isto ocorreria se não fosse assim? Pelo que se sabe, não existem escolas para nos ensinar a sermos pais e no entanto, a maioria de nós, em algum momento de

nossas vidas, passamos a assumir esta posição e por conseguinte a desempenhar este papel. Via de regra nos tornamos pais, “bons” ou “maus” pais, mas nos tornamos (e quem somos nós para julgar esta qualidade quando não estamos diante de situações extremas, representadas por exemplo pelos casos de maltratos, violência?...). Sabe-se que se não existe a interferência de outros fatores as crianças são bem criadas mesmo por pais “inexperientes”, ficando demonstrado que elas tinham algum conhecimento de como fazer isto. Entenda-se que o ter conhecimento não está relacionado ao ter conhecimentos adequados, corretos, mas suficientes para que a vida seja mantida. Conhecimento que muito provavelmente foi sendo adquirido aos poucos e de diferentes maneiras, com diferentes atores, sendo a família o ator principal.

Segundo Vitale (1994)

“... a transmissão é um processo obrigatório que ocorre entre gerações reforçando e mantendo determinados valores, transformando outros. Mesmo quando a impressão é de imobilismo, está ocorrendo o processo de transmissão entre as gerações. Além disso, a geração nos fornece um sistema de representação espaço-temporal e, como tal, um meio que pode ser fecundo na análise da produção social...”

Para a autora, o campo intergeracional apresenta-se como processo estruturante e estruturado na construção da subjetividade.

O conceito de geração, embora freqüentemente usado pelo senso comum designando a pertença a uma mesma faixa etária, o possuir os mesmos valores, modos de vida e uma certa forma de ver o mundo semelhante, não é apenas isto, pode ser muito mais, embora possa ser só isto, dependendo da perspectiva que se queira dar ao estudo. Vitale (1994), reportando-se aos postulados de Attias- Donfut, afirma que esta autora reintroduziu as relações entre idade e geração para melhor compreender os processos de formação de uma geração e para situar também o percurso de vida no quadro das relações intergeracionais. Nesse sentido, as gerações produzir-se-iam sempre umas em relação às outras. Para esta última autora, cada etapa da vida exprime um determinado momento das relações intergeracionais e portanto, são as interações entre as dimensões de idade, geração e período que permitem caracterizar a geração. Uma geração é produzida na medida do seu envelhecimento e, principalmente, na relação com as outras gerações. Ainda para a mesma autora, a criação de uma nova geração favorece a tomada de

consciência da geração anterior e da consciência do tempo histórico. A historicidade, neste sentido, é a consciência da relatividade e da temporalidade de uma geração na sua relação com a sociedade. Esta é também uma condição essencial na percepção da identidade social.

Desta forma, quando se pretende desenvolver estudos dentro de uma perspectiva intergeracional, a dúvida que surge é sobre como definir e interpretar o conceito de geração e se este deve ser considerado dentro do contexto da família ou dentro da “grande esfera social”.

Dentro da perspectiva familiar, geração pode ser entendida de diferentes formas e a partir de diferentes pontos de referência. Uphold e Harper (1987) realizaram uma extensa revisão sobre as abordagens metodológicas utilizadas nas pesquisas realizadas com famílias em uma perspectiva intergeracional e identificaram que basicamente são utilizadas cinco formas de interpretar/definir uma geração. Pode-se por exemplo, considerar o lugar na descendência e nestes casos, geração refere-se à posição na fila de descendentes numa ligação vertical entre avós, pais e filhos. Normalmente o membro mais velho da família é designado como primeira geração e o filho desta pessoa é referido como segunda geração. Percebe-se que o conceito de geração, com esta perspectiva, não tem uma relação direta com idade cronológica. O indivíduo da primeira geração pode ter entre 30 a 80 anos, e isto depende da história de longevidade e fertilidade da família. Esta dimensão de análise de gerações pode ser considerada de baixo nível porque focaliza os membros da família dentro do contexto de crescimento e desenvolvimento individual.

Outro critério que pode ser utilizado é o “coorte”. Nestes casos, gerações são bandos fechados de pessoas ou grupos de pessoas que possuem idade homogênea. Consiste em indivíduos nascidos no mesmo período histórico e que passaram por experiências de vida semelhantes (uma guerra, um grande desastre natural...) Utilizando-se o conceito de geração com esta perspectiva é possível identificar o efeito da mudança social entre os indivíduos.

Gerações também podem ser interpretadas como níveis de desenvolvimento. Embora esta perspectiva esteja intimamente ligada à idade cronológica, faz-se necessário esclarecer que nem todos os indivíduos que possuem idades semelhantes possuem o mesmo ciclo de idades na vida.

O espaço de tempo é outro critério utilizado e nestes casos, gerações raramente são vistas como curtos espaços de tempo. Um período de tempo determina o início de uma

geração, na qual se faz o estudo das mudanças. Antigamente um espaço de trinta anos era tido como adequado pois era coerente com o número de anos entre as idades dos pais e de seus filhos, hoje em dia porém, em consequência da urbanização e das rápidas mudanças na sociedade, um período de trinta anos é provavelmente uma unidade muito grande para medida de transações experimentais.

A última “perspectiva proposta pelos autores é raramente usada, ela conceitualiza geração como “Zeitgeist” ou “espírito da idade” . Indivíduos são distinguidos por suas diferenças na moral, procedimentos, artes e políticas. A “cultura de jovens ambiciosos” e “estabelecimento” são possíveis exemplos. Este ponto de vantagem é algumas vezes usado com estudo intergeracional, desviando o conflito entre sistemas de parentesco adjacente.

Reverendo alguns estudos realizados em nosso meio dentro de uma perspectiva intergeracional, identificamos que Vitale (1994), ao investigar o sentimento da vergonha em três gerações, constituiu seu grupo de estudo a partir da noção de “geração do meio” conforme postulado por Attias-Donfut. Pinto (1997) por sua vez, ao estudar as concepções de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira, utilizou o conceito de geração baseado na faixa etária e na própria definição de geração adotada pelos imigrantes japoneses: “isseis” para os próprios imigrantes (primeira geração), “nisseis” para os filhos destes (segunda geração) e “sanseis” para os netos dos primeiros (terceira geração). Cardoso (1998), estudando jogos tradicionais infantis, também trabalhou com três gerações, tendo coletado dados entre crianças, suas mães e algumas avós. Tozo (1996) por sua vez, embora tenha levantado dados relativos ao cotidiano e o lúdico na infância de duas gerações (pais e filhos), utilizou como informantes somente os pais.

Neste estudo, adotei um conceito que associasse o critério de lugar de descendência ao coorte, pois de um lado considere a posição e os papéis de pais, avós e bisavós em relação à criança que frequentou(a) a creche, e por outro considere a época em que as mães começaram a criar os filhos. Em assim sendo, dentro da perspectiva da descendência considere como da 1ª geração as mulheres que à época de coleta de dados já eram bisavós, da 2ª geração as que eram avós e da 3ª geração as que eram mães. Contudo, ao utilizar o critério de coorte estabeleci que a 1ª, 2ª e 3ª gerações seriam constituídas por famílias que haviam começado a criar seus filhos entre as décadas de 40 e 50, 60 e 70 e 80 e 90 respectivamente. Em função desta associação uma mulher que ainda não era bisavó mas que teve o 1º filho em 1947 foi incluída na 1ª geração, pois entendi que sua experiência possuía maiores peculiaridades com esta do que com a 2ª geração.

2.1.5 - O local do estudo

Este estudo traz como característica o fato de ter sido realizado em “lugar nenhum”. Estranho não? Esta mesma sensação eu experimentei quando comecei a pensar sobre como apresentaria os informantes do meu estudo. Em geral os estudos costumam utilizar como informantes pessoas que possuem algum atributo em comum: trabalham ou moram no mesmo local, freqüentam o mesmo serviço, a mesma escola... mas os informantes deste estudo são diferentes, principalmente porque pertencem a gerações diferentes.

As famílias em estudo, quase sempre representadas por suas mulheres, têm em comum o fato de atualmente residirem em Maringá e já haverem experienciado ou estarem experienciando no momento, a situação de criar um filho.

Convenhamos que o fato de já ter criado ou estar criando um filho no momento é um critério muito amplo, afinal a presença de filhos é uma das variáveis mais freqüentemente encontrada em estudos realizados junto a populações cujo estado civil é identificado como “casado”¹. Ainda é uma realidade em nosso meio o fato de a maioria maciça das famílias em algum momento da sua história viver a experiência de criar um filho. Nós mesmos, todos, sem exceção, um dia já fomos filhos. Por outro lado, a redução nas taxas de natalidade hoje observada, ainda não foi capaz de mudar o panorama de nossa realidade populacional, no qual as crianças são a maioria. Portanto, outros critérios precisariam ser estabelecidos a fim de que algum grau de cientificidade fosse alcançado na seleção da amostra a ser estudada.

Poderia ter realizado o estudo junto a qualquer família, poderia sim ter “facilitado minha vida” e coletado os dados na rua onde moro, aliás na própria quadra. E que variedade de dados poderiam ter sido coletados! São só 15 casas, e quão diferentes são os estágios de vida de cada uma das famílias residentes nestas casas. São avós, são bisavós, são mães de filhos adolescentes, filhos bebês, filhos em idade pré-escolar, escolar... que variedade!

Fazia-se necessário, portanto, o estabelecimento de outros critérios. Defini então que iria realizar o estudo junto a famílias cujas mulheres trabalhassem fora do lar. Por quê? Ora, hoje elas já são, se não a maioria, uma grande parcela, e é provável que sua experiência seja mais difícil, mais atribulada, mais... não sei... Sei contudo que as

¹ Entenda-se por casado toda a variação de uniões entre um homem e uma mulher, relativa ao momento presente ou passado, podendo ser inseridos neste grupo os separados, viúvos, amancebados...

mulheres que trabalham fora de casa já têm em comum pelo menos este fato. Mas como chegar às outras gerações? E se a maioria das mulheres hoje trabalham fora como definir a amostra? Novos critérios precisavam ser estabelecidos.

Fui mais além e nesse momento considerei que os dados poderiam ser coletados em famílias cujas mulheres trabalhavam na mesma instituição que eu, o que facilitaria os contatos, pois me encontrava apenas parcialmente afastada de minhas funções enquanto professora.

Com relação a esta decisão, Bogdan & Taylor (1975) propõem que se procure coletar os dados em um local que atenda aos interesses substantivos e teóricos do pesquisador. Assim, na escolha do local, além da preocupação de que pudesse contemplar o objeto de estudo, adotei mais dois critérios: a localização geográfica e o fato de ser possível o contato com mulheres pertencentes a diferentes classes sociais.

A localização geográfica do local onde os dados são coletados constitui um dos critérios que Byerle (1968) e Bogdan & Taylor (1975) referem que deve ser considerado pelo pesquisador durante a definição de seu local de estudo.

Ao adotar este critério, considerei os seguintes aspectos: escolhi o mesmo local onde trabalho porque entendi que isto possibilitaria ganho de tempo no meu deslocamento e até economia financeira, visto que já teria mesmo que comparecer a este local todos os dias. Além disso, considerei também que o fato de trabalhar ali há vários anos poderia se constituir num facilitador de acesso e contatos com os informantes.

Ainda com relação à escolha do local para a coleta de dados, Bogdan & Taylor (1975), além de citarem a necessidade de o pesquisador considerar a possibilidade do local atender a seus interesses substantivos e teóricos, também apresentam duas recomendações que devem ser consideradas pelo pesquisador e que não puderam ser observadas neste estudo. A primeira delas é a de que o pesquisador deve escolher um local onde os sujeitos lhes sejam totalmente estranhos, e a outra é a de que o pesquisador não deve possuir conhecimento profissional ou especializado acerca da área de enfoque do estudo.

Os autores acima citados acreditam que, quando o pesquisador tem amigos ou conhecidos no local de coleta de dados, pode haver distorções sobre coisas observadas ou ditas, inclusive certa tendência na limitação das anotações por medo de ofensas, desagrado, etc. Acreditam também que é relativamente difícil para “experts” terem suas próprias crenças e sentimentos em desuso, o que impossibilita um registro descritivo do observado desprovido de cunho avaliativo.

A primeira recomendação não pôde ser atendida porque foi necessário considerar as condições em que estava sendo realizada a pesquisa; concluí que o fato de não serem necessários muitos deslocamentos poderia vir a representar uma importante condição para o bom andamento do estudo. E a segunda, porque, como já informei anteriormente, o próprio interesse pelo tema em estudo surgiu das dificuldades que experiencio no meu dia-a-dia ao criar os meus filhos. Não se trata portanto de possuir um conhecimento especializado, mas acredito que o fato de estar abordando um tema relacionado a um interesse também de nível pessoal, pode concorrer para o estabelecimento das dificuldades referidas, tanto ou mais do que naquele caso. Contudo, considero que hoje o não segmento das recomendações dos autores supra-citados não têm mais tantas implicações, pois elas referiam-se a uma outra realidade: aquela na qual os pesquisadores ainda precisavam provar a validade e a cientificidade dos estudos desenvolvidos dentro da abordagem qualitativa.

A problemática de se investigar um fenômeno pertencente à realidade de vida do pesquisador foi abordada por Velho (1986), que a considera uma condição normal de investigação:

“Lido com indivíduos que narram suas experiências, contam suas histórias de vida para um pesquisador próximo, às vezes conhecido. As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e entrevistador. A conversa não é sobre crenças e costumes exóticos à socialização do pesquisador. Pelo contrário, boa parte dela faz referência a experiências históricas, no sentido mais amplo, e cotidianas também do meu mundo, e às vezes minhas aflições e perplexidades”.

Constatar que outros autores consideram a possibilidade de investigar um fenômeno comum à vivência do pesquisador e, inclusive, a percebem como uma condição natural neste tipo de estudo, tranquilizou-me e liberou-me para que, principalmente na análise dos dados, minha experiência de mulher e mãe de dois filhos fluísse na forma de interpretar e agrupar os dados encontrados, uma vez que sei não ser possível fazer uma análise desvinculada de minha história de vida, de minha formação cultural. Aliás, Vitale (1994), apesar de considerar que este fato pode se constituir em um limite para este tipo de estudo, por outro considera que ele pode representar uma condição que amplia as possibilidades de análise do universo estudado.

O fato de não ter seguido as recomendações de Bogdan & Taylor levou-me a tomar,

durante o desenvolvimento do estudo, principalmente da coleta de dados, alguns cuidados especiais voltados para a tentativa de minimizar os efeitos negativos que dele pudessem decorrer, tais como o uso freqüente de gravador durante as entrevistas e transcrição fiel de todo o conteúdo das mesmas.

Voltando à questão da definição do grupo/ local onde seria realizado o estudo, restava ainda o fato de querer desenvolvê-lo junto a famílias constituídas por indivíduos pertencentes a três gerações. Foi aí que surgiu a idéia de que os dados poderiam ser coletados adotando como ponto de referência a creche da instituição; ou seja, partiria sempre de crianças que freqüentaram ou estavam freqüentando a creche. Minhas informantes seriam portanto, as mães, as avós e bisavós destas crianças.

Dois recursos foram utilizados para a localização das informantes: a coordenadora da creche, atendendo à solicitação, levantou, através de questionamento direto e de cartazes, as crianças que estavam freqüentando a creche e que tinham avó e/ou bisavó vivas e que residissem em Maringá. Embora a maioria das crianças tivessem avós vivos foram poucas as que atenderam ao critério de residir em Maringá; além disso, foram raras as crianças que ainda tinham bisavós vivas e só uma delas morava em Maringá. Descobri mais tarde que a avó de uma das crianças, a qual era residente na cidade, já era bisavó de outras três crianças. Como as bisavós eram raras optei por coletar os dados junto a esta família como se ela fosse uma bisavó. Para localizar as demais bisavós procurei como agulha em um palheiro, ou seja, a todo o momento e em todo lugar perguntava se alguém conhecia pessoas que tinham filhos cuja bisavó ainda era viva, e encontrei apenas mais três casos que atendiam ao critério de a criança ter freqüentado a creche em algum momento, mesmo que distante. A verdade é que gastei tanto tempo e energia procurando as bisavós que me “esqueci” de coletar os dados junto às avós, as quais afinal estavam tão mais acessíveis. Realizei entrevista com sete avós, mas uma delas foi deslocada para a 1ª geração; das seis restantes, três tinham neto passando pela creche na ocasião, e com as outras três, isto tinha acontecido havia já algum tempo.

Quanto às mães, houve por bem não coletar os dados só junto às famílias que tivessem filhos quase da mesma idade (menores de dois anos - que é o período máximo de atendimento na creche), optando por coletá-los junto às famílias cujos filhos tivessem freqüentado a creche algum tempo atrás e que no momento estivessem em idade escolar ou pré-escolar, ou mesmo que tivessem algum irmão adolescente.

2.2 - COLETANDO OS DADOS

2.2.1 - Os atores de um cenário...

A pesquisa foi realizada na cidade de Maringá-Pr., junto a famílias, representadas na maioria das vezes por suas mulheres¹.

A escolha das mulheres como informantes neste estudo se deve ao fato de que o pressuposto teórico que guiará a coleta de dados é o de que a família é o quadro social mais sólido e duradouro para a sustentação da memória, particularmente a oral. É como afirma Queiróz e Jannoti (1992)

"... a família é o espaço social onde o indivíduo é fortemente destinado pela fixidez nas relações de parentesco e onde, ao mesmo tempo, a personalidade individual ganha maior relevo, reminiscências sustentadas pelo grupo familiar subsistem mesmo após a desagregação do núcleo original de sua história. Tão sólidos são os vínculos criados no interior da família que em nenhum outro grupo se processa tão fortemente o fenômeno que transforma em reminiscências pessoais as lembranças de outros, fazendo da voz de um a fala de muitos" (grifo meu).

Como este estudo pretendia retratar o modo das famílias criar os filhos, ele é, conseqüentemente, um estudo sobre as relações sociais que envolvem o mundo privado (a família) e que se dão em um espaço, também quase sempre privado (dentro do espaço da casa).

Dentro deste espaço privado a mulher ainda é tida por muitos como a legítima responsável pelo "cuidado" não só dos filhos, mas da família como um todo. Dados sobre frequência aos serviços de saúde bem demonstram esta responsabilidade: é a mãe e não o pai que se dispõe a faltar ao serviço para levar o filho doente ao médico, da mesma forma que é a mãe e não o pai que fica em casa acompanhando a recuperação do filho impedido de entrar na creche diante de alguma doença transmissível. Hoje, em nossa sociedade podemos até dizer que alguns pais também participam das visitas aos pediatras, mas esta ainda é uma realidade de indivíduos de classes mais favorecidas, não é o que se presencia com frequência nos serviços públicos de saúde.

¹ Das 28 entrevistas realizadas só duas foram com homens, por esta razão optei por sempre me referir aos informantes obedecendo ao gênero feminino.

Ora, se a mulher é a responsável pelo "cuidado", ela certamente é a pessoa mais indicada para rememorar como é feito este "cuidar"; além disso, segundo Perrot (1989), a memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, semi-oficial.

Para essa autora,

" Os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. Pela força das circunstâncias, pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, os quais a elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. Às mulheres cabe conservar os rastros das infâncias por elas governadas. Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família..."

Além disso, segundo Perrot (1989), ao se analisarem relatos de casais sobre recordações da infância ou da vida privada, é possível identificar que "existe um contraste entre o mutismo dos homens e uma loquacidade muito maior por parte das mulheres". Esta constatação levou a autora a inferir:

"...ou o trabalho e a atração exterior podem atrofiar a memória masculina sobre estas questões, ou ainda que falar de si mesmo seja contrário à honra viril que considera essas coisas negligenciáveis, abandonando às esposas o lugar junto ao berço e as questões relativas à casa".

Para Perrot (1989) a partilha da memória obedece a uma definição muito rígida dos papéis sexuais

" ... mesmo em um casal de tradição autogestionária (anarco-sindicalista): o homem fala do trabalho, greves, ação reivindicativa; a mulher, de moradia, vida material e história familiar".

A autora conclui portanto, que na rememoração, as mulheres são em suma os "porta-vozes da vida privada".

Se as mulheres são os porta-vozes da vida privada e se aspectos da vida privada (cuidado / criação dos filhos) constituem meu foco de estudo, optei por eleger prioritariamente as mulheres como sujeitos deste estudo.

A título de curiosidade e por sugestão de alguns membros da banca de qualificação defini que alguns pais poderiam participar do estudo e por isto resolvi entrevistá-los; porém, embora tenha conversado com vários pais que trabalhavam na Universidade e que tinham filhos na creche, só consegui realizar a entrevista com dois deles. Percebi que eles próprios estranhavam meu interesse em conversar com eles sobre a criação de seus filhos. Na maioria das vezes a reação imediata era a de perguntar se eu já havia falado com suas esposas, e como a resposta era quase sempre positiva, eles passavam a assumir uma posição de quem concordava, mas ao mesmo tempo, tentavam fugir da situação: “A gente pode conversar, mas por estes dias estou muito ocupado porque preciso...”; “podemos marcar uma hora, mas estou sem minha agenda”. Em diversas ocasiões me coloquei à disposição e entreguei o número de meu telefone de forma que eles pudessem entrar em contato em uma ocasião mais propícia, mas este contato quase nunca foi feito. Com os pais que não trabalhavam na Universidade, na verdade não tentei nenhum contato, por considerar que com estes seria mais difícil encontrar um horário de disponibilidade.

Com relação a fato de as mulheres terem constituído a quase totalidade dos informantes, identifiquei que sempre que os estudos buscam coletar dados relativos ao cuidado ou às características de uma outra geração, especialmente quando se trata dos filhos, a mulher tem se constituído no elemento de preferência. Biasoli-Alves (1994) por exemplo, coletou dados junto a 110 mães para identificar aspectos da socialização e desenvolvimento de crianças na família. Cardoso (1998), ao estudar os jogos infantis, também utilizou como informantes, da primeira e segunda gerações, somente pessoas do sexo feminino, justificando que os pais das crianças ora se encontravam no trabalho, ora preferiram deixar esta questão a cargo de suas esposas, ou eram (viviam) ausentes da família. Tozo (1996) estudando o cotidiano e o lúdico na infância de hoje e de ontem, coletou dados junto ao pai e à mãe. Pinto (1997) por sua vez, ao estudar o cuidado dispensado a idosos em famílias japonesas, só entrevistou elementos do sexo masculino, justificando que tal escolha ocorreu em função da própria cultura japonesa. Ou seja, recebeu orientação de pessoas de origem japonesa no sentido de que seria melhor discutir este assunto com o chefe da família e responsável pelo cuidado prestado aos idosos na família.

No quadro nº 1 são apresentadas algumas características das informantes das três gerações, donde se observa a nítida diferença no número de filhos, número de abortos e de óbitos em menores de um ano.

QUADRO 1

INFORMANTES QUE PARTICIPARAM DO ESTUDO E ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

Identificação	Idade	Profissão	Presença da mãe	Empregada	Nº de filhos	Ano que começou a criar os filhos	Idade filho mais novo	Idade filho mais velho	Nº netos/bisnetos
Ana	80	Lar	Não	Não	7 3+	1936	42	61	23b 18n
Irene	69	Roça	Não	Não	2 1+	1946	51	-	5 b 4 n
Isabel	80	Roça	Sim	Não	4 1 a	1936	52	61	22b 18n
Alice	83	Roça	Sim	Não	2 1+	1936	61	-	13b 7 n
Lucia	72	Roça	Não	Não	6	1949	32	48	2 b
Nadir	66	Lar/prof	Não	Não	12 1+	1947	35	50	25 n -
Maria	54	Roça	Não	Não	7 3+ 2a	1959	32	38	10 n
Joana	60	Lar	Não	Não	8 1+	1958	25	39	13 n
Odete	45	Prof.	Não	Não	5 1+	1970	12	27	5 n
Tereza	62	Prof.	Não	Sim	4 1a	1960	25	37	4 n
Dalva	57	Lar	Não	Não	5 2a	1960	27	37	3 n
Graça	62	Lar	Sim	Sim	5	1957	33	40	13
Marly	36	Prof.	Não	Sim	2	1990	2	7	-
Alexandra	40	Prof.	Não	Sim	2	1983	6	14	-
Lígia	31	Secret.	Sim	Não	1	1995	2	-	-
Cibele	35	Prof.	Não	Não	3	1986	5	11	-
Ana Paula	29	Prof.	Sim	Sim	2	1991	1	6	-
Claúdia	44	Prof.	Sim	Sim	2	1989	6	8	-
Lisley	43	Prof.	Não	Sim	1	1995	2	-	-
Rosana	36	Téc. NS	Sim	Sim	2	1991	3	6	-
Roseli	32	Téc. NS	Não	Não	2	1991	2	6	-
Edlene	30	Téc. NS	Sim	Sim	2	1990	5	7	-
Priscilla	36	Prof.	Não	Sim	2	1995	2	-	-
Alessandra	29	Zelador	Sim	Não	2	1992	1	5	-
Patrícia	36	Téc. NS	Sim	Não	1	1996	1	-	-
Raquel	37	Prof.	Não	Sim	2	1990	5	7	-
João	34	Téc. NS	Sim	Não	2	1991	2	6	-
José	42	Prof.	Sim	Sim	2	1992	2	5	-

* A marcas (+) e (a) no item número de filhos significam respectivamente presença de óbito em menores de um ano e de abortos espontâneos.

2.2.2 – Método de coleta de Dados

Com relação especificamente à coleta de dados, Bosi (1987) afirma que, ao trabalhar com memória, o principal esteio de seu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores, resultante não apenas de simpatia mas de amadurecimento de quem deseja compreender a vida revelada pela própria pessoa.

Portanto, tal como ocorreu com Bosi (1987, fui sujeito do estudo à medida que indaguei, que procurei saber mais, esclareci dúvidas; e fui objeto quando ouvi, registrei, enfim à medida que me tornei um instrumento para receber e transmitir a memória de alguém, um meio que esse alguém pode utilizar para transmitir suas lembranças. Além de que, enquanto mãe, minha própria história de vida e experiência com o processo de criar meus filhos, de forma direta e indireta esteve presente na forma de perceber e interpretar as lembranças apresentadas, o que - sei-o muito bem - influenciou fortemente a análise total dos dados e - porque não dizê-lo - a estrutura final que dei ao estudo, reforçando meu papel de participante do estudo como um todo.

Durante o período de coleta de dados a minha participação foi do tipo "conhecida" (Lofland, 1971:93-5) pelos observados, ou seja, os indivíduos foram informados sobre o estudo e compuseram a amostra estudada somente aqueles que concordaram verbalmente em participar do mesmo.

A estratégia básica utilizada na coleta de dados foi a entrevista aberta. A realização de várias entrevistas com um mesmo informante provavelmente determinaria a obtenção de muitos outros dados, seja em termos quantitativos ou qualitativos, pois é sabido que as "mais vivas recordações só surgem à medida que é estabelecida uma relação de confiança com o pesquisador" (Thompson, 1992). Além disso, a indagação realizada em um segundo ou terceiro contato, poderia fazer vir à tona uma memória submersa, a qual é rememorada por estímulo da pergunta da pesquisadora.

Com apenas uma informante realizei mais de uma entrevista, porém com outras seis procurei esclarecer dúvidas e confirmar se era verdadeiro o que tinha sido identificado como significativo na experiência de sua família, com outras oito entrei em contato via telefone, com o intuito de solicitar algumas informações necessárias para completar o quadro nº 1. Finalmente, retornei na casa de seis famílias com o objetivo de escolher

algumas fotos que pudessem ser utilizadas na apresentação dos dados, o que foi devidamente autorizado pelas respectivas famílias. Além disso, a perspectiva de representantes de outras gerações foram utilizadas na apresentação e análise dos dados de cada uma das gerações, representando uma espécie de triangulação dos dados. Também é preciso que se registre que cada uma das entrevistas constituiu-se de vários momentos, possibilitando o estabelecimento da interação, a qual se mostrou imprescindível para que os indivíduos se abrissem verdadeiramente.

Com todos os indivíduos foi necessário um primeiro contato, uma primeira aproximação. No início, cheguei a quase todas as pessoas entrevistadas por indicação da coordenadora da creche, que de certa forma divulgou e levantou a disponibilidade das mesmas conversarem comigo; posteriormente uma vez participando do estudo, estas primeiras informantes, conhecedoras dos critérios utilizados na seleção da amostra, por minha solicitação dispuseram-se a transmitir a conhecidos e parentes o meu desejo de conversar com eles. Portanto, em meu primeiro contato com as avós e bisavós elas já sabiam que eu gostaria de conversar com elas sobre a criação de filhos.

As mães de crianças mais velhas, aquelas que já haviam passado pela creche algum tempo atrás, foram convidadas pessoalmente para participar do estudo, utilizando eu como critério, unicamente o fato de ter conhecimento de que seus filhos freqüentaram a creche.

Estes contatos foram, em sua grande maioria, realizados pessoalmente, porém três deles ocorreram via telefone. Foi por ocasião deste primeiro contato que me expus, me fiz conhecer, não só a mim mas também a meu projeto de investigação, mesmo que em linhas gerais. Nesta mesma ocasião reforcei o propósito de tê-los como co-participantes do conhecimento produzido. As pessoas de forma geral mostravam-se incrédulas sobre sua capacidade em atuar como co-participantes e então explicávamos que só seria necessário que elas me contassem como fora ou estava sendo criar o(s) filho(s); em seguida combinávamos detalhes de nosso encontro (dia, horário, local) de acordo com sua maior disponibilidade, pois esclareci que não havia um tempo-limite de duração da entrevista.

Das 28 entrevistas, 15 foram realizadas na casa da pessoa e 13 nas dependências da Universidade, durante o horário de trabalho, uma vez que as pessoas acreditavam que ali seria mais sossegado do que em sua casa, devido principalmente à presença dos filhos. Além disso, como pesquisadora (Marcon et al, 1997) e mãe sou conhecedora das diversas atividades que nós mulheres ainda desenvolvemos em nossas casas após o horário de

trabalho regulamentar.

No dia da entrevista propriamente dita mais uma vez expus de forma detalhada o porque de estar realizando o estudo, seus objetivos, as estratégias que estavam sendo utilizadas na sua realização e a importância do relato de pessoas de diferentes gerações para a consecução dos objetivos. Em seguida, explicitava os cuidados que seriam tomados durante todo o estudo para que princípios relacionados à preservação do anonimato fossem obedecidos. Só então solicitava permissão para gravar a entrevista, justificando que desta forma seria possível captar a totalidade do discurso, além de possibilitar uma interação mais livre entre entrevistado e entrevistador.

Uma vez autorizado o uso do gravador (o que ocorreu na totalidade das entrevistas) convidava a informante a falar livremente sobre a sua experiência. Durante este relato procurava ficar atenta a algumas recomendações sobre a melhor forma de conduzir a entrevista (que apresentarei adiante) e ao mesmo tempo, procurava intervir o menos possível, deixando para fazê-lo somente com o intuito de aclarar aspectos que estavam sendo relatados.

Em algumas ocasiões, após permitir que a informante relatasse aspectos de seu interesse, numa tentativa voluntária de fazer com que ela retornasse ao objeto de investigação e tomando o cuidado para não induzir a resposta, acrescentava de forma ampla e aberta alguma questão direta sobre a característica da criação dos filhos.

Da mesma forma, ainda com o intuito de estimular a lembrança, quando a informante permanecia por alguns momentos em silêncio, procurava me policiar para não mexer no gravador (o que poderia ser interpretado como um sinal de impaciência) e para não introduzir nenhuma pergunta, a fim não só de respeitar o silêncio mas ao mesmo tempo permitir que a pessoa refletisse sobre o que estava sendo lembrado ou mesmo que buscasse palavras que acreditasse, poderiam melhor transmitir suas mais íntimas recordações. Ao final, quando a pessoa dizia não se lembrar de mais nada, agradecia a participação e sempre deixava em aberto a possibilidade de um novo contato, por ocasião da análise dos dados, caso fosse necessário.

Durante a coleta de dados, por diversas vezes tive oportunidade de identificar que a entrevista aberta gera certa insegurança nos informantes. Biasoli-Alves (1995) afirma que neste tipo de entrevista o pesquisador deve fazer o menor número possível de perguntas, uma vez que seu objetivo é fazer um registro 'subjuntivo' de como o indivíduo olha para trás e enxerga a própria vida em uma de suas partes,

“... é muito comum, especialmente no início das entrevistas, as pessoas se preocuparem com o fato de não saberem se o que estão falando é considerado correto pelo pesquisador ou mesmo, se o tema é de seu interesse”, (Biasoli-Alves, 1995).

como pode ser constatado nesta fala:

“... então, não sei se isto daí também seria o criar, acho que você está vendo mais o lado de educação, não é ?” (Priscilla).

Nestes casos foi necessário estimular a continuidade da lembrança, manifestando verbalmente o real interesse em tudo o que fosse lembrado em relação à criação dos filhos.

Constatei também que à medida que o indivíduo vai sendo estimulado, através da demonstração de interesse por todos os aspectos que estão sendo lembrados, ele vai se soltando, começa a se lembrar de pequenos detalhes e de mais situações. Nestes casos, tal como afirma Biasoli-Alves (1995), os indivíduos inclusive passam a perceber uma importância relativa de sua experiência, o que é identificado em algumas frases como a que se segue:

“No meu tempo a gente aprendia a lidar com criança desde pequena porque a gente ajudava a mãe com os outros irmãos..., então, quando tinha os da gente não achava difícil, eu não tive dificuldades. Não era como hoje que tudo leva no médico”. (Graça)

A impressão que se tem é de que as coisas vão acontecendo e as pessoas não se dão conta das mudanças que ocorrem. Neste sentido, a oportunidade de relembrar como era feito no seu tempo possibilita que as pessoas façam uma análise e uma comparação entre as práticas desenvolvidas ontem e hoje. É importante salientar que isto ocorre mesmo num pequeno espaço de tempo:

“Antes trocava uma fralda... e agora quem vai lavar? Quem vai botar de molho? E hoje eu cato, já vou e faço, para mim não é mais crise isso... por que para mim, ser pai e mãe é tudo igual, mesmos direitos, mesmos deveres. E hoje eu acho assim, que não vale a pena... Por que será que eu mudei?” (Ana Paula)

2.2.3 - Período e Duração da Coleta de Dados

Os dados foram coletados no período de janeiro de 1996 a outubro de 1997. Ao iniciar esta atividade não tinha nenhuma idéia de quanto tempo ela demoraria, uma vez que pretendia utilizar como referencia na determinação do número de famílias que iriam fazer parte do estudo, o conceito de "saturação" elaborado por Bertaux apud Queiroz e Jannotti (1992). Segundo este autor, a chave do problema de "quanto interrogar" reside no ponto de "saturação", que ele conceitua como a situação na qual, após um certo número de depoimentos, o pesquisador tem a impressão de nada mais aprender de novo, ao menos no tocante ao objeto primordial da pesquisa. Se isto é exato, é como afirma Queiroz e Jannotti (1992), o corte significativo das entrevistas não está entre os números 9 e 10, por exemplo, ou entre 1 e 100, mas no "ponto de saturação", do qual o pesquisador deve assegurar-se após ter diferenciado ao máximo seus depoentes e as representações deles obtidas.

De fato, em estudos da linha qualitativa, o período de coleta de dados deve ser suficientemente longo, de forma que o pesquisador possa presenciar vários, se não todos os tipos de experiências relacionadas com o fenômeno sob estudo, devendo deixar o campo somente quando estas tornarem-se repetitivas.

No entanto, neste estudo em particular só realizei uma entrevista com cada informante. Acredito que longe ainda estaria do ponto de saturação, e isto pode até representar uma limitação do estudo. Por outro lado no entanto, este fato possibilitou identificar os aspectos que mais marcaram os indivíduos/famílias na vivência da experiência de criar os seus filhos. Foi relatado, acredito eu, o que estava mais presente e que portanto tinha mais significado para cada uma das informantes. Provavelmente em outros contactos, maiores detalhes seriam lembrados, mas o que realmente marcou já teria sido referido. Vale salientar a afirmação de Durkheim citado por Queiroz (1983):

"... o inventário dos fatos é algo inesgotável; é sempre necessário efetuar cortes na realidade e para tal, escolher critérios que, na quantidade infinita dos dados, estabeleçam pontos de referências eficazes, permitindo balizar as informações".

2.2.4 - Técnica de Coleta de Dados

Partindo do pressuposto de que *“não há metodologias ‘boas’ ou ‘más’ intrinsecamente, e sim metodologias adequadas ou inadequadas para tratar um determinado problema”* (Alves, 1991), optei pelo uso da entrevista aberta como estratégia para a obtenção dos dados, pois considerei que a mesma possibilitaria, além da descrição de ações, o desvelamento de sentimentos, atitudes e valores subjacentes ao comportamento. Para Cannel & Kahn (1974), não é possível obter alguns tipos de dados, tais como o relato de experiências passadas, de outra forma que não a entrevista.

As entrevistas realizadas tiveram duração média de uma hora e meia a duas horas; quatro entrevistas no entanto tiveram uma duração superior a três horas. Esta pluralidade de duração justifica-se pelo fato de que o depoimento que se obtém é o produto da interação entre dois sujeitos - entrevistador e entrevistado - dos quais o primeiro define, ora de maneira explícita ora de maneira implícita, os temas a serem relatados, possuindo portanto um papel ativo, e não neutro, nesta situação (Biasoli-Alves, 1988; Fernandes, 1991).

As entrevistas, tanto quanto qualquer outra técnica de coleta de dados, possuem vantagens e desvantagens. A questão da fidedignidade dos dados que se obtém através de seu uso tem sido apontada como uma possível limitação desta estratégia, a qual é facilmente superável, segundo Santos (1993), diante da quantidade, variedade e profundidade das informações obtidas.

Segundo Thompson (1992), o entrevistador precisa de habilidade para ser bem sucedido no uso desta estratégia. Existem muitos estilos diferentes de entrevistas, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar; e o bom entrevistador, segundo esse autor, acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e harmoniza-se com sua personalidade.

Ainda segundo o autor supracitado, há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoa e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. "Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou

de lhe impor suas próprias idéias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas" (Thompson, 1992). Portanto, deve-se ter sempre em mente que conseguir ir além das generalizações estereotipadas ou evasivas e chegar a lembranças detalhadas é uma das habilidades, e das oportunidades, básicas do trabalho de história oral (Thompson, 1992).

Ademais, na etapa de organização e elaboração final do relatório da pesquisa, realizei uma busca e seleção de fotografias junto a seis famílias.

a) Cuidados durante a entrevista

Uma vez que utilizei a entrevista aberta, foi fundamental deixar que a entrevista "fluisse", sem controlá-la e apenas orientando-a, procurando fazer o menor número possível de perguntas, já que meu objetivo era o de produzir um registro "subjetivo" de como um indivíduo (a mulher) olha para trás e enxerga a própria vida em uma de suas partes. Em assim sendo, tal como afirma Thompson (1992),

"... é exatamente o modo como fala sobre a própria vida, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista e nestes casos, quanto menos seu testemunho for moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor".

De maneira prática, procurei seguir algumas orientações de Thompson (1992) e Bogdan & Taylor (1975), tais como:

- expliquei no início e de forma sucinta o objetivo da entrevista e do estudo como um todo;
- convidei a informante a relatar sobre sua experiência;
- as perguntas que realizei durante as entrevistas foram simples e diretas, em linguagem comum, e sempre guardavam relação com o que estava sendo relatado;
- procurei ao longo das entrevistas formular questões a partir das perspectivas dos próprios sujeitos, ou seja, fiz questões que exigiam até certo ponto, uma justificativa da ação sem contudo dar a impressão de que a pessoa estava sendo avaliada;
- as entrevistas foram realizadas em lugar em que a informante sentia-se à vontade: sua própria residência, ou durante o período de trabalho, em uma sala reservada;

- no início, permiti que as pessoas falassem de assuntos de seu próprio interesse e só depois conduzi a entrevista para os objetivos do estudo;

- procurei demonstrar interesse em tudo o que estava sendo recordado e falado através de alguns gestos e frases curtas que de certa forma apoiavam e encorajavam a continuação do relato.

b) Estratégias utilizadas durante a coleta de dados

- Registrando os dados

O registro dos dados baseados em lembrança completa, acurada e detalhada e a guarda destas informações de forma adequada, constituem a base para o sucesso de estudos de natureza qualitativa. Neste estudo, os dados foram registrados basicamente nas notas de campo e no diário da pesquisadora.

Nas notas de campo foram registradas, em termos específicos e não analíticos, as descrições e características das famílias e dos informantes (aparência, gestos, expressões, etc), das conversações e dos relacionamentos mantidos durante o período de entrevista; além de algumas informações básicas de identificação tais como: idade, estado civil, número de filhos, atividade que desenvolve, etc.

Já no diário da pesquisadora, também conhecido como "cadernos de campo" (Queiroz, 1983), foram registradas as condições em que foram feitas as entrevistas (onde - como - quando - o que - quem) e as reflexões que me ocorreram durante as mesmas, meus sentimentos, percepções subjetivas, hipóteses trabalhadas e avaliações sobre o andamento do estudo e meu próprio desempenho, com o objetivo de reunir os dados referentes às inferências teóricas que surgiram durante a coleta de dados e à minha vivência em desenvolver o estudo.

Estes diários/cadernos, mais tarde, permitiram a obtenção não só do contexto em que se deram os depoimentos como também informações sobre a personalidade e características dos depoentes, as particularidades de meu relacionamento com eles, as emoções e impressões de ambos e as dificuldades na aplicação da técnica.

Os "cadernos de campo", segundo Queiroz (1983), são elementos imprescindíveis em qualquer pesquisa de natureza qualitativa.

“Constituem ‘técnica complementar’, não significando a expressão de que os mesmos sejam de menor importância ou suprimível. Ao contrário, “complementar deve ser entendido no sentido essencial do termo: algo que se deve acrescentar a uma coisa incompleta para que ela atinja a sua totalidade, para que a ela nada falte”.

- Cuidados no registro das informações

Ao proceder o registro das informações, procurei ter sempre em mente que a capacidade de observar e ouvir pode tornar-se insignificante diante da incapacidade em recordar e registrar. Para minimizar este problema os dados foram registrados de acordo com a sua fonte. Por exemplo, com relação aos dados provenientes das sessões de observações, fiz transcrição das entrevistas realizadas com o uso do gravador, logo após o seu término e confiei totalmente na memória para registrar posteriormente observações e/ou reflexões ocorridas durante as entrevistas

A preocupação em registrar e/ou transcrever as entrevistas logo após o término das mesmas (entendendo "logo" como "o mais cedo possível") deve-se ao fato de já ter experienciado em estudo anterior (Marcon, 1989), a dificuldade enfrentada diante de um longo período entre a observação e o registro, pois ocorre redução na habilidade em produzir uma recordação acurada, mesmo quando as palavras chaves estão registradas, tanto pela limitação da lembrança, quanto pela produção de um pouco de confusão na mente de quem efetua tal registro. No caso de entrevistas gravadas, a transcrição imediata permitiu que fosse recordado inclusive todo o ambiente/clima em que se deu a entrevista e, por conseguinte, minhas impressões sobre ações e reações do depoente diante de cada um dos aspectos abordados durante aquela sessão.

Além disso, a experiência anterior de que alguns cuidados efetuados durante o registro dos dados podem facilitar etapas posteriores do estudo, levou-me, desde o início, a seguir algumas sugestões de Bogdan e Taylor (1975), as quais foram representadas neste estudo pelos seguintes cuidados:

a) padronizei os grupos de notas com um título de acordo com a natureza dos dados contidos naquele conjunto e a data da entrevista e da transcrição;

b) deixei margens extensas ao longo das notas, as quais mais tarde serviram para codificação das mesmas;

c) formei novos parágrafos freqüentemente, ou seja, sempre que houve mudança de

assunto ou surgiu algum evento diferente, e isto facilitou a leitura e a codificação das notas;

d) todos os tipos de registros foram gravados em pelo menos dois *diskets* e no *winchester* do computador de uso pessoal, para evitar a perda de informações;

e) para cada informante abri um arquivo próprio e todas as suas informações foram registradas em um mesmo arquivo;

f) manteve a linguagem utilizada pelos próprios informantes, com o objetivo de minimizar a perda de informações e garantir ao máximo possível, a sua fidedignidade.

2.3 - TRABALHANDO OS DADOS

A análise dos dados envolveu inicialmente a completa transcrição das entrevistas. Nesta ocasião pretendia utilizar um programa computacional denominado "*Ethnograph*", pois entendia que o seu uso, em vez do processo manual, poderia auxiliar-me grandemente na análise dos dados. É provável que isto ocorresse se tivesse conseguido apreender todas as particularidades de seu uso, no entanto a avaliação que faço hoje é que perdi um tempo muito grande tentando aprender sobre o programa e mesmo trabalhando com ele. Para tanto, todas as entrevistas foram digitadas inicialmente no programa computacional Word 5, e após transferidas e salvas dentro do programa Ethnograf com um outro nome. Então era rodada uma cópia da entrevista dentro das especificidades propostas pelo programa, ou seja, a impressão era feita só no lado direito da folha e todas as linhas já vinham com seus números correspondentes, para que a codificação inicial fosse efetuada.

Em seguida era dado início a um trabalho manual de codificar os dados. Codificar é o mesmo que rotular as notas. Este processo só ocorreu após várias leituras dos dados, nas quais todas as informações foram examinadas linha por linha, palavra por palavra, até que os conceitos ou significados nelas contidos fossem identificados, dando origem aos códigos substantivos, isto é, cada informação após a análise, foi resumida numa palavra ou expressão que transmitisse o seu significado.

Reflexões teóricas acompanharam todo o processo de codificação dos dados, pois se trata de um momento no qual o trabalho indutivo é o mais presente.

Procedimentos foram tomados para que os códigos identificados fossem transcritos para o computador e a partir de então, o programa começa a trabalhar a nível de análise, sendo possível identificar a frequência das ocorrências de cada código por entrevista, no conjunto de todas as entrevistas, inclusive o cruzamento de informações.

Embora tenha chegado a todas estas etapas, a falta de familiaridade com o programa fazia com que perdesse dados, e isto me obrigava a repetir, por várias vezes, operações já realizadas, demandando tempo e energia. De qualquer forma, concluo que o fato de ter os dados de todas as entrevistas separados por códigos facilita o trabalho mas ao mesmo tempo não é suficiente. A grande vantagem no uso deste programa é a possibilidade de se solicitar a impressão de determinados códigos em algumas ou em todas as entrevistas.

Por outro lado, o grande número de códigos identificados levou-me a experimentar insegurança, determinando a necessidade de realizar uma nova codificação, ou seja, peguei novamente os dados brutos e procedi a nova codificação. Apesar do dispêndio de tempo, este procedimento foi válido à medida que reforçou a codificação inicial, pois os mesmos ou semelhantes códigos foram encontrados.

Em determinada etapa da análise, separei os dados não mais por entrevista e sim por códigos, os quais mais tarde foram separados por geração. Assim me foi possível identificar a ocorrência dos mesmos dentro de uma mesma geração e entre as gerações, da mesma forma que também foi possível identificar aqueles que eram comuns a todas as gerações ou pertenciam a apenas uma.

Em seguida procurei estabelecer uma homogeneização nas entrevistas através da criação de substratos individuais. Para tanto, procedi a uma avaliação dos códigos, identificando os mais frequentes, e a partir deles elaborei algumas questões. Assim, cada entrevista foi explorada à exaustão com vistas a responder às 16 questões elaboradas.

- 1- Como são as interações entre os membros da família e entre estes e os outros?
- 2- Quem é a mulher? Quais suas responsabilidades?
- 3- Quais são os suportes desta família?
- 4- Como a família provê os cuidados com os filhos?
- 5- A quem cabe a responsabilidade pelo cuidado?
- 6- Quais são as preocupações?
- 7- Quais são os medos?
- 8- Quais são as expectativas?

- 9- Como os pais vêem a criança?
- 10- Quais são os limites estabelecidos?
- 11- Como são os castigos?
- 12- Quem são as pessoas, instituições que servem de referência no cuidar?
- 13- Qual a concepção de criação?
- 14- Qual a concepção de valores?
- 15- Em que contexto vive a família?
- 16- Qual o papel do pai (como é sua participação)?

Após esta etapa, cada substrato foi novamente explorado com o intuito de identificar os núcleos temáticos referentes à experiência de cada família, o que se processou em duas etapas:

- 1 - levantamento dos aspectos relativos a: interação, ajuda, referências no cuidar, preocupações, valores, concepção de criança, educação/disciplina e atividades que o criar envolve;
- 2 - identificação dos núcleos temáticos.

Em seguida estes núcleos foram reunidos e organizados em relação a cada geração, e num segundo momento, confrontados entre si e na relação com as outras duas gerações.

Através deste procedimento de análise procurei abordar os conteúdos convergentes e divergentes das experiências relatadas por cada uma das informantes. Cabe ressaltar que a diversidade das experiências vividas e as visões contrastantes dentro de uma mesma geração apontam, acima de tudo, a complexidade da realidade investigada.

CAPÍTULO 3

CRIANDO OS FILHOS EM MARINGÁ NAS DÉCADAS DE 40 À 90

Neste capítulo apresento os dados do estudo já imbuídos de minhas análises e reflexões sobre as suas possíveis relações, ou seja, sob a forma de resultados. Segundo Glaser & Strauss (1975) não existe uma etapa no relatório de pesquisa onde os dados brutos do estudo possam ser apresentados de forma isolada, desvinculada da interpretação do pesquisador sobre suas relações e interrelações. Sendo assim, os dados brutos são apresentados apenas para ilustrar a organização e interpretação feita a partir da leitura dos mesmos à luz dos referenciais adotados.

A leitura feita, tanto quanto a organização que dei aos dados, refletem de certa forma, minhas limitações e minhas possibilidades de ver, captar e interpretar a criação dos filhos tal como ela é representada pelas informantes e se apresenta diante de minha perspectiva.

O capítulo está sendo dividido em quatro partes. Nas três primeiras apresento respectivamente a leitura que fiz das entrevistas com as informantes da 1ª, 2ª e 3ª gerações, e na última pontuo e comparo as três gerações à luz dos referenciais adotados.

Os nomes utilizados durante a apresentação dos dados são fictícios. Minhas amigas contribuíram informando o nome de suas avós, os quais foram utilizados na identificação das avós e bisavós. Já para as mães, dei o nome de algumas “mães de amanhã”, isto é atribuí-lhes os nomes de bolsistas e voluntárias que trabalharam comigo durante o ano de 1997 no Núcleo de Estudos, Pesquisa, Assistência e Apoio à Família (NEPAAF).

3.1 - CONHECENDO UM POUCO DA HISTÓRIA DE MARINGÁ...

A cidade de Maringá é bastante jovem, tendo completado 50 anos no ano passado (1997). Contudo sua criação teve início quase uma década antes do lançamento de sua pedra fundamental em 1947.

A criação da cidade foi semelhante à criação de muitas outras da região: desencadeada pela atuação colonizadora da Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). Tratava-se de uma empresa de capital estrangeiro, que resguardando seus interesses financeiros, atendeu ao desejo do governo estadual, o qual, preocupado com a possibilidade de perdas de divisas territoriais, pretendia colonizar a região norte do Estado em pequeno espaço de tempo. Grandes extensões de terras devolutas foram vendidas àquela empresa por preços quase irrisórios e em contrapartida, a mesma se comprometia, através de grandes estratégias de marketing, a promover a colonização de toda a região.

Com este propósito a CMNP planejou a criação de cidades maiores (como Londrina e Maringá) a uma distância de mais ou menos 100 Km, e no percurso intermediário, a criação de cidades menores, as quais deveriam servir de apoio ao empreendimento imobiliário planejado. À medida que o programa de colonização ia sendo desenvolvido, aumentava a quilometragem das estradas abertas e da linha-de-ferro, visando a criação de infra-estrutura para o povoamento da região e o futuro escoamento agrícola.

Foi neste contexto que a cidade de Maringá começou a surgir. Inicialmente (1938) foram sendo colocados à venda os lotes ao redor do espaço destinado para a criação e desenvolvimento da cidade, ao mesmo tempo começava a ser criado um mínimo de infra-estrutura para atender às necessidades daqueles que se dispusessem a vir desbravar a região. Para tanto, diversas formas de incentivo eram feitos àqueles que instalassem algum tipo de comércio ou prestação de serviço no lugarejo, como por exemplo a cessão do terreno e construção da edificação mínima necessária para o funcionamento, sem nenhum custo inicial, podendo o indivíduo só começar a pagar pela posse da propriedade alguns anos depois e ainda assim a preços bastante reduzidos.

Os próprios lotes rurais eram vendidos em condições bastante facilitadas, tanto no que se refere ao tamanho das propriedades (a grande maioria tinha entre 5 e 15 alqueires

paulistas) quanto às condições de pagamento, que era parcelado em 4 a 5 anos, com juros de 8% ao ano.

A figura nº 1 apresenta uma foto cedida pela família de Ana.



(Maringá - zona rural, 1945 – Foto cedida pela família de Ana)

Estas condições possibilitaram a muitos a oportunidade sonhada de mudança em suas condições de vida. Isto é facilmente comprovado em depoimentos dos pioneiros da cidade. Até mesmo neste estudo, onde não havia a pretensão de focar tais aspectos, encontramos depoimentos que ressaltam as estratégias utilizadas e o significado das mesmas na vida das pessoas que para cá se deslocaram, mesmo que provenientes de cidades próximas. Foram estas condições que possibilitaram à família desta senhora, que faz o relato apresentado a seguir, a oportunidade de, com muito trabalho, mudar de vida. Isto porque o casal, depois de nove anos de união, ainda morava com os pais do marido.

“ Levou 9 anos para nós comprarmos a primeira propriedade. Compramos da companhia para pagar em quatro anos. Pagava no final de ano, ano a ano, sem juros, com colheita. Nós compramos seis alqueires de terra, ficou em 25 contos. Era conto naquele tempo? Explica para mim se era conto porque já não sei mais se era reis, conto, cruzeiro, sei que era 25 alguma coisa. Saia o que por alqueire, era mixxaria, 20 por alqueire, não sei direito.” (Irene)

O processo de colonização era constituído não só das facilidades já referidas mas também de uma grande campanha publicitária, em nível nacional, através principalmente de jornais, sobre as excelentes condições da terra para o plantio do café. Isto possibilitou que para aqui se deslocassem pessoas de diferentes regiões do País, e em especial de São Paulo e Minas Gerais, além daquelas oriundas do próprio Estado.

Mesmo as pessoas que não eram proprietárias tiveram chance de “fazer seu pé de meia”, pois ao trabalharem como meeiros, por ocasião das grandes colheitas conseguiam arrecadar uma quantia que os incentivava a tentar o investimento em pequenas propriedades, que mais tarde iam sendo trocadas por maiores.

Para se ter uma idéia do alcance da estratégia adotada pela CMNP, basta dizer que de 1938, quando teve início a venda dos lotes rurais, até a fundação da cidade em 1947, segundo LUZ e OMIRA (1980), quase metade (49,2%) da área rural loteada já havia sido vendida. Nos 10 anos seguintes (até 1957) foram vendidos mais 38,4% e o restante foi vendido até 1973.

As facilidades para comprar a terra no entanto não se reproduziam de imediato nas condições de vida, principalmente para aqueles que a compravam não como forma de investimento, mas sim como meio de subsistência:

“ Só que o primeiro ano nós perdemos tudo, todos os cereais, porque deu uma seca muito grande, nós só fizemos mesmo para pagar a companhia. Aquele ano foi difícil, nós comíamos o que a terra dava, nós não comprávamos muita coisa na cidade, mas também a gente não saía, não tinha aonde ir, não tinha gasto, era uma saúde tremenda que a gente tinha, então por isso que a gente venceu.” (Irene)

No cadastro montado pela Prefeitura do Município, onde constam os nomes de 1764 pioneiros, identifica-se que em torno de 25 % deles (422 pessoas) aí chegaram até o ano de 1945, ou seja, 2 anos antes da fundação oficial da cidade. Também foi nesta ocasião que se instalou no lugarejo o primeiro médico.

Os registros da CMNP possibilitaram a LUZ (1980) identificar que cerca de 80 % dos lotes urbanos comercializados no período de 46 a 52 foram vendidos a indivíduos de nacionalidade brasileira, os quais em sua grande maioria (quase 90%) residiam no próprio Estado, seguidos dos que residiam no Estado de São Paulo (11,4%). Os demais foram vendidos aos japoneses (5%), espanhóis (2,9%), portugueses (2,4%) e alemães (1,4%) que já residiam no País havia algum tempo.

Sem dúvida, os que aqui chegaram nos fins da década de 30 e durante principalmente a primeira metade da década de 40 foram verdadeiros desbravadores; derrubaram o mato, construíram ranchos de palmito,

“Nós estávamos começando, tudo mata virgem, aquelas madeiras enormes. Quando derrubou aquilo, ficou tudo trancado. Para a gente passar, tinha que ficar subindo em cima daquelas toras enormes...”
(Ana)

passaram necessidades das mais diferentes ordens, sofriam e caminhavam muito para chegar até os lugarejos ou cidades mais próximas a fim de comprar mantimentos básicos:

“ ... com 18 dias de dieta, depois que eu tinha perdido o menino eu fiz essa viagem, 12 Km a pé... naquele tempo chovia muito, o tempo todo não parava a chuva. Aquele barro que colava igual chicletes, colava no sapato da gente, grudava no chão e ia puxar, saía do pé.” (Ana)

e viviam em condições precárias, seja em relação à moradia:

“ Era um rancho que nós estávamos, ainda não tinha aberto o nosso, ficamos no (sítio) do meu pai até abrir o nosso ... cozinhava do lado de fora, fazia assim, em um fogão com 3 pedras, colocava um caldeirão pendurado e deixava lá pra cozinhar o feijão. Era um cômodo só, em cada parede tinha uma rede e, dormia todo mundo junto, cada um dormia de um lado do rancho...” (Ana)

“ ... mas tinha que lavar a roupa com... a tábua era dentro do rio e a gente tinha que ficar com a perna na água pelo joelho.” (Irene)

ou em relação à escassez de alimentos:

“ Naquele tempo tinha que comer só o que tinha, não tinha outro jeito, a alimentação da criança era só o leite, porque era mata virgem, não tinha uma fruta, uma coisa mais assim... Quando acabava o leite, começava com um mingauzinho de caldo de feijão com farinha e depois era arroz e feijão mesmo.” (Ana)

Estes desbravadores chegavam sozinhos ou com suas famílias. Entre os pioneiros que chegaram até 1945 havia 273 indivíduos do sexo masculino e 149 do feminino; e pelo que se tem notícia, foi em 1943 que nasceu a primeira criança em Maringá.

A partir da segunda metade de 40, já existia uma infra-estrutura razoável. Em 46 começou a funcionar a primeira escola, estabeleceu-se o primeiro médico e se instalou a primeira farmácia; em 47 o primeiro cinema e em 48 o segundo. Nesse mesmo ano teve início a instalação na cidade de alguns estabelecimentos bancários, de modo que em 1951 já estavam em funcionamento seis destes estabelecimentos e até 1952 mais quatro, demonstrando a importância da cidade enquanto pólo de comercialização agrícola.

No que se refere à área educacional, logo no começo da década de 50 Maringá começou a se destacar como centro de referência. Em 1952 começou a funcionar o primeiro estabelecimento de ensino médio e até o final daquela década já havia 82 escolas primárias (municipais e estaduais) instaladas na zona rural e urbana e um total de seis escolas de nível médio (ginásios, escolas normais e escola técnica do comércio).

Vale salientar que, em atendimento às exigências e demandas da época, em 1951 já funcionavam na cidade 4 escolas de corte e costura, uma vez que à ocasião o costurar era tido por muitos como mais importante para a mulher do que o estudar:

“ ... só tirei o primário... com 14 anos estava fazendo o quarto ano primário, terminei e já entrei na escola de corte e costura e comecei a trabalhar em uma alfaiataria.” (Dalva)

No campo de assistência à saúde, LUZ (1980) relata que foi por volta de 1947, com o apoio da CMNP, que começou a funcionar um pequeno hospital; no entanto em 1953 já havia na cidade 24 médicos e 4 hospitais, embora, segundo LUZ (1980), em condições precárias (“construções de madeira, poucas acomodações, aparelhagem inadequada, iluminação insuficiente, poucos recursos financeiros e reduzido corpo clínico”).

Na área da Saúde Pública, em 1951 foi instalado um subposto de Higiene subordinado ao Distrito Sanitário de Londrina. e só em 1955 foi inaugurado o Posto de Saúde de Maringá, que através do atendimento no Posto de Puericultura e na Associação de Proteção à Maternidade e Infância, desenvolvia atividades de educação sanitária, campanhas de vacinação e de saneamento.

No que se refere à atividade econômica identifica-se que a cidade foi criada e se desenvolveu em torno de um núcleo comum, que era o café, o qual era cultivado tanto nas grandes como nas médias e pequenas propriedades.

As serrarias constituíram o primeiro tipo de indústria a se instalar na cidade, o que se justifica pela grande quantidade de mata virgem e pela necessidade de construção de

moradia para os que chegavam. Foram seguidas das máquinas de beneficiamento de arroz e de café.

No início da década de 60 Maringá já estava a todo vapor, suas ruas centrais eram asfaltadas e a população era bem servida em termos de infra-estrutura sócio-cultural: o município tinha três cinemas, clubes recreativos e uma boa rede de ensino. Além disso, no início desse período mais da metade da população do município residia na zona rural ao passo que em 1970 os residentes na zona urbana já eram a maioria, em torno de 80%. Este é um dado muito importante na medida em que ele mostra a evolução da cidade enquanto centro de referência em diversas áreas, inclusive a do ensino, atraindo para a cidade um grande contingente de moradores, paralelamente ao processo de urbanização da população rural, que era atraída pelos mesmos recursos que atraíam moradores de outras regiões: a possibilidade de estudo para os filhos e o desenvolvimento econômico/infra-estrutura.

Como afirma Luz (1980), em função de sua localização e planejamento Maringá continuou crescendo, equipando-se e destacando-se como centro regional.

Até a criação da Universidade Estadual de Maringá em 1970, o atendimento às necessidades de ensino superior era feito por três estabelecimentos estaduais: Faculdade Estadual de Ciências Econômicas, criada em 1959, Faculdade Estadual de Direito, criada em 1966 e Fundação Faculdade de Ciências e Letras, criada no mesmo ano. Juntas estas três faculdade ofereciam 7 cursos : Ciências Econômicas, Direito, História, Geografia, Ciências do Primeiro grau, Letras Anglo - Portuguesas e Letras Franco - Portuguesas.

Com a criação da Universidade as três faculdades foram agregadas e até o final da década de 70 mais 12 cursos haviam sido criados. A Universidade, como era de se esperar, realmente representou um grande impulso no desenvolvimento da cidade.

O desenvolvimento social e econômico da cidade esteve vinculado à exploração agrícola, principalmente à cafeicultura. Com o declínio da produção cafeeira a partir dos anos 70, ocorreu uma diversificação da produção agrícola, com o cultivo da soja, trigo, algodão, milho, cana de açúcar, entre outros, o que favoreceu e embasou a criação das condições de desenvolvimento dos setores industriais .

O crescimento populacional (104.131 habitantes em 1960 e quase 170.000 no fim da década de 70) trouxe importantes investimentos para o município, tendo em vista suprir as necessidades da população, bem como comercializar a grande produção agrícola da região.

A prefeitura Municipal instalou sua Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social só em 1969, e nessa ocasião o município já contava com uma rede estruturada de prestação de serviços na área da saúde, de caráter particular. No início da década de 70 o município já contava com mais de 800 leitos hospitalares distribuídos em 17 hospitais, tinha ainda 44 farmácias, dois prontos-socorros, um Centro de Saúde do Estado, a Secretária de Saúde, dois Sanatórios, três Serviços próprios da Previdência Social e diversos serviços de apoio tais como clínicas radiológicas, laboratórios de análises clínicas etc.

Essas duas décadas (60 e 70) foram marcadas pelo crescente comércio de caráter regional, o surgimento de vários tipos de indústrias nos diversos ramos de atividades, a crescente instalação de serviços de saúde, especialmente os de caráter privado, e o desenvolvimento do setor de ensino. Todos estes fatores contribuíram para que, já nesse período, Maringá fosse reconhecida como pólo de referência para a região.

Atualmente ela é considerada uma cidade de médio porte que, segundo dados do IBGE (1996), tinha uma população de 267.878 habitantes em 1996 e uma estimativa de 280.000 habitantes para 1998.

A Universidade Estadual de Maringá, atualmente com 28 cursos de graduação (distribuídos pelos campi: Campus sede, Campus Extensão de Cianorte, e Campus Regional de Giorê), um de doutorado, 12 de mestrado e 42 cursos de especialização em andamento nas mais diversas áreas do saber, é responsável pela concentração do maior contingente de mão-de-obra do município, uma vez que possui em torno de 3500 servidores entre docentes e técnicos administrativos, seguida da própria prefeitura com 2500 servidores e de uma cooperativa.

Além das indústrias já instaladas nas décadas anteriores, a partir do início da década de 90 o município tem se destacado no setor do vestuário, com a criação de um pólo atacadista de vestuário, o que tem proporcionado mão-de-obra para um grande contingente da população, em especial para a população feminina.

Na área da saúde, ressalta-se que Maringá é sede da 15ª Regional de Saúde que abrange 28 municípios. A Secretária de Saúde do Município oferece à população uma rede de atendimento que conta atualmente com 24 unidades básicas de saúde (1 Posto de Saúde, 1 NIS I, 19 NIS II e 2 NIS III).

A rede hospitalar conta com um hospital público (Hospital Universitário Regional de Maringá) e oito hospitais privados conveniados pelo SUS, totalizando 1043 leitos hospitalares no município.

Para se ter uma idéia da cidade, na montagem fotográfica abaixo apresento uma foto aérea e um quadro contendo algumas características da cidade publicado em uma reportagem sobre o crescimento demográfico acima da média brasileira de algumas cidades do interior, o que caracteriza uma inversão do fluxo migratório. Neste artigo Junqueira (1998) analisa as variáveis que têm sido apontadas como determinantes desta procura, donde se sobressai a qualidade de vida. Ao final o autor apresenta uma síntese de algumas características de dez cidades brasileiras, entre elas Maringá, que além de oferecer boa qualidade de vida aos moradores, “tem expressiva rede de serviços e negócios que jogam por terra a imagem de que a vida moderna se restringe às capitais”.

Fonte: Revista Veja, Março de 1998.

Maringá – PR






-  **População**
268 000 habitantes
-  **Preço de um apartamento novo***
85 000 reais
-  **Por que a cidade deu certo**
Maringá sobreviveu e cresceu depois das geadas que destruíram a cultura do café nos anos 70. Tornou-se pólo de uma região com pecuária intensa e forte produção de soja.
-  **Pontos fortes — A Universidade Estadual de Maringá já recebeu nota máxima no provão para os cursos de administração e engenharia civil. A média de área verde por habitante é de 25,65 metros quadrados, uma das mais altas do país, quase o dobro da de Curitiba**
-  **Pontos fracos — A economia é cíclica, vinculada à época de safra e ao preço da soja no mercado internacional**



Foto aérea da cidade de Maringá, 1997 – Cedida pela Prefeitura Municipal

3.2 - CRIANDO OS FILHOS EM MARINGÁ NA PRIMEIRA GERAÇÃO (DÉCADAS DE 40 E 50)

3.2.1 – As informantes e suas histórias de vida

Ana

Ana teve sete filhos mas os três primeiros não sobreviveram; um nasceu morto por má assistência na hora do parto, um morreu com quase cinco meses de vida (tinha tumores pelo corpo todo e não se dava com alimentação nenhuma), e a terceira só viveu por uma meia hora. Ela criou quatro filhos e mais uma menina, filha adotiva. Atualmente tem 18 netos e 23 bisnetos. Quando seu primeiro filho nasceu ela tinha 17 anos, todos os filhos nasceram no sítio com parteira e com intervalo de apenas um ano. Não amamentou nenhum dos filhos.

Era proveniente de família abastada, refere ter-se criado na cidade com todo o conforto, mas nunca ter ganho uma boneca. Nunca trabalhou antes de se casar e não ia à roça nem para passear. Depois de casada começou a trabalhar na roça junto com o marido, mas só na época da colheita. Sempre foram proprietários dos sítios. Não tinha ninguém para ajudar nas tarefas com a casa e os filhos, mas mesmo assim ainda costurava para os filhos. A mãe morava longe e por isto, mesmo na época do nascimento dos filhos, nunca permanecia mais do que três dias após o parto.

Só estudou quando era pequena porque na época mulher não podia frequentar escola de homem. Depois que mudaram para a cidade, onde, com os filhos já grandinhos, tomou algumas aulas particulares

Está viúva há mais de cinco anos e tem uma vida bastante tranqüila, mora em um edifício de luxo no centro da cidade, em um apartamento grande, espaçoso e decorado com bom gosto. Está sempre com um carro do ano e vive de aluguel de algumas propriedades.

Irene

Irene tem 69 anos e é oriunda de família pobre. Quando criança ajudava a mãe nas tarefas da casa e com 7 anos começou a trabalhar na roça. Não tem estudo nenhum. É proveniente de família numerosa, sendo a caçula de um total de 12 irmãos; veio para a

região com a família, do Estado de São Paulo, ainda criança. Morou muitos anos na zona rural de uma cidade próxima de Maringá.

Começou a namorar com 12 anos e se casou com 15. Teve duas filhas, das quais a primeira morreu com mais ou menos 5 meses e, segundo seu relato, a segunda foi criada com muita dificuldade financeira. Não amamentou nenhuma das filhas porque não tinha leite e nem peito. É a única mulher desta geração que relatou ter feito laqueadura como método contraceptivo em uma idade ainda precoce, com 18 anos, pois aproveitou quando foi fazer retirada de um quisto no ovário.

Foi depois de nove anos de casados que a família, constituída da pai, mãe e uma única filha, conseguiu comprar um sítio. Irene sempre trabalhou na roça e depois de casada continuou trabalhando na roça junto com o marido, inclusive levava junto consigo a filha pequena que ficava em baixo de um pé de café.

Praticamente criou a neta mais velha (que nasceu com um grande hemangioma na perna e depois de operada precisou de cuidados constantes) e também acabou de criar outra neta. Não falou claro mas parece que existe algum problema com a filha (prostituição?, droga?) o que fez com que os netos fossem criados por ela. Chegou a referir que uma das netas é revoltada e que a culpa pelo que aconteceu com a mãe.

Ajudou (trabalhando) o marido a construir um bom patrimônio e viveram bem até que ele começou a gastar com mulheres. Atualmente é viúva, mas já estava separada do marido havia mais ou menos 15 anos. Na ocasião sofreu muito com a separação, mas hoje tem uma vida tranqüila. Mora em uma casa simples, vive da pensão que recebe e do aluguel de uma casa nos fundos da sua. Vive relativamente bem, pois ainda consegue dar alguma ajuda financeira para os netos. Mora sozinha, goza de muito boa saúde, não tem problema de pressão alta ou menopausa, só reumatismo. Participa de um grupo da terceira idade, é bastante animada, está sempre disposta e adora fazer passeios junto com o grupo.

Isabel

Isabel tem 80 anos, quatro filhos, 18 netos e 22 bisnetos. Era a segunda filha de uma família numerosa (tinha 8 irmãos) e desde criança trabalhava na roça embora seus pais tivessem boas condições financeiras. Criou uma irmã como se fosse sua filha, pois a mãe ficou paralítica. Apanhou muito do pai, até sem ser necessário. Casou-se aos 20 anos, com uma pessoa que a família não aceitava. Passou muitas dificuldades financeiras, pois o marido bebia, não tinha emprego fixo e ela não tinha coragem de pedir ajuda aos pais.

Refere que o casamento foi sua única desobediência aos pais.

Hoje é separada há uns 16 anos e vive sozinha em uma casinha no fundo de uma chácara. Vive da aposentadoria e os netos pagam um plano de assistência a saúde.

Alice

Esta senhora de 83 anos é proveniente de Sergipe, casou-se com 17 anos e teve dois filhos, um dos quais morreu no parto, tendo criado portanto, um único filho, do sexo masculino. Sua trajetória de vida, segundo sua percepção, foi bastante dura, especialmente após ter ficado viúva, o que ocorreu quando o filho tinha uns 14 anos.

Começou a trabalhar na roça quando tinha uns 10 anos, porque o pai era muito pobre. Antes de ficar viúva trabalhava em casa fazendo renda (tinha muita encomenda, inclusive de São Paulo) e o marido era pedreiro.

O marido morreu de acidente automobilístico e ela não recebeu ajuda de ninguém, inclusive perdeu muito material de construção que o marido tinha em estoque, porque ninguém quis comprar nem para ajudar. Menos de um ano após a morte do pai, o filho foi tentar a vida em São Paulo e deixou a mãe por uns dois anos sem notícias. Quando retornou não quis ficar trabalhando na roça e teve que sair fugido do pai de uma moça que queria matá-lo.

Depois de uns dois anos de viuvez um irmão residente em São Paulo pagou sua passagem para vir passar uns dois meses com ele. Ela acabou não voltando por não ter dinheiro e também porque ficou ajudando o irmão, que era solteiro e tinha mais 13 homens sob a sua responsabilidade. Quando este irmão casou, a mulher dele não a quis morando junto, foi então morar de favor com uma prima. Nascida a primeira neta, o filho foi buscá-la para ir morar com ele e é onde vive até hoje.

Lúcia

Lúcia é avó de uma criança da creche, mas já tem dois bisnetos. Sua família é oriunda do Estado de São Paulo. Antes de vir para Maringá, na primeira metade da década de 60, o marido trabalhou muitos anos como administrador de fazenda no interior do Estado. Quando tinha os filhos pequenos ela morava próxima da sogra, a qual mais tarde teve problemas de saúde, ficando inválida na cama e sendo cuidada por ela. Relata ter tido sempre uma vida difícil. Ela não trabalhava direto na roça, mas apenas na época de colheita, porém, nestas ocasiões tinha que levar os filhos junto. Ademais, trabalhava em

casa cuidando da sogra acamada, dos filhos, da casa, das criações como porcos e galinhas, e ainda costurava para o pessoal da fazenda. Uma filha sua contraiu paralisia infantil com menos de um ano de idade (início da década de 50) e isto marcou muito sua vida familiar. Foram inúmeras as tentativas para que a filha tivesse o menor número possível de seqüelas e todos na família tinham preocupação em ajudar esta criança. Os irmãos mais velhos por exemplo, iam buscá-la na saída da escola de bicicleta. Lúcia tem problema de osteomielite na perna desde os nove anos de idade. Foi operada quando solteira, viveu sem problemas com a perna durante vários anos, mas agora, nos últimos cinco anos, voltou a senti-los. O casal mora em uma casa térrea em um bairro de classe média junto com a filha que tem sequelas de poliomielite. O marido ainda trabalha como motorista de táxi e Lúcia anda com a ajuda de um cajado.

Nadir

Nadir tem 66 anos, teve 12 filhos, um dos quais morreu ao nascer. Morou no sítio até que os filhos começaram a precisar de escola além do primário. Não trabalhava na roça mas refere que trabalhava muito para dar conta de cuidar de todos os filhos, da casa e ainda costurar para a família. Estudou até o quinto ano primário. Foi professora na zona rural por solicitação dos moradores porque ensinava os filhos e estes se saíam bem quando iam fazer as provas para entrar em escolas formais.

A escola era oficial, mas ela nem recebia salário, a prefeitura só pagava alguém para assumir os cuidados com a casa em seu lugar.

Há 16 anos participa ativamente de um grupo religioso e considera que isto é sua vida, inclusive é cheia de atividades em função da participação neste grupo. Sente-se cheia de vida, tem pressão alta, mas a mantém controlada e faz caminhadas diárias de uma hora.

3.2.2 – As mulheres

As mulheres dessa geração possuem entre 67 a 83 anos, todas viveram pelo menos parte de suas vidas na zona rural. Uma delas criou seu filho no Ceará, outra em Minas Gerais e uma terceira no interior de São Paulo, embora o último de seus seis filhos tenha nascido em Maringá. Todas, com exceção de uma, trabalhavam na roça quando tinham os

filhos pequenos, se não rotineiramente, pelo menos por ocasião das colheitas. A única que não trabalhava na roça é aquela que, de acordo com o critério da descendência, pertenceria à 2ª geração, mas que está sendo incluída nesta porque começou a criar seus filhos ainda na década de 40, tendo por isto vivenciado todas as particularidades e dificuldades experienciadas por outras mulheres no início da criação da cidade de Maringá. Três delas não tiveram nenhum estudo, uma só estudou durante um longo período (mais de seis meses) em que esteve internado em um grande hospital de São Paulo, outra fez até o curso de admissão, o que lhe possibilitou exercer o cargo de professora na zona rural, e outra referiu ter estudado pouco, devido às diferenças na forma de tratar as filhas mulheres:

“ ... estudei só quando era bem pequenininha, depois quando fui ficando grande não podia mais ir em escola de homem.” (Ana)

Para as pessoas que moravam no sítio estudar era muito difícil:

“ Nós morávamos na roça e lá não tinha escola, às vezes tinha uma ou outra, mas era muito longe pra gente ir, não tinha condições” (Lucia)

Nestes casos, era comum as pessoas, para aprender um pouco criarem diferentes estratégias.

“ A gente aprendia assim... porque sempre vinha aquelas pessoas que sabia um pouco e ensinavam a gente. Ai juntava 7, 8 jovens, a gente dava o querosene para iluminar e ficava estudando até nove, nove e meia. Eles ensinavam, mas não cobravam nada.” (Lucia)

Pelos relatos apresentados concluo que as mulheres dessa geração trabalhavam muito. O trabalho para a maioria delas teve início na infância, seja ajudando nos afazeres domésticos,

“ Depois de 7, 8 anos eu ajudei minha mãe criar todos os filhos. Pegava no colo, trocava pano, fazia tudo... e sabia fazer porque minha mãe tinha outras obrigações...” (Lucia)

ou mesmo na roça.

“ Eu não lembro mais nem a idade de quando comecei a trabalhar, começava a trabalhar de criança, o primeiro serviço que a gente fazia era vigiar passarinho no arroz, porque se deixasse o passarinho comia tudo.” (Izabel)

Embora uma delas, a que viveu a infância no Estado de São Paulo e cujo pai era um grande comerciante, faça referência ao fato de quando solteira nunca ter trabalhado na roça

“ Quando era solteira nem de passeio não ia na roça, nasci na cidade, eu criei na cidade com todo conforto.” (Ana)

o que na sua concepção estava relacionado ao fato de o pai ser bem de vida, uma outra cujo pai também era proprietário de grandes extensões de terra no Estado de Minas Gerais, refere que *“ ... trabalhava igual empregado”*; e em seu relato faz questão de ressaltar que o trabalho não era um peso, tendo-se a impressão de que fazia parte da cultura do lugar que todos trabalhassem:

“... era muito duro, meu Deus do céu, como era, a gente tinha lavoura, plantava de tudo, também tinha fartura mas a gente trabalhava, não ligava não, nos mesmo gostávamos. Eu cantava o dia interinho lá na roça, plantando, naquele tempo não tinha maquinaria, só tinha o arado, mas era aquele mundo de homem cuviando na frente e a gente com uma vasilhinha arrastando e tampando com os pés.” (Izabel)

Os relatos destas mulheres revelam que depois de crescidas aprenderam na “raça” os outros ofícios que uma mulher devia saber:

“ Aprendi sozinha.... Uma vez, quando era solteira mamãe comprou um tecido e mandou eu fazer um vestido para ela sem eu nunca ter visto ninguém fazer. E eu peguei outro vestido e fiz... deu para usar mas não sei de que jeito.” (Ana)

A dificuldade para aprender parece ser maior quando elas comparam as condições de então com as de hoje:

“ A gente não tinha oportunidade como agora... tem curso em tudo quanto é lugar....Naquele tempo era difícil, não era fácil não” (Lúcia)

Depois de casadas a vida normalmente continuava dura, especialmente pelo número de filhos e o trabalho que eles davam:

“ Era um atrás do outro, de ano em ano era um, em quatro anos de casada eu já tinha três filhos.” (Lúcia)

“ Era tudo difícil, água, roupa para lavar, passar..., era só a gente, e duas três crianças para cuidar e era costurar, nunca comprei uma peça de roupa para eles. Tudo era eu que fazia.” (Nadir)

Na figura abaixo verifica-se ambos: o número de filhos e a pequena diferença de idade entre eles.



Figura nº 3 – Foto cedida pela família de Lúcia

Outro fator a se considerar é que, paralelamente ao cuidar da casa e dos filhos, elas também ajudavam os maridos com as atividades na roça,

“ ... e trabalhava na roça até quase de noite, apanhava algodão, rastelava café. Depois vinha para casa e ainda ia tratar de porco, ia fazer comida, dá banho no menino, fazia todo o serviço.”

e pelas próprias condições de vida que ainda eram muito precárias, demandando uma quantidade maior de tempo no desempenho das tarefas domésticas:

“ Eu tinha que lavar a roupa longe, distante da casa... e depois trazer a bacia de roupa na cabeça pra secar em casa.”

“ ... para fazer um bolo tinha que assar por cima da chapa, tinha umas tampa grande assim (fez o círculo com os braços) punha em cima da panela e punha umas brasas em cima para assar a parte de cima, lá embaixo assava no fogão a lenha. Não era fácil não, era tudo com muito sacrifício.”

Além disso, segundo a percepção destas mulheres, a vida era marcada pela simplicidade

“ ... nós também não tínhamos luxo, tinha uma pecinha ou duas melhor para quando você fosse sair ... a gente se contentava com qualquer coisa, os filhos também, nós não íamos atrás de móveis, nós só queríamos um lugar para morar que fosse nosso.”

Neste contexto, o trabalho fazia parte da rotina de vida,

“ Quando eu era nova, tinha disposição para fazer as coisas, por isto eu não achava que aquilo era trabalho, era serviço. A gente fazia tudo com amor.” (Lúcia)

assim como os laços de amizades entre vizinhos.

“ No sítio era diferente do que na cidade, porque aqui cada um fica no seu canto. Quando tem alguém passando mal, você vai fazer uma visitinha e já volta, mas naquele tempo não, os vizinhos eram como parentes mesmo, um ajudava o outro, não tinha problema.” (Lúcia)

os quais, na maioria das vezes, tinham um papel importante, pois estavam presentes no cotidiano e principalmente nas horas mais difíceis.

“ ... Quando eu não tinha mãe tinha os vizinhos, eles eram muito bons antigamente, se ajudavam. A gente ajudava os outros e os outros ajudava a gente, naquele tempo era muito bom. Se você tivesse deitada e eles achavam uma louça para lavar eles lavavam, se tivesse uma roupa suja eles iam lavar, se tivesse que fazer uma comida eles faziam, se tivesse que matar uma galinha eles matavam.” (Lúcia)

No que se refere aos ciclos de vida da mulher, representados pela concepção e anticoncepção, o que hoje normalmente orientam os serviços de assistência à saúde das mulheres, constatei que, apesar de algumas avaliarem que existiam vantagens em se ter um grande número de filhos,

“ Quantos mais filhos eles são, mais fácil para criar, um ajuda o outro, não tem assim... não é em poder aquisitivo que era mais fácil, mas, entre eles... não tem ciúmes, não tem tempo de ter essas coisas, nenhum dos meus filhos teve, eles nem sabiam o que era isso de um irmão ter ciúmes do outro.” (Nadir)

elas não gostariam de ter tido tantos filhos como tiveram;

“ A gente conversou desde que a gente casou, desde o começo, quando a gente teve o primeiro filho já achava que não devia ter muitos...” (Lúcia)

no entanto isto se tornava inviável diante do desconhecimento sobre formas corretas de evitar filhos,

“ Mas só que no começo já era mais rápido, não sei se descuidava, mas não dava certo não,... acho que não sabia muito bem né (riso) não tinha muito jeito (riso), fazia do jeito que dava né e a hora que não dava certo, então acontecia.” (Lúcia)

mesmo porque esta era uma incumbência quase que exclusiva do marido.

“ Mas o velho sempre dava um jeitinho, quando ele via mais ou menos a época que tinha que evitar, ele evitava..., (Lúcia)

Na ocasião, a laqueadura já existia como forma de contracepção e inclusive foi utilizada por uma das mulheres:

“ Eu operei nova... a gente era muito pobre e ele não queria mais filho não, então aproveitou que eu tinha que fazer essa operação do cisto e já operou.” (Irene)

Finalmente, na época, era uma prática comum na época as mulheres terem seus filhos em casa.

“ Tudo em casa, os meus seis, até o { } que nasceu aqui na cidade, nasceu foi na mão de parteira. A gente não ia fazer pré-natal, não ia fazer nada (riso), saia tudo na raça. “ (Lúcia)

Às vezes isto ocorria porque não existiam outras alternativas

“ Eu morava num lugar pequenininho, não tinha médico, não tinha nada, não tinha carro. Para ir buscar um remédio tinha que andar 18 Km... a parteira estava comigo, desde quando começou até quando terminou... porque eu tive uma hemorragia muito grande, tinha que ficar uma bacia embaixo da cama.” (Alice)

mas também é possível constatar tanto na história de Maringá quanto em alguns relatos, que ainda nesta geração, ter os filhos em casa, em algumas situações, era mais uma questão de opção, do que a única condição possível.

“ Quando o caçula dos homens nasceu, eu fiquei oito dias antes passando mal. A parteira veio e achou que ainda não era tempo, mas não passei bem naqueles dias aí resolveram me trazer para o hospital. E a caçula de todos mesmo foi a menina e aí eu vim para o hospital porque eu ia operar para não nascer mais.” (Nadir)

O ter os filhos em casa permaneceu como prática comum, apesar das dificuldades experienciadas

“ A primeira eu fiquei oito dias com dor, de cama mesmo.” (Alice)

“ Eu ficava toda vida, demorava uns 4 dias para ter filho.” (Ana)

e da gravidez nem sempre terminar bem;

“ O primeiro morreu porque nasceu sentado e não tinha médico, era só na mão de pessoas que não entendia nada. A criança ficou 4 horas com a bundinha para fora... depois foi tirando um pé, outro, depois que eles viram que morria mesmo, não sentia mais nada, a mulher deu um puxão com toda força e arrancou, mas tinha saído morto o nenê.” (Ana)

e em sinal de uma conformação algumas mulheres ainda hoje afirmam:

“ Era que nem hoje, não tem aquelas que morre de parto, acontece às vezes uma hemorragia, uma coisa... eu acho que as coisas quando tem que acontecer, acontece, o que tem que ser é.” (Lúcia)

Estas mulheres também, por uma questão cultural, guardavam rigorosamente dieta após o nascimento dos filhos, seja em relação ao não sair da cama,

“ Não, você não saia da cama, era três dia de ficar de cama, isso daí era sagrado, a sogra ou a mãe deixava, mesmo que morava sozinha os vizinhos vinha lá e fazia todo o serviço.” (Irene)

aos primeiros dias de resguardo,

“ ...mas eu, viche! depois que passava oito dias fazia de tudo, fazia comida, cuidava das crianças, lavava a roupinha deles, tudo.” (Ana)

aos tipos de trabalhos que podiam fazer

“ Depois que você levantava da cama o serviço era normal, só não pegava peso, que eles achavam que a gente de dieta não podia lavar roupa pesada enquanto não passasse uns 15/20 dias... Se era para rachar uma lenha o marido fazia e na roça a gente não ia, de dieta não.” (Lucia)

ou aos tipos de alimentos que podiam comer:

“ Naquele tempo era fogo menina, no tempo de dieta a gente tomava muito caldo de galinha, sopa de pão, essas coisas tudo. Achava que não podia comer isso, não podia comer aquilo, a gente não comia carne de porco, repolho, peixe, amendoim ...era uma dieta rigorosa, por isso que as mulheres tinham mais saúde...” (Irene)

Às vezes não era possível guardar a dieta como recomendado, especialmente no que se refere ao ficar sem trabalhar:

“ Guardava a dieta mas na medida do possível: não ia na roça, não ia lavar a roupa no riozinho... trabalhava muito menos” (Irene)

As mulheres desta geração demonstram em seus relatos que ainda hoje vêem muitas destas práticas como necessárias.

“... só que nos quarenta dia eu não lavei cabeça, não comia coisa que hoje vejo as mulher comendo, era dieta filha, era dieta na boca, você entende.” (Irene)

“Hoje a mulher acaba de ganhar nenê já vai para o banheiro tomar banho, já lava a cabeça, os médicos fala que não tem perigo, que não tem nada a ver, mas tem sim, tem por causa do sangue. Quando você ganha nenê, precisa limpar aquele sangue. As mulheres hoje com dois dias já não tem menstruação, faz tudo quanto e extravagancia e depois vive queixando de dor de cabeça.” (Lucia)

Como última questão gostaria de salientar que algumas mulheres dessa geração enfrentaram o estigma sexual, representado pela rejeição do filho, por parte do pai, quando este era do sexo feminino, principalmente nos casos de primeiro filho:

“ Quando estava esperando o primeiro ele falava assim: se nascer menina aqui eu joga dentro da privada. Mas acho que ele se arrependeu

muito, porque depois ele não falava tanto não. Sentia, mas não falava. porque esse primeiro veio homem mas morreu logo. Acho que ele sentiu que foi um castigo.” (Ana)

É interessante notar que, embora não tenha chegado a esse extremo, em outra ocasião esse mesmo pai não aceitou, durante algum tempo, o fato de o terceiro filho ter sido outra mulher, uma vez que só tinha um homem:

“ A { } ele ficou uns 3 mês sem olhar no rostinho dela, daí um dia eu estava muito triste e reclamei: você não olhou nenhuma vez na nossa filha, porque? Aí ele foi lá perto, passou o dedo na boquinha dela e falou, psiu, psiu. Era para ser um hominho, não foi. Com raiva porque queria um homem e veio mulher.” (Ana)

3.2.3 – Os atores do processo de criar

Nessa geração o pai era muito mais distante dos filhos, pois literalmente vivia fora de casa. O período dos filhos pequenos corresponde ao período de desbravamento da região, e duas das famílias que fizeram parte deste estudo contribuíram com o mesmo.

“ Você sabe que ele quase nunca ficou junto, perto. Só vivia viajando, andando, eu criei quase que sozinha.” (Ana)

Mesmo nas famílias que criaram os filhos em outras partes do País, a ausência do pai no cotidiano das crianças era comum.

“ Não vou dizer que nunca ajudou porque nunca é nunca. Às vezes, alguma vez..., mas ele não ligava para família não, para falar o português claro, ele não ligava, ficava até um mês fora de casa e muitas vezes não trazia nada, só roupa suja.” (Isabel)

É interessante notar que a participação do marido no cuidado dos filhos não constituía uma expectativa para estas mulheres. Parece que esta era uma atividade tida como obrigação exclusiva da mulher, pois elas mesmas acabam justificando que o marido estava cansado para ainda ir fazer isto,

“ ... era muito difícil, porque também a luta dele era bastante. Então era mais eu mesmo.” (Nadir)

esquecendo-se de que, com o número de filhos, mesmo ficando em casa, elas também trabalhavam o dia inteiro para dar conta do serviço:

“ ... eu levantava as cinco horas da manhã, quando o dia estava clareando, a roupa já estava toda lavada. Ai durante o dia era aquela luta: costurava, lavava, passava, cozinhava, naquela época ainda matava porco em casa, torrava café... Tudo era eu.” (Nadir)

• A participação do pai

Naquela época, o comportamento dos pais em relação aos filhos também não era uniforme, e apesar de existir a crença de que eles nunca se envolviam com os filhos identifiquei que pelo menos um deles já tinha um comportamento diferenciado, pois aquela bisavó que criou só uma filha refere que seu marido tinha uma boa participação nos cuidados:

“ Ele cuidava muito bem da menina. Nós chegávamos da roça e eu tinha que lavar roupa de noite, então ele cuidava, ficava olhando, dava comida, só que banho nunca deu, trocar não trocava, mas às vezes pegava ela ia lá para a casa da mãe dele.” (Irene)

Mas de forma geral, [na percepção das mulheres os homens daquela época não participavam da criação dos filhos; e isto ocorria tanto no caso das mulheres que não ajudavam na roça

“ Ele tinha o serviço dele, chegava cansado. Com ele nunca contei.”
(Nadir)

como no caso daquelas que ajudavam:]

“ Meu marido sempre foi meio paradão, esse negócio de ajudar criar, mexer, não... nada, nada. Nunca levantou de noite para fazer um chá, nunca nada, nada.” (Lúcia)

O máximo de participação, na fase das crianças pequenas, era levar um dos filhos junto quando ia sair,

“ Ele gostava de brincar quando ficava mais grandinho, quando pegava de um aninho em diante, que começava a falar, a andar, aí ele gostava.”

Pegava no colo, levava na casa do meu sogro que morava perto, sempre que ia lá levava um dos meninos mais grandinho, dormia no colo dele e tudo, depois trazia em casa e botava na cama.” (Lúcia)

e em uma das famílias o pai ajudava os filhos na realização das tarefas escolares, uma vez que a mãe não tinha nenhum estudo,

“ Ele ajudava, conforme os meninos precisava de ajuda para resolver uma conta, uma leitura, qualquer problema... Ele não era de muita leitura também não, mas o que ele sabia ele ensinava.” (Lúcia)

e também fabricava alguns brinquedos para os filhos:

“ Meu velho fazia carrinho para os meninos.” (Lúcia)

• A participação dos filhos mais velhos

Os filhos mais velhos eram, na maioria das vezes, a única ajuda com que a mãe podia contar no desenvolvimento do cuidado dos filhos pequenos.

“ Mais para frente os mais velhos ajudavam a cuidar dos mais novos, mas no começo não dava porque todos eram pequenos.” (Nadir)

Este tipo de ajuda tinha início tão logo as crianças começassem a entender ordens simples, de modo a permitir à mãe a realização de outras atividades na casa:

“ Você tinha que por os mais velhos para cuidar dos mais pequenos, não tinha babá, não tinha nada... se chorasse você mandava balançar o berço, por chupeta na boca, era aquele corre, corre.” (Lúcia)

na roça

“ Quando eu comecei a ir na roça com os três, o mais grandinho ficava tomando conta dos mais pequenininhos, porque a gente ia longe, não ficava num lugar só.” (Lúcia)

e mesmo quando a mãe ia fazer alguma atividade longe de casa:

“ Quando eu ia lavar roupa ele ficava com ela em casa.... Ele não agüentava carregar porque era pequeno, tinha uns quatro anos e ela era muito gorda, então eu punha um colchãozinho no chão e ele fazia ela

dormir no chão...” (Ana)

3.2.4 – Os valores e as crenças que permeavam a criação

Um dos valores que apareceu de forma mais forte nesta geração foi a necessidade de ensinar a criança precocemente. Acreditava-se que só quando a criança fosse ensinada desde pequena é que ia ter condições de aprender o que os pais queriam:

“Eu ensinava desde pequenininho, porque se você deixar para ensinar depois que tá um pouquinho grande, aí não adianta mais.” (Lúcia)

O ensinar precocemente pode ser entendido em relação ao comportamento que a criança deve ter:

“... não pode, não pode, ele chorava aquele pouquinho, depois logo já... então crescia neste ritmo sabe, vão entendendo desde pequenininho: o que pode, pode e o que não pode, não pode.” (Lúcia)

ou em relação ao trabalho:

“Quando eles são bem pequenininhos tem que ensinar como se estivesse brincando de boneca, ficar incentivando... vem lavar isso aqui para mamãe que tá apurada...” (Ana)

Algumas mães dessa geração inclusive criaram estratégias específicas para incentivar os filhos a começarem a trabalhar:

“... quando nós mudamos para a cidade pedi para colocar uma pia bem pequenininha, e daí pedia para elas lavar a louça. As primeiras tinha que lavar de novo sem elas ver, só para aprenderem, para pegarem aquele jeito. Depois elas tem aquilo como uma obrigação e não se importam de fazer, fazem com gosto e tudo.” (Ana)

Elas avaliam que quando isto não é incentivado desde a criança pequena, é muito difícil para a mãe conseguir a colaboração, seja porque a própria mãe tem dificuldade de mandar,

“Agora se deixar, você nunca acha que teu filho já está grande, você

acha sempre que é nenê, não manda fazer nada, faz tudo, pega tudo para eles.” (Ana)

ou porque os próprios filhos não vão querer obedecer:

“ ... senão elas nunca vão (...), o dia que você quiser mandar elas já estão muito grande e já não obedecem mais.” (Ana)

Outro valor referido é o fato de os filhos serem criados junto da mãe.

“ Um carinho de uma mãe, uma palavra de uma mãe eu acho que vale muito mais para um filho. Porque você sabe, uma mãe para um filho é tudo, principalmente quando eles são pequenos, eu penso assim. As vezes você fica brava, dá uns berrinhos, mas depois logo você está dando o carinho, é diferente.” (Lúcia)

Ressalta-se que, embora uma das mães avalie que não criou bem os seus filhos por ter que se ausentar,

“ A gente judiava muito deles, largava eles muito só, porque precisava trabalhar e trabalhava nas casas dos outros, como é que eu ia levar criança junto, não dava.” (Isabel)

as outras fazem referência a este valor em função da realidade de hoje, na qual a mulher precisa sair de casa para trabalhar:

“ Para ser franca com você, acho a coisa mais triste do mundo ter que deixar os filhos com os outros, porque nunca é como a mãe... ela sente muita falta da mãe, só da gente à noite, no escuro, passar a mão na cabecinha deles eles já sentiam que eu estava perto e paravam de chorar, dormiam de novo.” (Ana)

O valor desta presença também é identificado quando elas fazem referência ao papel da mãe na educação dos filhos:

“ Muitas coisas a mãe tem que puxar bastante pelo filho, a mãe tem de acompanhar os passos do filho, qualquer lugar.” (Isabel)

O estudo por sua vez já era um valor, digamos, incorporado pelos pais desta geração.

“ É por causa do estudo que nós viemos para cá. A escolinha lá era muito fraca e era ruim, era longe para elas andarem.” (Ana)

Embora eles ainda enfrentassem o desafio de conscientizar sobre esta importância, o que era quase sempre feito em termos práticos, seja batendo nos filhos

“ Ele batia sim, porque por ele todos os filhos tinha estudado, se formado mas o { } não queria nem saber, mandamos ele para um colégio em Curitiba, mas não teve jeito...” (Ana)

ou fazendo com que eles próprios percebessem esse valor:

“Depois que nós viemos para Maringá, meu marido ficava constantemente na fazenda, e nas férias levava todos os meninos com ele para trabalhar. Então a gente colocou na cabeça deles se era melhor trabalhar ou se era melhor estudar.” (Nadir)

A dificuldade e os sacrifícios que os pais faziam para estudar um filho fica implícito nestas falas:

“ Porque se fosse para estudar tinha que estudar mesmo, porque os pais não tinham condições de ter um filho ali não estudando.” (Nadir)

“Eu me virava, nesse ponto era sagrado, trabalhava, todo dia da semana, para ver se meus filhos podiam estudar, aprender alguma coisa.” (Isabel)

As estratégias utilizadas pelos pais para conscientizar os filhos sobre a necessidade de estudar, às vezes davam certo e às vezes não. Considerei que elas deram certo quando a família conseguiu fazer todos os filhos estudarem:

“ Criei onze filhos, todos com curso superior, não tive dificuldades e olha que seis deles estudaram fora, porque o que eles queriam não tinha aqui..” (Nadir)

Outro valor difundido era a necessidade de colocação de limites na criação dos filhos.

“ Eles não teimavam com a gente, o que podia, podia mas o que não podia, não podia e pronto, acabou.” (Lúcia)

O comportamento que os filhos deveriam apresentar constituía outro valor para essa geração; aos pais importava que os filhos fossem obedientes,

“... só que eles não tem aquele comportamento como tinha os filhos antigamente, que obedecia os pais, tinha respeito com os pais.” (Lúcia)

educados

“ Você chega numa casa, as criança nem olha para o seu lado, parece que você nem chegou. Acho que a civilização em todo sentido é bom mas as criança de hoje, estão muito mal educadas... não são todos não...” (Isabel)

e que não roubassem:

“ A coisa que eu mais tinha medo, era de ter um filho que, roubasse, mas Deus Graças a Deus, Deus me ouviu.” (Isabel)

A religião também ocupava um lugar de destaque entre os valores adotados na criação dos filhos desta geração:

“ Ensinar, que seja na religião católica ou evangélica, mas tem que puxar muito sobre a religião também, porque nós sem Deus não somos nada. A primeira coisa que você tem que pensar na sua família é com Deus e Nossa Senhora.” (Isabel)

A importância da religião é facilmente identificável nos álbuns de fotografias pois em praticamente todas as famílias desta e até da Segunda Geração são encontradas fotos de Primeira Comunhão e Batismo de crianças.

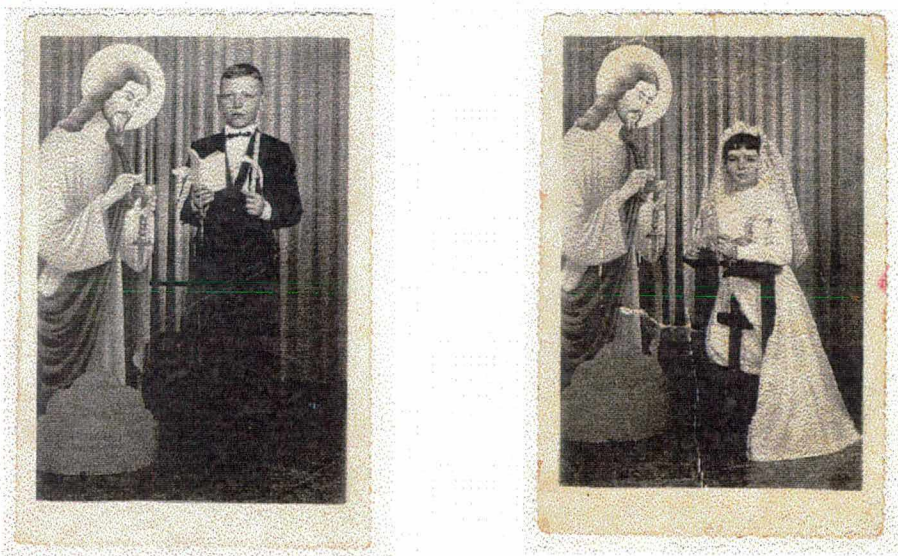


Figura nº 4 – Celebração de Primeira Comunhão – Fotos cedidas pela família de Lúcia

Finalmente, um último valor identificado está relacionado à forma de conduzir a criação e diz respeito à necessidade que existe de os pais se apoiarem um ao outro, nas atitudes tomadas com relação à disciplina dos filhos, como pode ser identificado nesta fala:

“Na hora que o pai corrigir, a mãe tem que apoiar e na hora que a mãe corrigir o pai tem que apoiar” (Nadir)

Esta importância guarda relação com os benefícios que a mesma poderá trazer para a criança:

“Às vezes, quando não tem esse apoio entre eles, o pai vai fazer uma coisa que o filho quer e a mãe não quis dar por estar fora de hora por exemplo, nestes casos, o pai, na cabeça dele, no pensamento dele, não está fazendo por mal, acha que está agradando. Mas no pensamento da mulher, ela acha que se ele agisse como ela seria melhor para o menino, para a família, não que seja melhor para a mãe.” (Nadir)

Neste exemplo fica a dúvida sobre se este era um comportamento adotado por este casal na época dos filhos pequenos ou se ele corresponde ao pensamento deles hoje, quando com a sua vivência e experiência avaliam a conduta dos filhos e têm sua própria opinião de como eles deveriam conduzir os problemas relacionados à educação dos próprios filhos, ou seja, seus netos.

“Olha que eu canso de falar para as minhas filhas, para os meus filhos também. Gente, se vocês tem que falar qualquer coisa para suas esposas, não fale perto dos filhos. Se vocês tiverem alguma divergência, sabendo que um está fazendo coisa que não agrada e outro, vocês conversam entre si e não deixem eles perceberem isto.” (Nadir)

3.2.5 - A concepção sobre o ser criança

Na concepção dos pais desta geração, quando sadia, mesmo pequena, a criança não dava trabalho nenhum.

“... mas ela era muito boazinha, não dava trabalho nenhum.” (Ana)

No que se refere aos atributos, percebem que as crianças daquela época eram sadias,

“ É que naquela época era difícil ficar doente, pediatra naquela época ia tudo morrer de fome, porque na fazenda as crianças eram diferentes. Era tudo no começo, mata virgem, não tinha esse negócio de agrotóxico, não tinha... aquela água cristalizada... então as crianças não ficavam doentes.” (Nadir)

espertas,

“ As crianças são muito espertas, são mais sabidas do que a gente. Eles fazem tudo para pegar a fraqueza da mãe.” (Lúcia)

inteligentes,

“ Ah estudaram do jeito que eu pude, não pude colocar numa escola. O mais velho, Deus é que criou ele muito inteligente, mas não tem estudo não.” (Isabel)

e com capacidade para assumirem determinadas tarefas, como por exemplo o cuidar de irmãos menores

“ Depois que eles iam crescendo um pouco mais já facilitava para a mãe porque daí já ajudava a olhar os mais pequenos.” (Nadir)

e de ajudar nos afazeres domésticos.

“ Quando eu tinha as meninas grandes eu já não me preocupava com o serviço porque daí elas me ajudavam bastante, e elas gostavam, queriam aprender a fazer as coisas, a cozinhar.” (Ana)

Além disso, mesmo quando pequenas não eram muito dependentes, tentavam se virar,

“ Quando não tinha manga ela ia lá no pé de goiaba, cedo, com dois aninhos já ia. Ela pegava umas varinha e ficava tentando pegar. (riso)”
(Lúcia)

embora não fossem capazes de entender “muito” as coisas

“ Criança... não é como nós, eles não entendem o fundamento das coisas, eles vêm só o resultado, não sabe o significado, o que que pode acontecer com aquilo...” (Lúcia)

e por isto precisavam da orientação dos pais:

“ Eu acho que enquanto eles são pequenos, eles não entendem as coisas, você que tem que entender por eles.” (Lúcia)

Em termos de comportamento eram obedientes,

“ De primeiro não, de primeiro as crianças eram obedientes com qualquer um. Eles eram muito obedientes.” (Lúcia)

educadas

“ E outra coisa, no meu tempo era só senhor e senhora. Não era você? Uma pessoa mais velha, um tio, uma tia, tudo era senhora: A senhora não faz isso? A senhora faz o favor de me fazer aquilo? Tudo era com respeito...” (Nadir)

e responsáveis pelas atividades que lhes eram atribuídas

“ Eles chegavam em casa, já iam procurar fazer seus deveres, a gente não precisava ficar chamando tanto a atenção.” (Nadir)

Observa-se que quase sempre que se fala do comportamento que as crianças de antigamente tinham, as mulheres dessa geração fazem referência ao comportamento das crianças de hoje, para enfatizar o modo como as crianças se comportavam antigamente, como veremos mais adiante, elas fazem referência ao que pode ser comparado, que é a forma como as crianças de hoje se comportam.

Ressalto que ao analisar esta questão, se faz necessário considerar que existe o problema da releitura feita atualmente. Mesmo porque, a mesma mulher que em outros momentos referiu não ter tido problema nenhum para criar seus filhos, uma vez que todos eram muitos obedientes, em dado momento, ao se reportar a um dos filhos, faz o seguinte comentário:

“ Ah! mas ele era danado, era desobediente. Ele só fazia arte: ia mexer com vaca brava no pasto, subia em árvore. Olha, ele era muito arteiro mesmo.” (Nadir)

Além disso, à medida que as lembranças foram sendo retomadas, os outros filhos também apareceram não “tão bonzinhos” como até então estavam sendo descritos, levando-me a inferir que, ontem ou hoje, as crianças são sempre crianças, às vezes mais e

às vezes menos levadas, mas todas elas dão um pouco de trabalho para os pais sim, como se identifica neste relato:

“ Às vezes eu ficava nervosa, brava, porque não gostava que xingasse, que brigasse. Brincar eles podiam brincar a vontade. Às vezes ficava nervosa, não vai dizer que... filho pequeno. Às vezes faziam arte .”
(Nadir)

No que se refere à disciplina, percebiam a criança como um ser a quem era preciso colocar limites,

“ ... do jeito que eu criei os meu, tem que me obedecer, não pode fazer isto, não pode.” (Lúcia)

ensinar o respeito aos mais velhos, o que era bastante cobrado dos filhos:

“ ... ensinar que seja obediente, e religião, educação com os outros.”
(Isabel)

inclusive isto era muito enfatizado em relação aos professores: ,

“ Eu ensinava os meus filhos a terem respeito com as professoras. Eu falava assim: - Aqui é a mãe, mas lá na escola o professor é como se fosse seu pai.” (Nadir)

Cabia aos pais portanto, ensinar a criança a se comportar,

“ Eu acho o seguinte, se a gente explica para eles, tudo é bonito e eles crescem naquele ritmo, de amor, de compreensão, de educação, eu acho que isso é muito bom.” (Isabel)

acompanhar os passos dos filhos

“ Porque se você cria um filho, troca ele, e manda para a escola e quando chega não vai perguntar o que é que ele fez, o que não fez, a professora como é que foi. Ou se você manda ir em algum lugar também, depois tem que perguntar, sempre procurar saber, como foi.”
(Isabel)

e corrigir:

“ ...aquele mais grande você já começa deixar um pouco, solta mais, mas sempre ali corrigindo o que é certo, o que é errado, o que não é.”
(Lúcia)

Este disciplinar os filhos era tido como uma obrigação dos pais como se identifica neste depoimento:

“ A civilização em todo sentido é boa acho que estudo é civilização, estudo é moral, porque a mãe que não puxa pelos seus filhos, não quer ele bem.” (Isabel)

3.2.6 - A forma de criar os filhos

Os filhos nessa geração não eram criados com muitas atenções, como se avalia que acontece hoje:

“ Quando um estava com um aninho e pouco já vinha o outro e você tinha que dar mais atenção no pequeno do que naquele mais grande, começa a deixar um pouco, solta mais...” (Lúcia)

Além disso, as crianças desde cedo eram incorporadas às atividades laborais,

“ As minha filhas trabalhavam desde pequenas, uma lavava a louça, a outra limpava a casa.” (Ana)

afinal, o trabalho era entendido como imprescindível na criação dos filhos:

“ Mas olha lá hein, eu acho que os pais tem que puxar muito pelos filho, para trabalhar, ensinar trabalhar, que criar filho sem trabalhar não vai não.” (Isabel)

A participação dos filhos no desenvolvimento das atividades com a casa era uma necessidade, pois a quantidade de trabalho para a mulher, mesmo aquelas que não trabalhavam na roça, era muito grande em virtude do grande número de filhos:

“ ... e as outras duas lavavam a louça, porque eu não dava conta: tinha que lavar toda aquela roupa, passar, costurar. Então quando eles começaram a ajudar, já foi melhorando a vida.” (Nadir)

Ressalta-se que de maneira geral, nessa etapa de vida das crianças, as mães não faziam muita diferença em relação ao sexo dos filhos na hora de distribuir as tarefas:

“ Não tinha diferença não, todo mundo ajudava, os privilegiados foram os caculas... os mais velhos já tinham tarefas, a limpeza da casa

era por conta deles.... varriam toda a casa, passavam bombril com escovão, depois passavam escovão, aquilo ficava brilhando. Ai o mais velho sentava na porta e não deixava nenhum dos irmãos entrar.”
(Nadir)

Na foto abaixo constata-se que no período da colheita todos os filhos, independente da idade, eram envolvidos no trabalho, mesmo que fosse para levar a comida aos que estavam na roça.



Figura nº 5 - Maringá – Zona rural, 1948 – Colheita de Café
Foto cedida pela família de Lúcia

Esta ajuda não se restringia aos cuidados de limpeza da casa, como se identifica nesta fala:

“ O mais velho, fazia todo o serviço para mim, matava frango, torrava café.” (Ana)

É interessante notar que nessa geração, o trabalho tinha mais uma conotação de ajuda, ou seja, os filhos se dividiam entre as atividades de trabalho e as atividades de estudo, inclusive, em determinada etapa da vida escolar, as atividades relacionadas ao

estudo passavam a ser mais valorizadas do que as relacionadas com o ajudar a mãe nos afazeres domésticos, como se verifica neste depoimento:

“ Ai depois, quando eles começaram a passar para o ginásio, estudava o dia inteiro, tinha que voltar de tarde, então já arrumei uma empregada porque o serviço era bastante mesmo.” (Nadir)

Nessa geração, as crianças levavam concomitantemente três diferentes tipos de atividades, pois além de trabalhar, elas estudavam e também brincavam:

“ Eles iam brincar lá atrás da casa, de tardinha tinha uma sombra gostosa e lá era terra de areia branquinha... aqueles que ia para a escola, voltava e ia tudo brincar, estudava e depois ia brincar...” (Lúcia)

Os brinquedos industrializados praticamente não existiam,

“ Eu acho que elas tiveram cada uma delas teve uma boneca, só que eu não me lembro mais do que era a boneca.” (Ana)

na maioria das vezes eles eram construídos durante a própria brincadeira,

“ ... aí eles pegavam mamãozinho, chuchu, e com isto eles faziam vaquinhas, bezerrinhos, faziam tudo.” (Lúcia)

pelas próprias crianças,

“ Os meninos faziam caminhãozinho de madeira, aqueles de rolemã, e elas faziam bonecas de sabugo, aquelas bonecas de trapo, colocava bracinho, fazia roupa... eu ajudava também, aquilo era as mil maravilha.” (Ana)

ou por seus pais.

“ Meu velho fazia carrinho para os meninos, ele comprava aquelas latas de marmelada quando ia na cidade, pegava carretel de linha, que naquele tempo eu costurava muito, e fazia... punha um barbante bem comprido, daí eles iam brincar com aqueles carrinhos, era tudo o que era o brinquedo deles.” (Lúcia)

Finalmente, outra característica na criação dos filhos nesta época era ao fato de as mães precisarem levar os filhos junto quando iam trabalhar na roça,

“...levava a mamadeira dele e chegava lá eu amarrava uma rede em baixo de um pé de mamão e punha ele.” (Ana)

e quando ia lavar roupa longe.

“Levava comigo, forrava um pano perto da tina de água e ali ele ficava.” (Ana)

Quando os filhos cresciam um pouco mais e a mãe precisava sair para trabalhar eles eram deixados com vizinhos,

“Deixava uma hora com uma pessoa, outra hora com outra, um ia comigo, levava junto, o que que a gente ia fazer,?” (Isabel)

ou então sozinhos em casa:

“Os meus filhos foram criado assim: deixava o arroz pra eles socá no pilão, para comer, e eles faziam a comida deles, faziam a janta.” (Isabel)

3.2.7 - O cuidado na saúde e na doença

Nessa época os cuidados com os filhos eram simples e envolviam aspectos relacionados à alimentação e higiene pessoal:

“... ela levantava cedo, eu lavava o rostinho dela, penteava os cabelo, ela tinha o cabelo muito encrespado, e ela mamava, mamou até dois aninhos.” (Lúcia)

“Quatro e meia, cinco horas eu dava banho em todos eles, e quando pai chegava em casa para jantar, seis, sete horas, já estavam limpinhos, depois jantava e quando era sete e meia, oito horas eles iam para a cama.” (Lúcia)

Todos dormiam cedo, pois não existia televisão, os pais precisavam acordar muito cedo para dar conta de todo o trabalho e as crianças, por sua vez, desenvolviam muitas atividades que demandavam gasto de energia (trabalho na roça e brincadeiras ao ar livre).

“Fa dormir tudo cedo sim filha...” (Lúcia)

Quando a mãe também trabalhava na roça, principalmente no tempo dos primeiros filhos, era comum levar a criança junto por não ter com quem deixá-la. Isto por um lado demonstra a preocupação que a mãe tinha com o filho pequeno, que na sua concepção não podia ser deixado sozinho,

“ Deixava dentro de um caixote embaixo dos pés de café, na sombra... então que conforto a criança tinha dentro de um caixote na roça?”
(Irene)

mas por outro lado demonstra as condições em que as crianças eram cuidadas:

“ Eu não podia dar um banho na minha filha durante o dia, se fazia coco tinha que ficar meio suja, porque a água que levava era para beber, não dava para lavar a mão antes de ir mexer com a criança, nada disso...” (Irene)

As doenças que afetavam as crianças

Segundo a representação das mães dessa época as crianças eram muito mais sadias do que hoje, pois não ficavam muito doentes sendo os desarranjos intestinais e as gripes os problemas de saúde referidos com maior frequência.

“ Ah, era esse negócio de dor de barriga, saia furúnculo, essas coisas assim, uma gripinha, uma disenteria, sempre eles dava mas doença mesmo graças a Deus não.”

Nos casos de gripes elas já tinham uma noção das causas e das complicações que podiam advir da mesma.

“ Eles gripavam sim, porque criança nunca para em casa mesmo nos dias frios. A gripe era quase que nem de hoje, tinha também muita pneumonia, doença que segue também tinha naquela época, as vezes atacava, as vezes não.” (Lúcia)

Neste pequeno universo de apenas seis famílias constatei a presença de vários tipos de doenças, tais como a desidratação,

“ A doença mais grave quando eles eram pequenos/ foi o mais velho... quando ele estava com oito meses deu aquela doença que vomita e obra?... ” (Isabel)

a bronquite,

“ O { } teve bronquite... ele ficou tão ruim, eu pensei que ele fosse morrer...” (Ana)

a varicela,

“ Como lá na fazenda estava dando sarampo, varicela, então eu achava que era febre da varicela ou do sarampo.” (Irene)

e algumas das doenças hoje preveníveis por imunização, como a paralisia infantil

“ É a doença mais grave, que deixou a gente lá embaixo mesmo foi a paralisia da menina. Ela tinha nove meses... era uma menina bonita, forte, uma coisa tão de repente...” (Lúcia)

e o sarampo,

“ Sarampo ela teve, mas não teve problema não porque, os outros sobrinhos já tinha passado e a gente já sabia do remédio e... varicela, catapora ela não teve.” (Irene)

e ainda alguns casos de doenças transmitidas pelos pais, como é o caso das doenças venéreas:

“ Ah, era só nascer e já começava, doente, doente, começava chorar, sair aqueles tumores, doença venérea, todos eles foi a mesma coisa, só as duas mais novas que não tiveram esses problemas.” (Ana)

Observa-se que segundo a percepção dessa mãe, ela perdeu dois filhos pequenos em consequência de doenças venéreas;

“ ... ele nasceu, ficou 4 meses e 27 dias vivo e morreu. Era todo cheio de tumores... no corpo inteiro, cabeça, tudo. Doença venérea,. E não se dava com alimento nenhum, tudo que dava pra ele fazia mal. Depois eu tive mais uma, nasceu ficou meia-hora viva e morreu também.” (Ana)

além disso, os dois filhos mais velhos, que também tiveram este tipo de doença, sofreram muito; pois tinham vários tumores

“ É, tudo a mesma coisa. No menino comeu um quartinho da bundinha, só tinha ossinho e a pele, depois de grande que criou carne e a menina ficou quase aleijada porque... o tumor era quase do tamanho da cabeça dela.” (Ana)

Às vezes a doença não era nem diagnosticada corretamente, apesar de sua duração (mais de 5 meses), devido à dificuldade de acesso aos serviços de saúde e às condições de assistência a que as pessoas eram submetidas:

“ Não sei explicar para você porque, ela já nasceu doentinha, não se dava com alimento, estava com cinco meses e pouquinho quando morreu. Vomitava, vivia com desintéria, tremendo e levava em Mandaguari não tinha febre, não tinha nada e o médico vivia sempre bêbado... foi muito difícil naquela época. Dinheiro para levar para Apucarana, Cambé, a gente não tinha ...” (Irene)

O papel dos pais nessa época em relação à saúde dos filhos, com exceção dos casos de doenças venéreas, em que seria necessário um tratamento rigoroso para evitar a transmissão para os filhos, restringia-se basicamente à adoção de algumas medidas de proteção, como no caso da bronquite:

“ Comprei flanela e fiz um monte de camisetinha, tirava uma, punha a outra, e nunca deixava o peitinho dele descoberto, sempre tampadinho com aquela camisetinha, os pézinhos sempre calçados.” (Ana)

e ao tratamento dos sintomas, pois ainda não existiam as vacinas:

“ Não tinha esse negocio de ter que levar para vacinar, a minha nunca levou vacina, não tinha naquela época, levou depois de grande, não sei se foi por causa da meningite, ou varíola. Mas só uma também.” (Irene)

No caso de doenças as condutas eram bastante variadas. As benzedeiras, por exemplo, eram bastante procuradas,

“ Aquelas mulher assim de idade que sabia benzer, ah eu levei em tudo.” (Irene)

inclusive quando o tratamento com o médico não surtia o resultado esperado;

“ Fazia oito dias que ela não obrava, levava no médico não resolvia nada... só mandou dar daquele magnésio e não resolvia nada. Ai eu levei numa mulher que diziam que benzia e ela falou: só que você vai ter que fazer um remédio, eu vou te ensinar..” (Lúcia)

pois naquela época, tanto quanto hoje, era valorizado o resultado da medida adotada.

“ Pois se pode crer que quando passou quinze minutos a menina obrou preto, preto, um cheiro que você não agüentava e no primeiro banho... tem gente que fala: ah benzedeira... não..., mas tem benzedor que entende e sabe fazer as coisas.” (Lúcia)

Constata-se pelos relatos que cuidar dos filhos na doença, tanto quanto na saúde, era função da mulher. Eram as mulheres que procuravam os recursos disponíveis, e só uma fez referência ao fato de o marido ir junto. Esta atitude do marido, considerando a totalidade desta entrevista, dá-me a impressão de que ele assim procedia por descargo de consciência, uma vez que este já era o terceiro filho com problema decorrente de doença venérea, e ainda mais, que os dois primeiros haviam morrido.

“ Levava para o curandeiro, ia nós dois, mas eu ia obrigada, porque não acreditava. Tudo que era curandeiro ele levava o menino.” (Ana)

Outros recursos bastante utilizados eram chás,

“ Ah, eu dava chá, muito chá da raiz, da folha... aquele tempo a medicina era muito atrasada, nós morávamos num lugar que era muito difícil médico, não tinha nem farmácia.” (Alice)

ou medicamentos indicados por farmacêuticos,

“ Mas naquele tempo não é como agora que qualquer coisa corre no médico, a gente ia na farmácia, tinha um farmacêutico muito bom lá na cidade...”

ou usados por conta própria:

“ Naquele tempo a gente só dava depurativo e xarope para as crianças. Tudo de cabeça, porque, não ia no médico.” (Ana)

Os relatos das mulheres dessa geração sobre condutas tomadas diante de alguns problemas relacionados à saúde são ricos em detalhes. Isto demonstra a importância das mesmas na criação das crianças, pois à época, os recursos de saúde eram escassos e quase sempre não existiam muitas alternativas.

“ O menino tinha bronquite, eu estava sozinha lá em casa, distante das vizinhas, cada um no seu sítio, tudo longinho, e ele ficou tão ruim, pensei que ele fosse morrer, corri lá na casa da espanhola vizinha de sítio.” (Ana)

São relatos sobre como tratar febres,

“Eu fazia chá de cidreira e cortava a cibalena em quatro pedacinhos, naquele tempo não tinha essas coisas infantil, era tudo diferente de hoje, então eu cortava, desmanchava bem com bastante doce e dava para ela tomar. Ai aquela febre acalmava .” (Lúcia)

casos de sarampo,

“ Pegou, o sabugueiro, deu certo que tinha as flores, é da flor que faz o chá, dá um banho bem quente, e dá o chá. Se você não quer dar o chá dentro de casa, você sai no tempo, senta lá fora onde pega vento e vai dando o chá, se é pequeno, vai dando com a colher. Não é bom dar a noite no quarto abafado porque até não secar não pode sair do quarto, o sarampo é perigoso.” (Irene)

de bronquite

“ ... Cheguei lá, ela pegou um daqueles papel grosso de macarrão furou ele bem furadinho com garfo e depois pegou, acho que sebo de carneiro, não sei o que ela pôs, passou lá no peitinho e nas costas e depois colocou o papel e fez chá de poejo com 'elevante' e pôs um pouquinho de banha de galinha e deu para ele tomar. E falou: agora você não deixa ele tomar friagem, deixa o peitinho sempre agasalhado. Ai melhorou, sarou só com aquilo. Ele tinha uns 8 anos, mais ou menos.” (Ana)

e até de picada de insetos como marimbondos:

“Sempre tinha uns remedinhos que a gente comprava, dava mais é melhoral. Cheguei em casa dei um banho nela com álcool, vinagre, água morninha, e um pouquinho de sal que era o costume da gente fazer, porque dai o álcool penetra e tira um pouco da dor, dei o melhoral... e no que ela dormiu já passou o veneno do marimbondo... já acordou boazinha, não sentiu mais nada.” (Irene)

3.2.8 – As preocupações que permeavam a criação

Segundo os pais dessa geração, eles não tinham muitas preocupações com os filhos;

“ Eles estudaram fora e olha, foi a maior tranquilidade, mas também, nunca sonhava que tinha essas coisas, drogas... Ficava tranqüila, sabia

que eles eram estudiosos, econômicos...” (Nadir)

“ A única que deu preocupação foi a mais velha porque meu velho não queria aquele casamento.” (Lúcia)

no entanto me foi possível identificar algumas. Por exemplo, como as mães eram obrigadas a levar os filhos consigo para a roça, elas tinham medo de os filhos serem picado por algum bichinho,

“ ... na roça você sabe, vai longe, então ele ficava tomando conta, às vezes um bichinho, qualquer coisa que acontecesse ali, sei lá.” (Lúcia)

de a criança chorar e a mãe não ouvir,

“ Quando eu comecei a ir na roça com os três, o mais grandinho ficava tomando conta dos mais pequenininhos... quando eles começavam a chorar ele me chamava: Oh mãe, vem aqui mãe, o nenê está chorando.” (Lúcia)

de ser roubada,

“ Uma vez eu deixei a { } dentro de um caixote na beira do carreador, debaixo de um pé de café, então passou uma mulher que era minha vizinha e disse: Olha a senhora está arriscando muito deixar esta menina aqui, já pensou se passa alguém e pega essa menina. Ah! mas quem que vai querer, todo mundo tem tanto filho, se ninguém tivesse filho... Sabe que ela me deixou meio cismada, não deixei mais, deixava mais para dentro e com o { } tomando conta.” (Lúcia)

ou se perder,

“ ... o caixote era direto na roça, ela estava com dois aninhos e eu ainda tocava ela dentro do caixote, porque ficava com medo dela se perder para o meio do café e eu perder tempo atrás dela.” (Irene)

Quando os filhos ficavam em casa elas se preocupavam com a possibilidade de ocorrer algum acidente:

“ Eu era muito severa, porque precisava trabalhar e se a gente não fizesse os medos... criança quando fica sozinha faz arte, eu tinha muito medo de acidente, de queimar, de fogo, de qualquer essas coisas.” (Isabel)

Elas também preocupavam-se com o futuro dos filhos, com ter comida para alimentá-los,

“ Ele saía para trabalhar longe, às vezes ficava mais de mês fora. Eu que precisava trabalhar, lavar roupa para poder comprar comida...”
(Isabel)

e com as doenças dos filhos pequenos.

“ A gente preocupava assim, às vezes uma febre que não passava, dava os remédios e não passava, isso preocupava muito a gente, aquela febre sem você saber o que que estava vindo...” (Irene)

3.2.9 - O relacionamento entre pais e filhos

Os relatos feitos pelas informantes deixam perceber que no relacionamento entre pais e filhos existia uma relação de obediência

“ Eles obedeciam muito a gente, tanto o pai quanto a mãe...” (Nadir)

e que o pai mantinha uma certa distância física dos filhos, uma vez que não se envolvia nos cuidados e nem demonstrava afeto,

o relacionamento era marcado pelo distanciamento

“... mas assim de ficar brincando, não era chegado nisso não. Ele gostava, gosta e gostava muito dos filhos., mas não era muito de carinhar não, até hoje não é assim de ficar, que tem avô que pega, que beija, que leva pra um canto, ele não, do jeito que criou os filhos é com os netos.” (Lúcia)

embora quando ia à casa de seus pais, no início da noite, levasse um dos filhos junto.

“... dos maiorzinhos ele sempre levava junto...” (Lúcia)

Além disso, pelo menos em uma das famílias estudadas o pai, quando estava em casa, costumava ser muito enérgico com os filhos:

“ Ele era enérgico demais. Só porque o coitadinho ficava na beira da estrada olhando os carros que ficavam atolados no barro, os motorista fazendo aquela força e pelejando... para eles aquilo era uma festa, porque não tinha outra distração. Só por causa disso ele quase matava

o menino. Batia de deixar morto no chão.” (Ana)

E a mãe, a responsável direta pelo cuidado, já que o pai vivia viajando, não podia discordar da sua forma de educar os filhos e inclusive tinha medo da reação do marido, caso interferisse nessa relação:

“ Eu achava errado, é claro que eu achava, mas não podia falar nada, porque se falasse viraria por cima de mim também. Se facilitasse, apanhava também.” (Ana)

No que se refere ao relacionamento mantido entre mães e filhos, constatei que pela própria condição de ser a responsável pelos cuidados, os contatos eram mais frequentes. Contudo, não é possível identificar se existia ou não uma relação de afeto; o que estas mulheres deixam claro é que nessa época não havia tempo para “carinhar” os filhos.

“ Eu não sei se é porque os pais hoje em dia não tem tantos filhos, tem mais mimo, porque antigamente, as mulheres tinham bastante filho, queria bem, amava, claro, que nem hoje, tudo ama seu filho, mas só que você não tinha tempo pra ficar cuidando qualquer coisinha, você já tinha outro pequeno.” (Lúcia)

Apesar disto, algumas mães dessa geração revelam que já valorizavam o diálogo na criação dos filhos,

“ ...e conversar, tem que conversar com as criança. As minhas criança eu estava fazendo o serviço e conversando.” (Ana)

assim como o uso de algumas técnicas de distração:

“... começava a chorar eu pedia um objeto, pega aquilo lá pra mim bem, ah mamãe tá tão cansada, pega aquilo e inventava qualquer coisa, elas paravam de chorar e ia buscar.” (Ana)

3.2.10 - A alimentação das crianças

No que se refere à alimentação das crianças, identifiquei que constituía prática comum dessa época, o aleitamento materno por grandes períodos,

“... amamentava mais do que hoje, era raro alguma que não amamentava, mas sempre tinha alguma que dava até grande: três, quatro anos.” (Irene)

ou pelo menos até a gravidez de um próximo filho:

“ Os meus filhos mamavam no peito até que dava para mamar, um ano, um ano e pouquinho. Quando engravidava de outro... deixava faltar um mês, dois meses que eu via que faltava a menstruação, já sabia que era gravidez e desmamava.” (Lúcia)

Duas das mulheres dessa geração não tiveram condições de alimentar os filhos:

“ Não tive leite para ninguém. Deu recaída no primeiro e depois disso, só dava 7 dias, enchia que quase não agüentava, dava até febre, passado 7 dias secava tudo.” (Ana)

No entanto, a importância do leite materno já era de certa forma reconhecida, pois uma das mães, que não teve condições de amamentar, diante da doença do filho, optou por solicitar ajuda de uma irmã que morava próxima:

“ Quando nasceu aquele que morreu com 2 meses e 27 dias, ele ficou mamando na minha irmã. A noite tinha que levar lá para amamentar... morava perto, era mais ou menos 1 Km só que tinha ir por dentro do pasto, molhava tudo de orvalho... ele com o menino no colo e eu com a lamparina.” (Ana)

No caso da criança sadia, a mãe que não conseguia amamentar lançava mão de outros recursos, uma vez que o acesso a leite de outras espécies não era fácil:

“ ... para essa filha que criei dava leite condensado, a gente era muito pobre, uma latinha tinha que dar para uma semana, misturava com água e maisena, outra hora era com farinha de trigo torrada...” (Irene)

Às vezes, quando a mãe não tinha condições de amamentar, a introdução de alimentos salgados era bastante precoce, devido às dificuldades da época:

“ Naquele tempo tinha que comer o que tinha mesmo, não tinha outro jeito, porque estava começando tudo não tinha uma fruta, era tudo mata virgem. A alimentação era só o leite e depois com uns 20-30 dias começava com arroz e feijão. Amassava um pouquinho de feijão com bastante caldo, punha um pouco de farinha no prato, despejava aquele

caldo de feijão fervendo em cima e ficava aquele mingauzinho.” (Ana)

Em situações em que as crianças eram alimentadas ao seio por grandes períodos, quando elas eram desmamadas já as iniciava em alimentos comuns ao cardápio dos adultos, porém com alguns cuidados em seu preparo:

“ Quando desmamava já comia arroz e feijão. Às vezes punha uma batatinha junto com o feijão ou então junto com o arroz para cozinhar, o arroz bem cozidinho, amassava bem... e a gente cozinhava o feijão todo dia, não é como agora que cozinha por uma semana, então aquele caldo de feijão fresquinho amassava junto com o arroz enchia a barriguinha deles.”

Depois das crianças crescidas a alimentação dificilmente chegava a constituir uma preocupação, ora porque se acreditava na qualidade dos alimentos:

“ Se a criança queria a gente dava tudo que tinha. Comia mais era frango e carne de porco, de gado era uma vez ou outra, mas era um porco sadio, não tinha química nos come dos porco, criava só com mandioca, abóbora, sem veneno, sem nada, podia dar para criança e também não ia dar muito, uns pedacinhos só.” (Lúcia)

ora porque não se acreditava muito que “misturas” pudessem fazer mal:

“ Ela mamava e sai para o quintal, catava as manguinhas e vinha chupando, nunca fez nada... o que tinha eles comiam, era banana maçã, banana nanica, manga, goiaba, tudo que tinha .” (Lúcia)

(observe-se que este exemplo foi relatado pela mãe que criou a maior parte dos filhos no interior de São Paulo, o que justifica a existência de tantas frutas para a época)

Ademais, além de as crianças se alimentarem bem,

“ Quando tinha eles todos pequenos era uma graça, porque eu estendia uma toalha e eles comiam... sentava no chão porque na mesa não dava, não cabia todo mundo... um por um, comiam e vinham trazer o prato, comiam com gosto mesmo.” (Nadir)

as mães não se incomodavam com alimentar as crianças na boca ou mesmo com o fato de elas se sujarem,

“ ... estendia um saco no chão, lá eles comia com a colher, com a mão, não tinha tempo de agradar. Enchia os pratinhos, colocava lá, abria as perninhas, e lá um pouco eles comiam com a mão, outro pouco com a colher.” (Lúcia)

embora a preocupação com os aspectos higiênicos estivesse presente

Só que, estava tudo limpinho, lavava as mãozinhas deles antes de comer, não era esse o caso, se lambuzou, acabava de comer, limpava, ia brincar e pronto, de barriguinha cheia, dava água...” (Lúcia)

Da mesma forma, não se preocupavam com os gostos individuais,

“ Na minha época não tinha isso... por exemplo: fez arroz, feijão, ovo frito, vamos supor, tinha que comer aquilo porque não tinha outra coisa lá atrás para fazer, se tivesse que fazer um frango, tinha que pegar o frango, matar... então se era um ovo, era um ovo, se era mandioca frita, era mandioca frita...” (Nadir)

e quando alguém reclamava de alguma comida, esta reclamação não era levada em consideração:

“ Eu tenho uma filha... às vezes eu fazia um arroz, um feijão, uma salada e fazia esses pasteizinhos de massa cozida. Todo mundo chegava e comia com gosto. Gostava mesmo. E ela chegava: Ih! Isso daí, pastel é para comer de lanche à tarde, não é para comer com arroz e feijão. Eu falava: se você não quer comer o pastel, então come o arroz, o feijão e a salada, deixe o pastel, saia e não dava bola.” (Nadir)

3.2.11 - A questão disciplinar

Para as famílias dessa geração criar os filhos possuía uma estreita relação com o discipliná-los. A primeira questão que sobressai no disciplinar os filhos está relacionada à colocação de limites. A importância desta prática para essa geração é facilmente percebida através da avaliação que elas fazem sobre a forma como os filhos são criados hoje:

“Hoje a criança chora até que fica com o que ela quer. Então não pode, eu acho que o pai e a mãe devem ser mais firmes. Não pode dar muitas liberdades viu. Esse negócio de só conversar, não, umas palmadinhas, uma cintada...” (Lúcia)

Os relatos me permitem identificar que a colocação de limites tinha um início bastante precoce,

“... com sete/ oito meses, um aninho ele começa a entender, então daí você, se ele quer pegar isto daqui, isto daqui não pode pegar, não deixa pegar, a gente não deixava pegar.” (Lúcia)

e se fosse necessário eles eram estabelecidos através do uso de atitudes disciplinares físicas, ou seja, até mesmo a criança pequena já apanhava:

“Não deixava, dava umas palmadinhas nem que fosse na mãozinha, não pode, não pode, ele chorava aquele pouquinho, depois logo já...” (Lúcia)

Ressalta-se que, ao que parece, os pais estabeleciam de forma muito clara os limites impostos, uma vez que os filhos eram capazes de entender mensagens indiretas:

“Mesmo depois de grandes, se chegasse alguma visita em casa, bastava a gente olhar para elas que já faziam silêncio e já saiam de perto para não atrapalhar a visita.” (Ana)

Ainda em relação aos limites, os relatos também permitem identificar que existia uma espécie de norma que contra-indicava que os filhos fossem criados muito à vontade, embora quase sempre eles se refiram ao momento presente:

“E foi assim, constantemente... por isso eu não sei o porque dessa dificuldade hoje, acho que é muita liberdade que está dando para a criança hoje.” (Nadir)

Na concepção dos pais dessa geração, portanto, o segredo para criar os filhos está em não fazer as suas vontades,

“Agora se for fazer aquilo que ela está pedindo, aquilo vai repetindo, vai repetindo e vai chegar num tempo que você não tem mais dominação nisso.”

acompanhar os seus passos

“Eu ia na escola, saber com a professora o procedimento dela na escola. Isto é bom, mas a mãe que só arruma e não vai saber o que é o filho lá, como é que é o procedimento dele não é muito bom não, deve de

acompanhar, com muito conselho.” (Isabel)

e corrigi-los sempre que for necessário,

“ Eu acho que se cada um criasse os seus filhos explicando, acompanhando os passos, corrigindo em algum ponto que fosse necessário, o mundo estaria bem melhor.” (Isabel)

independentemente da idade ou da situação; ou seja, mesmo os filhos casados podem ser aconselhados e chamados à atenção se for necessário:

“ Eu sempre falo, porque eu também tenho filho que é meio explosivo. Mas olha, toda vez que ele vem aqui sozinho, sem os meus netos... acho que ele já está até sabendo disso: toda vez nós sentamos ali e eu falo com ele, dou conselho, corrijo, digo que não está certo...” (Nadir)

Finalmente, o uso do bater como recurso disciplinar era bastante utilizado nessa geração:

“...quando eu ia falar já tinha dado umas palmadas, aí que eu ia explicar o caso, porque foi que apanhou.” (Lúcia)

Embora algumas mães afirmem que conversavam com os filhos antes de bater, constata-se no exemplo apresentado a seguir, que este conversar não tinha a mesma conotação do conversar dos dias de hoje, o qual quase sempre substitui o bater e naquele tempo, quando se “conversava”, era falando por que se estava batendo, o que hoje se identifica como utilização de uma determinada técnica, a de culpabilização:

“ Muitas vezes que eu batia nos meus filhos, chamava eles e primeiro conversava - Escuta... - A mãe não quer bater, vocês querem apanhar. E já que querem apanhar. - Vocês pensam que a mãe gosta de bater? Porque que vocês estão fazendo isso que não é certo? Ai eu pegava o chinelo... Esta vendo, a mãe não queria, mas vocês é que quiseram. Eu sempre colocava isso. A mãe não quer, mas vocês que estão pedindo isso.” (Nadir)

Os dados permitem identificar que o bater existia quando os filhos faziam arte,

“ Mas ele era danado, era desobediente. Ele fazia só arte,... ia mexer com vaca brava no pasto, subia em árvore, era muito arteiro mesmo...”
(Nadir)

quando matavam aula,

“Quando tinha precisão eu batia, e o pai também batia. Ele era muito bravo, um menino muito levado, ia para escola e em vez de estudar, pulava a cerca junto com os colegas, tudo sem eu saber.” (Alice)

e também para fazê-los obedecer os limites estabelecidos, uma vez que o fato de não ficar firme no limite estabelecido é interpretado como prejudicial:

“A mãe às vezes tem que fazer essas coisas, com dor no coração, mas tem que fazer.” (Nadir)

Às vezes o bater é justificado por uma preocupação da mãe com a segurança das crianças, uma vez que estas ficavam em casa sozinhas, já que a mãe precisava sair para trabalhar fora:

“Eu tinha muito medo deles fazerem arte, por isso que eu era... queria corrigir eles muito, tinha medo de algum acidente...” (Isabel)

Percebe-se que nessa ocasião a referência para agir desta ou de outra forma era a própria maneira como os pais tinham sido criados; não havia interferências externas, especialmente neste caso em que a família morava no Nordeste e que, ao contrário do que ocorria com a maioria das mulheres daquela época, esta era obrigada a sair de casa para trabalhar para fora, pois o marido, além de nunca estar em casa (às vezes ficava até um mês fora trabalhando), não se preocupava em sustentar a família, pois o que ele ganhava gastava com mulher e bebida.

“...Eu era muito severa, muito assim... Porque se a gente não fizesse os medo... eu falava: não faz arte porque se não, quando eu chegar, vou bater em vocês. Muitas vezes eu batia mesmo, não vou negar não, eu fui criada assim também.” - grifo meu - (Isabel)

Acredito que o uso do bater como recurso disciplinar explica, pelo menos em parte, a obediência dos filhos aos pais e ao que eles mandassem fazer,

“... os filhos antigamente, tinha respeito com os pai, eles tinha receio, só de fazer aquela cara feia os filhos já ficavam cismados, já viam que o pai e a mãe não estava satisfeito com o que estavam fazendo.” (Lúcia)

e isto era uma tradição que vinha de geração em geração, como se pode concluir por esta fala:

“Minha mãe e meu pai foram muito pobres, sofreram muito para criar os filhos, mas todos nós tínhamos respeito e receio deles.” (Isabel)

De qualquer forma os pais dessa geração não avaliam que o uso do bater tenha prejudicado sua relação com os filhos:

“Ele disse que quantas vezes de manhã, depois de adulto, ele fala assim: ‘Obrigado meu Deus pela mãe e pai que me deu, porque senão fosse eles, eu não sei o que seria’. E ele apanhou bastante viu, apanhou bastante que ele era o mais levado.” (Nadir)

Apesar de todo o rigor dos pais, alguns filhos se mostravam um tanto quanto rebeldes,

“Eles eram obedientes, tinha às vezes algum probleminha bobo, às vezes respondia alguma coisa, mas a gente compreendia também?” (Alice)

e outros, na verdade, se mostraram terríveis desde pequenos:

“Ele sempre deixava o material dele no bar e não ia para a escola. Nós pensando que ele já estava bem adiantado mas que nada. Ele só não era mais terrível porque o () quase matava ele de bater.” (Ana)

Segundo esta bisavó, este filho teve todas as oportunidades possíveis para estudar, pois como o pai tinha recursos financeiros, foi enviado para estudar em colégio interno na capital. Ele entretanto nunca valorizou o ensino e fugiu várias vezes do colégio. Além disso, começou a beber e “bagunçar” muito jovem, de modo que sempre deu muito trabalho para o pai e para a família que mais tarde constituiu.

3.3 - CRIANDO OS FILHOS EM MARINGÁ NA SEGUNDA GERAÇÃO (DÉCADAS DE 60 E 70)

3.3.1 – As informantes e suas histórias de vida

Maria

Maria tem 54 anos, era a caçula de 12 irmãos. Viveu desde os oito anos com uma de suas irmãs mais velhas, para ajudá-la no cuidado dos filhos. Não chegou a terminar o ginásio. Teve sete filhos mas três morreram logo após o parto. Está separada do marido há 3 anos e até hoje não consegue aceitar este fato. Casou-se com 17 anos e logo em seguida foi morar no sítio, longe de sua família. Refere que esta experiência foi muito difícil pois sempre havia morado na cidade e de repente teve que aprender na roça a trabalhar com a lavoura. Além disso, logo após o casamento o marido mudou radicalmente seu comportamento: começou a se embriagar com frequência, tornava-se agressivo e a tratava muito mal, pior inclusive do que aos empregados. Ela tinha que fazer todo o serviço de casa, cozinhar e lavar roupa inclusive para os homens que trabalhavam no sítio para seu marido, e ainda trabalhar na roça. Trabalhava até às vésperas do nascimento dos filhos e atribui a isto o fato de ter tido dois abortos e três filhos terem morrido logo após o parto.

Joana

Joana tem 60 anos, casou-se aos 20 e teve oito filhos, dos quais criou sete. Sempre trabalhou em casa e sua sogra sempre morou junto com a família. Morou no sítio até aos 13 anos, mas não trabalhava na roça porque o pai não o permitia. Só estudou até o quarto ano primário. Refere que o marido era um pouco agressivo, principalmente quando bebia, e que ele não gostava de ser contrariado, especialmente no que se referia à educação dos filhos. Só o filho mais novo nasceu no hospital, os outros nasceram em casa e nas mãos de parteiras. Relatou que após ter tido o último filho começou a tomar anticoncepcional oral e que não o fez antes por não existir tal produto. Fez laqueadura aos 45 anos porque tinha pressão alta e o médico a havia prevenido de que seria muito perigoso ter uma nova gravidez.

Odete

Odete é avó de cinco crianças embora ainda seja muito nova (45 anos) . Teve sua primeira filha com 17 anos. Casou-se grávida e foi morar com a sogra no interior de São Paulo, tendo continuado seus estudos com o apoio da sogra, que cuidava da filha.

O marido a abandonou quando a criança tinha pouco mais de um ano. Depois de uns dois anos ela e o marido tentaram reconciliarem-se e inclusive tiveram outro filho, o qual, no entanto, morreu com menos de um ano, com meningite. Algum tempo depois ela reconstituiu sua família com o irmão de uma amiga. Com ele conviveu por quase 15 anos, teve mais duas filhas e foi novamente abandonada.

Refere que quando se casou ainda estudava, e que na casa de seus pais nunca teve muita responsabilidade. Sua mãe não exigia que trabalhasse em casa e por isto não sabia fazer nenhum serviço caseiro. Só foi começar a trabalhar fora, por iniciativa própria, porém com a ajuda do pai, quando abandonada pelo marido. Trabalhou durante uns quatro anos em uma escola de excepcionais e durante um período da vida teve dois empregos. Duas de suas filhas ficaram grávidas na adolescência. Atualmente mora em casa própria (financiada) em um bairro de classe média baixa e tem uma filha com 12 anos. Culpa-se de o relacionamento com o segundo marido não ter dado certo, e acredita que o fato de Ter-se afastado dele em função de uma maior dedicação à filha doente constituiu o motivo da separação

Tereza

Tereza tem 62 anos, teve quatro filhos e um aborto e atualmente tem 4 netos. Quando se casou aos 24 anos já trabalhava como professora e só se aposentou quando os filhos estavam grandes. Depois do casamento foi morar no mesmo sítio onde moravam os pais de seu marido, mas não era de ficar pedindo ajuda para a sogra. Quando conseguiu transferência para dar aula na cidade, mudou-se só com os filhos e ia ao sítio, onde seu marido ficou morando, nos fins de semana e feriados, ocasiões em que fazia todo o serviço acumulado da semana. Os filhos sempre estudaram em colégio particular dirigido por freiras. Sempre se preocupou em dar aos filhos estudo de qualidade, formação religiosa e social.

Dalva

Dalva tem 57 anos, é descendente de japoneses, teve cinco filhos e dois abortos.

Estudou só até o primário e depois foi fazer um curso de corte e costura. Em seguida começou a trabalhar como costureira em uma alfaiataria. Sempre morou junto com a sogra, desde que se casou. O marido era o filho mais velho e trabalhava junto com o pai no cultivo de frutas e verduras.

Ela trabalhava mais em casa, embora também ajudasse na lavoura e ainda costurava para fora. Refere que todos da família de seu marido participavam da educação dos filhos e que estes eram obedientes. O marido era muito caladão, porém muito preocupado com as crianças, principalmente em situações de doença

Graça

Graça tem 62 anos, é uma senhora alegre, de aparência bastante jovem. É a filha mais velha de uma família bastante numerosa (13 irmãos). Ajudou a mãe a criar todos os irmãos e por isto não teve dificuldade quando nasceram seus filhos. Casou-se com 21 anos e teve uma vida relativamente tranqüila. O marido era dentista e eles tinham boas condições de vida. Teve cinco filhos, todos nascidos em hospital. Teve babá para os dois filhos mais velhos, porque eles tinham diferença de idade muito pequena e também porque achava importante não estar saturada de cuidar das crianças quando fosse lidar com os filhos. Por mais de 10 anos também contou com a ajuda de um irmão que veio morar com ela logo após o casamento, e isto possibilitava ao casal uma vida social noturna.

Nunca trabalhou fora, sempre acompanhou de perto as atividades das crianças. Existia uma boa interação na família, embora o pai ficasse o dia inteiro fora. A mãe se preocupava em ter uma relação afetiva com os filhos. As normas disciplinares eram estabelecidas por ela.

3.3.2 – As mulheres

As seis mulheres informantes da segunda geração eram todas provenientes de famílias numerosas, quatro destas tinham mais de 10 irmãos, uma tinha seis irmãos e a outra quatro. Ao constituírem sua própria família observo que apesar de haver uma redução no número de filhos, todas ainda podem ser consideradas múltiparas, pois tiveram entre 4 a 8 filhos, como observa-se na figura a seguir.

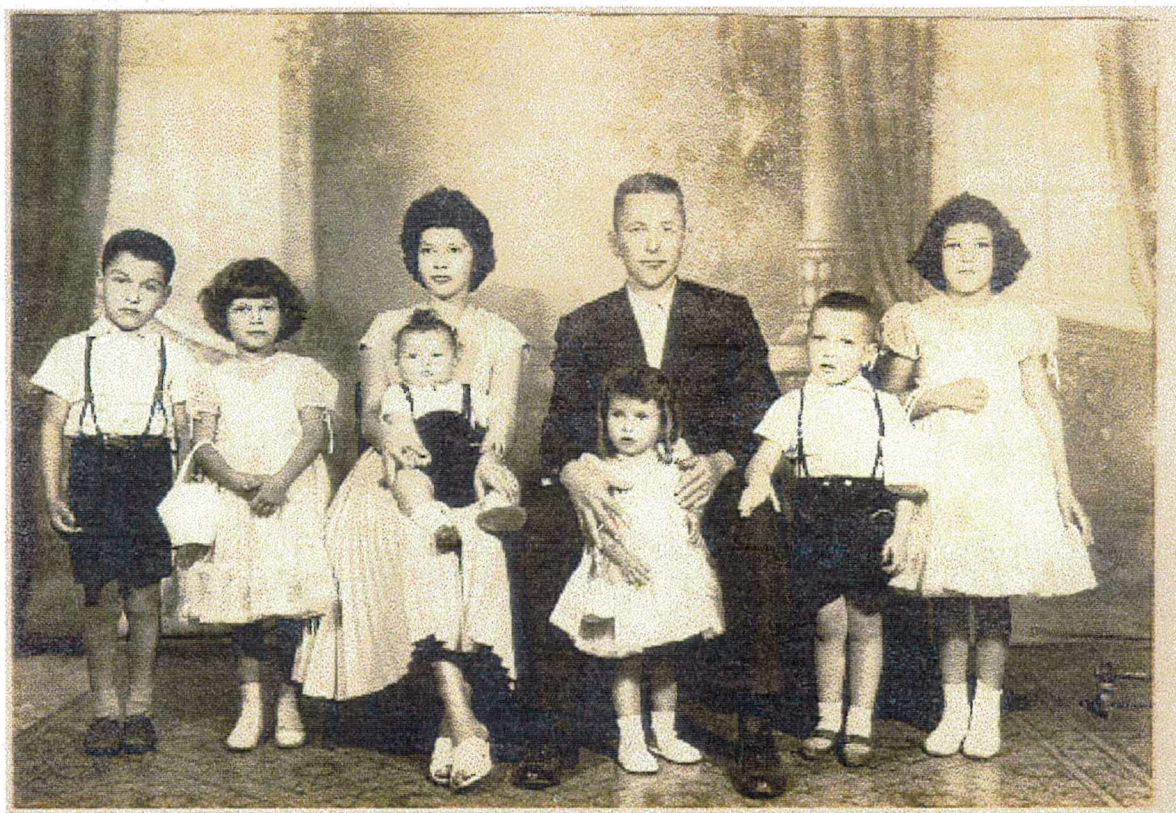


Figura nº 6 – Família em dia de festa – Foto cedida pela família de Maria

Elas tinham, de diferente com a geração anterior, o fato de terem freqüentado os bancos escolares. Duas delas inclusive foram professoras e uma terceira só não o foi porque o marido não quis deixá-la trabalhar fora, apesar de todas as regalias que lhes estavam sendo oferecidas como o colocar uma empregada em casa para fazer o serviço doméstico, o levar e buscar em casa de carro etc.

Das seis, três criaram seus filhos na zona rural pelo menos durante um certo tempo e as outras três só viveram na cidade. Das que moraram durante algum tempo no sítio, uma trabalhava regularmente na roça, uma morava em uma chácara e só ajudava eventualmente, porque além da casa também costurava para fora; e a terceira era professora e nunca trabalhou na roça. Das que criaram os filhos na cidade, duas só trabalhavam em casa e a terceira sempre trabalhou fora, no início como professora e posteriormente como funcionária da Universidade.

De forma geral, as mulheres dessa geração quando casavam não tinham a menor dificuldade para assumir as funções de dona de casa, visto que todas, com exceção de uma, tinham bastante experiência:

“ Na verdade eu nunca tinha cuidado de casa... a minha mãe não exigia muito, ela deixava a gente bem a vontade....” (Odete)

Por outro lado, a presença da mãe no ambiente doméstico começa a deixar de ser a tônica, pois embora na maioria das vezes elas fossem responsáveis sozinhas pelos cuidados com a casa, muitas delas, junto com o marido, já trabalhavam, tanto quanto ele, na roça ou em qualquer outro negócio da família.

“ .. eu trabalhava na roça até no dia que ganhava os filhos, era direto. Depois que viemos do sítio fiquei pouco tempo em casa, uns quatro anos, depois já comecei a ajudar ele na mercearia e ali a gente trabalhava direto, não tinha feriado, não tinha final de semana... tinha que levantar de madrugada para fazer salgadinho para vender, porque era bar junto” (Maria)

Ressalta-se que este trabalho era visto mais como informal, pois as próprias mulheres costumam referir:

“ Não, nunca trabalhei, no meu tempo a mulher ficava em casa.”
(Joana)

Algumas mulheres no entanto, já trabalhavam fora e neste estudo elas são representadas pela mulher que quando casou já trabalhava como professora e também por aquela que está nesta geração mas que é muito mais nova que as demais (tornou-se avó precocemente, com menos de trinta e cinco anos) e que por forças das circunstâncias (foi abandonada pelo marido) viu-se obrigada a ir trabalhar.

“... logo que ele não aparecia, pedi para o meu pai arrumar um emprego para mim. Como tinha curso normal, ele arrumou uma escolinha particular, de excepcionais, para eu dar aula.” (Odete)

Outra característica das mulheres desta geração é o fato de as mesmas serem bastante submissas ao marido, embora já pudessem tomar várias decisões relacionadas à vida dos filhos, especialmente no que se refere ao estudo. Por exemplo, até aquela avó que é bem mais nova que as demais, até hoje sente-se um pouco culpada pelo fato de o marido ter arrumado outra mulher, como se identifica neste seu relato:

“ Talvez até esse problema da gente ter se separado tenha sido por eu ter me dedicado tanto a ela, por que eu ficava cansada de ir atrás, leva num médico, leva em outro, leva para fazer um exame, outro e ainda

trabalhava, tinha que cuidar da casa. Então (...), acho que tive um pouquinho de culpa também, porque comecei a abandonar ele, vivia nervosa, não tinha relacionamento não conversava nem fazia as coisas junto e nessa época ele arrumou outra e foi embora.” (Odete)

Este relato reforça a hipótese de que a responsável pelo cuidado dos filhos era a mãe, tanto na saúde como na doença, pois mesmo enfrentando uma situação séria de doença na família, para este homem, segundo a percepção da mulher, o que importou foi o fato de estar sendo deixado de lado pela esposa.

3.3.3 – Os atores do processo de criar

- **As mães eram as responsáveis**

O cuidar dos filhos nessa geração era uma função quase que exclusiva da mulher:

“ Não tinha escolinha, não tinha nada, acho que até hoje é meio complicado de ter em cidade pequena.” (Graça)

mas no geral, as mulheres tinham certa experiência em lidar com crianças, talvez porque haviam ajudado a cuidar dos irmãos mais novos

“ Ajudei muito a mamãe, as principais coisas sabia tudo por que desde os 12, 13 anos dava banho em recém-nascido, trocava. Para mim, lidar com recém-nascido era a coisa mais natural do mundo.” (Graça)

ou dos sobrinhos.

“ Ajudei criar meus sobrinhos tudo e por isso tinha prática em mexer com criança.” (Joana)

Para cuidar dos filhos elas usavam diferentes estratégias, sendo as principais o ficar cuidando da criança enquanto fazia o serviço doméstico e levar o filho junto para o trabalho:

“ Foi uma época difícil para mim, não tinha onde deixar, fui empurrando com a barriga, quebrava um galho, um dia deixava com

algun conhecido, às vezes ficava na escola comigo, dava um jeitinho...”
(Odete)

Nessa época era comum o fato de irmãos mais velhos casarem e levarem um dos irmãos mais novos para morar consigo, e isto favorecia que, mesmo os filhos que ocupavam a posição de caçula, tivessem oportunidade de aprender a lidar com crianças pequenas, como se identifica neste relato:

“Morei com minha irmã dos cinco anos até me casar. Era muito apegada com ela e quando ela casou eu fui junto... ajudei criar todos os meus sobrinhos, eles ficavam por minha conta...” (Maria)

Contudo, nessa geração já se observa uma preocupação das mães em se mostrarem disponíveis para os filhos:

“A primeira prioridade era os filhos, quando saía falava: pode deixar o serviço de lado, cuida do nenê que quando eu chegar, a gente junto...” (Tereza)

• A participação dos pais

Hoje as próprias avós avaliam que a participação de seus maridos na criação dos filhos pequenos muitas vezes restringia-se a uma presença física:

“a participação dele era a presença só, que ele foi sempre muito amoroso com os filhos, mas muito fechadão... não conversava, essas coisas...” (Tereza)

Tal presença fazia-se notar especialmente nos casos de doença dos filhos, na forma de apoio à mãe em todas as atitudes tomadas:

“Se um filho estivesse doente ele não fazia nada, não falava com o médico, não exigia nada, só que ele acompanhava tudo, ficava muito nervoso, ele dormia, ficava acordado a noite inteira, fazendo companhia para mim, dando assistência.” (Tereza)

Nos casos de doença, observa-se que enquanto em algumas famílias o pai fazia o possível para facilitar o trabalho da mãe:

“Se eu tinha um filho doente e não tava no hospital eu levava para a minha cama e ele deitava na caminha.” (Tereza)

em outras ele não mostrava qualquer preocupação, aliás de certa forma até aumentavam o trabalho da mãe:

“Quando ela não estava bem, que estava chorona eu tinha que tirar do quarto, às vezes tinha até que sair para fora no frio porque se ele estivesse bêbado e a menina começasse a chorar queria bater.” (Maria)

Os filhos desta geração, por sua vez, avaliam que a participação do pai praticamente inexistiu:

“A participação do meu pai na minha criação foi mínima, meu pai quase não teve não.” (José)

Pelo relato dos filhos, a sensação que se tem é a de que os pais não se envolviam em “detalhes” da criação relacionados ao desenvolvimento:

“...mas assim, não na preocupação, no aspecto geral, no andamento, como está desenvolvendo, isso não.” (Ana Paula)

ao estudo:

“Por exemplo: minha mãe que quis mudar para a cidade, para a gente continuar estudando. Isso era uma preocupação da minha mãe, não do meu pai, ele não se envolvia, ela que resolvia. Meu pai era para trazer as coisas, suprir a casa.” (Ana Paula)

e ao cuidado cotidiano:

“... de escola nunca se envolveu; de cuidar, igual meu marido faz, não.”
(Ana Paula)

Embora em algumas famílias, especialmente na mais jovem (que tinham como característica o fato de ser reconstituída e que os filhos desta reconstituição começaram a chegar a partir da metade da década de 70) ele já tivesse uma presença muito semelhante à dos pais da terceira geração

“Ele gostava de cuidar, dava banho, mamadeira, levava para passear, trocava de roupa, trocava fralda, fazia a comida, cuidava bem mesmo. Cheguei a viajar numa boa...” (Odete)

Era comum os pais dessa geração demonstrarem afeto aos filhos levando-os para passear:

“ Quando ele podia dar alguma coisa ou sair com eles, ele saía, mas ele era muito fechado, muito pouca conversa.” (Tereza)

ou brincando com eles:

“ A noite, a gente jantava e não tinha televisão então a minha mãe ia lavar a louça e eu ficava brincando com meu pai. Coisa que normalmente na época, os outros pais não fazia.” (Ana Paula)

• As avós

Poucas referências foram feitas em relação ao papel da avó materna enquanto cuidadora dos netos, e isto por vários motivos, entre os quais cita-se o fato de a mesma ser doente:

“ A minha mãe ainda era viva, mas ela já tava... já tinha sofrido derrame, tava muito doente, então eu até evitava de contar algum problema.” (Tereza)

já ter morrido:

“ ... e logo ela morreu, eu tinha a { } pequena quando ela faleceu.”
(Joana)

morar longe:

“ Nunca morei perto da minha mãe, ela morava aqui no Paraná e quando casei fui morar em São Paulo.” (Joana)

ou ter muitas atividades:

“ Ela nem podia porque na época que minha filha mais velha nasceu ela ainda tinha filho pequeno e todos os filhos em casa... não era possível, eu tinha muito mais condições de arrumar alguém para me ajudar do que ela se deslocar...” (Graça)

Algumas famílias dessa geração (quatro) no entanto, vivenciaram a experiência de criar os filhos pequenos junto com a família do marido, demonstrando quanto era comum

o filho homem permanecer junto de sua família mesmo após o casamento. Em três famílias a convivência era na mesma casa. No caso da família mais jovem esta convivência teve uma duração de quase dois anos e é avaliada pela própria mãe como importante, pois a mesma refere que não tinha nenhuma experiência, seja em relação ao cuidado da criança ou em relação aos cuidados com a casa. Neste caso a relação era interpretada como de ajuda, inclusive para que a mãe pudesse continuar estudando ou pudesse fazer um curso de corte e costura.

“ Nossa, no primeiro filho ela foi uma mãe. Eu ainda estudava, estava fazendo curso noturno e de dia ainda fazia corte e costura e ela ficava com a minha filha.” (Odete)

No caso da família que a avó paterna morava junto por ser viúva a relação era de ajuda, mas esta não é muito bem aceita pela mãe, inclusive nos dias atuais. Provavelmente, é em função disto que não foi feita nenhuma referência a este respeito durante toda a entrevista.

Finalmente, foi na família de descendência de japoneses que foi possível identificar aspectos relacionados à criação dos filhos. Como as duas famílias moravam juntas, todos participavam da educação das crianças e isto era bem aceito pelos pais:

“ Sempre morei com minha sogra, a gente combinava muito bem, nunca teve problema, porque eles respeitavam muito os avós, as tias. Se fazia arte eles ficavam bravos, se tivesse que fazer alguma coisa eles mandavam, era como se fosse pai e mãe, mesma coisa.” (Dalva)

mesmo quando havia interferência em relação a uma conduta tomada:

“ De vez em quando eu batia mas meu sogro ficava bravo, ele não gostava, fulava: se for para bater porque põe filho no mundo.” (Dalva)

Em outras famílias no entanto, mesmo morando distante, a sogra era vista como alguém que interferia muito na criação dos filhos:

“ Quando ela tinha uns dois aninhos minha sogra trouxe para passar uns dias na casa dela, eu não queria deixar mas ela com o jeito dela foi pegando e não tive como impedir. Eu chorava de saudades, a gente morava longe, não tinha ônibus... quando vim buscar ela tinha raspado a cabeça da menina, porque estava com tumores... eu quase morri de chorar de ver a menina daquele jeito.” (Maria)

Quando a convivência era apenas próxima (no mesmo sítio), as avós paternas não atuavam como suporte, inclusive por ocasião do nascimento dos filhos:

“ Minha sogra nunca me ajudou, o que ela fazia era ficar com a minha mais velha quando eu saía para dar aula, mas eu deixava ela tomada banho, limpinha, trocada e a mamadeira pronta. E eles adoravam né, porque eles não tinha criança, era só uma neta... e tinha duas moças em casa, mas lavar uma fralda... ou fazer uma mamadeira, ela nunca me ajudou.” (Tereza)

• As empregadas

As empregadas domésticas não eram comuns nessa geração, elas só estiveram presentes em duas das famílias estudadas. Em uma delas a mulher justificou a presença da empregada por trabalhar fora como professora e, além do serviço normal da casa, ainda ter que arcar com a lavagem de roupa e cozinhar para os homens que trabalhavam no sítio (conhecidos como camaradas).

“ Empregada em casa não era sempre, quando tinha, a gente adiantava o serviço de manhã e na parte da tarde, meio dia e meia eu ia para a escola no patrimônio, eu dava aula até as cinco.” (Tereza)

Na outra família se evidencia um melhor padrão econômico, decorrente do fato de o marido ser dentista e a mulher desejar um outro tipo de disponibilidade para os filhos:

“ Mas eu não trabalhava fora, ficava mais fácil e tinha sempre alguém que ajudava, sempre tinha. Tive baba para os dois mais velhos, que era muito pertinho, só 18 meses de diferença... O ter baba não era uma coisa propriamente diferente porque eu optava, acabava fazendo um monte de coisa que uma empregada faria para ela ficar com as crianças...” (Graça)

Observa-se que nos dois casos as empregadas colaboraram na criação dos filhos, mas é importante salientar que, diferentemente do que ocorre hoje, elas não ficavam responsáveis pelas crianças, e se ficavam, isto era por um período de tempo muito pequeno.

- **A creche**

A creche como recurso na criação dos filhos foi utilizado por aquela vó que começou a criar seus filhos na década de 70.

“ Nessa época quem cuidava das crianças era a creche, a mais velha entrou depois que já estava um pouco grandinha, mas a { } entrou para o núcleo logo que nasceu, ficava o dia inteiro.” (Odete)

- **Outros significantes**

Uma das mulheres dessa geração também teve oportunidade de ter um irmão mais novo morando consigo,

“ Ele morou 7 anos junto por que eu tinha um monte de irmãos e quando casei, senti muita falta da minha família” (Graça)

e mesmo ele sendo do sexo masculino, ela ressalta o seu papel na criação de seus filhos, especialmente no sentido de possibilitar-lhe uma participação social:

“Tive uma coisa que me facilitou muito, um irmão meu... Eu saía e ele ficava com as crianças... então eu não tinha preocupação, foi muito bom, porque eu tinha muito mais liberdade, até baile eu ia, se saísse e ficasse até mais tarde, não tinha problema.” (Graça)

Aliás, os irmãos das mães se apresentam como suporte na criação dos filhos mesmo quando não moram junto:

“ Quando eu dava aula, a minha irmã cuidava das crianças para mim, cuidava muito bem cuidado e eu dava aula sossegada.” (Tereza)

Os filhos mais velhos também desempenhavam esta função:

“ Os mais velhos sofrem mais, eles começam a ter responsabilidade cedo, tem que ajudar a cuidar dos mais novo... a minha mais velha um dia tava brincando com um sobrinho, e na brincadeira deles lá, ele era o padre e ela tinha que se confessar, me lembro como se fosse hoje, ele me chamou dando risada: tia vem aqui ver porque o { } vive chorando. Ela tinha dito assim ‘Seu padre a minha mãe manda eu dar mama para o meu irmãozinho e eu bebo tudo.’ (Maria)

3.3.4 – Os valores e as crenças que permeavam a criação

Os valores dos pais dessa geração, na criação dos filhos, estavam muito relacionados a uma conduta social, ou seja, os pais valorizavam o fato de os filhos terem uma “convivência social”

“ Sempre gostava que eles participassem de uma sociedade assim saudável, participava de almoço, era sempre convidado para fazer leitura na igreja, tocava fanfarra...” (Tereza)

e que soubessem se comportar adequadamente em todos os ambientes:

“ Eu sempre gostava que eles fossem bem arrumadinhos, soubessem se comportar... e tudo que eles eram convidados eles se faziam aparecer, se apresentavam bem, Graças a Deus.” (Tereza)

Às vezes o saber se comportar é tido como um valor extremo por parte da família ou de um dos pais:

“ Parecia que ele queria se realizar por meio dos filhos, vivia exigindo que ela fosse, nossa um horror... queria que a filha dele fosse a mais inteligente, a mais bonita, a que soubesse mais coisas, que comesse como um adulto, com garfo e faca, que pusesse pouco na colher...” (Odete)

e estas exigências muitas vezes podiam ser exacerbadas por ocasião da entrada na escola

“ Quando ela entrou na escola, todo dia era aquela briga porque ele queria que a letra fosse redondinha, caderno arrumadinho, sabe aquele... queria que soubesse na ponta da língua tudo...” (Odete)

O valor do saber se comportar nesta geração pode ser identificado por exemplo, através das críticas que os avós tecem ao comportamento dos netos:

“ Eu acho que culpado é um pouco os pais também. Os pais tem que por ordem, ensinar como tem que ser. Tem uns netos meus que também são assim, chega, entra, sai e não fala nem A nem B, nem nada. É entrando e saindo. Isso não é certo né? ” (Joana)

Apesar disso reconhecem que este comportamento existe em decorrência da forma como são criados:

“ ... deixam as crianças muito à vontade. Elas fazem o que quer, e os pais não ligam, não repreendem...” (Joana)

O saber se comportar, além de uma apresentação pessoal, incluía muito mais a formação de um caráter, representada tanto pela honestidade que o indivíduo devia ter:

“ ... mesmo eu não percebendo naquele momento que ele me passava, mesmo sendo de forma autoritária como ele colocava a questão de ser uma pessoa correta, sempre conselhos...” (José)

“ O que a gente achava importante de passar para eles era religião, boas amizades, estudos, você aproveitar sempre coisas importantes, você sempre... se valorizar cada vez mais... você ser uma pessoa sempre honesta e que as pessoas tenham uma confiança em você, isso é muito importante.” (Tereza)

como pelo espírito de solidariedade e respeito que deviam desenvolver

“ Eu exigia que eles respeitassem um ao outro, a mãe, o pai, os irmãos... que ajudassem um ao outro né, ajudasse o amiguinho se precisasse, sempre essa coisa...” (Tereza)

Em decorrência do valor atribuído ao convívio social, outros surgiam dando suporte ao mesmo, tais como o estímulo ao cultivo de amizades e a repressão da discriminação.

“ Sempre gostei que eles fossem úteis para as pessoas que precisassem deles. Eu sempre falava: Vocês tem que ter amizade com todos os amigos, não pode selecionar nenhum. As coisas que não são boas você deixa de lado e aproveita as que forem boas.” (Tereza)

No caso específico desta mãe que adota como valor não criar filhos preconceituosos, cabe ressaltar que ela convivia com este tipo de comportamento, pois durante sua entrevista por duas ocasiões fez referência ao comportamento preconceituoso por parte do sogro, que inclusive queria interferir em sua forma de criar os filhos:

“ ... deixava a menina vir brincar com ela na minha casa e meu sogro não gostava. Ele era muito preconceituoso, não gostava de gente pobre, de moreno (riso). Um dia ele me chamou: olha você não deixa mais essa menina vir aqui em casa. E eu falei: mas tem que deixar, ela não tem outra criança para brincar, tem que deixar.” (Tereza)

Os valores relacionados ao comportamento da pessoa enquanto indivíduo representam a faceta da educação que os filhos dessa geração querem reproduzir.

“ Eu procuro dar determinados conceitos de formação que ele nos passou que foram importantes naquele momento e que as minhas filhas também não precisam de coisa melhor, acho que ali por exemplo, essa questão da índole, da honestidade, a questão de uma coerência naquilo que fala, essas coisas são todos padrões passados que não tem porque se alterarem, a não ser questões materiais mesmo, que considero diferente.”

(José)

Ainda no que se refere aos valores, identifiquei que para os pais dessa geração o estudo era muito importante:

“ Porque meu sogro sempre deu valor ao estudo, sempre falava que tinha que dar estudo, não precisava deixar dinheiro... e a gente ficou com isso na cabeça.” (Dalva)

assim como a religião:

“ ... ensinei, desde pequenininho, o nenê antes de dormir ia lá e fazia o sinal da cruz neles, ensinava a fazer, e os meus netos a mesma coisa, eu ensino elas.” (Tereza)

e a presença da mãe:

“ ... a criança tem falta do carinho, o calor humano da mãe é tudo... eles tem mais saúde, crescem mais obediente com a mãe junto. Estando junto é outra coisa. Direto... a mãe ensina melhor.” (Joana)

Outro valor muito referido nesta geração era a união da família.

“ Sempre falei: o mais importante é vocês viverem unidos em uma família, dinheiro em segundo lugar.” (Dalva)

“ Eu sempre falo, vocês combinam bem e eu quero que vocês sejam sempre assim, o dia que não tiver a mãe vocês continuam assim, especialmente se tiver um menos favorecido, aquele que precisa mais de apoio e de ajuda, aí vocês tem que reunir para dar apoio para aquele que necessita.” (Tereza)

3.3.5 - A concepção sobre o ser criança

Na concepção das informantes da segunda geração, a criança é um ser bastante inteligente, que deve ser criado dentro de um padrão rigoroso de educação, que precisa estudar e que tem condições de ajudar os pais no desenvolvimento de atividades relacionadas com a renda da família:

“ Os mais velhos sempre acabam mais sacrificados... elas ainda eram bem pequenas e já ajudavam, me lembro que elas ficavam sentada na porta da mercearia só de calcinha, ficavam é tomando conta, se chegasse alguém elas me chamavam.” (Maria)

e com os cuidados da casa e dos irmãos mais novos.

“ ... ela tinha uns 18 anos e passava a minha roupa, arrumava cozinha de almoço. Ela limpava a minha geladeira para ninguém botar defeito, só que depois ela não queria que os meninos entrassem (riso) para não sujar.” (Tereza)

Às vezes são os próprios filhos que fazem referência a esta atividade laboral na infância:

“ A minha irmã era uns 10 anos mais velha que eu e ela ajudava minha mãe carregar a gente, dava banho. Com doze anos no sítio a menina já sabe praticamente a fazer tudo e a minha infância foi no sítio.” (Alessandra)

Ajudar a cuidar dos irmãos mais novos era uma das primeiras atividades de caráter laboral que as crianças dessa geração começavam a desempenhar:

“... ajudava sempre, mas ajudava era a cuidar das crianças, ajudava a dar banho...” (Maria)

Ressalte-se que para cuidar dos irmãos mais novos as mães não faziam muita diferença em relação ao sexo dos filhos, todos podiam contribuir, inclusive o amigo do filho:

“ Ele era da minha casa como se fosse meu filho, estava sempre lá brincando e nesse tempo o { } era pequeno e ele ajudava a cuidar dele.” (Tereza)

As crianças nesta geração eram vistas como responsáveis pelas atividades que lhes eram impostas, especialmente no que se refere ao estudo:

“Eles eram responsáveis, não precisava mandar. Só perguntava, fez o dever? Fiz. Depois do almoço descansavam um pouco, viam televisão um pouquinho e já faziam os deveres, nunca ensinei fazer uma conta, faziam tudo sozinhos... depois iam na educação física...” (Tereza)

As condições de vida na época e de certa forma a impossibilidade das mães de fazerem determinadas atividades favoreciam que os filhos tivessem mais responsabilidades e se tornassem responsáveis precocemente,

“Ela não tinha nem cinco anos e eu a mandava na mercearia buscar alguma coisa que estava faltando em casa. Ela ia sem problema, às vezes tinha que ir encontrá-la na esquina por que o pai resolvia mandar outras coisas junto e ela vinha até torta com tanto peso.” (Maria)

Isto também é identificado na fala de um filho dessa geração que, ao comentar a necessidade de os pais de hoje levarem os filhos a todo lugar, recorda-se de passagens de sua infância:

“Quando eu tinha sete anos de idade conhecia Maringá como a palma da minha mão. Nessa época, em 70, nos moramos 6 meses em Sarandi na casa do meu avô. No meio do ano a gente mudou de volta para Maringá só que eu estava matriculado lá, com sete anos eu ia sozinho de ônibus, todos os dias. Hoje eu não tenho coragem, jamais eu deixo, a gente leva em tudo quanto é lugar.” (João)

Com as mães desta geração começa a ficar evidente a influência do contexto mais amplo na forma de criar os filhos, ou seja, aquelas mães que eram economicamente mais favorecidas (a casada com um profissional liberal por exemplo) e aquelas que tinham um melhor nível cultural já adotavam na criação de seus filhos algumas orientações ditadas pelo conhecimento técnico científico. Assim, elas já tinham uma noção da importância de não estar "saturada" dos filhos como condição para melhor lidar com eles

“Optei por ter uma mocinha, uma lavadeira que lavasse o grosso e eu fazia as outras coisas, por que aí ficava muito mais calma com os meus filhos, pois atendia menos a eles. Você tendo alguém que vai ver onde está, o que está fazendo, juntar brinquedo, sabe essas coisas que você tem que fazer enquanto está fazendo o almoço por exemplo. Assim

quando você vai lidar com os filhos não está saturadinha deles, você vai tratar melhor.” (Graça)

e da importância do diálogo na criação dos filhos:

“ Tudo o que você tem para conversar você pode conversar com eles , eles entendem, criança desde dentro da mãe você conversa com eles e eles entendem.” (Graça)

3.3.6 - A forma de criar os filhos

No que se refere à forma como os filhos foram criados, constatei que a maioria dos pais (representados pelas mães) acreditam que criaram bem os filhos. A principal justificativa apresentada tem a ver com os valores adotados na formação:

“ Eu penso que eu criei bem, porque Graças a Deus tudo criou bem, com saúde e se deu tudo bem na vida.” (Joana)

“ Eles são todos trabalhadores, nenhum foi para o mal caminho, então graças a Deus cumpri bem minha missão.” (Tereza)

É importante salientar que na visão dos filhos, eles gostariam de ter tido uma criação diferente:

“ ... tudo era visto assim de outra forma, ou não dava muita bola ou já achava ruim, então você não tinha aquela amizade.” (Lígia)

A experiência vivenciada na infância é muitas vezes representada como um trauma, como pode ser identificado nesta fala:

“ Eu não quero que os meus filhos passem... eu uso óculos desde os dez anos de idade e isso aqui já me causou tanto transtorno na puberdade. Eu tinha problemas dentários também, tive problema com dentes muito cedo, com 14 anos eu era banguela, usava um óculos quadrado... Meus pais nunca participaram disso, desses meus traumas, nunca procuraram dirimir, diminuir isso, conversar: não filho não é assim. ‘Não tem que ter isso não, você é pobre mesmo’, essas coisas, nem para melhorar minha aparência. Dependia deles, um óculos horrível...” (João)

Quanto à forma propriamente dita de criar os filhos, alguns aspectos sobressaem:

1) os filhos pequenos não eram “paparicados”, conforme avaliação de uma avó:

“ a gente não ficava brincando junto, já os de hoje não, se não fica junto eles ficam chamando, quer que fique junto... fica contando historinha, fica brincando...” (Dalva)

2) eles eram criados mais soltos:

“ A gente colocava o brinquedo lá e largava , eles ficavam brincando lá, a gente lavava a roupa, cozinhava, ajudava, fazia de tudo e eles ficavam lá.” (Dalva)

3) não eram pegos no colo com muita frequência:

“ Eu lembro que só pegava no colo para dar o mama ou comer, trocar, coisas assim.” (Dalva)

Algumas avós no entanto fazem referência aos cuidados que tinham com os filhos pequenos. É interessante notar que uma delas relata que as exigências foram maiores com a filha mais velha:

“ Eu era super exigente, a minha mais velha nunca andou descalça. A gente é boba, acha que isso aí que é importante, andar sempre de meinha no pé, sapatinho fechado. Se tava frio, muito bem agasalhada, senão era mais solta, alimentação na hora certa, banho na hora certa, dormir na hora certa... depois eu fui me soltando mais.” (Tereza)

Mas no geral os filhos desta geração foram criados mais soltos, com maior liberdade de espaço. Isto é referido tanto pelos meninos de então:

“ A gente vivia pelo mato brincando, subindo em árvore, comendo as frutas tiradas do pé, saía com a molecada depois do almoço e só voltava de tarde, ia longe nos sítios, tomava banho de rio...” (José)

como pelas meninas:

“ ... coisa que eu fiz quando criança, tá certo que eu tenho bastante cicatriz, me arrebentei quando criança, mas a minha mãe não dava bola, a gente passava o dia inteiro com a criançada.” (Cibele)

e até pelas próprias mães,

“As crianças brincavam o dia inteiro no quintal, ficava lá eu não me preocupava e a noitinha elas saíam para brincar na rua com a criançada que morava ali por perto, mas era seguro, não tinha nenhum tipo de problema.” (Maria)

que justificam a liberdade dos filhos pelas condições de vida de então.

“As crianças eram mais tranqüilas, hoje tem o pânico até de você deixar a criança na rua alguém passar e pegar esse seu filho... de estar atravessando uma rua... e não tinha nada disso, então até que se abusava um pouco dessa liberdade.” (Graça)

Na figura nº 7 encontra-se o registro de brincadeiras ao ar livre e distante dos olhos dos pais.



Figura nº 7 – Crianças brincando – Foto cedida pela família de Graça

Dar responsabilidade às crianças precocemente era uma das características dessa geração:

“Ela cuidou bastante, deixei bastante responsabilidade... que a diferença de idade delas é bem grande, ela nasceu em 70, a { } em 76 e a mais nova em 84.”

Outro aspecto que sobressai da criação dos filhos desta geração é a presença do diálogo como recurso de estimulação:

“Eu conversava tanto com os meus filhos, minha sogra ficava admirada: chegava na minha casa e perguntava com quem eu estava

conversando. Ela era pequenininha e eu conversava com ela como se fosse uma pessoa adulta... todo dia de manhã saía com ela andando, mostrando os animais..."

a figura dos pais como exemplo a ser seguido:

"... e o exemplo que ele sempre foi, ele enquanto pessoa é irretocável, então isso para mim é uma grande formação. Quer dizer, e não diretamente, mas indiretamente ele me deu todo um referencial de vida, assim como a mamãe também..." (José)

e a supervalorização da figura do pai como se identifica nos relatos de uma filha desta geração.

"Coitada das mães e das mulheres, por que a família se mobilizava em torno do pai. O pai chegava era um exagero... não é que... era uma forma válida..." (Ana Paula)

Outro aspecto interessante diz respeito ao surgimento, à presença e à constância dos brinquedos industrializados:

"Eles tiveram muitos brinquedos, tiveram bonecas, brinquedos de casinha, panelinhas... Essas coisas elas tiveram muito e os meninos também, tinham trator, tinha caminhão, furgãozinho, tudo..." (Tereza)

assim como a valorização de aspectos psicológicos:

"O { } não podia sair com ele num bazar, numa loja e se ele visse aquela coisa, quisesse e não comprasse dava febre criatura de Deus." (Tereza)

"Infância sem pânico, sem medo, acho que isto é muito importante para o futuro, de como você vai passar isto para o teu filho, a certeza do amor das pessoas, a certeza de que se você gosta alguém não se bloqueia, se você se doa você vai receber em troca." (Graça)

Outra característica era não permitir que os filhos participassem das conversas sobre os problemas da família, ou seja, os filhos eram mantidos à margem da situação:

"... de conversar tudo o que a gente tem de conversar na frente, não tem esse negócio de ficar escondendo... essas coisas nunca teve na minha

casa, falar que te amo. Nunca falei que te amo para a minha mãe (riso)” (Lígia)

Nessa época, quando as escolas já estavam proliferadas, os pais já tinham uma noção de que os filhos, independentemente de sexo, precisariam estudar. Mas o relato desta mãe revela que muitas pessoas ainda eram contrárias a que as filhas mulheres estudassem além da formação básica do primário:

“ A gente sempre achou que precisaria ser igual; a menina e o menino precisava estudar igual, apesar que tinha gente que falava que menina não precisava estudar. Tinha muitos que falava, só tirando o primário depois tinha é que aprender costurar, cozinhar, não precisava estudar.” (Dalva)

Se existia uma pequena tendência em tratar de forma igual os filhos dos dois sexos, pelo menos até determinada idade, por outro lado, o comportamento das crianças era percebido de forma diferenciada em relação ao sexo:

“ Só os meninos davam trabalho para estudar, as meninas sempre foram estudiosas, não precisava mandar fazer lição, sabiam das suas obrigações. Agora os dois moleques foi duro, não levava jeito para o estudo, pulava janela da escola, brigava com a professora...” (Joana)

É provável que esse comportamento diferenciado entre meninos e meninas fosse fruto da forma diferenciada como as crianças eram criadas, pois embora a mãe fale que não existia diferença, uma das filhas, que também é informante deste estudo, compara sua criação com a do irmão e afirma que desde pequenos já existia diferenças do tipo:

“ A gente precisava ajudar a mãe na realização das tarefas domésticas e eles ficavam no “bem bom”, só brincando.” (Lígia)

Outra mãe que também é informante deste estudo ao fazer referência à sua percepção de que os pais e as mães têm o mesmos direitos e os mesmos deveres em relação à criação dos filhos, faz alguns comentários nos quais é possível identificar quanto o filho do sexo masculino era poupado em sua criação:

“ Eu não tinha esses costumes, trabalhava fora e no final de semana minha mãe falava: ‘Lava o tênis do seu irmão’. - Imagina, acha? Porque eu tenho que lavar o tênis dele? Porque às vezes eu tinha que vir para a faculdade e ele ficava assistindo televisão de domingo. Tinha

hora que a minha mãe saía e ela falava: 'Faz almoço para eles.' Imagina! Não faço. Porque eu tenho que fazer comida para eles. Não, não faço, eles fazem. Então eu era muito... eu levava a ferro e fogo, tudo igual.” (Ana Paula)

É interessante notar que estas mães, atualmente avós, mesmo hoje não conseguem perceber que na sua forma de criar elas estavam fazendo diferenças, uma vez que normalmente a primeira manifestação é do tipo:

“Não... não existia diferença, tudo igual...” (Ana Paula)

Contudo, à medida que começam a contar detalhes da criação, elas revelam aspectos que me permitem identificar esta diferença:

“... às vezes a { } era mais remosinha: 'a mãe puxa o saco dos meninos' porque às vezes eu arrumava a cama deles e a dela ficava sem arrumar. 'Ah, a mãe arrumou a cama dele vai ter que arrumar a minha.' 'Ah, mas você é mulher né, você arruma a sua'...” (Tereza)

Inclusive, é possível identificar no relato a seguir, que esta forma diferenciada de distribuir as tarefas entre as crianças se constitui em um legado transferido de geração a geração:

“Minha mãe nunca, meus irmãos nunca fizeram nada em casa. Era sempre as mulheres, eles não faziam e em casa também, se o { } levantava mais tarde ele arrumava a cama dele, mas era as meninas que faziam, os meninos não faziam.” (Tereza)

Esta diferenciação relacionada ao sexo dos filhos é percebida em relação aos tipos de atividades que os meninos e as meninas faziam:

“Os meninos poderiam ser úteis, para pagar alguma coisa, para comprar alguma coisa e as meninas ficavam mais em casa, com o serviço de casa.” (Tereza)

e também em relação ao horário de chegar em casa:

“Quando as filhas mulheres saíam, se ficava meio tarde já preocupava. O filho homem não preocupa tanto, ele se vira melhor do que a mulher, sabe mais das coisas, não tem tanto perigo.” (Dalva)

No que se refere ao poder sair, observa-se, que enquanto os pais dessa geração afirmam que não faziam distinção entre o homem e a mulher:

“ Para sair não tinha distinção, eles saíam sempre com os amigos, amigos de confiança. Pouco saíam, mas quando saíam não tinha distinção.” (Tereza)

as filhas mulheres tendem a se sentirem prejudicadas em relação aos filhos homens. A diferença na liberdade dada ao filho homem em relação à filha mulher constituía motivo de revolta:

“ Para os meus irmãos podia tudo, ninguém ficava controlando hora de chegar. Eles na verdade, nem precisavam ficar pedindo para sair, saía e pronto e a gente tinha que ficar a semana inteira insistindo para conseguir sair no sábado, dava uma raiva.” (Lígia)

Além disso, quando os filhos se tornaram adultos, o pai principalmente, mas de certa forma a mãe também achavam que as mulheres não precisavam continuar estudando, fazer um curso superior, uma faculdade. É que a mãe, segundo a percepção de uma filha, em qualquer situação, jamais tomava qualquer partido que fosse contrário ao do pai.

Enquanto para as mulheres os pais achavam que fazer um curso superior era besteira, para os homens eles faziam questão que isto acontecesse, embora nem sempre tenham conseguido fazer prevalecer esta opinião, porque pelo menos nesta família as duas filhas mais novas conseguiram estudar, e por outro lado porque não houve jeito de fazer o filho mais novo prosseguir nos estudos:

“ Esse mais novo estudou até o segundo grau, faltava um ano para terminar o segundo grau, não teve quem fizesse ele estudar. Até uns ano, foi bem, mas depois foi empurrado.” (Joana)

E nestes casos, não adiantava a rigidez do pai:

“ Ele ficava bravo, batia, brigava, mas não tinha jeito. Ele vivia viajando e quando chegava, só era as broncas, batia no moleque...”
(Joana)

Supõe-se que, independentemente do sexo, a “liberdade” de ir e vir era algo que precisava ser conquistado

“ Quando comecei a trabalhar também comecei estudar a noite, uma vez pedi para ir numa festinha e falei: volto logo. Voltei de madrugada,

tremendo de medo de apanhar, ele não me bateu, nunca mais cheguei cedo em casa. ” (João)

Ainda com relação à forma de criar os filhos é possível identificar que além das diferenças existentes em relação ao sexo da criança, havia uma outra relativa à posição dos filhos. Os pais não fazem referência explícita a esta diferença e no entanto ela pode ser percebida em relatos do tipo:

“ O { } que foi o último já teve mais mordomia, fez o segundo grau em Londrina, e os outros todos fizeram lá mesmo.” (Tereza)

“ O primeiro apanhou muito, a gente também não sabia educar, tava aprendendo, depois os outros já foi mais tranqüilo.” (Joana)

Além disso, os próprios filhos sentem esta diferenciação, como pode ser percebido nesta fala:

“ Tudo o que o meu pai argumentava ou discutia, era com o meu irmão mais velho. E a minha pessoa, eu era o obreiro, meu irmão saiu para estudar fora, e eu fiquei aqui, não pude sair porque tinha que ficar ajudando, era eu que trabalhava com eles.” (José)

Finalmente, um dos aspectos que os filhos dessa geração hoje valorizam na forma como foram criados é o aspecto prático da criação e os resultados percebidos que este tipo de conduta proporciona:

“ Esses dias eu estava lembrando que uma vez quando eu era criança... ai eu queria chicletes, minha mãe deu o dinheiro e mandou ir comprar... pois eu não tive coragem de ir comprar e ela também não foi. Por isso que eu falo: como eles sabiam das coisas, sem teorizar nada minha mãe estava me ensinando: Se você um dia quiser sair na vida, quiser se virar, você tem que fazer. Eu não vou estar aqui para fazer por você.” (Ana Paula)

3.3.7 - O cuidado na saúde e na doença

Constatei que as famílias não tinham muita preocupação com a doença, talvez em função de esta não ser percebida como muito freqüente:

“... meus filhos sempre foram saudáveis, não foram doentes.” (Joana)

“ Acho que as crianças era mais sadia, porque os de agora vive gripado, tem que levar no médico.” (Dalva)

Contudo, os relatos me permitem identificar que a situação não era bem essa. As doenças transmissíveis que hoje são preveníveis por vacina estiveram presentes em praticamente todas as famílias. Vejamos: a família de Tereza teve um caso de paralisia infantil, e a criança só não teve seqüelas porque, segundo a mãe, foi atendida logo, era um começo; e também porque ela fez muitos sacrifícios cuidando desse filho.

“ Tinha uma pomadinha que eu fazia várias vezes massagem na perninha dele. Molhava uma toalha de rosto na água quente e à medida que podia enrolava na perna, bem quente, tirava, tornava a fazer outra massagem. Fazia isto várias vezes por dia, ai ficou bom, Graças a Deus.” (Tereza)

“ Eu tinha a missão de dar uma alimentação especial para ele: muito queijo, requeijão, leite, tudo que fosse derivado do leite, cenoura, essas verduras tudo. E ele não queria comer... saia andando em volta da casa, com ele no colo, mostrando o porco, a galinha, distraindo e dando a comida. Então eu fazia esse sacrifício, mas valeu a pena.” (Tereza)

A família de Joana teve dois casos graves de sarampo, que exigiram inclusive internamento no isolamento,

“ Os dois mais velhos tiveram muita doença, naquela época a gente morava em São Paulo. Eles tiveram sarampo e ficaram muito ruim, tivemos que levar para o hospital e lá eles ficaram no isolamento, disseram que não podiam ficar junto com os outros. Sei que nos levamos eles de tão ruim que ficaram.” (Joana)

além de outras doenças:

“ Os outros tiveram doença assim: sarampo, catapora, tosse comprida, diarréia, mas isso não foi grave.” (Joana)

Na família de Graça teve caso de difteria:

“ Meu filho de seis anos teve difteria, mas eu lia muito sobre isso e eu logo descobri... você tinha impressão que na casa tinha um gato engasgado.” (Graça)

Na família de Maria ocorreram três ca(Maria)sos de caxumba que exigiram internamento.

“ Primeiro foi as duas mais velhas e depois a pequena também precisou internar, tudo na mesma época, ficou as três internadas, mas deu muito bravo, as meninas nem conseguiam comer, ficou enorme...” (Maria)

A família de Odete, além de a filha mais nova ter problema de disritmia cerebral, também teve um caso de meningite, e foi tão grave que inclusive a criança foi a óbito.

“ Ele era novinho, foi de meningite, aquela época que estava dando meningite, era 1974...” (Odete)

De qualquer forma ir ao médico não era uma prática muito comum:

“ A gente só ia no médico quando tinha alguma coisa, eu levava, mas chegava lá e já contava: começou a passar mal tal hora, eu dei tal remédio, tal chá, nunca escondi nada...” (Tereza)

“ Quando achava que o negócio era complicado trazia no médico.”
(Dalva)

Tampouco era comum levar à benzedeira, uma vez que só uma família fez referência a esta prática, e assim mesmo a delimitou a um certo espaço de tempo:

“ Quando morava no sítio tinha uma senhora que benzia muito bem, então quando as meninas não estavam boazinhas eu levava lá .. até me lembro que uma vez (riso) a minha segunda filha estava chorando e a mais velha (não tinha nem três anos) estava lá no quarto... com uns matinhos na mão e passava na cabeça da menor... estava benzendo para ela parar de chorar.” (Maria)

Ao que parece, de rotina as mães tentavam tratar os problemas comuns da infância em casa mesmo:

“ Quando via que não estava bem já dava um chá, dava outro, até que ia melhorando.” (Graça)

Às vezes recorriam à ajuda da farmácia:

“ Qualquer coisinha, febrinha que dava, era tudo assim melhoral infantil, vinha na farmácia comprava remédio, meu sogro mesmo aplicava injeção, médico era difícil vir.” (Dalva)

A mãe que morava em São Paulo já vivia nessa época a realidade dos postos de saúde:

“ Não tentava tratar em casa não, levava era no posto de saúde, toda vida teve, desde a primeira minha teve posto de saúde, primeiro chamava era posto de puericultura.” (Joana)

embora com melhores condições de atendimento, conforme o seu relato:

“ Só atendia criança, não pagava nada...logo que você chegava já era atendida, não tinha que ficar em fila, não precisava madrugar, essas coisas que nem tem hoje. Era mais fácil, não sei se porque tinha pouca gente, não sei o que era, sei que não era como hoje.” (Joana)

Na concepção destas mulheres ir ao médico não deve ser tão freqüente, algumas inclusive criticam as mães de hoje como se constata nestes relatos:

“ Acho um absurdo tão grande essa ocupação da mãe com o médico sem necessidade, dela não se instruir das coisas que ela pode resolver sozinha, essa fila de INSS, essa coisa assim que ficou até banal consultar tanto o médico, desde a pessoa até seus filhos.” (Graça)

“ Não é igual agora, você vê, criança vai no médico direto, quase todo mês tem que levar para fazer revisão, não sei o que...” (Dalva)

Os cuidados tomados na saúde para evitar doenças eram relacionados ao agasalhar adequadamente a criança, e uma avó fez referência a fugir a contatos (indiretos) para evitar a infestação por piolho:

“ Meus filhos nunca deitei na cama dos outros, assim para dormir com outras crianças. eu não gostava, tinha medo de pegar piolho.” (Tereza)

3.3.8 – As preocupações que permeavam a criação

No que se refere às preocupações que os pais dessa geração tinham, vale salientar que a referência mais comum é a de que eles, de forma geral, não tinham preocupações:

“ Não tinha preocupação com os filhos, não tinha tanta. Hoje a responsabilidade pra um pai, uma mãe é pior, tem mais preocupação, apesar que está tudo mais fácil, mas eu acho que é mais difícil.” (Joana)

Quando se falava em preocupação, identifica-se que o dar estudo para os filhos quase sempre esteve presente:

“Naquele tempo preocupava com o futuro, falava que tinha que dar estudo. Falava muito em estudo, mas não preocupava com droga, com entrar no mal caminho, não chegava pensar nisso.” (Dalva)

Isto muito provavelmente em função de uma outra preocupação, a de garantir aos filhos um padrão de vida melhor do que o que eles tiveram:

“ ... assim, ter o mínimo, para continuar com o mesmo tipo de vida que eles tinham antes, ou então para melhor... ela queria que a gente trabalhasse fora, porque ela não trabalhou e achava que mulher não tinha direito a nada. Tem que ter o dinheirinho... esse tipo de preocupação.” (Ana Paula)

Outra preocupação de certa forma relacionada à qualidade de vida era o casamento dos filhos:

“ A preocupação deles era voltado para a religião: se ia casar bem, se o marido...se ia casar grávida, se não ia casar grávida. Se ia arrumar emprego e se ia se sair bem. Essas coisas.” (Ana Paula)

No caso de filhas mulheres, muito em decorrência do valor atribuído à presença da mãe dentro de casa, ainda existia a preocupação em preparar adequadamente as filhas para o casamento:

“ Desde pequena a gente ia ensinando, ia fazendo junto, ensinava fazer as comidas, fazer o serviço da casa... quando fosse para casar já sabia.” (Joana)

Ao comparar as preocupações dos pais de então com as dos de hoje, uma mãe enfatiza o fato dos pais desta geração terem uma autoridade tal, que não era necessária a preocupação com o fato se os filhos iam ou não fazer coisas que consideravam sua obrigação:

“ Eles não tinham esse tipo de preocupação, se ia estudar ou não, se não ia querer ir no médico ou no dentista, não tinha isso. Se tinha que ir, ia e pronto. Não tinha esse tipo de preocupação: - Ah! Eu não consigo... Não controlo determinada situação.” (Ana Paula)

3.3.9 - O relacionamento entre pais e filhos

Nesta geração o tipo de relacionamento que prevalece entre pais e filhos é o do distanciamento, ou seja, um relacionamento desprovido de contato físico, pelo menos na opinião dos filhos:

“ A gente nunca teve essa liberdade, não que os meus pais fossem... Eles deram um pouco mais de liberdade, apesar daquela repressão do meu pai, a gente teve mais liberdade do que eles, mas os meus pais não são como eu sou. Eu nunca ouvi isso: oh meu filho eu te amo, esse tipo de coisa.” (João)

“ Meu marido fala a mesma coisa: nunca teve liberdade com o pai para dar um abraço, sair junto.” (Lígia)

Nessa época já existiam alguns pais que fugiam a essa regra:

“ Só que o meu pai era diferente do que os outros pais eram. Sempre fui muito apegada a ele, sentava no colo dele, almoçava no colo, jantava no colo. Era muito ligada a ele, mais do que todos de casa.” (Ana Paula)

É interessante notar que o respeito ao pai existia mesmo em relação àquele que tinha um comportamento diferenciado, fazendo ver à criança que o respeito se conquista e não se impõe:

“ E a gente tinha um respeito por ele... que sempre pensava, vamos supor: Casar grávida, não tinha medo, porque ele não ia fazer nada, não ia brigar. Mas era uma preocupação em não decepcionar, porque para ele ia decepcionar. Para a minha mãe era diferente, acho que era

mais assim: Ah! Que vergonha, casou gravida. Para o meu pai era uma decepção mesmo.” (Ana Paula)

Pelo que se observa nos relatos dos filhos dessa geração, o de que eles mais sentiam falta é poder conversar amigavelmente com seus pais:

“ Eu tinha um amigo que era bem mais velho do que eu e a gente ficava horas conversando. Ele me falava algumas coisas interessantes, as coisas sobre as quais eu tinha dúvida. Puxa, isso aí era uma coisa que o meu pai podia fazer, além de ser meu pai podia ser o meu amigo. ” (João)

De forma geral, o maior contato dos filhos ainda era com a mãe, inclusive no caso de filhos homens.

“ A relação com a minha mãe sempre foi maior, de discutir, inclusive os aspectos sexuais, falava com ela e não falava com o meu pai. Nunca tive liberdade de comentar coisas mais próximas, perda do meu primeiro casamento também, primeiro com a minha mãe, depois comentava com ele... ” (José)

A maior ligação com a mãe aparece mesmo quando os filhos fazem crítica ao relacionamento mantido:

“ Com a minha mãe a gente nunca conversou... Por exemplo, sobre sexo ela nunca conversou comigo. Passava alguma coisa na televisão que mostrava a pessoa mais ou menos pelada ou falasse algo que evidenciava alguma coisa de sexo, já tirava da sala. Não dava liberdade para você conversar em termos de amiga. Era tudo em termos de cobrança. Nunca tive liberdade de conversar sobre namorado com a mãe, que é uma coisa normal.” (Lígia)

pois, de forma geral a mãe era muito mais vista como cúmplice do que como inimiga, especialmente na adolescência

“ A minha mãe dava cobertura, nós saíamos escondido do meu pai e ela ficava contornando a situação.” (Raquel)

O relacionamento distanciado entre pais e filhos muitas vezes era gerado por uma espécie de dificuldade de expressão:

“ Ele é grosso assim, mas é a maneira que ele foi criado, é a nação deles que é assim, espanhol com italiano xinga muito, são grosseiros, mas bater ele nunca relou um dedo nos filhos.” (Tereza)

Pode-se, em consequência, tal relacionamento tornar-se superficial na fase adulta.

" ... só que com isso, não criou aqueles filhos que são amigos dos pais. Eles são pais, você respeita, mas você não tem aquela amizade de chegar e contar um problema que você tenha na sua casa, no seu serviço ou quando era solteiro um problema que você tinha com o namorado... não tem liberdade de falar um palavrão, de brincar, de chegar no pai e sentar no colo, dar um beijo, que é coisa que muita gente faz, que é um ato normal, eu dou um beijo no meu pai no natal, no dia dos pais..." (Ligia)

3.3.10 - A alimentação das crianças

Os cuidados com a alimentação não foram referidos como se objetivassem evitar doenças, embora seja possível perceber uma preocupação com a manutenção do aleitamento materno por períodos prolongados:

" A mais velha, até seis meses eu nunca dei nada para ela, só mamou. Depois ela começou a se alimentar, só largou do peito quando engravidei do outro, mas ela já estava com cinco anos. Mamava só de noite, aquele costume né, não servia mais de nada para ela." (Tereza)

" Todos os meus filhos mamaram no peito, só parava quando engravidava de outro." (Maria)

com a oferta de uma variedade de alimentos e em especial com a oferta de frutas

" A gente se preocupava com a alimentação deles, eu dava certinho as coisinhas de dar para eles. Assim, no meio, no intervalo, uma fruta, um mingauzinho, sempre dava." (Tereza)

" Com seis meses eu já dava comida para ele, comia de tudo, comia fruta, maçã raspadinha, ovo cozido." (Tereza)

e em oferecer uma alimentação de acordo com a capacidade da criança:

" Só no comecinho que tinha uma alimentação diferente, quando era nenê fazia papinha, mas começou nascer dente, maiorzinho um pouco já era comida normal, não fazia papinha não." (Dalva)

A preocupação com a alimentação da criança levou algumas mães desta geração a procurar ajuda com vizinhos:

“... essa vizinha sabia, ela cuidava do umbiguinho assim bem limpinho, ela ensinou tudo, ensinou dar comidinha do jeito dela ne, do jeito que ela ensinava eu fazia.” (Odete)

e inclusive é possível perceber a influência do conhecimento técnico científico até para as mães que moravam na zona rural:

“ Eu tinha ajudado a criar meus sobrinhos então eu sabia que a criança precisava tomar sucos, comer uma fruta, só que no sítio não tinha nem luz elétrica, não dava para usar o liquidificador como na casa da minha irmã, então eu ralava a cenoura ou espremia o tomate e passava num pano, deixava só aquele suquinho e dava para ela beber.” (Maria)

Ultrapassada essa fase da criança pequena, a alimentação era básica, conforme se constata no relato deste filho:

“ Eu por exemplo passei a minha infância com arroz e feijão, arroz, feijão, lingüiça e tomate foi a minha infância toda, ovo. Ainda mais as dificuldades que a minha mãe teve.” (João)

3.3.11 - A questão disciplinar

Na segunda geração, três aspectos sobressaem na questão disciplinar: 1) os pais tinham autoridade sobre os filhos; 2) o pai tinha mais autoridade do que a mãe e 3) os limites eram estabelecidos.

No que se refere à autoridade sobre os filhos faz-se necessário ressaltar inicialmente que nessa geração a ausência do pai no ambiente doméstico é uma constante, especialmente devido ao trabalho.

“Depois que nós viemos para Maringá, meu marido ficava constantemente na fazenda...” (Tereza)

Em alguns casos isto ocorreu por abandono do lar, reforçando uma tendência já presente na geração anterior, embora naquela os dois casos de separação conjugal só tenha acontecido depois dos filhos criados, adultos.

“ ... eu vim aqui na casa da minha mãe passar o natal e o pai dessa minha filha foi embora e não voltou mais. Ele trabalhava de viajante, mas aquela vez ele não voltou para me buscar, não mandou dinheiro, não apareceu, daí eu fiquei com a minha mãe.” (Odete)

“ Meu pai saiu de casa eu tinha oito anos...” (João)

A ausência do pai no cotidiano da vida das crianças desta geração no entanto, não diminuía seu poder de decidir sobre as coisas importantes da vida dos filhos, muito pelo contrário. Às vezes ele até brigava com a esposa quando esta “liberava” alguma coisa sem a sua autorização.

“ Era ele que podia deixar, se eu deixasse ele achava ruim, ele sempre foi mandão, mais enérgico, e ele tinha problema de beber, bebia muito por isso judiava muito dos filhos, não sabia o que estava fazendo e batia.” (Joana)

Mesmo quando a mãe tomava iniciativa, ela ainda hoje faz referência à figura do pai, levando-me a inferir que o correto seria ela “ir contar para o pai”.

“Eu não falava assim: ‘vou te bater’ nem ‘vou contar para o seu pai’, quando ele entrava no banheiro eu crau: ‘você não fez isto né, você deixou de fazer a tarefa, então agora você vai apanhar.’” (Joana)

A autoridade dos pais em especial a do pai, nessa geração é facilmente observada:

“ Meu pai tinha um lugar de sentar na mesa, ali ninguém sentava, nem a visita.” (Ana Paula)

“Em casa vamos supor: eu lembro quando o meu pai estava dormindo: silêncio porque ele está dormindo.” (Ana Paula)

Essa autoridade revelava-se no jeito como os pais se comportavam em relação aos filhos:

“ Meu pai era extremamente severo, era um rigor só, eu tinha 20 anos e namorava do lado dele, ia no baile, e se eu fosse dançar tinha que ser na frente dele...” (Cibele)

Apesar disso alguns pais já apresentavam um comportamento diferenciado.

“ Porque o meu pai, ele nunca foi de exigir, de ficar de horário, de... Nunca matei aula para namorar porque não tinha essa necessidade. Se eu quisesse namorar, namorava; se eu quisesse sair, saía.” (Ana Paula)

Ao que parece, algumas mães dessa geração cultuavam a crença do pai severo como recurso disciplinar:

“ E não era uma pessoa autoritária, nunca bateu. Nos meus irmãos até que de vez em quando alguma coisinha saía, mas em mim nunca. No entanto, a gente tinha aquele respeito: olha, ele está dormindo, ele vai chegar... alguma coisa que acho que até é mais a mãe que faz isso.” (Ana Paula)

Pelo que se percebe nesta fala, a mãe era a porta-voz da autoridade do pai em casa. Em nome dessa autoridade ela conseguia a colaboração dos filhos e, quando isto não era possível, ela lançava mão do bater, como veremos mais adiante. Embora os filhos não aceitassem muito bem o “jeito” dos pais, eles hoje avaliam que este tipo de conduta era importante para conseguir manter as rédeas da situação:

“ ... mas eu acho que enquanto meu pai esteve à frente da educação da gente em casa, todo mundo andava na linha, tudo muito correto, quer dizer, os três mais velhos são mais orientados e os mais novos são mais problemáticos.” (Cibele)

Por outro lado, o comportamento autoritário do pai também é questionado pelos filhos em relação à época e às experiências que ele viveu:

“ Meu pai não deixava sair, segurava mesmo, não sei como, ele é da geração dos anos 60, foi uma década de abertura, de transformações, coisa e tal e meu pai era assim não sei porque para criar a gente era um pouco diferente, parecia uma pessoa aberta, mas neste aspecto ele era meio mão-pesada...” (João)

Como visto anteriormente, o processo disciplinar era marcado principalmente pelo estabelecimento de limites e pelo bater.

“ É impor limites, olha em casa era assim: almoçava, esperava um pouco já ia fazer a tarefa...” (Tereza)

Os limites estabelecidos eram muito relacionados com o cumprimento do horário, seja em relação ao tempo para as brincadeiras:

“ Não podia ficar brincando e esquecer que tinha que fazer a tarefa.”
(Graça)

ao horário das refeições:

“ Não podia passar do horário, ir para a rua e esquecer que tinha o horário da refeição.” (Graça)

ao horário de dormir:

“ tinha limite para dormir, o horário para dormir era rigoroso.”
(Graça)

ou ao horário para chegar em casa, quando os filhos não eram mais crianças:

“ Mesmo depois de grandes eu não gostava que chegasse tarde, até umas 11 horas estava bom.” (Graça)

Observa-se que quando os limites eram relacionados à condução do cuidado cotidiano, eles quase sempre eram estabelecidos pelas mães:

“ Tinha horário certo para comer, para tomar banho. Eu determinava e eles cumpriam (riso).” (Tereza)

Mas quando eles envolviam o sair de casa (poder sair e a hora de chegada), eles eram determinados com mais frequência pelo pai, e a mãe muitas vezes nem tinha autoridade para deixar os filhos sair, como se percebe nesta fala:

“ ... ou mesmo para sair: pede para o seu pai. Ela nunca tomou o lugar dos filhos para o pai, de defender. Minha mãe se omitiu, acho que para não criar desavença com o meu pai ela preferia se omitir, só que com isso ela se omitiu dos filhos também.” (Lígia)

Neste momento importa salientar quanto a mãe se sentia incapaz de fazer prevalecer sua autoridade no estabelecimento de limites, e por isto solicita a cooperação por parte do pai.

“ Meu pai nunca colocou horário de chegar em casa, só que minha mãe achava que era necessário, então ela acordava meu pai: - Oh! eles não chegaram ainda. Para no outro dia ele ter uma atitude de falar: Oh, não pode... E chegava no outro dia ele falava assim: - Mas que hora vocês chegaram, hein? Só assim. Só porque ela viu, ela ficava... Então, ela cobrava esse tipo de coisa.” (Ana Paula)

De qualquer forma, embora estas avós não tenham apresentado muitos aspectos relacionados à imposição de limites, é possível identificar, a partir das críticas que apresentam à forma como os pais de hoje criam os filhos, que à ocasião eles eram muitos:

“ ... minha mãe disse ‘você tem que ser mais enérgica com essas crianças e aos poucos ir colocando limites’. Ela acha que eu sou muito mole, que elas fazem gato e sapato comigo. ‘Essas crianças te absorvem muito, eles te sugam muito’, até foi o termo que ela usou.” (Priscilha)

Embora isto não tenha sido representado como consequência de um limite estabelecido, identifica-se que os filhos tinham preocupação em estar dando satisfação aos pais. É provável que esta fosse a condição para que eles pudessem sair sem tantos problemas:

“ Ele nunca saiu de casa sem falar: mãe eu vou em tal lugar, com tal pessoa, sempre me dava satisfação. Eu sempre sabia onde ele estava, se eu quisesse procurar ele, sabia onde é que estava.” (Tereza)

Nessa geração já existe uma preocupação em estabelecer os limites sem fazer uso da força física:

“ Com os meus filhos tinha muito limite, mas sem essa agressão que eu falo que você consegue dar limite sem agredir.” (Graça)

Na concepção desses pais, a imposição dos limites se fazia necessária inclusive para o bom relacionamento familiar. A fala dessa mãe por exemplo, defende a necessidade de os filhos obedecerem a um determinado horário para ir dormir, como recurso para a manutenção da harmonia no lar:

“ Em horário eu sempre fui rigorosa, porque um horário que você estipula, todo mundo descansa, aí que vem a briga da mulher com o marido, porque o casal não tem um espaço, se o marido trabalha o dia inteiro, quando ele chega em casa ele precisa ter um tempo para ficar com a esposa, com os filhos até uma certa hora ...” (Graça)

Quanto ao bater, observa-se que estiveram presentes os dois extremos de comportamento, especialmente em relação aos pais. Em algumas famílias os filhos não souberam o que era apanhar. Às vezes só o pai tinha esse tipo de conduta:

“ Meu marido nunca bateu, a mãe sempre dá umas palmadas. quando faz arte você sempre dá uns tapinhas, fica brava.” (Dalva)

e às vezes eram o pai e a mãe:

“ Meus filhos não apanharam não, eles nunca precisaram de apanhar. O pai deles nunca relou um dedo nos meus filhos.” (Tereza)

Mesmo no caso em que o pai não esteve presente em decorrência da separação conjugal, a mãe também não fazia muito uso do bater:

“ Eu era... eu sou meio gritona, às vezes dou uns berros de assustar, não sou muito de bater não, é mais de assustar.” (Odete)

Em outras famílias no entanto, o bater ainda era uma prática muito presente:

“ Eu criei meu filhos, mas também eles apanharam viu. Ah! eu não tinha muita paciência não, se não fazia a tarefa da escola apanhava, se não fazia isto apanhava...” (Joana)

Percebe-se que paralelo ao não bater com tanta frequência, surge com mais força o conversar entre os pais e os filhos, como uma atividade permeando a criação dos filhos:

“ Eu conversava muito com eles, sempre disse para eles: vocês nunca erram, mas se vocês errarem a primeira que tem que saber sou eu, porque a mãe de vocês, a amiga de vocês sou eu, para quando alguém de fora vier contar que vocês fizeram alguma coisa errada eu defender vocês porque já sei do que se trata.” (Tereza)

“ Sempre conversei bastante, porque fiquei grávida, sem casar, e eu falava que foi horrível, falava bastante. Olha, eu não tinha experiência, então fiquei grávida. E eu falava a mãe caiu nesse erro, não sabia das coisa que nem vocês...” (Odete)

Nesta questão mais uma vez a crítica dos avós à forma de seus filhos criarem os netos reforça quanto o bater era aceito como prática disciplinadora:

“ Os pais devem ser mais firmes, não pode dar muitas liberdades. Esse negócio de só conversar, conversar... não, umas palmadinhas, uma cintada... às vezes tem que fazer essas coisas, mesmo com dor no coração.” (Maria)

É interessante notar que, talvez influenciadas pela atual divulgação dos casos de violência doméstica, as mães dessa geração fazem questão de salientar que sabiam bater:

“... não batia de tirar sangue, machucar, mas que eu dava umas boas palmadas, ah! isso eu dava...” (Joana)

ao mesmo tempo que reforçam sua crença no fato de que bater nos filhos não os prejudica psicologicamente:

“Nossa! Eu olha... o chinelo.... Vê se tem alguém revoltado aí. Vê se tem alguém!” (Joana)

Quando é feita alguma referência a casos de agressão física, ela quase sempre está relacionada à figura paterna e se faz acompanhar de outras explicações, como por exemplo a bebida:

“Quando bebia ele perdia a noção, batia mesmo, não via onde estava batendo, se era na cabeça, onde fosse, por duas vezes precisei levar filha minha no pronto socorro com a cabeça rachada por que ele tacava o que tivesse na mão.” (Maria)

Também é nestes casos que se percebe mais facilmente a ausência de motivos concretos para se bater na criança. Ou seja, as crianças apanhavam mesmo quando não estavam fazendo nada de errado (e isto, sabe-se, ainda acontece nos dias de hoje em algumas famílias, principalmente naquelas onde existe o problema da bebida) e por isto a relação de medo do pai era muito mais acentuada.

“Ele batia por qualquer coisa, às vezes as crianças estavam quietos brincando no fundo da casa e ele chegava e já ia batendo ou então dizia que era por que não tinham deixado ele dormir.” (Maria)

Os motivos para bater nos filhos eram muitos, mas percebe-se que muitas vezes eles estavam relacionados à preocupação com os estudos dos filhos.

“Então por isso que eu batia. Se não fazia a tarefa, se ia para escola, às vezes matava aula por causa de sem-vergonhice, se a professora viesse falar alguma coisa, se vinha reclamação da escola...” (Joana)

A falta de estudo é percebida como um problema, um atraso, de tal forma que o estudo era considerado um valor importante no processo de criação dos filhos.

“Batia por que eu via o tanto que era duro a pessoa sem estudo, não saber fazer uma conta, não saber fazer nada. ‘Agora vocês que tem

oportunidade de estudar, tem tudo na mão não estuda', então batia... não tirava sangue, nada assim, eu sabia bater, dava uns tapas na bunda." (Joana)

Outro valor disciplinar muito importante era o respeito à autoridade dos pais e às pessoas mais velhas. O fato de os filhos serem obedientes era visto como uma graça de Deus;

"Eles não respondiam, eram ótimos. Eu falo a verdade, foi uma graça que Deus meu deu, porque eles eram uns meninos bons..." (Tereza)

Os filhos tinham que respeitar os mais velhos e em especial os pais, como pode ser identificado nas falas destas mães que fizeram parte do estudo:

"Por exemplo: Esse lado de respeito mesmo que os nosso pais ensinaram através da religião né. Que não precisa necessariamente ser assim, mas que a gente não passa." (Ana Paula)

"Eu fui criada no sítio, tinha que ter muito respeito, muita educação, tinha que saber o que falava para mãe e pai. Hoje a minha filha fala cada coisa para mim, que se eu falasse, Deus me livre, era fazer a cova para ser sepultada." (Alessandra)

No entanto, a mulher que criou os filhos sozinha e inclusive em uma realidade um pouco diferente, uma vez que os filhos começaram a chegar em 1970, referiu que o respeito dos filhos modifica na adolescência:

"Eu não sei te dizer, mas eu lembro que elas obedeciam, ate certo tempo porque na adolescência não dá mais para a controlar, começa a ficar querendo mostrar... sabe que sabe, quer fazer sozinha, você pode jogar a autoridade mas, as coisinhas que elas acham que sabe fazer, vai fazer, escondido mas vai." (Odete)

A importância que era dada à educação e à disciplina dos filhos é reforçada por este outro relato, no qual se identificam dois aspectos importantes. Um deles é o fato de os próprios pais perceberem que, na sua época de criar os filhos, eles já se comportaram diferentemente da forma como os seus haviam se comportado ao criá-los:

"Os meus filhos seguiu pouco, não foi todo, todo..." (Joana)

e de certa forma eles tentam justificar que não adotaram o mesmo tipo de comportamento de seus pais porque não era necessária tanta rigidez na educação; e mais uma vez comparam o comportamento dos filhos com o das crianças de hoje:

“ ... mas eles também não era assim não. Hoje eu vejo, os pais estão conversando, os filhos entra no meio, o pai precisa parar e dar atenção para os filhos. Com nós não foi assim não. Aliás, meu marido falava: eu não criei meus filhos desse jeito nada.” (Joana)

A segunda questão importante é a revelação de que alguns aspectos que hoje são recriminados na forma de os pais de hoje criarem seus filhos, já estavam presentes àquela ocasião:

“ Tinha um vizinho nosso que tava conversando o moleque chegava, pronto... aquele assunto acabava e ia dar atenção para o filho e pronto. Meu marido ficava doido, falava: ah criação mais feia.” (Joana)

Outro aspecto interessante nessa geração é a leitura feita hoje da responsabilidade que os filhos tinham antigamente:

“... não, eles sabiam a responsabilidade, cada um deles sabia. Não tive trabalho mesmo, não tive.” (Tereza)

É provável que parte desta responsabilidade não fosse natural, pois o caráter “repressor da educação” (termo como uma mãe de hoje se refere à forma como foi educada), é que determinava este tipo de comportamento, especialmente pelo medo da reação dos pais:

“Eu sei por exemplo, que a minha filha mais velha tinha muito medo de mim, como se diz, respeitava para caramba. Até certo ponto porque quando é adolescente é normal né.” (Odete)

Finalmente, na concepção dos pais desta geração, o segredo para criar os filhos está em não fazer suas vontades:

“ Agora se for fazer aquilo que ela está pedindo, aquilo vai repetindo, vai repetindo e vai chegar num tempo que você não tem mais dominação nisso.” (Maria)

3.4 - CRIANDO OS FILHOS EM MARINGÁ NA TERCEIRA GERAÇÃO (DÉCADAS DE 80 E 90)

3.4.1 – As informantes e suas histórias de vida

Marly

Marly é professora universitária, tem 36 anos e é uma mulher muito bonita. Tem dois filhos, um menino com 7 anos e uma menina com quase dois. Esta está na creche e aquele a freqüentou por pouco tempo. Marly já constituiu família duas vezes. Na época da primeira separação o filho tinha menos de dois anos e quando estava com quatro anos ela reconstituiu sua família com um novo companheiro, que também é professor universitário. Conviveram por uns quatro anos, tiveram uma filha e atualmente não estão morando na mesma casa, embora mantenham o relacionamento conjugal. São muitos os problemas em relação ao comportamento do filho mais velho, especialmente no ambiente escolar. Ele está no segundo ano e durante a pré-escola mudou de escola 5 vezes. Segundo a mãe, os problemas de comportamento do filho podem ter a ver com o fato de ele ter freqüentado a creche durante pouco tempo, o que terá prejudicado sua socialização; e também com o distanciamento do pai, o qual, além de morar em outra cidade, não se preocupa com o desenvolvimento da criança; só a pega para agradar, mas não se envolve com problemas, nem procura saber se estes existem.

Essa mãe refere nunca ter aberto mão de sua vida pessoal em função dos filhos, pois sempre contou com a presença de uma babá com exclusividade para cuidar da criança. Além disso, como a empregada sempre dormia em casa, ela não tinha problemas de precisar sair e não ter com quem deixar o filho.

Refere ainda que sempre teve muita dificuldade em colocar limites para o filho e que inclusive aprendeu bastante sobre esta questão com o companheiro. No entanto, eles viviam discutindo por divergência na forma de lidar com o menino, pois a seu ver o companheiro era muito exigente e de pouco diálogo. Não tem muita paciência para lidar com os problemas relacionados ao estudo do filho e se sente sobrecarregada com os cuidados cotidianos das crianças, principalmente após as 18 horas, quando eles ficam sob a sua exclusiva responsabilidade.

Alexandra

Alexandra é casada há 16 anos e tem 39. O casal tem dois filhos: um de 14 e outro de cinco anos. Ela é professora da Universidade há 15 anos e o marido trabalha em uma grande empresa da cidade há muito tempo. A família mora em apartamento financiado em um bairro de classe média, os filhos estudam em escola particular. A rede familiar dos dois é extensa mas atualmente ninguém mora na cidade. No desenvolvimento das tarefas domésticas Alexandra conta com a ajuda de uma empregada doméstica. Está experienciando a vivência de problemas em relação ao filho adolescente (mentiras, pegar dinheiro escondido, falta de domínio etc).

A história desta família é marcada principalmente pela diferença de idade entre os dois filhos. O cuidado com os filhos por sua vez é permeado por/pela: - mudança dos recursos utilizados; - mudança de valores; - mudança na forma de educar (antes achava que tinha que impor o respeito pelo fato de ser mãe, hoje acha que o filho tem que ser respeitado); - mudança no tipo de participação do pai; - preocupação da mãe com a escolha da escola

Refere que a segunda gravidez aconteceu num momento impróprio, quando, além de enfrentar um desajuste conjugal, havia conseguido finalmente ser aprovada numa seleção para o mestrado. Precisou passar de um estágio em que não delegava nada dos cuidados com o primeiro filho (pois mesmo quando sua mãe ficava com a criança era ela própria quem preparava a sua comida antes de ir trabalhar, deixava a fruta separada e lavada) para um estágio em que ficava a semana toda ausente

Em função disso, relata ter vivido grande conflito por precisar viajar frequentemente (semanalmente, e às vezes precisava ficar até 15 dias sem vir a casa) para fazer pós-graduação, deixando o filho pequeno, de 7 meses, sob os cuidados do pai e da creche. Sentia-se mãe ausente e ficava muito mal quando voltava de viagem e o filho estava doente.

Apesar da distância procurou se manter a par de toda a situação. Telefonava com frequência, deixava sempre um telefone onde pudesse ser encontrada com facilidade e sacolas de roupas da criança a serem levadas para a creche prontas para cada dia da semana, por medo que faltasse alguma coisa.

Além disso, pelo menos em relação a alguns aspectos, existem diferenças nítidas na forma de agir dos pais. Isto é visível por exemplo em relação aos limites, punições e castigos. Além disso, a forma como os filhos reagem á conduta de um e de outro também é

diferente. Enquanto a mãe reconhece que só faz tortura mental, o pai por sua vez, segundo sua percepção, efetiva a punição.

O tipo de punição também é diferente. A mãe, embora muitas vezes só ameace, em algumas ocasiões também bate; já o pai nunca bate. Os filhos reagem diferentemente quando é o pai e quando é a mãe quem dá a punição, e normalmente a punição do pai é mais obedecida.

No que se refere ao relacionamento entre pais e filhos, Alexandra refere que, diferentemente do pai, ela tem uma relação de maior aproximação com os filhos, participando junto com eles de suas atividades e brincadeiras. Acredita que a forma distante de o pai se relacionar com os filhos influencia a relação disciplinar mantida com os mesmos

Lígia

Lígia tem 31 anos e um filho com um ano e meio que está freqüentando a creche. Tem curso superior e trabalha como secretária em um dos departamentos da UEM. Só teve o filho depois de seis anos de casada porque desejava tê-lo quando o casal já tivesse um mínimo de equilíbrio financeiro. Seu esposo tem uma pequena empresa de computação e além disso faz alguns bicos (joga voley) para melhorar o orçamento doméstico. Existe uma boa interação do casal, pautada em uma relação de igualdade entre eles, pois embora sob protesto, como ela mesma diz, o marido, quando esta em casa, desenvolve algumas atividades relacionadas com o cuidado da casa e do filho. As famílias de origem dos dois moram em Maringá. Sua mãe e sua bisavó foram informantes deste estudo.

Lígia não tem empregada. Por isto, além das atividades que vai desenvolvendo durante a semana, depois que o filho dorme, trabalha sábado o dia inteiro para atualizar o serviço da casa e normalmente ainda fica alguma coisa para o domingo. Ressente-se muito do pouco tempo que tem para a criança, embora tenha instituído algumas tarefas básicas para o marido ajudar no trabalho doméstico. Ele leva o filho consigo a vários locais, inclusive à musculação. Refere que pai e filho brincam e brigam bastante. No relacionamento com o filho eles fazem questão de demonstrar os sentimentos verbal e fisicamente.

Sente necessidade de se dedicar mais ao filho, mas também de crescer profissionalmente. Gostaria de poder conciliar o trabalho de forma a poder ficar um período com o filho, pois acha difícil encontrar alguém que possa cuidar do filho de forma

satisfatória.

Cibele

Cibele é professora universitária e atualmente está fazendo doutorado fora, o que a obriga a viajar semanalmente por 3 a 4 dias, ocasião em que as crianças ficam sob os cuidados do pai e da avó. É uma mulher de 35 anos, de aparência bastante frágil: baixa e muito magra. Ela mora na cidade há mais ou menos 12 anos, é oriunda do Rio Grande do Sul e veio para Maringá ainda solteira, mas mãe de uma filha com menos de um ano. Aqui veio a conhecer seu marido, com quem teve mais duas filhas, hoje com cinco e sete anos respectivamente. Todas frequentaram a creche da instituição. Há mais ou menos dois anos a família mora no mesmo quintal que a avó paterna, a qual colabora bastante com os cuidados da casa (especialmente no que se refere ao preparo do almoço), e das crianças quando os pais não estão em casa.

Ela é proveniente de uma família constituída de 5 irmãos e seus pais já faleceram; seu marido no entanto é filho único. Uma coisa que chama a atenção na família de Cibele é a dificuldade econômica devida principalmente ao fato de o marido não ter um emprego fixo. A família literalmente vive do salário da esposa.

Existe uma convivência muito fechada em torno da família, e normalmente todos participam juntos de todas as programações; os pais, por exemplo, não participam de nenhuma atividade de que as filhas não possam participar, embora estas já tenham atividades específicas. O relacionamento das crianças com os avós é bom, e embora a avó não tenha muita paciência, o avô brinca muito com elas.

Uma preocupação do casal em relação às filhas é dar um bom estudo (todas estudam em escola particular apesar dos problemas financeiros) além de repassar uma formação pautada nos princípios espíritas, que prevê entre outras coisas, a valorização do perdão e desvalorização dos aspectos materiais.

Ana Paula

Ana Paula tem 29 anos, dois filhos do sexo masculino, um com 6 anos e o outro com um ano. É professora universitária e atualmente está afastada por estar fazendo mestrado na própria Instituição. O casal não pretendia ter filhos logo após o casamento, mas a necessidade de interromper o uso do anticoncepcional oral resultou em uma gravidez não planejada. No início do casamento o casal achava que os dois tinham que dividir as

obrigações com o cuidado da casa; após a chegada dos filhos isto mudou um pouco, embora o pai ainda seja bastante participativo. Caracterizam-se por formar um casal que contestava o tipo de educação recebido dos pais. Propunham-se a fazer tudo, menos o que os pais fizeram, mas hoje, ao verem o comportamento do primeiro filho, passaram a valorizar muitos aspectos do modelo de educação dos pais. Preocupam-se em não estar cometendo com o segundo filho os mesmos erros que acreditam ter cometido com relação à educação do primeiro, pois têm muitas dificuldades em estabelecer limites com este.

Embora trabalhasse 40 horas semanais tentava conciliar o horário, jogando o maior número de aulas para o período noturno, de modo a poder permanecer o período da manhã junto com o filho, uma vez que nunca teve coragem de deixar seus filhos com empregada.

Achava terrível o fato de a mulher ser mais requisitada em relação aos cuidados dos filhos, pois acredita que pai e mãe tem os mesmos direitos e os mesmos deveres. Contudo, refere ter mudado muito do primeiro para o segundo filho, no sentido de não brigar tanto pela divisão de tarefas, pois acha que não vale a pena.

Existe boa interação na família e entre esta e as famílias de origem dos dois. O neto mais velho é muito ligado à avó materna, vai todo dia a sua casa e quando viaja quer comprar-lhe presente.

Claúdia

Claúdia tem 44 anos e dois filhos do sexo masculino, um com 8 e outro com 6 anos. É professora universitária e está separada do marido, que também é professor, há quase dois anos. Ela relata que o casal tinha um bom relacionamento antes da chegada dos filhos e que este foi se desgastando em função da divergência na forma de educa-los e de um certo distanciamento do pai em relação às crianças, devido às frequentes viagens a trabalho. Estas viagens eram consideradas por Claúdia desnecessárias, principalmente porque a família estava sendo preterida.

O casal não tinha muitos amigos e tinha uma convivência conflituosa com sua família, que não aceitava muito o marido, por ele ser de outra nacionalidade.

Claúdia refere sentir-se muito sobrecarregada com os cuidados dos filhos, principalmente porque o pai chega a ficar dois meses viajando e também porque não tem um relacionamento muito harmonioso com sua família, especialmente com sua irmã, e a mãe por sua vez é doente. Estes fatores impossibilitam a colaboração no desempenho da tarefa de cuidar dos filhos.

Lisley

Lisley tem 43 anos e uma filha com. É professora universitária e o marido tem uma loja de confecções. O casal teve muita dificuldade para ela engravidar. Como queriam muito um filho, Lisley se submeteu a vários tratamentos, se bem que na época em que engravidou não estava fazendo tratamento algum, pois já se havia cansado (chegou a tomar nove injeções por dia). Ela teve depressão pós-parto e durante este período rejeitou bastante a filha. Isto, acredita, trouxe como consequência a necessidade de se dedicar muito a ela, através de uma excessiva prestação de cuidados pautados no cumprimento rigoroso de horários.

A família não pôde contar com o apoio de suporte social nem por ocasião do nascimento da filha, pois todos moram longe. Isto fez com que o pai se envolvesse bastante nos cuidados com a filha, inclusive tendo se dedicado integralmente à mesma por ocasião da depressão pós-parto. Ela refere que até hoje existe uma grande cumplicidade entre o pai e a filha, o que ela atribui à participação do mesmo durante este período crítico.

Embora exista muita divergência entre a forma do pai e a da mãe de lidar com a criança, este fato não tem prejudicado a interação da família porque eles não interferem quando um deles está interagindo com a criança.

Rosana

Rosana tem 36 anos, dois filhos (um casal), a menina com seis anos e o menino três. Ela é assistente social, trabalha o dia inteiro fora e, apesar de se declarar uma militante política, refere ter esperado os filhos atingirem uma determinada idade para só então retornar às atividades políticas, pois mesmo antes desse retorno já experimentava conflito em relação ao pouco tempo que podia ficar junto dos filhos.

O casal tem relação bem dividida, e o marido é definido como companheiro, uma vez que tem boa participação em todos os tipos de atividades domésticas.

A relação com os filhos é permeada de muito carinho e muito diálogo. Existe uma grande preocupação em desenvolver, com certa regularidade, atividades de lazer voltadas especificamente para as crianças. Estas se dão muito bem com os avós.

Roseli

Roseli tem 32 anos, é casada com João e tem um casal de filhos, a menina com seis anos e o menino com dois. Ambos os partos foram por cesariana e atualmente ela é

laqueada. Roseli não completou o terceiro grau, trabalha como técnica de nível médio. Optou por concentrar seu horário de trabalho das 13 às 20 horas por considerar este horário mais viável para a realização das tarefas com a casa e os cuidados com os filhos. Acha difícil conciliar as atividades com a casa, filhos e trabalho. Relata “pegar no pé” do marido e dos filhos para que estes colaborem com a ordem na casa. É quem dita as regras em casa, e quem tem uma postura mais firme na educação dos filhos, uma vez que o marido é um pouco desligado. Também é ela quem acompanha a realização de tarefas escolares. Não gosta que o marido deixe os filhos verem cenas fortes ou de sexo na TV. Acha que sua vida mudou muito com os filhos, pois passou a ser mais criteriosa na alimentação, no cuidado com a casa e no relacionamento com as pessoas. Acha difícil ser mãe, por não saber o que é certo ou errado. Avalia-se como uma mãe protetora e ao mesmo tempo exigente, daquelas que não dão tréguas. Gostaria de mudar este tipo de conduta. Tenta educar os dois filhos do mesmo jeito.

Edlene

Edlene tem 30 anos e um casal de filhos, o menino com sete e a menina com cinco anos. Os dois nasceram em parto normal, as duas gravidezes não foram planejadas; na ocasião não usava anticoncepcional oral porque fazia mal; é laqueada. É técnica de nível superior e trabalha na Universidade há muitos anos. O marido trabalha em uma grande empresa em uma cidade vizinha. Sua família de origem mora na cidade e constitui importante referência e suporte. Os filhos frequentaram a creche e em seguida foram para uma pré-escola. A família tem casa própria e carro e os filhos estudam em escola particular. Os filhos fazem uso de transporte escolar e a mãe conta com a colaboração de uma empregada doméstica no desempenho das tarefas com a casa.

A família é protestante mas consideram que a criança não está preparada para a rigidez da igreja protestante.

Existe um relacionamento bastante afetuoso entre pais e filhos e entre estes e os tios e avós maternos.

Priscilla

Priscilla tem 36 anos e é casada há dez. Ambos são professores universitários e trabalham na Instituição há 10 anos. A família nuclear é constituída pelo casal e dois filhos (gêmeos) com dois anos.

Moram em casa própria, ampla, localizada em um bairro de classe média alta. A família do esposo mora em outro país e a dela em outro estado. Priscilla conta com ajuda de empregada e babá.

O casal vinha tentando uma gravidez havia vários anos, inclusive Priscilla realizava tratamento até em outros estados. Como as famílias dos dois moram distante outros esquemas de suporte foram montados: além de empregada para os cuidados com a casa, contratação de babá para os cuidados cotidianos das crianças e contratação, durante um determinado período, de uma pessoa para ajudá-la no cuidado com as crianças nos fins de semana e feriados.

Os filhos só frequentaram a creche por uma semana, porque Priscilla achou muito complicado, em se tratando de duas, ficar tirando as crianças de casa. Os cuidados dos filhos são permeados: - pela divisão de atividades e recursos; - pela ausência de suporte familiar; - pela necessidade de conseguir outros recursos humanos que não o familiar; - pela dificuldade de cuidar de dois ao mesmo tempo.

Acredita Priscilla que o ideal seria poder trabalhar só meio período, mas acha importante continuar trabalhando, pois o trabalhar possibilita à mulher repor suas energias, mesmo porque não considera o fato da mãe permanecer o dia inteiro junto com a criança uma garantia de qualidade nos cuidados prestados, pois quando fica muitas horas junto com os filhos, nos finais de semana por exemplo, cansa-se e altera a voz

Alessandra

Alessandra tem 29 anos e duas filhas, uma com 5 e outra com um ano e meio. As duas frequentaram a creche da Instituição e atualmente a mais velha está em uma creche municipal. Ela é proveniente de família numerosa (eram 12 irmãos) e passou a infância na zona rural. Tem o segundo grau completo, começou a trabalhar como empregada doméstica com 15 anos e há vários anos trabalha no setor de zeladoria da Universidade. O marido é pedreiro e colabora bastante no desenvolvimento de cuidados com as crianças. A família é protestante e não tem televisão em casa.

Existe boa interação entre os cônjuges e entre os pais e as filhas. Ela relata que não tinha nenhuma experiência em cuidar de criança quando a primeira filha nasceu, o que justifica pelo fato de ser a caçula.

A avó materna constituiu importante suporte por ocasião do nascimento das meninas, mas devido à idade avançada e aos problemas de saúde não tem condições e nem

paciência para ficar responsável pelos cuidados com as netas em situações de doença, por isto, muitas vezes nestas ocasiões a mãe se vê obrigada a levar a filha doente (que não pode freqüentar a creche) consigo para o serviço.

Patrícia

Patrícia é de descendência japonesa, tem 36 anos, um filho com um ano e está grávida de cinco meses. Trabalha como técnica de nível superior há muitos anos na Universidade, ocupando um cargo de chefia, e é casada com um professor da Instituição não nipônica. Embora a família tenha uma condição razoável de vida (carro do ano consorciado, casa própria embora modesta), ela trabalhe fora o dia inteiro, tenha um filho ainda pequeno (menos de dois anos) e esteja grávida, ela não tem uma empregada para ajudá-la no desempenho das tarefas domésticas. Em função disso, quando chega a casa no final da tarde, precisa ficar se desdobrando para fazer a janta, lavar roupa e cuidar da criança ao mesmo tempo, pois o marido, conquanto saia do trabalho no mesmo horário que ela, costuma praticar esporte ou sair com amigos no fim do dia.

Patrícia demonstrou ter a preocupação de não ficar dividindo tarefas relativas ao cuidado da casa ou do filho com o marido, para não prejudicar seus estudos, embora ele esteja liberado integralmente para fazer o doutorado por um período de 4 anos.

A família de origem de Patrícia mora na cidade e a de seu marido em outro Estado. Ela procura deixar o filho com a avó duas vezes por semana, no período da tarde, porque acha importante o filho ter um vínculo com a avó, a qual, segundo sua percepção, sente um pouco de ciúmes pelo fato de o neto ir para a creche

Raquel

Raquel tem 37 anos e um casal de filhos, a menina com sete e o menino com cinco anos. Ambos frequentaram a creche pelo tempo permitido e em seguida foram para uma escolinha. Os filhos estudam em escola particular e a família tem um padrão razoável de vida (carro, casa própria). Ela é professora universitária e o marido proprietário de um pequeno comércio.

As famílias de origem dos dois não moram na cidade. O fato de Raquel estar fazendo uma pós-graduação e precisar viajar com freqüência representa um transtorno na rotina familiar, uma vez que ela é responsável pelo desenvolvimento de grande parte das atividades relacionadas aos filhos (levar e buscar na escola, dentista, fonoaudiologia, etc).

Existe uma boa interação entre os cônjuges, apesar das divergências na forma de educar os filhos.

João

João é formado em direito mas não exerce a profissão, por não querer sair da Universidade, onde já trabalha há vários anos. Ele tem 34 anos e é casado com Roseli. O casal tem dois filhos, uma menina de sete e um menino de três anos. O que marca a história desta família é o fato de o casal já ter se separado por duas vezes, inclusive na última vez por mais de um ano e meio.

O que percebi após a entrevista com os dois é que, por parte de João, existe uma vontade de continuarem juntos em função de uma preocupação com a formação das crianças, pois acredita ser muito importante a presença da mãe e do pai. Roseli, no entanto, deixou transparecer que, para ela, o fato de estarem juntos tem muito mais a ver com a questão econômica, pois acha que sozinha não consegue dar conta das despesas domésticas, porquanto o valor que João pagava de pensão era quase irrisório e portanto, pouco contribuía no orçamento.

João considera que os filhos os respeitam bem, embora às vezes respondam mal e até gritem. Em seu relacionamento com os filhos demonstra amor e carinho através de gestos e de palavras.

Na percepção de João o casal tem estopim curto, pois discutem com facilidade. Acredita que a diferença de temperamento e na forma de ser interfere no relacionamento do casal, o qual não conversa profundamente sobre seus problemas, pois as conversas sempre acabam em briga.

José

José é professor universitário, tem 42 anos e é casado também com uma professora. O casal tem duas filhas, uma com cinco e outra com 2 anos. Ambos estão fazendo pós-graduação viajando, mas só ele está afastado integralmente de suas atividades na Universidade. Existe boa interação na família e uma relação muito afetuosa entre os pais e as filhas.

3.4.2 – As mulheres

A totalidade das 14 mulheres da terceira geração que participaram deste estudo trabalham 40 horas por semana, a maioria (13) possui curso superior, sendo oito delas professoras universitárias. A maioria delas (oito) conta com a ajuda de uma empregada na realização das atividades domésticas, sete têm mãe morando na mesma cidade, e duas, por estarem separadas de seus maridos, assumem praticamente sozinhas a função cotidiana de cuidar dos filhos.

Como é de se supor, as mulheres que não contam com a ajuda de uma empregada são as que mais se ressentem da sobrecarga física

“ Chego em casa em torno de seis horas, aí é hora de dar o banho dele e de preparar a janta, porque em torno de sete horas ele quer jantar... em torno de nove, nove e meia que ele dorme. Ai normalmente depois que ele dorme que eu vou fazer as outras coisas. ” (Lígia)

e nos fins de semana

“ A maior parte do serviço fica para fazer no sábado, a limpeza geral da casa, tem que lavar e passar a roupa. Às vezes ainda sobra algum serviço para fazer no domingo, e vai levando...” (Lígia)

Embora os maridos, muitas vezes, façam o mesmo horário de trabalho das mulheres, elas não costumam fazer muita referência ao fato de eles ajudarem, por exemplo, dando um pouco de atenção aos filhos enquanto elas preparam o jantar,

“ Só que... que nem ontem... ele foi jogar o lixo lá fora e sumiu... foi tomar uma cerveja. E o { } ontem estava meio enjoado de gripe, ficava puxando a minha perna... ai você tem que fazer a janta e brincar ao mesmo tempo... e ele lá bebendo.” (Patrícia)

tendo em vista que dar o jantar logo para a criança representa uma de suas principais preocupações no fim do dia:

“ A hora que eu chego à tarde é corridão, o { } quer a minha atenção e eu acabo nem dando muita, tenho que fazer a janta logo, senão embola tudo. ” (Patrícia)

É nestes casos que a possibilidade de fazer um horário de trabalho diferenciado, ou

seja, mais concentrado, é bem-vindo pelas mulheres:

“ Tenho que acordar e lavar a roupa, arrumar a casa, dar café da manhã para as crianças, fazer o almoço, ficar coordenando banho, uniforme, ajudar na tarefa escolar... deixar tudo pronto para a uma hora sair de casa e aí sim começar a minha segunda carga de trabalho.”
(Roseli)

Mesmo as mães que têm empregada se ressentem de um acúmulo de atividades, especialmente no fim do dia

“ ... tenho que chegar em casa e dar banho, dar janta... a pequena chora que quer alguma coisa, tem que ver tarefa com o maior... aí são as crises, mas só assim nesse período das seis até as oito horas, até a hora de dormir.” (Marly)

e na hora do almoço.

“ Eu chego o almoço está pronto, mas mesmo assim fica corrido porque nesse período de uma hora, tenho que almoçar, arrumar as crianças, ver o lanche, cuidar da higiene deles e da minha, às vezes ainda ver uma tarefa que não terminou direito, essas coisas...” (Marly)

Assim, embora a participação dos pais nem sempre corresponda ao desejado pelas mães,

“ Às vezes ele chega em casa primeiro do que eu, mas dificilmente ele vai mexer com janta, acha que isto é obrigação minha. E apesar de não achar que seja, tenho que acabar indo fazer, pois as crianças precisam comer, mas o que me chateia mesmo é que eu nunca tenho direito de assistir a alguma coisa que me interesse, sempre tenho que estar vendo tarefa com filho, arrumando uma coisa, outra...” (Raquel)

a ausência dos mesmos, ainda que temporariamente, costuma causar grandes transtornos:

“ ... nessa época ele começou a viajar, quando eu chegava em casa, eu não conseguia nem fazer xixi, tinha um desespero. Às vezes eu punha o { } no chão, que ele estava começando a engatinhar vinha o { }, que era um bebezão de dois anos, e sentava em cima dele. Levava no banheiro não dava porque era um tal de enfiar a mão dentro do vaso sanitário, então eu não tomava banho, só tomava banho de manhã, antes de ir para a escola.” (Claudia)

A presença do pai é importante inclusive quando a mãe tem possibilidade de fazer um horário de trabalho diferenciado. Por exemplo, no caso daquela mãe, que se sentia insegura em deixar o filho pequeno com a empregada, embora esta já trabalhasse na casa havia mais de dois anos quando a criança nasceu, a possibilidade de desenvolver algumas atividades no período noturno representou a saída ideal. Contudo, é importante salientar que isto só foi possível em função da natureza do emprego de seu marido, que lhe possibilitava estar em casa todas as noites com regularidade de horário. Aliás, o casal inclusive conseguiu enxergar vantagens na saída encontrada, pois avaliam que a ausência da mãe por algumas horas seria

“...importante para a relação dos dois, para eles se conhecerem melhor, não ficar aquela coisa só com a mãe.” (Ana Paula)

A participação e colaboração dos pais se mostram imprescindíveis sempre que algumas mães tentam fazer adaptação no horário de trabalho. Uma outra mãe, em função de seu local de trabalho, teve oportunidade de optar por ficar em casa no período da manhã e trabalhar diariamente das 13 às 20 horas e no sábado pela manhã. Neste caso, ela podia ficar com as crianças pela manhã, cuidar de atividades relacionadas com a escola e alimentação, além de todos os cuidados com a casa, e o pai, por sua vez, ficou responsável pelo cuidado das crianças no período compreendido entre 17:30 (hora de saída da creche e escola) até o horário de retorno da mãe.

Uma outra mãe que trabalhava no setor de zeladoria optou por começar a trabalhar às 6:30 da manhã, visto que nesse horário já podia deixar as filhas na creche, e sair às 15:30, o que lhe permitia o desenvolvimento de atividades relacionadas com o cuidado da casa e das filhas de forma mais tranqüila. Quando o marido chegava em casa, por volta de 18 horas, com a outra filha, o serviço e a janta já estavam adiantados.

Embora à primeira vista possa parecer que a manipulação no horário de trabalho tenha muito mais a ver com as tarefas da casa do que com o cuidado dos filhos, isto pode não ser verdade, pois no caso destas duas últimas mães, elas de qualquer modo teriam que fazer o serviço caseiro, já que não contam com a ajuda de uma empregada. Em assim sendo, elas tem oportunidade de fazer estes serviços, porém de forma mais tranqüila, o que lhes permite uma maior atenção à criança, além de presença na casa em um período em que as mesmas ainda estão acordadas.

Outras vezes, no entanto, não existe esta possibilidade de optar por horário de

trabalho, e permanecer um período em casa, junto com os filhos, representa muitas vezes um sonho distante:

“ Sempre pensei que quando tivesse um filho, gostaria de poder tomar conta dele, como a minha mãe tomou conta de mim, mas não numa situação como a dela que nunca trabalhou, sempre só ficou em função dos filhos. Queria poder conciliar alguma função que possibilitasse cuidar do filho e não como hoje que fico o dia inteiro longe dele.” (Lígia)

Percebe-se nestes exemplos que de certa forma estas mães desejam reproduzir um pouco a maneira como foram criadas, ou seja, elas valorizam a presença da mãe em casa, muito embora, tal como no caso de suas mães, esta presença não signifique disponibilidade exclusiva para cuidar das crianças.

Se por um lado, a presença da mãe em casa, ao lado do filho, é valorizada por esta geração,

“ Sempre penso em arrumar alguma ocupação que me dê um pouco mais de tempo para cuidar dele, acompanhar o crescimento, poder sair mais com ele.” (Patrícia)

por outro, o contexto atual muitas vezes não permite que elas façam esta opção:

“ Quando eu pensei em ter o filho, tanto que esperei seis anos, pensava em ficar mais tempo com ele do que hoje eu fico, só que por questões financeiras não posso simplesmente largar o serviço e ficar em casa”. (Lígia)

Ao se referirem a esta questão, as mulheres muitas vezes deixam explícito que paralelamente ao papel de mãe, querem continuar desenvolvendo o papel de mulher profissional,

“ Porque da mesma forma que você acha que o coração de mãe quer ficar mais tempo junto, por outro lado tem você profissional, eu fiz um curso superior, poder usar...” (Lígia)

pois apesar de considerarem isto importante para a criança, não pensam muito na possibilidade de parar de trabalhar fora;

“ Eu até achava que seria o mais certo para a criança a mãe parar de trabalhar, mas depois eu fiquei pensando que não, o que importa é a qualidade do cuidado e não a quantidade.” (Priscilha)

Para as mães dessa geração, apenas cuidar de crianças não é suficiente para a realização pessoal, e isto pode trazer conseqüências, segundo suas percepções sobre a qualidade da relação mantida com os filhos;

“ Analisando por outro lado, não seria útil nem para mim nem para ele, porque aí ia ficar dois neuróticos, um olhando para a cara do outro...” (Ligia)

além do que, este nem sempre é o desejo das mulheres, mesmo que não possuam uma profissão e fora de casa desenvolvam atividades braçais, como o serviço de zeladoria:

“ Por ele, elas ficariam em casa e eu não trabalharia, mas eu não gosto de ficar em casa cuidando de criança o tempo todo”. (Alessandra)

Identifica-se nos relatos de muitas mulheres que elas realmente não conseguem mais “só ficar em casa” e que o trabalho muitas vezes representa uma espécie de válvula de escape necessária para a reposição de energias:

“ Que nem no domingo, que fico o dia inteiro com eles, no final do dia, estou cansada, altero a voz, perco a paciência. Por mais calma que você seja acho que acaba acontecendo este tipo de coisa... às vezes eu digo: ‘ainda bem que é segunda-feira, que eu vou trabalhar, pois quando volto ao meio-dia ou no final da tarde já me refiz, já vi outras pessoas, já conversei, sei lá, já fiz minhas coisas, então eu volto com mais energia para cuidar deles.’” (Priscilha)

Por outro lado, as estratégias utilizadas por algumas mães como ajuda na criação dos filhos, na verdade são capazes apenas de aliviar a sobrecarga com o cuidado cotidiano dos mesmos, mas não chegam a liberá-las, como acontece com os pais:

“ Para mim não mudava muito minha dedicação, mas para o { } liberava um pouco mais, ele podia sair para andar, ouvir música, tomar o chimarrão sossegado. Mas tudo bem porque eu ficava mais nervosa de ficar vendo ele atucanado, querendo fazer as coisas sem poder... eu mesma já estava, vamos dizer resignada, para mim não tinha outra escolha.” (Priscilha)

Ressalte-se que o acesso a muitas informações sobre as características da criança, sobre a importância do fator psicológico na formação da personalidade do indivíduo, entre outros fatores, tem contribuído para que os pais dessa geração experienciem uma espécie

de insegurança na forma de agir e de educar os seus filhos,

“ O duro é a gente saber se o que está fazendo está sendo bom ou não. Acho que as crianças são super protegidas, tenho medo delas, com o crescimento, não sabem muito como se virar, porque a gente sempre diz assim: aqui, ali, o caminho é este, acaba que eu acho que prejudica um pouco.” (Cibele)

embora seja possível identificar que eles possuem uma noção exata do que querem, ou seja do que buscam atingir:

“ Eu gostaria que ela vivesse como eu vivi, intensamente, mas com responsabilidade. Só que a responsabilidade, a maturidade, eu não sei como passar. Vamos ver se os exemplos que a gente dá, as conversas que a gente tem...” (João)

“ ... a gente tem dúvidas sobre a melhor forma de conduzir a educação, tem medo de ir muito para um lado e ficarem crianças mimadas, cheio de dengo; ou então ir muito para o outro e acabar não dando certo também...” (Edlene)

3.4.3 – Os atores do processo de cuidar

Antes de entrar na questão propriamente dita sobre quem participa ou quem são os responsáveis pela criação dos filhos de hoje, faz-se necessário ressaltar que esta é uma geração em transição, se é que podemos assim nos expressar. Isto porque ela se caracteriza muito pelo fato de inicialmente se colocar contrária à forma como foi criada e educada; mas ao se deparar com a prática de criar um filho, ou mesmo ao colocar em prática a sua forma de pensar a educação e posteriormente avaliar que os resultados encontrados não são positivos, ela começa a rever seu posicionamento em relação à forma como os pais agiram.

“ Eu estou mudando... esse meu lado de formação moral... já estou entrando naquela fase assim: meus pais eram sábios, sabe que eles tinham razão! Quer dizer, e não diretamente, mas indiretamente eles me deram todo um referencial de vida...” (Ana Paula)

A mãe é a responsável

Pelo que foi possível identificar, a mãe ainda é o ator principal desta peça teatral. É bem verdade que a participação do pai na criação dos filhos aumentou bastante em relação aos pais de apenas uma ou duas gerações atrás, mas nem por isso eles deixaram de ocupar o papel de “coadjuvante” na condução da criação dos filhos, especialmente no que se refere aos cuidados cotidianos. E isto, eles mesmo assumem:

“ Então quer dizer, naturalmente o ônus maior é da mulher, infelizmente. Por mais que o homem participe, que tenha força de vontade, o ônus maior cabe a ela.” (João)

Eles mesmo reconhecem que deveriam estar participando mais:

“ ... ela que acompanha, faz tudo. Precisaria me educar também nesse sentido, não vejo nada, não acompanho.” (João)

E as mulheres por outro lado, apesar de se sentirem sobrecarregadas

“ É tão difícil né, eu acho que a carga da mulher é tão mais pesada... Conciliar casa, filho, trabalho.” (Roseli)

e de reconhecerem que o pai apenas ajuda,

“Diariamente quem troca, dá banho sou eu, agora esporadicamente, ele troca, dá banho. Se precisar realmente ele faz.” (Lígia)

de certa forma, ainda ficam preocupadas em não estarem sobrecarregando seus maridos:

“ Estou preocupada, porque todo mundo que tem marido fazendo doutorado reclama que ele não tem tempo para sair, é só estudar, estudar... então não vou poder cobrar muito, tenho que entender isso, quero só ver a hora que eu estiver barriguda e com o { } querendo atenção, porque a gente cansa né.” (Patrícia)

O pai participa

Para alguns homens desta geração a não-participação nos cuidados cotidianos dos

filhos, segundo a percepção das mães, fundamenta-se na velha desculpa de não saber fazer:

“ Era participativo, mas limitado porque não sabia fazer, tinha medo de fazer. Trocar fralda, não sabia e tinha medo de trocar, dar banho não sabia, tinha medo, mas era assim, estava sempre junto, mas por a mão na massa mesmo, nunca ...” (Marly)

De qualquer forma, como já foi dito anteriormente, a participação na criação dos filhos vem aumentando a cada geração em diversos “setores”. Às vezes é uma participação mais no sentido de estar presente; dando apoio à mãe:

“ Ficava junto dando aquele apoio, pegar e fazer não, ele não desenvolveu essa habilidade, mas se interessava na hora que estava dando mama ficava do lado. Ele era participativo assim, de ficar junto.” (Marly)

- acompanhando nas consultas médicas,

“ Na minha gestação, ele foi comigo em todas as consultas ginecológicas, durante o primeiro ano de vida do { } ele também foi em todas as consultas com o pediatra.” (Ligia)

- demonstrando preocupação e interesse com o desenvolvimento

“ Ele sempre participou bastante, em dar opinião, em querer saber como é que está, em se preocupar com a saúde, se está comendo, estas questões ele sempre se preocupou...” (Ligia)

ou com a saúde

“ Agora o { } é muito assim de cuidar da parte... mas eu vejo que ele se preocupa, a maneira dele sabe, de levar no médico, de querer que agasalhe melhor...” (Patrícia)

Outras vezes se trata realmente de uma participação do tipo “colocar a mão na massa” como referido pelas mães, seja:

- conversando com os filhos

“ Não estou com aquela idéia: ‘vai conversar com a sua mãe’, não acho que é por aí não, se ela vier me procurar vou tentar transmitir para ela, depois converso com a mãe dela e se falei alguma bobagem, como já aconteceu: ‘você vai lá e corrige’. A gente tem trabalhado em conjunto.” (João)

- tomando conta

“ A tarefa básica dele quando está em casa é cuidar do { }. Ele cuida, fica junto, sai e leva junto na padaria, no açougue, na musculação. Brinca junto, leva no parquinho, não tem assim, aquela paciência, mas leva junto, eles brincam e brigam bastante...” (Ligia)

- trocando a criança

“ Ele troca de vez em quando, tipo assim, quando estou muito atarefada ou estou muito atrasada falo: ‘tem que ser você’, ai ele vai, reclamando mas troca, não sai aquela perfeição, não acha nada, a fralda, o talco, quer tudo na mão. De vez em quando ele grita: ‘onde está aquilo, onde que... vem aqui um pouquinho...’ ai eu me finjo de morta, porque se eu for atrás vou ter que acabar fazendo.” (Ligia)

- querendo fazer as coisas

“ O pai sempre queria fazer as coisas., não sabia mas queria fazer, queria dar banho, acordava a noite toda, ajudou muito, até hoje ainda, nunca se privou de ajudar, sempre presente.” (Marly)

- levando para passear

“ Ela já sabe que domingo de manhã é dia de passear com o pai.” (Lisley)

- colocando na cama

“ As crianças sempre querem que o pai os coloque na cama... porque o pai tem mais paciência, fica conversando e eu sempre estou com pressa, por ter outras coisas para fazer.” (Raquel)

- ficando responsável pelo cuidado

“ Ele que cuidou dela, a semana crítica mesmo, que eu não tinha condições de fazer nada, ele ficou sem trabalhar, ficou disponível para ela, dava o banho, trocava, dava a mamadeira, fazia tudo o que era preciso. Não teve ninguém para ajudar foi ele mesmo... só levava na cama para eu amamentar.” (Lisley)

- arrumando a criança

“ Às vezes ela quer se arrumar com ele... ela detesta colocar presilha no

cabelo e chega no pai e fala: 'arruma meu cabelo'... Comigo para botar uma presilhinha, um negocinho, tenho que sofrer. O pai não... pede para o pai arrumar... e ela acha lindo, fica toda contente." (Lisley)

- carregando no colo

"Ele é muito mal acostumado, porque eu carrego mesmo. A { } fica doida comigo mas acho que tenho que aproveitar agora, depois que ele crescer vou carregar no colo? A menina praticamente já perdeu o colo dela, mas ela se ressentida, então de vez em quando eu pego, subo os três andares com ela, coisa e tal, tadinha." (João)

A creche

Para esta geração é inegável o papel da creche na criação dos filhos, especialmente porque as crianças ficam lá o dia inteiro. Além disso, para muitas famílias ela representa a única possibilidade de concretização do propósito da mulher de trabalhar fora de casa:

"Graças a Deus eu tenho a creche, não me preocupo com o onde que vou deixar. Acho que deve ter mãe que se preocupa direto." (Patrícia)

Atualmente a creche não é um recurso utilizado só pelas mães que não têm outro suporte na cidade

"Eu ergo as mãos para o céu de ter essa creche e de ter a minha mãe..." (Patrícia)

ou por mães que não podem pagar uma empregada

"Dentro da cidade era só eu e meu marido, então a creche realmente foi a salvação, se bem que eu sempre tive empregada o dia todo, a gente sempre conseguiu manter essa mordomia, mas não tenho coragem de deixar com a empregada, até hoje nunca deixei." (Ana Paula)

e de forma geral, os pais desta geração confiam na creche da instituição e sentem segurança em deixar seus filhos pequenos lá:

"A creche aqui é muito boa, sinto que aqui ele realmente está sendo bem cuidado, faz exatamente um ano que ele está aqui e nunca houve problema nenhum, sempre foi muito bem tratado, alimentação, higiene,

eu não tenho nada que reclamar, então é uma segurança que eu tenho aqui.” (Lígia)

Ressalte-se que durante o período de licença-gestante as mães têm oportunidade de desenvolver uma relação muito forte com a criança,

“ Fiquei com ele o tempo todo, era só eu, uma maravilha, sete meses (porque juntou a licença e as férias de fim de ano), só peito, solzinho, banhos, cuidados, foi uma delícia. Tava ótimo.” (Alexandra)

Isto se constata especialmente no caso do primeiro filho,

“ Eu fiquei cinco meses de licença, quatro mais um mês de férias, e é uma delícia ser mãe, você vê aquela coisinha ali, tal...” (Patrícia)

e por isto, na hora de voltar a trabalhar, é comum a mãe experimentar vários tipos de sentimentos em relação ao fato de deixar o filho ser cuidado por outra pessoa:

“ Não era insegurança porque eu sabia que a creche era boa, com todos os recursos que tem aqui e tal, mas era mais assim... ciúmes de entregar para outra pessoa cuidar...” (Patrícia)

Nestes casos, identifiquei que a maneira como esta mãe e seu filho é recebida em seu primeiro contato se constitui em fator imprescindível para o estabelecimento de confiança e da relação que existirá doravante entre a mãe e a creche:

“ Só que foi engraçado, no primeiro dia que cheguei lá, a tia veio com tanto carinho que toda aquela insegurança foi embora. Depois disso, mesmo que ele chore, acho tudo normal, logo pára de chorar, não me preocupo. Acho que é porque confio né.” (Patrícia)

A forma como as funcionárias da creche interagem com as mães ao longo do período dos dois anos de permanência da criança na creche também constitui um elemento de vital importância para que estas possam sentir que, mesmo trabalhando, elas estão, através da creche, cuidando de seus filhos:

“ Eu nunca tive problema com a creche, sempre achei que os meus filhos foram bem cuidados... passavam o plantão direitinho: como tinha se alimentado, como estava o coco, como estava de humor, se meio dengosinho, se alegre, se tinha febre, tudo. A gente fica tranqüila com todas estas informações, eu ficava.” (Raquel)

Inclusive em algumas situações representa um reforço neste cuidado:

“Em determinadas situações acho que a creche até cuida melhor do que a própria mãe, por que teve uma segunda feira que eu deixei ele lá e daí a pouco me telefonaram dizendo para ir buscá-lo porque estava com catapora. Achei que era impossível, não tinha notado nada, e ele estava mesmo com várias bolinhas na cabeça...” (Raquel)

Além de cuidar cotidianamente das crianças, a creche também tem a vantagem de criar bons hábitos nas crianças:

“ Eu fazia ele dormir mamando... mas é horrível né’, fazer dormir chocalhando (risos) dormia acho que de cansaço... mas a creche ensina tanta coisa, a gente até se acomoda um pouquinho... ensinou horário de dormir põe no berço, e daí ele rolava um pouquinho e pronto.” (Patrícia)

além de ensinar às mães hábitos de higiene hoje considerados necessários no cuidado das crianças:

“ Depois que dou a última mamadeira, aí tem que fazer a higiene do dente porque a creche cobra e ensina a gente a fazer isso.” (Patrícia)

Assim, embora muitas mães reconheçam alguns aspectos negativos relacionados à permanência da criança na creche, especialmente em relação à saúde,

“ Quando ele ficou na creche ele teve muito problema de gripe, viroses, diarreias, pegava muito este tipo de doença, então vivia no médico.” (Alexandra)

e também em relação ao comportamento da criança,

“ Ele é uma criança um pouco nervosa, irritada e acho que é porque a gente atrapalhou muito o sono dele, porque na hora do almoço quando ele pegava no sono já era hora da gente voltar, então o sono dele era muito fraco, se pudesse voltar atrás, não iria os dois períodos para a creche .” (Claudia)

elas acham que a creche traz mais vantagens do que desvantagens para a criança,

“ A creche é importante para trabalhar as coisas que a gente que trabalha fora não tem tempo para trabalhar com a criança.” (Claudia)

além do fato delas, de certa forma, gostarem da creche, e inclusive sentirem falta dela.

“ ... elas gostam também. Se elas não gostassem seria bem difícil para mim, mas como elas gostam então me sinto bem, fico tranqüila.”
(Alessandra)

Assim, embora o estudo tenha sido realizado só com mães que utilizaram a creche da Instituição como recurso na criação de seus filhos, foi-me possível identificar que ainda é a preocupação com a saúde da criança que muitas vezes leva os pais a não utilizarem os serviços da creche:

“ ... esse deslocamento, no tempo de chuva, de frio, tira uma criança, tira outra.” (Priscilha)

Também foi possível constatar que isto geralmente ocorre com pessoas que podem pagar, além da empregada, uma babá para ficar exclusivamente cuidando da criança, pelo menos enquanto ela ainda é muito pequena,

“ Uma das últimas greves ele ficou um período grande em casa e tive que contratar uma baba, quando retornou da greve, teve um caso de meningite na creche e ficou um período sem receber as crianças aí eu não quis mais que ele voltasse porque já estava bastante adaptado com a babá.” (Marly)

ou então com as que têm uma empregada com quem já mantêm uma relação de confiança de longos anos,

“ Para mim, no primeiro filho, foi mais tranqüilo deixar com a empregada, ela já trabalhava na família faz tempo, era de inteira confiança, não ia ter problema nenhum, eu tinha segurança nisso.”

mesmo porque deixar a criança em casa é muitas vezes considerado como mais confortável para a mãe:

“ E logicamente era mais conforto para mim, porque daí na creche eu tinha que buscar e levar, tinha horário para cumprir e com a babá não tinha, então por isso que ele não voltou.” (Marly)

Na figura nº 8 estão registradas algumas das atividades desenvolvidas na creche e que são consideradas como necessárias ao desenvolvimento das crianças reforçando o papel da instituição na criação dos filhos hoje.

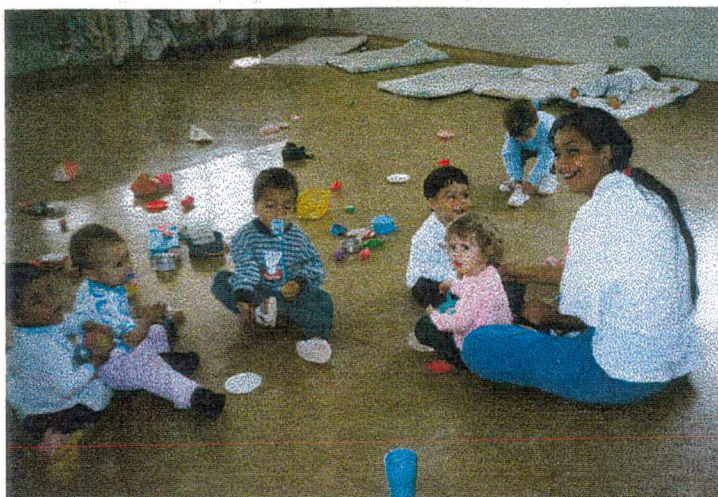


Figura nº 8 – Crianças em atividade na creche – Fotos de arquivo da Creche Pertinho da Mamãe da Universidade Estadual de Maringá



Finalmente, identifiquei que um fator que de certa forma, incomoda um pouco as mães em relação à creche, é o fato das crianças terem que se afastar sempre que estejam com algum problema de saúde:

“ Porque se estava com gripe ele tinha que ficar fora da creche, se estava com diarreia, se era conjuntivite, se era ouvido, tudo assim...”
(Alexandra)

apesar de reconhecerem que esta medida é necessária, inclusive para a segurança de seus próprios filhos. Isto porque elas enfrentam o problema de não ter com quem deixar a

criança e ao mesmo tempo terem que continuar trabalhando:

“ Quando fica doente é difícil, porque antes a gente podia pegar atestado por vários dias, mas agora é só dois dias e meio, depois tem que ir para a perícia e dá um trabalho, é difícil, já teve dia que eu tive que trazer a criança doente junto comigo no trabalho.” (Alessandra)

As avós

As mães, de forma geral, avaliam como positivo o papel da avó no cuidado às crianças, isto porque acreditam que elas têm maior habilidade para lidar com a criança:

“ A minha mãe tem uma paciência com eles, um relacionamento que eu não consigo ter. Eu vivo gritando... Ela deixa eles mexerem na massa quando está fazendo pão, bolinho, eu já não consigo.” (Raquel)

Além do mais, elas relatam com facilidade a cooperação que recebem por parte da avó no que se refere ao compartilhar de responsabilidades no cuidado dos filhos; e aquelas que não contam com esse apoio, por sua vez, conseguem ressaltar a falta que sentem do mesmo para apoiá-las no desempenho desta tarefa. Portanto, proximidade de moradia ou pelo menos residência de uma das avós no mesmo município da mãe, de forma que a mesma possa se constituir em uma retaguarda segura, é desejável pela maioria das mães, seja em casos esporádicos,

“ Quando precisa, eu deixo na minha mãe ou na minha sogra, mas deixar com a empregada sozinho eu nunca deixei.” (Ana Paula)

em casos de doença

“ O dia que eu vejo que o { } não está bem em casa, eu levo direto na minha mãe. Não deixo muito lá para não sobrecarregar, procuro deixar mais assim... quando está doente. Coitada, pensando bem, é bem isso, quando está doente, enjoadinho, vai para lá.” (Patrícia)

ou mesmo para diversões

“ A avó que é o help, sempre... quando tem uma programação, teve uns shows bons esses tempos, a gente acabou indo, eles dormiram na minha mãe. Eles ficam super-bem na minha mãe.” (Rosana)

Mas, ao que parece, as mães no momento atual, ao contrário do que ocorria alguns anos atrás, já estão conscientizadas sobre a necessidade de, mesmo trabalhando, não repassarem às suas próprias mães a responsabilidade pelo cuidado de seus filhos:

“ A minha mãe praticamente criou os filhos da minha irmã, está certo que naquele tempo não tinha tantas creches como hoje, mas a minha irmã se acomodou...” (Raquel)

Esta conscientização tem a ver com vários aspectos: Em primeiro plano está o reconhecimento do trabalho que essas pessoas já desenvolveram na vida e de que, portanto, elas têm o direito de só terem compromisso com o que elas gostam:

“ Eu também não acho certo já pensou... Meus pais moram sozinhos, não tem horário para almoçar, para jantar, é a hora que dá certo. Eles gostam de sair, gostam de freqüentar igreja, aí de repente ficar amarrado com criança...” (Ana Paula)

existe o reconhecimento de uma limitação física imposta pela idade

“ Eu que fico tentando poupá-la, porque a minha mãe já está com 60 anos, ela tem cinco filhos, e tem muitos netos. Então para não sobrecarregar prefiro solicitar só quando precisa, só numa programação ou outra.” (Rosana)

“ Ela não tem mais assim aquele pique para cuidar de criança, já está cansada não seria justo.” (Alessandra)

e, finalmente, um reconhecimento sobre o direito dos avós de terem um outro tipo de relação com os netos, ou seja poderem fazer agora o que não puderam fazer na época de seus filhos pequenos:

“ Não sou muito de tudo estar deixando com a avó. Acho que avó é para estar brincando...” (Rosana)

Por outro lado, as próprias avós hoje também já reconhecem o seu direito de não precisar cuidar dos filhos dos outros, mesmo que estes sejam seus netos,

“ Desde que todo mundo era solteiro, ela falava: ‘não vou cuidar de neto, de vez em quando, se precisar, qualquer problema de saúde, alguma coisa, eu fico, direto eu não vou ficar, porque se eu ficar com um vou ter que ficar com outro, e eu já criei os meus filhos.’” (Ana Paula)

embora algumas ainda demonstrem se sentirem ressentidas pelo fato de não serem eleitas para cuidar dos netos:

“ Eu vi que no início ela ficou com um pouco de ciúmes dele ir para a creche e até hoje quando falo por exemplo que a creche é boa, vejo que ela torce o nariz.” (Patrícia)

Além do mais, existe uma conscientização sobre a existência de uma diferença cultural, entre as gerações, na forma de criar e educar as crianças hoje, tanto por parte da avó

“ Ela também acha que não dá, porque ela acha que é muito mais rigorosa do que a gente para criar os filhos. Então ai não ia dar certo, porque não vai poder cobrar...” (Ana Paula)

como da mãe,

“ Agora negócio religioso não gostaria de precisar, justamente porque não concordo com a educação... é melhor deixar numa escolinha, numa creche” (Lígia)

o que poderia trazer, como consequência, segundo a percepção das mães, um atrito indesejável na relação familiar:

“ Eu deixo o { } na creche e acontece alguma coisa que eu não gosto eu vou lá e reclamo e com a minha mãe eu não poderia falar isso, com certeza ela não ia gostar... e minha sogra pior ainda.” (Lígia)

No que se refere ao papel dos avós na vida das crianças, chamou-me a atenção o fato de ter identificado que uma única mãe fez referência à necessidade de criar e manter vínculos entre avós e netos.

“ Antes de janeiro eu deixava toda segunda e sexta com ela, pois queria que ele tivesse um vínculo com a avó. A minha irmã deixava minha sobrinha direto e hoje ela é hiper ligada na minha mãe.” (Patrícia)

Este fato leva-me a inferir que nesta geração não existe, de forma concreta, uma preocupação com este tipo de valor. E mais, como esta mãe é de origem japonesa, acredito que seja possível existir uma relação entre a cultura japonesa e o estabelecimento deste tipo de valor.

As empregadas

Além do fato de algumas mães fazerem referência à dificuldade de encontrar uma pessoa a quem possam delegar a tarefa de cuidar dos filhos enquanto elas trabalham,

“ Porque já é difícil achar uma pessoa para fazer a limpeza da sua casa e que faça do teu gosto, agora cuidar do teu filho, pior ainda né. Achar uma pessoa que realmente trate como você, não vai achar, mas que pelo menos atenda as necessidades básicas da criança e que brinque...” (Lígia)

existe o problema de algumas mães nem sempre sentirem confiança suficiente para deixarem os filhos sob os cuidados de uma empregada:

“ Porque com a empregada mesmo, deixar sozinho, nunca tive coragem, eu não confio ... a impressão é de que não vai cuidar direito...” (Ana Paula)

o fato de terem verdadeira aversão a esta possibilidade:

“ ... eu não gosto de deixar meus filhos sob a responsabilidade de uma pessoa estranha, sozinha.” (Roseli)

ou mesmo o fato de já terem tido experiências nem sempre satisfatórias:

“ Elas ficavam sempre com a empregada, então tinha todos os hábitos de empregada, falar errado... e as crianças reclamavam, de algumas empregadas... delas gritarem com elas e até de dar uns tapas de vez em quando, sem a permissão da gente.” (Cibele)

Fatores desta natureza são, portanto, verdadeiros problemas para as mães que trabalham fora, e neste estudo eles estiveram presentes, apesar de as mães terem se utilizado dos serviços da creche, pois embora exista a possibilidade da criança permanecer na creche até os 4 anos; na prática, em função da relação elevada demanda X baixa oferta de vagas, a totalidade das crianças tem saído por volta dos dois anos.

Em assim sendo, mesmo as mães que optaram por colocar a criança em uma escolinha logo em seguida à saída da creche, na atual conjuntura econômica, a probabilidade de que ela a frequente só em um período é muito grande (apenas uma das crianças deste estudo frequenta escolinha em período integral) e por isto, fatalmente as mães são obrigadas a deixar os filhos sob os cuidados de uma empregada,

“ De manhã não tem jeito, eles ficam meio que abandonados mesmo. A empregada só atende em alguma coisa que eles queiram comer, às vezes trocar de roupa, mas ela não dá muita atenção, ela fica fazendo o serviço e eles ficam praticamente o tempo todo assistindo televisão.”
(Raquel)

a não ser nos casos em que a mãe tem a possibilidade de fazer um remanejamento no horário de trabalho.

A despeito destas questões, muitas mães fazem referência a experiências positivas.

“ Eu tinha a empregada que sempre dormia em casa, aí eu podia ter os compromissos noturnos, ele estava bem adaptado à ela.” (Marly)

3.4.4 – Os valores e as crenças que permeiam a criação

Quando se busca identificar os valores e as crenças que permeiam a criação dos filhos, constatei que os pais percebem quanto os filhos são influenciados pelo meio onde vivem. Por exemplo, os pais possuem uma concepção de que o filho mais velho “se ferra” porque não tem em quem se espelhar, enquanto o filho mais novo, por ter este espelho, consegue se mostrar muito mais ativo:

“ Nesse ponto é bom a diferença de idade porque ela mexe com ele, tanto é que com o { } eu já me distanciei mais, nessa época eu ainda estava em cima da { } em termos de estar ajudando, cuidando...” (Roseli)

Uma outra crença que fica clara nesta geração está relacionada à necessidade de os pais darem atenção aos aspectos que podem interferir na aparência e conseqüentemente na saúde mental do filho, tanto no momento atual

“ Ela tinha três anos e meio quando caiu e quebrou um dente da frente, e apesar do dentista afirmar que era só esperar nascer o definitivo, ele ficou preocupado por ela ficar muito tempo sem o dente... trazer algum problema psicológico.” (Rosana)

como futuro

“ Quando o { } se queimou com fogo, ele levou num médico, não tava contente, levou num outro e depois num outro, em vários. Ele é muito preocupado nesse sentido, não queria que ficasse com marca,

principalmente no rosto, ficava em cima para não tirar o boné...
(Edlene)

De forma geral pode-se dizer que as principais crenças relacionadas à criação dos filhos nesta geração se resumem a:

- a criança necessita de conviver com outras crianças, o que gera a necessidade de ser colocada em uma creche ou escolinha desde a mais tenra idade.
- a forma de criar os filhos muda com a idade dos mesmos
- deve existir bom relacionamento entre pais e filhos (relacionamento pautado na amizade)
- os filhos de hoje são muito problemáticos para se alimentarem
- a criança deve ter uma boa aparência física
- a criança precisa ser estimulada
- a criança precisa ter uma formação geral
- os pais têm dificuldade para criar (educar) os filhos
- os filhos precisam ser criados de forma igual e ao mesmo tempo terem suas diferenças individuais respeitadas.

Na terceira geração observa-se que as mães, além dos cuidados rotineiros com o cotidiano da criança relacionados à manutenção da vida, demonstram preocupação com o desenvolvimento global da criança, ou seja, grande ênfase é dada ao desenvolvimento intelectual da criança, o que acaba por criar novas atividades a serem desenvolvidas junto à mesma, embora nem sempre as mães se sintam preparadas para esta nova função.

Neste contexto, até as brincadeiras ganham uma conotação diferente, ou seja, principalmente com as crianças pequenas, elas quase sempre são direcionadas por um adulto com o propósito de que as mesmas consigam dar conta de estimular a criança em algum aspecto.

A grande preocupação portanto, é em oferecer estímulos:

" Aquela preocupação da criança estar bem, de estar comendo o que deveria estar comendo, de passear, de ver coisas, ter os estímulos."
(Claudia)

e mais especificamente, estímulos adequados à idade:

" ... a maioria não está preparada, não tem aquela noção de pedagogia do que ensinar para a criança dentro da faixa etária, as brincadeiras próprias..." (Ligia)

A necessidade de oferecer estímulos que sejam adequados à idade, de certa forma cria uma sensação de incompetência da família em suprir as necessidades da criança, em função da falta de tempo:

“Querida que ele fosse para a creche para trabalhar as coisas que a gente não podia trabalhar com ele, levar para tomar sol, brincar com o filho nisso, naquilo, e a gente não tinha tempo de fazer isso durante o dia.”
(Claudia)

ou da falta de confiança nesta competência. Neste contexto, para a mãe que trabalha fora, a avó, e mesmo uma babá contratada especificamente para ficar com as crianças, pode dar conta de muitas coisas em relação aos cuidados cotidianos, mas não dá conta de estimular adequadamente a criança,

“Eu achava que ele ficava muito tempo só com empregada ou só com minha mãe. Ele brincava no quintal da minha mãe com o cachorro e eu pensava: ‘ele é muito sozinho, filho único, não vai ter amigos...’”
(Alexandra)

sendo necessário colocá-la em uma creche ou escolinha:

“Apesar deles serem dois, já brincam juntos, mas não supre e a creche tem o lado pedagógico que estimula muito a criança, a socialização.”
(Priscilha)

Da mesma forma, a consciência de que as crianças “aprendem” com tudo, cria nos pais a necessidade de proporcionar aos mesmos diferentes estímulos, donde se destaca a realização de programas específicos para as crianças:

“De vez em quando a gente se toca: puxa vida, faz tempo que a gente não faz um programa... Programas assim é sagrado, pelo menos uma vez por mês. De estar indo no parque do Ingá, de estar indo no Horto, então a gente tem alguns programas com eles que já é uma coisa programada, se a gente começa a ficar falho nisso, a gente se cobra.”
(Rosana)

Percebe-se no exemplo acima que as atividades desenvolvidas pelas crianças possuem uma característica importante: são criadas especificamente para elas, porém por outras pessoas. Existe esta preocupação constante por parte dos pais, de criar as situações para os filhos poderem brincar ou se divertir, e além disso, elas também, quase sempre, envolvem muito a presença de um adulto.

“ Eu brinco com ele... tem a caixa de brinquedo então eu fico: vamos levar o fulano para passear, e ele me entende, Ah! o ursinho quer passear, ele vai lá na caixa, pega o ursinho e põe dentro do carrinho dele...” (Patricia)

Às vezes esta preocupação é tanta que leva algumas mães a buscarem um tipo de suporte diferenciado. Por exemplo, teve uma família, que quando o pai começou a estudar fora, para não sobrecarregar a mãe e mesmo para que ela tivesse um tempo para fazer compras, jantar, etc, resolveu contratar alguém que ficasse com os dois filhos diariamente das 5 às 9 horas da noite, porém optou por contratar uma estudante de pedagogia “que teria mais jeito para lidar com as crianças”.

“ Ela era uma pessoa especial, fazia magistério, então ela tinha um pique legal com criança, meus filhos a amaram, e ela trabalhou uns dois anos para mim.” (Claudia)

Uma outra família que tinha gêmeos, contratou para os finais de semana e feriados (ocasiões que nem a empregada nem a babá trabalhavam) uma senhora que trabalhava em uma creche.

“ Ela tinha muita experiência, ela veio de agosto até novembro, todos os domingos e feriados, então aí aliviava, saía com ela e as crianças, a gente fazia passeios, eu podia descansar um pouquinho, então ficou bem melhor.” (Priscilha)

Às vezes este tipo de suporte pode criar uma certa dependência na criança, como avalia a mãe que já tinha os filhos um pouco maiores:

“ Teve um problema com isso futuro, bem depois que foi o seguinte; a brincadeira para eles sempre tinha que ter um adulto.” (Claudia)

Constatei igualmente que a necessidade de estímulos determina a necessidade de colocar os filhos para aprender outras atividades. A sensação que se tem é a de que com esta atitude os pais mais ou menos, e de certa forma, se desincumbem de terem que ficar criando atividades específicas para os filhos.

“ Segunda, quarta e sexta os dois tem natação, ela está cheia de atividade por que na terça ainda faz informática e na quinta faz coral.”
(João)

Da mesma forma, constatei que é a valorização do estímulo que determina na mãe a preocupação com a defasagem do filho em relação aos colegas:

“... porque ele vai ficando defasado em relação aos outros moleques, porque todo mundo tem e ele não tem, então começa a gerar os conflitos, a gente tem sempre que estar pensando nestas coisas, mas até hoje não consegui comprar mesmo.” (Marly)

Ainda com este propósito, a necessidade de retirar os filhos de dentro de casa foi referida por todas os informantes, independentemente da idade de seus filhos.

“Por exemplo, no fim da tarde, eles passam o dia inteiro em casa, eu gostaria de no fim da tarde sair um pouco com eles.” (Priscilha)

O que é valorizado é o sair de casa, e isto pode implicar ou não em passeio, fazer alguma atividade específica,

“... poder sair mais com ele, porque realmente não sobra tempo, quando chego em casa já está escuro, e nos fins de semana tem as tarefas domésticas para fazer, então na verdade só sobra domingo praticamente para passear com ele, ir num parquinho ou alguma coisa assim.” (Lígia)

deixar brincar ao ar livre, visitar amigos, comer alguma coisa:

“... ela passeia com o pai, vai no aeroporto, vai no parque do Ingá, ela já pega as bolas, porque sabe que o pai gosta de bola, não pega boneca, comigo ela pega boneca.” (Lisley)

Na figura nº 9 encontra-se registrado um destes momentos.



Figura nº9 – Crianças brincando no parque – Foto cedida pela família de Rosana

Finalmente, sobressai o fato de a televisão, inicialmente vista como fonte de estímulo e de lazer para a criança, hoje ser interpretada como a grande vilã na vida das crianças, especialmente das maiores, seja porque a criança não gasta nenhuma energia

“ ... mas se tem uma televisão ligada ele fica, é capaz de sair da cama 7 h para ligar televisão, fica no sofá até meio dia, até a hora que eu chego e boto ele para correr, para tirar pijama, para almoçar, fica sem escovar os dentes, quer a televisão...” (Marly)

porque fica “viciada” e não quer saber de mais nada

“A noite ela chega e já vai direto para a televisão, se você não dá bronca, não pode nem ir tomar banho por que acaba uma coisa e começa outra e quer assistir tudo, não quer perder nada.” (Raquel)

ou porque esquece de suas obrigações

“Eu não deixo ele ver nada, vai fazer tarefa, porque de manhã também não faz por causa da televisão e como a empregada não consegue dominar, a noite eu tenho que segurar por que senão não faz a tarefa nunca...” (Marly)

A televisão também é vista como fator que influencia negativamente a convivência familiar

“ ... embora tenha aquele fator televisão, que também influencia muito, uma hora é ele { } quer ver o jornal e elas tem que ficar na delas, ou na hora da programação delas, elas não querem nem saber de conversa.” (Cibele)

Finalmente, a necessidade de estimular a criança leva os pais a se preocuparem em desenvolver algumas atividades com o objetivo de favorecer o contato de seus filhos com outras crianças. Quando a criança é pequena estas atividades se resumem em colocar a criança na creche ou em uma escolinha, ou ainda levar para brincar em lugar público.

“ Eles gostam de ir passear nos parques, de estar onde tem outras crianças, é pena que Maringá não tenha muitas praças onde a criança pequena possa ficar brincando, mas eles gostam muito de estar com outras crianças.” (Priscilha)

À medida que as crianças crescem outras atividades são incluídas em sua rotina de vida com o objetivo de favorecer o convívio social, donde se destaca permitirem que a criança brinque com outras crianças em sua própria casa ou na casa do amigo. E levarem para participar de festinhas:

“ A maioria das festas agora são assim né, então ela vai, fica tranqüila... marca a hora para ir buscar e eu vou numa boa.” (Roseli)

Esta questão, o convívio social, é tão valorizada pelos pais que chega a causar preocupação quando não existe:

“ Então ele está sempre sozinho, eu até falo: ‘pega o telefone dos amigos, liga. Você vai passar um dia lá, eles vem aqui’. Mas ele sempre arruma uma desculpa para não telefonar, uma dificuldade, ou ele não pega o telefone...” (Marly)

o que os leva a adotar algumas estratégias para favorecer o desenvolvimento desta atividade:

“ Agora eu estou pegando, quando vem o convitinho de aniversário vem o telefone, estou marcando na agenda, quando ele falar alguma coisa, liga lá, ‘não tenho telefone’, tem...” (Marly)

O papel da escola

O papel atribuído à escola nos dias de hoje determina a necessidade da família ser criteriosa não só em sua escolha da escola, mas também em relação à determinação do momento adequado de encaminhar a criança à escola formal.

“ ... mas eu estou vendo os resultados, eu acho que a escola, no ponto da criação do { } que foi integral e só agora parcial, ela tem 90% da personalidade que está nele.” (Alexandra)

Em primeiro lugar, a questão da precocidade da criança na escola já nem é mais discutida, todas as crianças que saíram da creche da instituição com dois anos (limite máximo permitido), sem exceção foram para uma escolinha. Mesmo aquelas duas crianças maiores, uma que não frequentou a creche e outra que permaneceu por pouco tempo, também foram para uma escolinha por volta dos dois, dois anos e meio. Duas outras crianças não foram para uma escolinha porque os pais conseguiram vaga no Núcleo Social, uma creche municipal muito concorrida, que atende gratuitamente às crianças até os seis anos de idade.

A inserção precoce da criança no mundo da escola está relacionada a três fatores:

1) a ausência da mãe no ambiente da casa,

“ Ela fica no núcleo, desde um ano e cinco meses, e fica o dia todo lá, vem comigo na hora que venho para o trabalho e só sai de tarde, então fica tranquilo para mim, não preciso me preocupar com nada.” (Alessandra)

2) a necessidade de socialização

“ Achava que a creche, faz esse trabalho de levar para a areia, de levar para brincar, brinquedos no espelho, o convívio com outras crianças...” (Claudia)

3) a questão da segurança da criança, seja em situação de saúde

“ Prefiro que vá para uma escolinha do que ficar em casa com alguém cuidando, lá está livre de ir para a rua. Lá elas estão ganhando só pra cuidar da criança.” (Alessandra)

ou de doença.

“ Às vezes quando estava doentinho e eu não podia faltar no serviço, se era coisa que podia eu preferia trazer para a escola, por que daí, pelo menos sabia que o remédio ia ser dado na hora certa, com a empregada, quando acontecia de deixar, vez e outra ela esquecia de dar e a criança ficava sem tomar.” (Raquel)

Percebe-se que os critérios utilizados na escolha da escolinha têm muito a ver com a localização,

“ Na { } era melhor porque podia ir à pé e se fosse necessário a empregada mesmo poderia levar.” (Marly)

a praticidade para a mãe,

“ Eu moro longe da universidade, então quando foi para colocar em uma escolinha eu achei melhor serem uma perto daqui, pois se precisasse, eu já estaria por perto.” (Raquel)

com a questão econômica associada à sensação de segurança,

“ As outras escolas que eu visitei relamente não me inspiraram nenhuma confiança. Teve uma que eu visitei que era melhor, só que era muito cara.” (Lígia)

com o espaço físico, considerado principalmente pelas famílias que moram em apartamento:

“ Quando eu fui ver a escola fiquei encantada, era grande, espaçosa, tinha árvore, batia bastante sol, tinha bastante espaço para as crianças brincarem, tinha uma área grande coberta, quer dizer, mesmo quando chovesse, as crianças não precisariam ficar trancada, se sentindo presas.” (Claudia)

e ainda com as características do método educacional:

“ Quando eu fui colocar o segundo filho na escolinha já foi tudo diferente, procurei uma com método construtivista, tudo ao contrário... de gritar, de cantar. Ele tem inglês, tem música, faz poesia, faz brincadeira de horta, tem piscina, tem professor de educação física. É uma escola completa, modelo.” (Alexandra)

Em geral, a não ser que aconteça algum problema com a escola,

“Chegava lá e a { } estava com a faxineira, com a zeladora, não tinha professora, não tinha ninguém.” (Cibele)

ou com a criança

“Na primeira escolinha ele ficou dois anos, mas começou a ser rotulado pelos próprios colegas como o destruidor, o arteiro, o mal. Achei que isto não era bom, que ele podia acabar se convencendo de que ele não era uma boa pessoa...” (Marly)

uma vez colocado o filho em uma determinada escolinha, a tendência é a permanência na mesma até que ele vá para uma escola formal,

“A gente gostou da escola, foi ficando ali e no fim as três freqüentaram a mesma escola, só saíram quando foram para o primeiro ano.” (Cibele)

até porque algumas mães entendem que esta mudança também pode ser prejudicial para a criança.

“Eu não posso ficar mudando ele de escola, é sempre um outro método. De repente está montando uma coisa na cabeça, está tudo certinho, se muda de escola, muda tudo e para a criança é um estresse a mais.” (Alexandra)

À medida que a criança cresce, surge para os pais a preocupação de evitar que a mesma sofra um processo estressante ao enfrentar, ao mesmo tempo, um ambiente novo e a responsabilidade que o primeiro ano requer da criança. Neste sentido existe uma preocupação real em colocar a criança para fazer o pré na mesma escola onde vai fazer o primeiro ano:

“Acho que é melhor fazer o maternal no colégio que ela já vai fazer o primeiro grau, para não ter duas adaptações, acho que é muita mudança aos seis anos.” (Lisley)

Outras mães acreditam que esta adaptação também pode ser facilitada pela presença de outras crianças já amigas:

“No primeiro filho, uma coisa que me preocupava era de estar colocando na mesma escola onde as amiguinhas, pelo menos algumas, fossem estudar.” (Raquel)

A época de início do ensino formal também é vivido com estresse por alguns pais, embora alguns revelem não ter-se preocupado com esta questão até serem chamados à atenção para tal:

“ Não tinha pensado nesta questão, e estranhei o fato de no início daquele ano as crianças terem sido divididas , entre as que iriam fazer o pré no próximo ano e as que ainda não iriam fazer. Quer dizer, dois anos antes comecei a ter dúvidas se ele deveria entrar no primeiro ano com seis anos (só faria sete em setembro)... ” (Edlene)

A dúvida que surge é se a criança deve ou não entrar no primeiro ano antes de ter completado sete anos. Algumas mães optam por esperar e se mostram seguras com a decisão tomada:

“ Ela faz seis anos agora em novembro, mas só vou colocar com sete anos. Conversando com gente que está nesta área, eles acham mesmo que com sete anos a criança está mais madura, esse um ano é importante para começar a ter uma responsabilidade formal... para todo o processo escolar, dá uma diferença, parece que não, mas dá. ” (Rosana)

Outras no entanto, temem ter feito a escolha errada:

“ Eu resolvi esperar, mas agora que vejo alguns amiguinhos no primeiro ano fico em dúvida, será que fiz o melhor? Não sei. Às vezes penso que sim, porque ele ainda me parece muito imaturo, mas tenho medo de mais tarde ele me cobrar isto. ” (Edlene)

e outras ainda, avaliam que tomaram a decisão certa ao terem colocado a criança na escola com seis anos:

“ Coloquei com seis anos, por opção minha mesmo, elas explicaram que poderia dar problema mais tarde, mas eu avalei que seria importante também que ela acompanhasse as amigas, achei que ia fazer mais mal ela se sentir atrasada... Se acontecer algum problema mais para frente a gente vê como trabalhar, por enquanto ela está indo super bem, melhor que o menino que estava na idade certa. ” (Edlene)

Na época de iniciar o primeiro grau, vira quase um consenso a necessidade de colocar as crianças em uma escola particular, uma vez que o ensino público não é considerado de boa qualidade:

“Não desmerecendo a escola pública, sou egresso de escola pública, mas é força das circunstâncias mesmo. A gente sabe que a educação pública está meio defasada infelizmente, vive em greve, não sei o que, acho que é muito fraco o ensino público.” (João)

Além disso, a escola pública hoje tem passado a idéia de ser desorganizada:

“Eu nem pensei na possibilidade de colocar em escola pública, moro perto de uma e vejo como é: tudo é motivo para não ter aula.” (Raquel)

e ainda de sofrer os problemas decorrentes do contexto econômico.

“Se fosse colocar em escola pública seria no colégio de aplicação, que tem uma boa proposta pedagógica, mas troca muito de professor, e além disso parece que tem um problema com as crianças que frequentam a escola sei lá, os exemplos, os palavrões que eles usam, coisas deste tipo.” (Roseli)

A preocupação com a qualidade do ensino associada ao valor que os pais dão ao mesmo como condição primeira para uma melhoria nas condições de vida constitui a razão para os pais se sacrificarem tanto para conseguir manter os filhos em escola particular:

“No começo ele falava que era mitidez: ‘você não se coloca no seu lugar, pobre’. Realmente sou pobre, eu já não sou mais nem classe média, só que estou abrindo mão de coisas para mim, estou investindo nela...” (Roseli)

“A gente tem problemas grandes financeiros, se fosse pensar só na nossa vida financeira, elas com certeza estariam numa escola pública, mas a única coisa que a gente pode realmente dar para os filhos é uma boa educação, tentar fazer com que elas não tenham dificuldade na vida futura, então a gente puxa daqui, aperta dali, para mantê-las na escola.” (Cibele)

pelo menos durante a formação básica

“Lá não é muito barato, mas eu vou tentar deixar pelo menos até a quarta série, depois pode ir para uma escola pública, porque para mim o mais importante é a base mesmo.” (Roseli)

Finalmente, existe um grupo mais restrito de pais que, ao escolher a escola, mesmo

entre as particulares, definem-se por aquela que acreditam ter um método educacional mais adequado:

“ Me preocupa, eu tenho acompanhado... muita gente até fala que tem muita sobrecarga de conteúdos, meio puxadão mas gosto muito da proposta da escola.” (Rosana)

Entretanto, nem sempre é fácil convencer um dos pais sobre a importância do método educacional:

“ Ele não se incomoda com esse negócio de método, por ele desde os três anos já tinha colocado naquela escola. Explico a importância, a diferença de uma escola para outra, ele falava: ‘a gente vai colocar numa escola boa e vai pagar menos’. Ai eu falava: não a gente vai pagar mais porque a escola é melhor.” (Alexandra)

Observa-se pelos exemplos apresentados que, de maneira geral, quando existe o problema financeiro, são as mães que fazem o maior esforço para manter o filho na escola particular. Da mesma forma, são elas também que se preocupam em ir procurar saber sobre métodos educacionais, visitar escolas, etc.

“ Geralmente essa decisão ele deixa para mim, o que eu decidir ele apoia. Acho que é um tipo de acomodação...” (Alessandra)

“ Na porta da escolinha era um assunto que estava sempre presente, no final do ano formamos um grupinho e visitamos as escolas que tinham uma boa referência.” (Raquel)

Uma vez colocados os filhos em uma boa escola seria de se esperar que os pais fossem liberados de preocupação com este setor. Ledo engano. É a partir daí que começa a preocupação com o cotidiano do mundo escolar. Em todos os depoimentos de famílias que já tinham filhos em idade escolar, sem exceção, acompanhar a realização de tarefas escolares constituiu uma das principais atividades do criar os filhos, uma atividade, aliás que, parece ser privativa da mãe, pelo menos na maioria das famílias, seja porque o pai não prioriza esta atividade:

“ É a mãe, isso tudo é a mãe, isso eu sou negligente... não que eu ache que não seja importante, até sei que eu deveria estar ali acompanhando, mas chego com a cabeça cheia em casa e adoro futebol.” (João)

trabalha até tarde

“ Ele fica o dia inteiro fora e não tem muito horário fixo para chegar: 8:30, 9:30 h, muitas vezes as crianças já estão dormindo, então sou eu mesmo, a tarefa, essas coisas.” (Edlene)

não tem paciência

“ Sempre eu que cuidava de materiais deles, de escola, tarefa de casa, era tudo eu. O { } não tem paciência nenhuma...” (Alexandra)

ou não está presente no dia a dia devido à separação conjugal.

“ Ele faz tarefa à noite, porque tem que fazer comigo. Chego cansada, com o saco cheio e ainda tenho que ver, tenho que resolver pepino de criança, é tarefa que não deu certo, não fez não sei o que, essas coisas assim que vai te desgastando.” (Marly)

Autonomia e Individualidade

Valorizar a criança enquanto ser único no mundo parece constituir o que as famílias da terceira geração entendem como uma de suas funções. Desta forma, criar os filhos de forma igual, mas respeitando as individualidades de cada um, constitui um de seus objetivos. Neste contexto, é necessário saber identificar e referenciar pequenas diferenças na personalidade dos filhos, mesmo quando estes são gêmeos, para que se possa atender à criança em suas necessidades individuais:

“ Bom, eles são muito diferentes, tanto fisicamente quanto de personalidade. Por exemplo, o { } é mais desinibido, mais extrovertido, fala mais e o { } é mais tímido.” (Priscilha)

sejam elas básicas como alimentação, eliminações:

“... ele tem mais coordenação motora para fazer coisas, começou a comer antes sozinho, fazer xixi sozinho...” (Priscilha)

ou mesmo em relação aos tipos de brinquedos a serem oferecidos:

“ Os brinquedos todos, praticamente são diferentes, as únicas coisas comuns são carrinho, trator e bola que os dois gostam, fora isso é tudo diferente.” (Priscilha)

Conhecer as características do filho também é considerado importante na hora de escolher a escola a ser freqüentada:

“ Eu achei que era mais de acordo com a personalidade dele. Eu não vou colocar ele dentro de uma instituição fechada, que tem que ter silêncio, que não pode falar alto...” (Alexandra)

A preocupação em valorizar esta individualidade e ao mesmo tempo não favorecer o desenvolvimento de sentimentos de baixa auto-estima também leva os pais a manifestarem que pretendem tratar todos os filhos de forma igual, porém diferentemente de como ocorria nas outras gerações, pois o que eles pretendem é que nenhum filho seja privilegiado ou prejudicado em relação aos demais, mas ao mesmo tempo que tenham suas características individuais atendida,

“ Eu acho que todas tem que ser igual, e ao mesmo tempo acho que cada uma tem seu comportamento, suas necessidades e a gente que é mãe, pai, deve conhecer cada uma para poder ajudar mais, atender melhor no que for necessário. A { } tem muita facilidade para aprender, só presta atenção no que a professora fala e já sabe, agora a { } não, ela é extremamente relapsa, displicente com as coisas dela da escola. Ela não é capaz de fazer um resumo sozinha. ” (Cibele)

independentemente de idade

“ Quando a arte é das três, uma coisa que eu fico brava é porque o { } só chama a atenção da { }: que a mais velha tinha que saber exatamente o limite do perigo e alertar as irmãs. Nós dois acabamos brigando porque eu digo que não é assim, porque na idade delas a { } já tinha noção de algumas coisas e ela também é uma criança, então eu acho que todas tem que ser igual.” (Cibele)

ou de sexo.

“ Porque eu tenho uma filha e um filho, até algum tempo atrás, as filhas eram criadas diferente dos filhos, na minha casa foi assim também, e eu quero ver se não vou tratar um de uma forma e outro de outra forma.” (João)

Esta pretensão é válida uma vez que o que eles querem dizer é que pretendem valorizar as características individuais de cada um, sem contudo privilegiar um ou outro em função de seu sexo, como pode ser confirmado neste relato:

“ É óbvio que pelo sexo mesmo já não são iguais, que um vai ter um tratamento e o outro vai ter outro, mas preciso aprender a trabalhar isso, as características inerentes a cada um.” (João)

Esta individualidade da criança também é valorizada quando os pais percebem a necessidade de presentear os filhos em determinadas datas,

“ Ele é preocupado com criança, se a criança está bem na escola, com presente, eu digo: ah! não precisa, já deu aquele presente, não precisa dar outro e ele diz: mas todo mundo ganha, vou lá comprar. Às vezes nem está podendo direito, vai lá e compra.” (Edlene)

e de comprar para os filhos aquilo que eles estejam querendo e que os amiguinhos da escola já têm:

“ Às vezes ele pede alguma coisa e eu tento enrolar um pouco, digo que não tenho dinheiro, que não posso, que ele não precisa daquilo, mas quando vejo que os amiguinhos da escola todos já tem, aí me dá um aperto no coração e eu não penso duas vezes para comprar, mesmo porque nunca é coisa assim que a gente realmente não possa comprar: é um modelo novo de chinelo que saiu, coisas assim.” (Raquel)

Ela também é valorizada quando a mãe consegue compreender que mesmo os filhos mais velhos, de vez em quando, necessitam ser cuidados de forma diferenciada, e que às vezes as solicitações feitas constituem manifestações não verbais de outras necessidades, como por exemplo, de carinho:

“ O { } me pede para dar banho e eu dou banho nele, o { } me pede ainda, ele fala: você faz para o { } e não faz para mim. Então às vezes eu dou, ou senão eu falo: não você já sabe fazer e a mamãe tem que fazer a janta, você toma seu banho rapidinho, eu até te troco se você quiser. É o carinho que eu acho que ele quer né.” (Claudia)

Da mesma forma reconhecem a necessidade da criança de ter um espaço que possa ser considerado seu

“ Nós achamos que era importante ela ter contato com as coisinhas dela, ter contato com a casa... porque na creche é sempre uma coisa que é de todo mundo... é bom para a socialização dela, mas não é bom para o individualismo dela.” (Claudia)

onde estejam as coisas que goste e onde possa se manifestar livremente:

“ Para dar janta tem que sair correndo pela casa... porque ele não quer perder tempo, quer brincar com as coisas dele.” (Ligia)

É a preocupação com a individualidade, com a condição única do ser criança que, segundo as avós deste estudo, tem desencadeado nesta geração toda uma preocupação com o filho mais velho por ocasião da chegada de um novo membro na família:

“ Quando o { } nasceu a gente tinha a preocupação de não deixá-la de lado. ‘Não, isso daí não vai acontecer’, mas em alguns momentos a gente se perde e acontece mesmo. Até hoje a gente dá mais atenção para o { } do que para ela.” (João)

Esta preocupação por sua vez determina o surgimento de mudanças na estrutura familiar mesmo antes do nascimento da criança,

“ Quando fiquei grávida, ela só queria dormir no nosso quarto, tivemos que fazer a caminha dela no chão e esperar o nenê ficar maiorzinho para depois colocar os dois no outro quarto...” (Rosana)

inclusive por ocasião do parto, já que a preocupação em não modificar a rotina doméstica revela, em última instância, preocupação com o filho mais velho:

“ Eu decidi que ia ter o filho aqui, para não alterar nada da rotina da casa, então foi toda uma história para ajeitar. Minha mãe ficava com o { } enquanto eu estava no hospital para ele não se sentir isolado, ela levava ele para visitar...” (Marly)

Este tipo de preocupação na verdade vai acompanhar os pais durante muito tempo, e ela não existe só em relação ao filho mais velho,

“ Este negócio de ciúmes é um problema sério. Ela fala que só gosto, só defendo o ‘filhinho queridinho’ só porque ele é mais pequeno. E ele, por sua vez, é terrível, gosta de provocar e ela é um pouco manhosa, chora... então a gente tem que ralar mais com ele para que pare de atentar e aí ele diz que só brigo com ele” (Raquel)

embora se tenha a impressão de que é mesmo com o filho mais velho que isto acontece com mais frequência,

“ Eu deixei ela meio de lado, ainda não recuperei, não consegui atingir o grau de atenção que ela tinha antes do { } nascer.” (João)

por dois motivos básicos. O primeiro é que existe um consenso a perpassar as gerações, de que o filho mais novo necessita de cuidados mais amáveis;

“ Agora ele já cresceu um pouco mais e já dá para dividir melhor, já dá para dar bronca nele, coisa e tal. Mas o menor exige mais e isso ela não vai entender, não adianta pedir para ela entender que ela não vai entender.” (João)

e o segundo motivo é a questão de que o filho mais velho nunca mais vai ter a situação de ser único, como já foi um dia, quando era o centro único das atenções. A partir do momento em que chega um novo membro, tudo é dividido. Contudo, se o filho mais velho nunca mais terá as mesmas “regalias, o filho mais novo por sua vez, nunca as terá da mesma forma e na mesma proporção, por mais que seja paparicado.

“ A { } não é muito de conversar, é meio fechada, mas sinto que precisava de uns momentos só eu e ela, apesar que ela nunca cobrou diretamente. Depois que o { } nasceu, nunca mais tivemos momentos só nosso, a não ser quando ele dorme, nossa aí ela fica realizada, quer fazer tudo, tadinha.” (João)

Ressalta-se que as próprias crianças, de certa forma, querem fazer prevalecer sua individualidade e entendem que isto pode ser favorecido ao terem um quarto só para si:

“ A { } já está pedindo um quarto para ela, conversei e falei: quando você começar a ir para a escola, ter suas coisas, aí você vai ter seu quarto.” (Rosana)

É interessante notar como os pais mudam sua forma de pensar de um filho para outro. No caso da família de Rosana, a filha tem apenas dois anos a mais que o irmãozinho, e quando este nasceu ela já ficava em um quarto sozinha; agora no entanto, o filho mais novo está com três anos e a mãe ainda tem a preocupação de não separá-los de quarto, por achar que o menino é muito novinho para ficar sozinho.

“ Se esperar mais um pouco, ela vai estar com sete e ele com cinco, então fica mais tranqüilo para ele estar dormindo sozinho.” (Rosana)

Finalmente, gostaria de salientar que, nas famílias da terceira geração, o

reconhecimento da criança enquanto um membro da família com direitos e deveres se faz notar no desenvolvimento de atividades cotidianas desde a mais tenra idade:

“... então são coisas que hoje eu faço, que meu marido faz com nosso filho, de sair junto, de conversar tudo que a gente tem de conversar na frente, não tem esse negócio de ficar escondendo nada, e daquele clima de beijar, de dizer que te amo...” (Lígia)

Dar autonomia

Autonomia e independência parecem caminhar juntos. À medida que ganha independência, a criança também vai adquirindo autonomia, pois na percepção dos pais ela vai se desenvolvendo automaticamente com a idade:

“ Tô esperando passar este ano pra ver se eles ficam um pouquinho mais independentes...” (Priscilha)

e representa uma espécie de valor que eles gostariam que seus filhos adquirissem precocemente, pois de forma geral ela pode significar uma maior liberação.

“ Não sei como chamaria esta outra parte de mais independência da criança, talvez de mais autonomia, daí com isto eu comecei a relaxar um pouco mais...” (Priscilha)

Se por um lado o desenvolvimento da autonomia é desejável, por outro muitas vezes os pais apresentam dúvida sobre qual a melhor forma de agir para que isto aconteça, constituindo-se por isto em ponto de discórdia

“ Ele foi um pouco rígido com as crianças pois ele quer fazer as crianças ficarem independentes, o que por um lado é bom, só que eu acho que ele não respeita o ritmo da criança, ou eu super protejo, não sei, isto para mim não está claro.” (Claudia)

ou de preocupação:

“ Antes, houve uma época que eu até valorizava esse tipo de coisa, achava que ele estava ficando esperto, inteligente e tudo. Mas hoje já acho que não é por aí, às coisas não podem ser sempre do jeito que ele quer não.” (Ana Paula)

A dificuldade, ao que parece, está em encontrar o ponto de equilíbrio, pois se de um lado se deseja um filho independente, é lógico que em algum momento esta independência tem que começar a ser praticada. Identificar qual o momento ideal e a maneira de fazer isto é que se constitui em preocupação:

“Uma criança, a gente dá uma liberdade que eles não tem condições de trabalhar com aquilo, em idade que eles não sabem o que é a liberdade.”
(Ana Paula)

Muitas vezes, a ansiedade de fazer tudo ao contrário do que foi feito em sua própria criação leva os pais a atropelarem o processo.

“Eles são muito pequenos e a gente quer jogar em cima deles o que a gente não teve, só que eles não tem condições de assimilar.” (Ana Paula)

A despeito dos acertos e dos erros, constata-se que muitas vezes o caminho encontrado pelos pais para favorecer o desenvolvimento da autonomia é não ajudar os filhos no desempenho de algumas atividades básicas:

“Meu ex-marido não ajuda nem um nem o outro, ele não pega a roupa da mochila deles, ai eles vestem trocado, é uma bagunça. Mas ele fala: é assim que eles aprendem.” (Claudia)

- deixar a própria criança determinar o horário de se alimentar, especialmente no que se refere às refeições intermediárias,

“Agora minha educação é deixar ela livre para escolher o que quer, tanto é que até um ano ela não era criança de beliscar, não comia nada fora dos horários.” (Lisley)

- ou deixar a criança escolher a roupa que vai usar

“Agora não consigo mais fazer eles colocarem a roupa que eu gostaria, tem sempre que ser a roupa que eles escolhem, às vezes é uma roupa que não está apropriada para a ocasião, mas não tem jeito...”
(Raquel)

Uma outra prática que tem favorecido, em alguns casos, o desenvolvimento da autonomia é o fato das crianças desta geração normalmente possuírem quartos individualizados:

“ No quartinho dela, ela escolhe os bichinhos que quer em cima da cama, gosta de arrumar suas coisinhas, deixa bem bonitinho.” (Edlene)

É interessante ressaltar que por trás de uma suposta autonomia da criança percebe-se, às vezes claramente e noutras de forma velada, uma projeção da mãe. Isto é percebido no exemplo acima, ou seja, por mais que a criança manifeste seu desejo ao escolher os bichinhos a serem colocados em cima da cama, ela de certa forma está reproduzindo o que a mãe considera um quarto “arrumadinho”.

3.4.5 - A concepção sobre o ser criança

No que se refere à concepção do ser criança nesta geração, chama a atenção o fato das informantes quase sempre apresentarem conceitos relacionados ao filho mais velho. Por exemplo, uma mãe que tem um filho em idade escolar ou pré-escolar e outro com menos de dois anos, e que por isto ainda está na creche, constrói sua realidade a partir da definição de situação, quase sempre em relação ao filho mais velho. Este fato leva-me a interpretar que as experiências vivenciadas com o segundo filho, provavelmente por já terem sido internalizadas, são menos marcantes. E que as situações novas, aquelas vivenciadas pela primeira vez, e portanto com o filho mais velho, influenciam mais fortemente a forma de perceber a criança.

Outro aspecto complementar a este é que esta definição é quase sempre feita em relação ao momento presente, ou seja, ela se baseia muito no estágio em que se encontra o primeiro filho.

A forma como os pais percebem a criança interfere na forma como eles interagem com ela e por conseguinte, na forma como desenvolvem a sua criação.

Os relatos apresentados pelos pais demonstraram que, para este grupo, esta percepção não se baseia só em conhecimentos teóricos, pois, ela vai sendo construída ao longo da experiência de criar os filhos. A análise sobre a concepção deles de criança me permite identificar que esta, além de ser formada por várias categorias, vai sendo alterada à medida que a criança vai se desenvolvendo.

A criança é pois percebida no início como um ser que tem dificuldade em “ser e

estar” no mundo. A fragilidade do ser criança ainda bebê, é identificada por exemplo, quando as mães afirmam que ela necessita de alguém junto o tempo inteiro,

“ Eu tinha medo de deixar ele dormir sozinho no quarto dele... porque algumas vezes ele vomitava, morria de medo dele vomitar...” (Patrícia)

- tem necessidade de ser cuidada

“ No início tem muitos cuidados, coisas que se você não faz a criança não sobrevive.” (Priscilha)

- tem muita dependência dos pais

“ Eles são totalmente dependentes da gente, quer dizer, até pode ser outra pessoa, mas eles dependem de ter alguém que cuide deles o tempo todo, você não pode deixar uma criança pequena sozinha e sair, isso é fora de cogitação.” (Priscilha)

Esta fragilidade também é manifestada através da percepção de uma maior susceptibilidade a doenças:

“ Quando eu começo a incluir comida na refeição, aí começam os problemas de saúde... Depois de um ano e meio, dois anos é que eles começam a ficar bem pra caramba.” (Roseli)

Uma mãe inexperiente que em sua história de vida não teve oportunidade de presenciar a criação de outras crianças pequenas, percebe o bebê como um ser complicado em suas necessidades:

“ ... depois de um ano não, ela se faz conhecer, mas até um ano eu tinha dificuldade de entender o que ela queria. Se chorava não sabia se era por dor, sempre achava que estava doente, qualquer coisa assim.” (Lisley)

porém, à medida que a criança cresce e atinge os 18-24 meses, ela começa a ser percebida como uma pessoa, um ser humano que interage com outros.

“ ... agora que eles tem dois aninhos eu estou sentindo mais de perto isto de como criar, como educar, porque estão começando a entender mais as coisas... já dá para ter um diálogo, existe uma resposta da criança... antes era mais um cuidado à criança.” (Priscilha)

A dependência da criança em relação aos adultos existe durante muitos anos, embora à medida que a criança cresça, tal dependência vá mudando suas características e intensidade.

“ Quando era pequeno dependia só de você... hoje ela pensa que é auto-suficiente, mas na verdade com 6,7 anos você ainda tem que ficar em cima, senão não escova os dentes, fica sem tomar banho, só come bobageira...” (Raquel)

O ser criança também é identificado como um ser único no mundo e que portanto possui características, interesses, dificuldades e desenvolvimento próprio, e isto precisa ser respeitado durante o processo de criação.

“ Os interesses são diferentes, o { } tem mais facilidade para encaixes, se concentra em brinquedinhos de encaixe, empilhar coisas e também coisas eletrônicas: TV, som, carro, motor, essas coisas assim. Já o { } é mais dinâmico, gosta mais de dar cambalhotas.” (Priscilha)

A criança também é vista como um ser sociável e que portanto necessita conviver e brincar com outras crianças.

“ Procuo levá-los para conviver com os amigos, recebo os amigos deles na minha casa...” (Claudia)

No que se refere à disciplina, existe um consenso de que a criança tem que respeitar pessoas mais velhas e regras de convivência social, e deve obedecer aos pais porém; há certa dificuldade em conseguir fazer com que isto ocorra na prática.

“ A gente ensina tanto, e argumenta e não sei o que, e aí você tem que justificar até aquelas coisas que é obrigação da criança, como se estivesse fazendo um favor, é com tarefa de escola, é com escovação de dentes...”
(Ana Paula)

Tanto é que a criança é concebida como um ser que não tem um “bom” comportamento, ao não respeitar, não obedecer e nem ser cortês com os pais ou outras pessoas mais velhas,

“ Se um chega, pode ser quem for, e ele está assistindo televisão e alguém quer ver um outro programa, ... o dono da televisão é ele. Ele pode até deixar, mas é um favor. Ele acha que está em pé de igualdade, não percebe a diferença que tem o avô, a avó, o pai...” (Ana Paula)

e também ao fazer chantagens e ao mesmo tempo se mostrar birrenta, exigente, rebelde... .

“... Ai ele falou assim: se você comprar aquela agendinha que eu vi lá na Americana, ai eu fico, nunca mais faço...” (Ana Paula)

Contudo, alguns de seus comportamentos são interpretados como positivos ante as qualidades que os pais desta geração consideram importantes que o indivíduo tenha para poder enfrentar com sucesso o mundo competitivo de hoje. Estas qualidades seriam o fato de serem criativas, espertas, inteligentes...

“ Tem lances assim... super legal, de uma criatividade, de uma percepção de mundo... de perceber as coisas como que acontece, você conversa ele vai captando. Nossa, é impressionante nesse sentido.” (Ana Paula)

A criança também é vista como com direito a ter saúde mental, e para tanto ela necessita de carinho, atenção e respeito por parte dos pais; não pode se sentir inferiorizado em relação aos colegas, e para o bem de sua saúde mental deve ser estimulado a brincar, seja com outras crianças ou sozinha, e ainda ser beneficiada pela oferta de atividades de lazer voltadas especificamente para crianças.

“ Não me lembro de nenhum lugar ou atividade de lazer que a gente faça que não seja para as crianças: é levar no circo, no shopping, no parque, no clube, até filme que se pega para assistir em casa é para as crianças. É lógico que eles acabam indo no supermercado com a gente por exemplo mas... não é a mesma coisa.” (Raquel)

Além disso, a partir da noção de que a criança aprende com tudo, surgiram outras relacionadas, ou seja a criança é um ser que precisa de liberdade e de estímulos adequados para se desenvolver, o que inclui possuir uma variedade de brinquedos e jogos, o convívio com outras crianças e a frequência a escolinhas.

Se por um lado a criança é concebida como um ser que precisa de uma alimentação especial quando pequena e de uma alimentação no mínimo balanceada quando maior, por outro, a forma como os pais percebem a alimentação dos filhos é totalmente o contrário disto; ou seja em termos alimentares a criança hoje é percebida como um ser muito exigente, que não se alimenta bem nem quantitativa nem qualitativamente.

“ Não sei como que nossas mães conseguiam fazer a gente se alimentar direito, eu tento, mas às vezes é na base da briga, da confusão, e na hora do almoço não fica um clima muito legal.” (Roseli)

No que se refere à saúde, a criança é concebida pelos pais desta geração como sendo muito sensível à doenças, principalmente nos primeiros anos de vida, e com propensão a apresentar complicações, necessitando por isto de ser tratada pelo médico.

“Se tem algum problema eu levo no médico, direto eu levo, tenho medo de ser alguma coisa mais grave..” (Alessandra)

Quanto à sua formação, a idéia geral é a de que a criança precisa de uma formação completa e não apenas de freqüentar os bancos escolares.

“Além da educação escolar, tenho conseguido colocá-los na música, os dois estudam piano porque desejam. Gostaria que eles tivessem uma formação mais completa, mas não conseguimos pagar uma educação complementar com nossos salários.” (Claudia)

De qualquer forma, o estudo em si mesmo constitui a principal atividade das crianças desta geração,

“Na verdade ela não faz nada em casa, eu até acho que deveria ajudar em algumas coisas, mas como a gente não fica em casa é mais difícil... o negócio dela é só estudar... e brincar.” (Raquel)

e ao mesmo tempo, um gerador, em potencial, de criação de atividades para os pais. Por esta razão, ao mesmo tempo que a criança é vista como um ser com direito de estudar (inclusive na melhor escola possível), é também imputada à obrigação de estudar e de ser responsável por sua aprendizagem.

“Eu acho que elas tem obrigação de ir bem nas provas, no meu tempo eu tinha que trabalhar e estudar, elas é só estudar e brincar então tem que ir bem sim. Estão numa boa escola, a gente faz o possível para atender a qualquer necessidade, qualquer dívida...” (Cibele)

Finalmente, a criança é concebida como um ser afetado pelo tempo, pois além de alterar interesses, sensibilidade, grau de dependência em relação aos adultos, à medida que cresce vai tendo mais condições de entender as limitações que lhe são impostas.

“... mas está crescendo um pouco, eu acho que logo ele vai estar entendendo bem e daí vai dar para trabalhar melhor isto.” (João)

3.4.6 - A forma de criar os filhos

O criar os filhos nesta geração é perpassado por várias questões que denotam uma preocupação com a totalidade do ser criança, traduzida por uma vivência familiar centrada na pessoa da criança.

Antes de entrar nas questões específicas sobre a criação dos filhos se faz necessário ressaltar que os relatos dos pais me permitiram identificar que a criação do segundo filho, via de regra, é mais tranqüila do que a do primeiro em vários aspectos, mas em especial no que se refere à presença do choro:

“ E também no segundo, se chora você já não liga tanto. No primeiro a gente não acreditava muito quando a minha mãe falava que criança pequena chora muito. Daí levava na médica, ela examinava tudo e depois dizia: tem que ter mais paciência porque nenê novo chora muito.”
(Edlene)

ou de sintomas de doença:

“ Até quando fica doente é diferente, no primeiro, a primeira febre que ele teve, nossa! Eu levei no médico e era porque ele estava muito agasalhado... mas no caminho eu ia pensando assim: Meu Deus do céu, o que será que vai acontecer, tinha impressão que ia perder, que ia internar... no segundo já não é aquela sangria desatada que você tem que sair correndo, aquele desespero, tal. É com mais tranqüilidade.”
(Ana Paula)

A maioria das entrevistas permitiu que se identificasse em suas entrelinhas o quanto os pais de hoje valorizam a pessoa do filho. Aliás, pelo bem-estar dos filhos, eles são capazes de mudar seu estilo de vida e sua forma de pensar e inclusive de abdicar de sua individualidade pessoal e até enquanto casal:

“... e como complica esse lado do casal, às vezes quando a gente consegue sair só os dois, a gente não acredita: ‘nossa não tem ninguém solicitando, não tem nada, nossa’, você fica até assim né.” (Rosana)

O mudar o estilo de vida inclui entre outros aspectos:

- o restringir saídas

“ A gente acabou sofrendo um processo de isolamento, já está bem melhor, a gente já sai bem mais, a partir de um ano e meio começou a

melhorar bastante, de ir na casa dos outros, de sair mais com eles, de receber algumas pessoas...” (Priscilha)

Considere-se que o sair de casa sem o filho representa precisar contar com a colaboração de outras pessoas:

“Eu não saía tanto, mas assim, se você quer fazer alguma coisa, tem que contar com todo mundo, com a empregada, com a mãe... você tem que organizar tudo para poder sair.” (Ana Paula)

Também constituem o mudar o estilo de vida:

- o deixar de fazer coisas prazerosas

“... a minha vida virou da casa para o serviço e do serviço prá casa e quando chega em casa, basicamente cuidar dos filhos. Bom, acho que para a maior parte das mulheres é assim né, e eu não estava acostumada com isto, aí é que está o problema (riso). Depois de 10 anos de casada, você tem sua vidinha assim, bem estruturada, você ser dona do teu tempo, fazer o que você quer e de repente perder tudo isto.” (Priscilha)

- o adaptar programas

“... aí priorizava mais as atividades de fazer na casa de amigos ou em casa mesmo, que era mais confortável. Mas às vezes, quando estava com muita vontade de ir para um barzinho, ia para um bar onde pudesse estacionar o carro quase que do lado da mesa, e cuidava ali’, a gente fez isto várias vezes.” (Rosana)

- o deixar de cuidar de si

“Acho que a primeira grande mudança na vida da gente é a falta de tempo para nós mesmos. Eu pretendia aproveitar a minha licença para fazer uma ginástica, caminhar, enfim fazer alguma atividade física para ajudar na perda de peso, mas foi simplesmente impossível.” (Raquel)

- o mudar os tipos de atividades que desenvolve

“Sempre fui uma pessoa de participar muito politicamente, de ter muita atividade a noite e praticamente só depois que o { } fez três anos que eu estou retomando as atividades à noite.” (Rosana)

- o mudar o círculo de amigos

“ É sempre aquela coisa de casais que também tem filhos pequenos, a gente faz muito este tipo de programa.” (Rosana)

Esta estratégia, a de ter e frequentar amigos que tenham filhos na mesma faixa etária mostra-se importante para que os contatos representem possibilidades de lazer para todos na família, pois do contrário, aquilo que poderia ser uma atividade prazerosa passa a ser penosa, como se identifica nesta fala:

“ A gente quase não ia, eles mexiam muito, meus amigos só tinham filhos grandes e ninguém brincava com os meus filhos. Eu ia para a casa dos outros para cuidar dos meus filhos, porque eles queriam mexer nas coisas... Ficava desesperada, não podia participar de uma conversa, nada...” (Claudia)

Como se observa nos exemplos acima, as mudanças ocorridas na vida dos pais atingem inclusive uma área muito particular, que é o seu círculo de amizades, já que existe uma certa tendência em priorizar relações com pessoas que tenham filhos na mesma faixa etária, com o propósito de favorecer o contato das crianças.

É importante ressaltar que esta mudança não tem só origem extrínseca (aquela na qual os pais se aproximam dos pais dos amigos dos filhos), pois ela pode começar quando os filhos ainda nem frequentam uma escola ou uma creche. Nestes casos, isto normalmente ocorre com pessoas que já possuem algum tipo de contato (no trabalho, na escola, ...) e o fato de terem filhos na mesma faixa etária acaba funcionando como uma espécie de ímã que os aproxima, inicialmente na troca de experiência e mais tarde na convivência fora do ambiente de trabalho ou escolar.

“ ... apesar de que a gente mudou um pouco nosso círculo de amizade, agora a gente tá com amizade mais ou menos de criança da mesma faixa etária, porque daí os brinquedos, a bagunça é mais ou menos a mesma...” (Rosana)

Só uma mãe, a qual era separada do marido mas contava com o apoio de uma empregada, que inclusive dormia no emprego, não efetivou grandes mudanças em seu estilo de vida,

“ Eu priorizava assim, os finais de semana para passear com ele, mas durante a semana deixava nas costas da empregada mesmo, o tempo

todo, ela dormia em casa e eu podia sair a noite, ter o compromisso noturno, sair com minhas amigas, tomar uma cervejinha...” (Marly)

tendo inclusive adaptado o filho aos seus programas ao invés de adaptar seus programas ao filho.

“ Às vezes levava junto também, a partir de uma certa idade ele começou a me acompanhar mais: sem fralda, sem mamadeira, sem chupeta, ai eu levava.” (Marly)

É também em nome do bem-estar, de uma preocupação em não causar traumas psicológicos, que os pais “mudam a forma de pensar” ou então fazem concessões contra sua própria vontade.

“ Às vezes concedo coisas que não gosto para que me dêem sossego, ou porque apesar de não gostar, acredito que eles precisam ser atendidos naquilo, por exemplo: brincar com barro ou água.” (Claudia)

Enquanto nas gerações anteriores os pais até se mudavam da zona rural para a cidade para que os filhos pudessem estudar, nesta geração as mudanças ocorridas são em relação à moradia. Algumas delas denotam uma preocupação com a saúde da criança.

“ A gente trocou o piso porque era forração e como ele vivia gripado o médico achou que podia ser alergia.” (Patrícia)

mas na maioria das vezes é mesmo com o bem-estar, ou seja, com a qualidade de vida das crianças:

“ Valeu a pena, como eles mudaram, ficaram menos dependentes da gente. Ela se desenvolveu, aprendeu a subir em árvore, inventar as coisas no quintal, eles resolvem, nossa o que eles inventam de brincadeira, é uma delícia.” (Rosana)

mesmo quando isto significa aumento de despesas:

“... fui para uma casa, ele achou um absurdo porque eu dobrei meu orçamento e eu falei: ‘olha o que são essas crianças dentro de uma casa e dentro de um apartamento como você conheceu’. Ai ele me deu razão, porque realmente eles eram muito arteiros dentro daquele apartamento, não tinha espaço...” (Claudia)

Aliás, o modo de criar os filhos nesta geração passa por atividades que valorizem a individualidade da criança e ao mesmo tempo dêem conta ou contribuam para o seu desenvolvimento neuromotor.

“... não é tudo o que eu dou, mas aquilo que eu posso, quando eu posso. Acho que eles têm que ter, eles aprendem com tudo. É mexendo que eles aprendem. Eles aprendem a mexer com televisor, com video-game, fazendo o que? Mexendo...” (Claudia)

Em assim sendo, os meios de comunicação e os hábitos de consumo têm uma influência perceptível nesta área, já que algumas atividades do criar denotam a preocupação com atualização tecnológica e em relação a amigos

“ Eu até estava pensando, preciso dar um game para ele, agilizar qualquer coisa, porque se não ele vai ficando defasado em relação aos outros moleques, porque todo mundo tem e ele não tem...” (Marly)

Acompanhar as etapas do crescimento e desenvolvimento

De maneira geral os pais percebem que existe uma evolução na forma de criar e cuidar dos filhos, determinada pela evolução do crescimento e do desenvolvimento da criança, tanto no que se refere ao tipo de relacionamento mantido entre pais e filhos:

“ É isto que eu penso: ‘que isto é provisório’. Vai chegar o momento que as crianças não querem mais saber de ti... você vai querer fazer programas conjuntos e eles não querem mais saber, é uns 10, 12, sei lá 15 anos no máximo, depois já é outro tipo de relação, é outra coisa.” (Priscilha)

como nos tipos de cuidados que são dispensados à criança:

“ Porque muda muito né, até um ano de vida a { } tinha uma educação, um tipo de cuidado e agora eu tenho outro...” (Lisley)

ou do trabalho elas crianças dão:

“ Com um aninho eles ainda davam bastante trabalho, agora com dois anos eles dão trabalho, mas de um outro tipo, não é tanto aquele cuidar assim... a criança já brinca um pouco mais, se distraí um pouco mais com as coisas.” (Priscilha)

Neste tema foram incluídos todos os cuidados que os pais têm com os filhos no sentido de adequar as atividades à idade e ao desenvolvimento apresentado. Por exemplo, de acordo com a concepção dos mesmos, a criança pequena necessita de determinados tipos de cuidados

“ Antes eu via mais assim, realmente como cuidar, os cuidados da criança: higiene, alimentação, carinho, estas coisas...” (Priscilha)

e de que estes sejam prestados em intervalos mais amiúdes:

“ Eu vejo assim, no começo, no primeiro ano de vida, eu ficava muito envolvida com atividades de manutenção: acordava, trocava fraldinha, mamadeira ou amamentar, depois já iam dormir, depois acordava, fralda de novo, comida. Então ficava muito envolvida com isto daí, que estou chamando de cuidar... que se eu não fizesse isto a criança não sobreviveria.” (Priscilha)

À medida que a criança cresce, os cuidados de manutenção, conforme o termo utilizado por uma das mães, vão sendo espaçados:

“ Depois de um ano, um ano e meio esta questão de cuidado já não era mais tão intenso. Por exemplo, alimentação já tinha um intervalo maior, antes era de 8 em 8 horas e de manhã mamadeira, depois só o almoço, o lanchinho e o jantar, não tinha aquele negócio assim...” (Priscilha)

da mesma forma que a criança vai se mostrando mais independente dos pais:

“ ... eles começaram a se interessar mais por brinquedinhos, aí eles já começaram a comer com a mãozinha deles...” (Priscilha)

Neste estudo foi possível perceber que a forma como os pais conduzem o cuidado durante esta etapa de dependência da criança tem bastante relação com o fato de os mesmos já terem tido experiência ou não, e isto também é percebido por eles.

“ Do primeiro tudo parece mais difícil, mais sofrido, muita dificuldade, parece que não ia terminar nunca... depois passa, tudo vai se ajeitando. Do segundo já foi bem mais tranquilo, você não apavora igual do primeiro.” (Ana Paula)

É importante salientar que os cuidados dos pais não se restringem unicamente à

questão de sobrevivência e portanto, mesmo que a criança já saiba, por exemplo, andar e se alimentar sozinha, ainda existem alguns tipos de cuidados que exigem a supervisão direta da mãe ou do responsável, a qual não permite descuidos:

“ Enquanto eles são pequenininhos, até dois anos, eu troco de roupa, eu limpo o nariz, eu não deixo o nariz ficar escorrido, eu escovo os dentes, eu faço tudo, depois eu vou soltando, depois eu solto mais ainda. Eu acho que tudo tem época para deixar, largar.” (Roseli)

Também constitui tarefa dos pais, estimular o desenvolvimento neuro-psico-motor

“ Eu deixo mexer, não fico proibindo, na verdade não estraga nada, e computador é isto mesmo, é mexendo que se aprende, tanto é que ele já sabe mexer em coisas lá que eu nem sei, porque eu só sei o feijão com arroz mesmo.” (Raquel)

- promover atividades próprias para a idade

“ ... ela queria uma bicicleta e eu não queria dar, não estava na idade de andar de bicicleta, com um ano e três meses. Me preocupo que ela use na época certa, porque se ficar pulando fases, não curte nem na época porque não tem tamanho, não tem idade e não curte depois porque já passou a empolgação.” (Lisley)

- ensinar brincadeiras próprias para a idade

“ Acho a creche importante porque tem pessoal preparado para ensinar às crianças brincadeiras próprias para a idade...” (Lígia)

- colocar o filho para fazer outras atividades formais

“ Natação eu fiz questão de colocar, eles gostam bastante, às vezes ficam com preguiça de ir, mas depois lá eles gostam e a menina eu coloquei para fazer dança que ela gosta bastante também.” (Raquel)

- não ultrapassar o que a criança quer saber naquele momento

“ Tento não ficar ultrapassando muito do que ele quer saber, dou muito aquela resposta do que está perguntando, depois se ele quiser saber mais. Não fico explicando muito assim das coisas.” (Rosana)

- estimular o crescimento e desenvolvimento

“ Gosto de levá-los para brincar em espaço aberto, com árvores, para que eles tenham oportunidade de gastar energia, se movimentarem, acho que isto é importante para o crescimento, o desenvolvimento deles.”
(Claudia)

- estimular a criança a aprender coisas novas

“ Adoro ver a capacidade que eles tem para lidar com coisas novas, eles exploram, querem ver como funciona... Gosto de levá-los em locais diferentes, ambientes novos, assim estão sempre aprendendo coisas novas...” (Raquel)

- interferir pela criança pequena

“...então descia com um monte de brinquedo, ela ia pegar, vinha uma criança e pegava da mão dela, pegava outro vinha criança e pegava... e ela não conseguia brincar porque não reclamava, não ia atrás, não falava. Eu tinha que intervir...” (Roseli)

Acompanhar o desenvolvimento, portanto, é respeitar os limites da criança, embora exista a noção de que pela idade a criança já deveria estar sendo auto-suficiente para realizar determinadas tarefas:

“ Ela se apoia em alguém para fazer essas coisas de coordenação, de subir, de descer, ela não faz legal.” (Lisley)

Respeitar os limites é também fazer comparações com o estágio de desenvolvimento de outras crianças e se preocupar quando percebe alguma diferença:

“ Ela demorou para engatinhar, foi com um ano e um mês, a própria médica da creche me assustou quando pediu uma avaliação com fisioterapeuta, levei para fazer em Londrina porque não ia querer ficar com a dúvida se tinha sido bem avaliado ou não. Graças a Deus não era nada.” (Raquel)

3.4.7 - O cuidado na saúde e na doença

O item *cuidar da criança na saúde e na doença* praticamente sintetiza as atividades de criar os filhos nos dias atuais. De forma esquemática pode-se dizer que cuidar na saúde

implica realizar determinadas atividades que têm por objetivo manter a saúde e ao mesmo tempo evitar a doença. Assim sendo, constatei que, de certa forma os pais desta geração estão o tempo todo apresentando algum nível de preocupação com a saúde de seus filhos. Embora isto seja mais freqüente no caso de famílias com filhos pequenos, esta preocupação continua a existir independente da idade, como se constata na fala desta mãe que já tem um filho com 7 e outro com 5 anos:

“ Eu tenho muita preocupação com a saúde deles.” (Claudia)

Isto faz com que eles sejam capazes de perceber pequenas alterações, muito antes dos sinais de alguma doença:

“ Se vejo que ele está um pouco enjoadinho, eu já sei que vem vindo alguma coisa por aí.” (Patrícia)

Eles também agem no sentido de prevenir determinadas doenças, seja fazendo algumas proibições:

“ Por exemplo, proibiria eles de ir para essa chuva, primeiro porque eles vão se sentir mal e segundo porque eles vão me dar um trabalho filho da mãe, porque filho doente é um saco.” (Claudia)

levando para a administração de vacinas:

“ Nos quatro meses da licença gestante eu só saí de casa para ir na minha revisão dos quarenta dias e para levá-los nas consultas pediátricas e para as vacinas...” (Priscilha)

ou tomando alguns cuidados relacionados ao vestuário:

“ Quando é pequeno não deixo pegar friagem, sempre agasalho bem.”
(Roseli)

à higiene dos objetos que entram em contato com a criança:

“ Eu tinha cuidado com relação a mamadeira, chupeta, tudo era fervido, tudo era... bem cuidado neste sentido.” (Lisley)

ou da própria criança:

“ ... de higiene dela, de trocar a fralda, era só perceber que estava molhada já trocava para ela não ter assadura.”

Finalmente cuidar da saúde também implica em acompanhar o crescimento e o desenvolvimento da criança, o que envolve uma série de atividades, como veremos no próximo subitem.

O cuidar da criança na doença por sua vez, tem-se mostrado como uma atividade corriqueira, dada a frequência com que esta se manifesta. Ou seja, embora quase sempre seja referida como benigna, a doença dos filhos, segundo a percepção das mães desta geração, são muito frequentes, principalmente nos dois primeiros anos de vida. As doenças referidas com maior frequência foram: gripes, resfriados, pneumonias, otites, problemas alérgicos...

“ Mas sabe assim, o { } nunca teve nada de muito grave, mais assim, febre de gripe, gripe direto.” (Patrícia)

As condutas tomadas diante da doença são muito variadas, mas sem sombra de dúvida, o médico é procurado em praticamente 70 a 80 % dos casos.

Tudo começa, por exemplo, com a percepção de pequenas alterações no humor da criança:

“ Eu via que o { } não estava bem, o humor da criança muda, fica assim abatidinha, tal. Eu já sabia que aquela noite não ia dormir legal.” (Patrícia)

ou mesmo já com a manifestação de algum tipo de sintomas:

“ Ele passava uma fase boa mas daí... é sempre a noite que vem febre, alguma coisa assim...” (Patrícia)

A partir disto, a conduta pode variar, uma vez que algumas mães preferem levar logo ao médico:

“ Ah! eu já levo logo, antes que piore. Morro de medo das crianças ficarem internadas.” (Alessandra)

outras preferem esperar um pouco para ver se não se trata apenas de uma indisposição:

“ A gente sempre faz assim, por exemplo se começa a queixar de dor na garganta, já dou os remédios que o homeopata costuma dar e fico observando se no outro dia ainda continua queixando eu prefiro levar de uma vez para ele examinar.” (Raquel)

Uma vez a criança submetida a uma consulta médica, se os pais sentem insegurança no tratamento prescrito, eles costumam trocar de médico:

“ Ele nunca gostou de homeopata, nunca acreditou, mas daí quando o otorrino disse que ia tentar tratar mas que se não melhorasse ia ter que operar para colocar aquele dreninho, na hora ele já falou que não ia deixar. Entrou com antibiótico e não resolvia aí nós decidimos procurar um homeopata e graças a Deus com ele resolveu.” (Patrícia)

ou levar a mais de um médico para ouvir opiniões diferentes:

“ ... ele levou num médico, não tava contente, levou num outro e depois num outro, em vários. Ele é muito preocupado nesse sentido assim.” (Edlene)

Às vezes, quando a criança já possui um pediatra fixo, o contato com este pode ser feito via telefone mesmo:

“ Algumas vezes quando não tem horário disponível ou quando eu vejo que não é nada grave eu tento que ele medique por telefone mesmo, porque ele já conhece bem as minhas crianças.” (Raquel)

Além de levar ao médico, os pais desta geração também tentam tratar os problemas de doença por conta

“ A gente vai adquirindo prática, tem muita coisa que a gente já trata em casa mesmo, só levo no médico se piora ou se começa a demorar muito para sarar.” (Cibele)

As orientações feitas pelos médicos em determinadas ocasiões normalmente são seguidas em outras, por exemplo, colocar compressas:

“ Compressa eu faço muito... dava o remedinho e fazia compressa.” (Patrícia)

verificar a temperatura com frequência,

“ ... tirava a temperatura direto porque morro de medo de convulsão. É trauma, acho que das histórias que a gente ouve falar.” (Patrícia)

e colocar gelo

“ Quando ela é picada por algum inseto a gente já deixa aquela parte do corpo para cima, normalmente é nos pés ou nas pernas, e coloca gelo

em cima, porque o homeopata sempre manda fazer isto.” (Raquel)

Às vezes, quando a conduta do médico não resolve o problema, levar a uma benzedeira constitui um recurso utilizado, embora raramente:

“ Usei tudo quanto é leite em pó, depois foi leite de cabra, de soja, fez todos aqueles exames, fez ultra-som e não deu nada. O médico falou: ‘pode-se tentar um RX, mas tem que ser com contraste, vai judiar um pouco’ daí eu não quis e resolvi levar para benzer, minha mãe e minha sogras já tinha falado para levar. Você precisa ver, até na creche perceberam a diferença...” (Ana Paula)

Finalmente, outras manifestações de cuidados na doença referidas foram deixar o filho na casa da avó, que especialmente nestes casos, representa maior segurança,

“ No caso assim de estar doente, uma gripe, uma coisa ou outra, eu levo direto para a minha mãe.” (Patrícia)

e ligar para casa várias vezes durante o dia:

“ A gente não pode ficar sem vir trabalhar, especialmente dia que está com aula, estágio... mas daí fico ligando para ver como está, se tomou o remédio na hora certa... essas coisas.” (Raquel)

3.4.8 – As preocupações que permeiam a criação

Ao contrário do que ocorria nas gerações anteriores os pais de hoje afirmam categoricamente que são muitas as preocupações que possuem em relação à criação de seus filhos. De forma implícita elas já apareceram nos diversos subitens já trabalhados e por isto neste momento serão apresentadas de forma bastante resumida.

A preocupação com o bem estar emocional da criança é uma constante, o que leva os pais a se preocuparem com o fato dos filhos estarem ou não se sentindo bem, seja em relação aos locais que freqüentam ou aos amigos que possuem. Também é esta preocupação que leva os pais a se policiarem para estarem demonstrando carinho e para não submeterem a criança a fatores estressantes, além de zelar pela aparência dos filhos.

Um segundo grupo de preocupações diz respeito à formação da criança, neste

sentido eles procuram dar uma educação que valorize a individualidade, formar e estimular adequadamente a criança, fazer programas voltados para as crianças e como não poderia deixar de ser, uma preocupação com o desempenho escolar, o que suscita as necessidade de acompanhamento nas tarefas escolares e inclusive necessidade de reforço externo em alguns casos.

O terceiro grupo de preocupações dos pais desta geração está relacionado com a saúde da criança, o que é traduzido por uma preocupação com pequenas alterações fisiológicas e no estado de humor da criança, com a higiene, com o desenvolvimento pondero-estatural e com a qualidade da alimentação.

Finalmente, um último grupo de preocupações identificado diz respeito ao futuro dos filhos. É esta preocupação que leva os pais desta geração a proporcionar aos filhos uma série de atividades extracurriculares, as quais eles consideram importantes para o desenvolvimento global da criança.

3.4.9 - O relacionamento entre pais e filhos

Nesta geração, quando se tenta identificar o tipo de relação mantida entre pais e filhos, duas questões sobressaem. A primeira está relacionada à característica propriamente dita da relação, representada por uma maior demonstração de afeto; e a outra é a presença de uma preocupação, por parte dos pais, em se mostrarem disponíveis para os filhos.

No que se refere às características da relação, identifica-se que esta é marcada prioritariamente pela demonstração do afeto, através da manifestação verbal e não-verbal (palavras e comportamentos) dos sentimentos:

“ E com as crianças a gente tem essa relação muito assim... meu marido nossa, é uma coisa com as crianças. Então eu acho que a gente tem uma relação de muito carinho com as crianças, de muito diálogo.” (Rosana)

Percebe-se nos relatos acima que a manifestação física e verbal dos sentimentos de afeto dos pais para com a criança faz parte de um conjunto de atitudes, do qual também se sobressai um relacionamento marcado pela presença do diálogo, mesmo quando as crianças são muito pequenas.

“ Mas eu converso tanto com ele, o tempo todo... eu vou fazendo as

coisas e vou conversando e é legal porque parece que ele entende tudo, ele fica tentando repetir o que eu falo...” (Patrícia)

Constatei também que os pais desta geração procuram agir de forma a negar uma conduta diferenciada em relação ao sexo das crianças. Este tipo de conduta, nas gerações anteriores tinha por objetivo favorecer a adoção, por parte dos filhos, de comportamentos também diferenciados na idade adulta. Neste sentido, esta geração de pais, que não acredita mais na necessidade de que homens e mulheres apresentem um comportamento afetivo desigual:

“ Eu achei um absurdo a professora ter falado para ele que ‘homem não chora’, me deu uma raiva. Tentei consertar um pouco, disse que o que ela quis dizer e que ele não precisaria chorar naquele momento, mas que o homem chora sim, senão Deus não tinha dado lágrimas para os olhos do homem, só para os da mulher.” (Claudia)

fazem questão de contribuir para essa transformação, modificando sua relação com os filhos, especialmente com os do sexo masculino.

“ Eu e a minha esposa somos, principalmente o menino, você demonstra mesmo, diz que ama...” (João)

Contudo, o fato desse pai ter referido de forma enfática a manifestação de carinho com o filho do sexo masculino, leva-me a inferir que ainda nos dias atuais existem resquícios desse tipo de conduta.

À medida que os pais modificam seu comportamento em relação aos filhos, estes, que na socialização primária aprendem a reproduzir o comportamento das pessoas significantes, ou seja, daquelas pessoas que estão à sua volta, também modificam seu comportamento em relação aos pais.

“... eu acho que há reciprocidade deles, acho que eles também se sentem muito à vontade para demonstrar carinho.” (João)

É interessante notar que os próprios pais percebem que este comportamento vai se modificando proporcionalmente ao crescimento dos filhos: eles se referem à “fase”,

“ ... aproveitar bastante essas fases que eles estão próximos da gente, ficam demonstrando carinho.” (João)

como veremos logo mais, porém não se dão conta de que eles também modificam a forma de se relacionar com os filhos:

“ Quando ele era pequeno eu vivia com ele no colo, a gente dormia junto, tomava banho junto... agora não dá mais, ele está grande, pesado. Às vezes ele ainda quer colinho, mas aí eu digo que ele já está com cinco anos, quase do meu tamanho, que não agüento mais pegar...”
(Alexandra)

É provável que a dificuldade de aproximação e de demonstração de sentimentos aos filhos quando estes crescem um pouco seja influenciada ainda pela forma como os pais foram criados. Neste sentido, é mais fácil para os pais se exporem diante de uma criança pequena do que diante de uma mais grandinha, a qual já tem seu “self” formado.

De qualquer forma, os pais desta geração esperam que o tipo de relacionamento mantido com os filhos pequenos represente uma espécie de garantia no estabelecimento de alicerces duradouros em seu relacionamento com os filhos, de forma que mais tarde eles tenham aquilo cuja falta ressentem, por não terem com os seus próprios pais: um relacionamento amigável.

“ É isso que eu gostaria... não quero agradecimento dos meus filhos amanhã, não estou fazendo mais do que minha obrigação, eu entendo assim. Mas pelo menos o carinho, a consideração, estamos tentando ser amigos deles, tanto eu como minha esposa.” (João)

Já no que se refere ao estar disponível para os filhos, identifiquei inicialmente que as mães desta geração, a seu modo, valorizam a presença da mãe junto ao filho pequeno.

“ Eu acho que para a criança o ideal seria a mãe trabalhar meio período para poder ficar mais em contato com a criança.” (Lígia)

Observe-se que elas consideram importante um maior contato entre mãe e filho e por isto, mesmo trabalhando fora, elas tentam manipular suas atividades profissionais, de forma a garantir uma quantidade maior de horas junto da criança.

“ É tão difícil conciliar horário e ter um tempo para ficar com ele, mas o que eu fiz, coloquei numa escolinha meio período e fiquei meio período tentando, pegava mais aula no período noturno e vespertino e pela manhã ficava em casa.” (Ana Paula)

Constatai que a necessidade dos pais de se mostrarem disponíveis para o filho é atendida diariamente, no próprio desempenho das atividades de cuidar, através de gestos simples como ficar junto com a criança até ela dormir:

“Tenho que preparar a mamadeira e ficar com ele até dormir. Ele deita no colchãozinho e quer que eu fique junto, normalmente sem televisão, deitada ou sentada perto dele.” (Lígia)

- contar historinhas

“Eu normalmente conto a história do dia dela, quando não sou eu é o pai. Conto o que ela fez no dia e agora que ela sabe falar ela vai contando junto, mas antigamente eu ficava contando tudo o que ela tinha feito durante o dia, depois canto uma musiquinha e ela dorme.” (Lisley)

- participar de atividades junto com os filhos

“Eles sobem e brincam de massa, brincam de papagaio, cortam papel, fazem aquela bagunça no apartamento... às vezes eu brinco junto, faço junto, desenho junto, pinto junto com eles...” (Alexandra)

- brincar junto

“Eu procuro brincar com ele, toda hora... toda hora eu brinco... brinco de esconde-esconde, eu intercalo o que estou fazendo...” (Patrícia)

- dar atenção

“A gente percebe a carência, de uma forma elas cobram a presença da mãe em casa, se bem que em uma hora que a gente fica em casa no período do almoço, apesar da correria toda, a gente procura dar atenção a elas.” (Cibele)

- arranjar alguém que possa só ficar com as crianças

“De manhã a moça só cuida dela, ela não precisa fazer nada em casa, nada. É para ela ficar com a { }.” (Lisley)

- ir dormir no quarto do filho

“Como eu não queria o { } dormindo no nosso quarto porque é ruim e eu tinha medo de deixar ele dormir sozinho, então o que fiz, passei a dormir no outro quarto junto com ele” (Patrícia)

- priorizar os filhos nos fins de semana

“ Eu priorizava assim, os finais de semana para passear com ele” (Marly)

- favorecer o contato com amigos

“ Sempre que tem alguma atividade fora do horário de aula, alguma festinha, eu faço o possível para levá-las porque acho importante esse convívio social, essa interação...” (Rosana)

- levar os filhos na casa dos amigos

“ Às vezes você está cansada, quer ficar um pouco sossegada aí ela pede para levar na casa de alguma amiguinha que mora lá do outro lado da cidade, eu acabo levando porque acho que este tipo de coisa, essa relação mais íntima é importante para o desenvolvimento da personalidade dela.” (Raquel)

- receber os amigos em casa

“ A gente combina na porta da escola... sempre vai criança lá em casa para brincar, às vezes até dorme.” (Claudia)

Algumas mães inclusive fazem referência aos tipos de cuidados que se deve ter quando se recebe uma ou mais crianças em casa.

“ São coisas meio básicas que a gente enquanto adulto tem que estar sempre atento, porque se você está com um grupinho de crianças em casa, você tem que ser atenciosa, tem que estar dando alimentação, fazer um lanche, toda hora oferecendo alguma coisa...” (Rosana)

A presença do amigo em casa normalmente é muito bem vista pelos pais, uma vez que além de representar uma possibilidade de fortalecer vínculos de amizade, também pode liberar um pouco os pais de alguns trabalhos que os filhos costumam dar:

“ ... criança bem alimentada, com opção de brincadeira, com amiguinho, dificilmente ela te dá muito trabalho.” (Rosana)

Aliás, esta estratégia, a de permitir que os filhos brinquem com outras crianças, mostra-se muito importante principalmente para aqueles pais que se preocupam com a possibilidade de isolamento dos filhos decorrente, por exemplo, da redução no tamanho das famílias:

“ No meu tempo não era necessário, a minha mãe estava certa, se você tem nove crianças dentro de casa, não tem tanta necessidade de levar para a casa de vizinho, coisa e tal. Mas hoje acho que a criança precisa ter amigos senão ela fica muito sozinha, mesmo que tenha um irmão, mas este irmão vai ser mais novo, vai ter outros interesses, ela precisa de ter contato com crianças da mesma faixa etária...” (Roseli)

Outras formas de se mostrar disponível para o filho identificadas neste estudo foram:

- levar os filhos em tudo quanto é lugar

“ A gente leva em tudo quanto é lugar. Todas as pessoas que tem filhos pequenos que nem a gente, devem ser assim, eu imagino, a gente deixa na porta.” (João)

- dar atenção aos problemas dos filhos:

“ Ele era e é muito preocupado com qualquer problema que ele vê nas crianças, ele vai atrás, conversa com um, conversa com outro, às vezes nem é caso para dar tanta atenção, mas ele vai atrás até resolver o problema do filho.” (Edlene)

- ficar responsável por algum tipo de cuidado:

“ Eu não tenho coisas assim que só eu faça, a babá dá banho..., no começo sim, eu não deixava, até aproximadamente uns 10 meses era eu que dava o banho, mas depois eu ensinei certinho.” (Priscilha)

- dispensar um tempo para alimentar a criança

“ O { } me dava muito trabalho para comer quando era pequeno, tinha que distrair de mil formas porque ele não queria saber muito de comer.” (Priscilha)

Finalmente, estar disponível se concretiza através da sensação de estar fazendo o possível e o impossível pelos filhos:

“ Eu faço questão de me esforçar, me desdobrar para fazer o máximo por eles agora. Acho que o importante é agora, daqui um tempo não sei se isto que eu faço vai ter necessidade. Acho que não vai ter necessidade e nem expectativa por parte deles da presença de mãe, pai perto.” (Roseli)

Percebe-se claramente que esta necessidade, e este medo até, do distanciamento dos filhos é produto da forma como os pais percebem as relações familiares atualmente:

“ Pelo que eu tenho visto por ai, crianças de 10, 8 anos não tem mais aquela ligação que tinha antigamente com os pais, hoje você vê criança de 10 anos andando sozinha no shopping, passeando, andando com amigo pela rua.” (Roseli)

3.4.10 - A alimentação da criança

A questão alimentar das crianças é outro aspecto bem preocupante para os pais da terceira geração. Por um lado, existe toda uma preocupação com que a criança coma a maior variedade possível de alimentos, por outro os pais possibilitam que eles tenham acesso a uma quantidade muito grande de alimentos que eles consideram inconvenientes para a saúde das crianças. Ora, se são os próprios pais que fazem as compras, avalio que no mínimo, eles estão apresentando uma incoerência entre o pensar e o agir.

Com relação a esta questão considero que só quem vive esta realidade é capaz de compreendê-la em toda a sua dimensão, pois é preciso ser muito firme e muito convicta, e inclusive ter uma prática alimentar coerente para conseguir não comprar todos os atrativos e guloseimas a que os filhos são expostos através da televisão e até no contato com colegas na escola.

Quando a criança é pequena existe preocupação em estar oferecendo uma variedade de frutas, na forma de papas e de sucos:

“ ... ela sempre foi uma criança que rejeitava mesmo, você raspava a frutinha e voltava, nunca gostou, mesmo o suco foi de poucas frutas que ela aceitava: laranja, limão.” (Rosana)

e quando antes de dois anos ela se alimenta bem, o que inclui quantidade

“ Sabe que a papinha eu ainda tenho dificuldade, não consigo, admiro as tias da creche que fazem ele comer um prato tipo grandão.” (Patrícia)

e/ou variedade,

“ Ela se alimenta do que quer e gosta, gosta de tudo porque nesse primeiro ano eu dei de tudo a ela, para ela gostar de tudo.” (Lisley)

isto é muito valorizado,

“... Graças a Deus, legumes, carne, ovos, frutas, neste aspecto... não são de comer muita quantidade, mas bem variado.” (Priscilha)

devido principalmente às dificuldades que às vezes se enfrenta.

“ O { } me dava muito trabalho para comer quando era pequeno, tinha que distrair ele de mil formas porque ele não queria saber muito de comer...” (Priscilha)

Também é nesta etapa da vida da criança que as mães são bombardeadas por uma infinidade de informações sobre a melhor forma de alimentar a criança. Neste estudo detectei o caso de uma mãe que levou ao pé da letra as orientações recebidas.

“ No começo a comida era no horário rígido, meio dia, era meio dia, de duas em duas horas, quando era época só de mamadeira, era de duas em duas horas e não abria mão do horário. Almoço no horário certo, tudo no horário certo. Foi a pediatra que definiu, quando saiu do hospital ela falou assim: mamada de duas em duas horas.” (Lisley)

Observa-se que foi a inexperiência associada a uma ausência de suporte social que levou esta mãe a adotar rigorosamente os conselhos da pediatra.

“ Inclusive com 4 para 5 meses ela não queria mais mamar neste horário, hoje eu entendo que é porque ela não sentia fome... mas eu a acordava para mamar de noite. Ela recusava, chorava e eu insistia, achava que ela estava doente porque não queria mamar.” (Lisley)

A relação dos profissionais de saúde com os clientes, mesmo em consultórios particulares, tende a ser muito autoritária, não ocorrendo uma interação, nem mesmo para saber como está se dando na prática a adoção das orientações feitas anteriormente, pois se isto ocorresse seria mais fácil identificar a inadequação da orientação oferecida.

“ Depois na papinha, quando introduziu os alimentos sólidos, papinha, suquinho, ela falou: de manhã um suco de fruta lá pelas nove, nove e meia. E ela tinha que tomar esse suco de fruta, ela querendo ou não.” (Lisley)

Este tipo de conduta, a de ter horário rígido,

“ Eu fixei o horário de alimentação dela, fazia ela comer, sentava ela e ficava com ela até ela comer pelo menos quatro, cinco colheradas, se não comesse eu não parava de dar comida e também nunca pensei em mudar o horário dela, burrice mesmo né?” (Lisley)

hoje a mãe avalia como tendo sido muito prejudicial para a criança em vários aspectos.

“ ... tanto é que a { } acorda até hoje várias vezes à noite e eu acho que é porque eu a acordava para mamar... na creche, ela tinha horror a ir para o refeitório, horário de comida...” (Lisley)

É claro que considero este um caso extremo e provavelmente raro, porém se ele aconteceu com uma professora universitária, certamente pode acontecer com qualquer outra mãe que não tenha experiência e nem esteja bem orientada. Neste caso compreendo melhor a falta que faz a proximidade de um familiar, alguém mais próximo com quem a mãe possa trocar idéias e pedir sugestões.

Voltando à alimentação das crianças na terceira geração identifiquei que conforme a criança cresce a mãe vai conhecendo suas preferências alimentares e na medida do possível, tenta atendê-las:

“ Ele gosta mais de sopinha de legumes com macarrãozinho, quando dou comida normal, arroz, feijão, carne, ele come uma proporção bem menor.” (Lígia)

Da mesma forma, preocupada com a possibilidade de a criança ficar sem se alimentar, cede a seus caprichos:

“ Não acho certo, mas muitas vezes apesar da comida estar na mesa acabo indo fazer alguma outra coisa para ela comer... a gente se preocupa com o fato deles não comerem.” (Raquel)

da mesma forma, preocupada com a qualidade do que a criança vai comer, esforça-se para preparar rapidamente o jantar:

“ O jantar dele não pode demorar porque se não já começa a pedir bolacha, pão, um biscoitinho e aí depois que comer essa bobageira não janta mesmo.” (Lígia)

ou pelo menos já deixar as coisas encaminhadas:

“Eu que preparava... de manhãzinha, a noite ou no horário de almoço,

já deixava alguma coisa para de tarde; suquinho, fruta, papinha, tudo que pudesse deixar pronto. Deixava a fruta lavada, guardada, reservada para os horários.” (Alexandra)

Contudo, à medida que as crianças crescem aumentam os problemas dos pais em relação à alimentação, seja porque os filhos são muito seletivos:

“ Meus filhos tem uma dificuldade para comer, não são aquele tipo de criança que come de tudo numa boa não.” (Roseli)

porque comem muito aquilo que os pais consideram bobagem:

“ Eles praticamente não almoçam, mas também eles ficam a manhã inteira na frente da televisão sempre comendo alguma coisa: bolacha, salgadinho chips, só bobageira...” (Raquel)

e não comem aquilo que os pais consideram importante que uma criança coma:

“ Com o menino não tem problema mas a menina é um caso sério, ela já está com problema de sobrepeso. Mas também ela não sabe o que é colocar uma verdura ou um legume na boca, se a gente tenta obrigar a comer, chega a dar ânsia de vômito, além disso adora uma fritura, um doce...” (Raquel)

Além disso, eles gostariam que os filhos tivessem uma alimentação mais natural:

“ Nessa parte de alimentação mais natural eu falo bastante na cabeça deles, falo dos problemas que tem, ou então falo que deixa a pele bonita, o cabelo não sei de que jeito e aí eles começam a se interessar...” (Rosana)

e inclusive utilizam algumas estratégias, que dada a influência da mídia em nosso meio, pode ter resultados positivos.

“ ... que nem refrigerante e chips, consegui cortar assim totalmente, porque, eu tenho celulite e mostrei: ‘olha se você começa a comer muito chips e tomar muito refrigerante, você fica com a pele assim, parecendo um queijo mole’.” (Rosana)

É interessante notar que os pais se preocupam quando percebem que as crianças não estão se alimentando bem:

“ Tem fase que as crianças estão comendo de tudo, mas tem fase que eles

estão super enjoados para comer, então a gente inventa algumas coisas diferentes...” (Rosana)

e que questão alimentar, não raro se constitui em motivo de discussão do casal

“ E ele continua com a questão rígida deles comerem tudo. O { } começou a ficar tão ansioso: ‘não quero ir para a casa do meu pai porque lá tem que comer tudo’, chorava por causa disso. Discuti com ele: ‘adoraria que meus filhos comessem todas as frutas, os queijos da vida, as carnes da vida, os arroz, feijão, as abobrinhas, mas você sabe que isto não acontece.’” (Claudia)

3.4.11 - A questão disciplinar

Desde o início a questão disciplinar se mostrou como uma das facetas problemáticas do criar nesta geração, seja pela crítica das gerações mais velhas

“ Não sei porque tem essa dificuldade hoje, não sei se é muita liberdade que está dando para a criança. O pai tem que ter mais pulso, tem que ser mais firme com eles.” (Graça)

seja pela própria avaliação dos pais de hoje:

“ Acho que não tenho visto tão bons resultados não... Queria eles mais independentes do que nos fomos, com mais iniciativa, mas não era bem assim... que não respeita ninguém, uma pessoa até desagradável, que não percebe autoridade...” (Ana Paula)

Algumas famílias que deram início a este processo buscando estabelecer uma ruptura com a rigidez disciplinar com que os pais haviam sido criados, avaliam pelo comportamento atual do filho mais velho que não foram bem sucedidos, e por isto gostariam de mudar em relação ao segundo filho.

“...só que agora, que o meu está com cinco anos, começo a rever estas coisas, acho que muita coisa errei.” (Ana Paula)

Outras que, de certa forma, reproduziram as práticas disciplinares de sua formação, no segundo filho também mudaram, pois sentiram que a criança precisava ser mais respeitada enquanto pessoa.

“... ele responde muito hoje, coisa que eu não tolerava antes, se ele respondesse ele apanhava, hoje tenho que tolerar, pois acho que ele merece um respeito como pessoa; antes eu não respeitava, tanto é que eu achava que tinha que impor todo o respeito, que eu era a mãe.”
(Alexandra)

Observa-se que o maior espaçamento entre os filhos, graças ao uso de métodos contraceptivos, possibilita às famílias de hoje repensar e rescrever sua própria prática disciplinar, o que em outras gerações não era possível, pois os filhos nasciam muito próximos uns dos outros:

“ Quando eu vim para a cidade, o caçula tinha um ano e quatro meses e o mais velho tinha 15 anos. Em quinze anos tive 12 filhos...” (Graça)

Este espaçamento é importante para a família ter um tempo de repensar sua prática, conforme avalia uma mãe:

“ Então... esse tempo que acho, que é diferente do segundo, porque sabe que algumas coisas pode ir deixando, tem tempo. Você não vai formar seu filho esperto em 3, 4, 5 anos. A vida vai fazendo isto, independente de você fazer em casa, as coisas acontecem.” (Ana Paula)

Todavia, quando a diferença de idade entre os filhos não é muito grande (em torno de dois anos), como ocorre com a maioria das famílias deste estudo, existe uma probabilidade maior de os filhos terem uma educação disciplinar semelhante.

“ Eu acho que eu estou tentando educar do mesmo jeito, fui bastante chata com ela e sou bastante chata com ele.” (Roseli)

Guardadas estas particularidades, de forma geral a concepção dos pais desta geração sobre a questão disciplinar é mais “soft” do que a da geração anterior. No que se refere ao bater, por exemplo, esta concepção varia num continuum do “nunca bater” até o “bater quando necessário”, como se pode observar na figura abaixo.

1	2	3	4	5
Conversar e nunca bater	Ameaçar de bater	Dar uns tapinhas de vez em quando	Dar umas surrinhas de vez em quando	Bater quando necessário

É importante ressaltar que o “conversar e nunca bater” foi referido como sendo uma

concepção do pai, enquanto a mãe, neste caso, posiciona-se contrária ao bater, mas ao mesmo tempo entende que este tipo de atitude às vezes é necessária no processo de criação dos filhos.

“ Porque às vezes eles ficam sacaniando, você conversa, fala bravo, explica e está ali, daí dá uns tapinhas já...” (Rosana)

Esta mãe, assim como as outras, acredita que para os pais é mais fácil não se utilizar do bater porque, embora os dois trabalhem fora, quantitativamente falando, em geral eles permanecem muito menos tempo em companhia dos filhos.

“ ... só que às vezes, ninguém é de ferro, acho que a mulher está mais... o tempo maior junto com a criança, então de certa forma, esta parte fica mais a cargo da mulher também, da mãe.” (Raquel)

Aliás, divergências influenciadas pelo tempo de permanência com os filhos também foram referidas em relação ao gritar, às proibições e às exigências. Ou seja, as mães costumam relatar que ao chamarem à atenção, gritam com os filhos, e que os pais quando vêem este tipo de comportamento costumam recriminá-las direta ou indiretamente.

“ ... ele fala meio que na brincadeira, ontem mesmo ele falou: como essa tua mãe te dá bronca, como você leva bronca da tua mãe.” (Patrícia)

“ Quando ele está em casa, ele não gosta que eu fale alto com as crianças, mas fica lá, deixa por minha conta...” (Edlene)

O mesmo ocorre em relação às proibições, pois embora as mães percebam que não devem ficar proibindo tudo, inclusive porque desta forma estariam cerceando o próprio desenvolvimento da criança,

“ Eu não gosto das melecas e espirrações mas às vezes eu deixo, mesmo sem querer. Sei que preciso ter mais paciência, às vezes até chamo eles para me ajudar a fazer um bolo por exemplo, mas depois me arrependo porque eles fazem tanta bagunça...” (Claudia)

alguns pais costumam achar que as mães proíbem tudo, não deixam nada:

“Ele diz que falo não para tudo, que até parece que eu sinto prazer nisto, mas não vejo razão para deixar eles brincarem com água na mangueira aos sábados... depois deixam até a roupa molhada no chão e quem tem que ir catar e ajeitar a bagunça sou eu, ele nestas horas já

saiu ou está dormindo.” (Raquel)

Dentro da questão disciplinar, outro aspecto que chama a atenção nesta geração é a “autoridade dos pais”, ou melhor a sua “ausência”. Vejamos. Por um lado, os pais desta geração valorizam o estabelecimento de uma relação não (muito) autoritária com os filhos, mas por outro eles gostariam que os mesmos tivessem respeito para com eles

“ Ele se coloca em igualdade, não percebe autoridade, não percebe diferença entre o que ele pode fazer e o que a gente pode, não tem respeito com nada, você está conversando eles entram no meio...” (Ana Paula)

e para com os mais velhos

“... e hoje eu acho que eles tem que perceber que há uma hierarquia, que os mais velhos são mais velhos e tem que ser respeitados.” (Ana Paula)

No que se refere aos dispositivos utilizados pelos pais no processo disciplinar das crianças, foram citados o colocar de castigo, fazer proibições, estabelecer normas e rotinas, chamar à atenção, ameaçar de bater, bater, colocar limites e colocar condicionantes.

Percebe-se pelos relatos que o **colocar de castigo** nesta geração está muito relacionado às proibições:

“ Ele quem fala: não fizeram isso então vão ter esse castigo, não sai lá em baixo, vocês vão ficar fora da brincadeira. Tomou muito refrigerante, não deixou para o outro, então agora você não toma.” (Alexandra)

só uma mãe fez referência ao fato de uma vez não deixar o filho sair do quarto por algum tempo, como forma de castigo, e ter conseguido sucesso.

“ ... Ai ele ficou umas duas horas de castigo no quarto . Chorava, e ao mesmo tempo saia na porta e falava assim: ‘Aqui não é castigo, é o meu quarto, tem brinquedo, vou ficar brincando’ Daí a pouco ele chorava. Olha, a gente já estava quase indo dormir... até que aí ele apareceu na porta e falou: ‘Eu vou fazer’. Ai fez, depois disso não tive mais problema todas as vezes que precisava fazer inalação ele ficava segurando o aparelho e eu só contava o tempo.” (Ana Paula)

Neste exemplo se confirma o que os mais velhos falam: os filhos realmente

enfrentam os pais. E estes, muitas vezes, ficam sem saída, ou seja, por mais que tenham o propósito de manter uma relação mais amigável com os filhos, em determinadas situações, principalmente as relacionadas com a segurança ou a saúde, eles percebem que os limites são realmente necessários.

Outros pais demonstram certa insegurança em fazer uso deste recurso,

“... já botei ele no quarto: ‘não sai do quarto hoje, vai brincar, fazer o que você quiser, mas não sai do quarto’, mas isto é mais difícil.” (Marly)

o que muito provavelmente está relacionado com as informações que são divulgadas pela mídia a esse respeito seja em relação à sua eficácia, conseqüências para a criança, etc. Isto faz com que eles desistam facilmente do uso desta estratégia:

“ Quando tentei utilizar o castigo de por exemplo irem para o quarto e ficarem lá um tempo, não funcionou. Talvez tenha tentado já um pouco tarde.” (Claudia)

De qualquer forma, os pais desta geração não avaliam de forma positiva a imposição de castigos, pela necessidade de os mesmos terem que ser aumentados,

“O problema é que até um certo tempo você consegue com o castigo, depois você tem que ir aumentando, mudando...” (Ana Paula)

e também por terem dúvidas sobre a capacidade da criança em entender a finalidade do castigo.

“ Eu penso em dar castigo mas não sei se ele é muito novinho para saber que aquilo é castigo, não sei como vai aprender isso.” (João)

Quanto às **proibições** elas se mostraram muito presentes em relação à televisão, seja em relação ao horário ou aos tipos de programas a que as crianças podem assistir.

“ Então eu corto mais é a televisão, de manhã ele tem um horário para ver, só que a empregada quase não consegue dominar, às vezes ele vê mais do que precisa ou pode.” (Marly)

Porém, mesmo para proibir os filhos de assistir algo que acreditam ser prejudicial para eles, os pais se preocupam e se policiam para não usar a palavra “não”. Desta forma suas atitudes são muito mais no sentido de tentar convencê-los do que de proibir:

“ Quando começa um filme meio violento, qualquer coisa meio violenta

eu já troco de canal, eu não acho legal deixar eles verem. Ai eles ficam reclamando e eu falo que eu não quero ver: 'não, depois não consigo dormir, fico assustada, esse monte de sangue, esse monte de violência não gosto disso' e aí, eles vão concordando comigo. Essa é a forma que eu acho mais fácil." (Rosa)

Além disso, percebo uma insegurança por parte dos pais, traduzida pela dificuldade em "proibir".

" Eu com sinceridade não sei como trabalhar isto, para que meus filhos não vejam na televisão uma cena mais forte, este tipo de coisa, eu não sei trabalhar não." (João)

As proibições também foram referidas de forma enfática quando tinham alguma ligação com a escola, especialmente em relação a notas:

" ... ela já tinha ido mal na prova e ia ter outra prova na Segunda-feira, me enrolou o final de semana inteiro, não estudou e não a deixei ir no aniversário. Não adiantou ela prometer que estudaria quando chegasse, porque sempre fica na promessa..." (Cibele)

Ainda no que se refere às proibições, alguns pais tem claro que uma vez a mesma estabelecida, eles não podem voltar atrás, sob pena de não mais conseguirem controlar as crianças:

" Isso daí é uma coisa que eu me policio para não voltar atrás, porque senão acho muito complicado... é pior." (Rosana)

Percebe-se nos relatos que muitas das proibições impostas aos filhos estão relacionadas a uma preocupação com sua segurança,

" Até hoje não me acostumei no prédio a dar liberdade para as crianças irem ao parquinho sozinhos, porque a gente mora num lugar que tem uma molecada muito barra pesada, então eu não gosto de deixar os meus filhos." (João)

e às condições de vida e marginalidade vigentes.

" Tem uma coisa que a gente realmente proíbe que é sair do portão para fora, porque a gente mora num bairro onde tem umas pessoas assim... não pelo preconceito de ser pobre entendeu, mas por exemplo, tem muito

caso de prostituição, de roubo, de drogas.” (Cibele)

As atividades relacionadas à escola constituem fatores determinantes na **colocação de condicionantes, limites e regras**:

“ Lá em casa elas já sabem, se não fizer os deveres não tem televisão...”
(Cibele)

“ Acho que tem que ter um horário de estudo, ter uma certa disciplina.” (Ana Paula)

Contudo, embora usado, percebe-se que os pais enfrentam um verdadeiro conflito em relação a isto, pois ao mesmo tempo que não consideram este recurso válido, na prática ele acaba sendo aplicado. Isto explica o fato de o mesmo ser referido como uma condição que se procura adotar mas que nem sempre acontece, ou seja, não constitui uma regra, como se percebe nesta fala:

“ Procuro não comprá-los ou proibir a sobremesa por exemplo, para que comam, o que penso ser necessário, ou mesmo para que me obedecam no geral.” (Claudia)

Também foi em relação às atividades escolares que o **ameaçar de bater** foi referido:

“ Eu falo, falo e não me atende, se faz de surda, fica falando que daí a pouquinho vai fazer a tarefa, que só tem um pouquinho, que já está terminando de passar tal coisa. Daí eu me enfexo e chego na sala gritando e com o chinelo na mão, daí vai, resmungando mas vai...”
(Raquel)

embora ele também seja muito usado para fazer as crianças pararem de fazer qualquer coisa que esteja desagradando os pais como por exemplo a briga entre irmãos:

“... ou eu pego uma cinta, eu não dou, eu só mostro a cinta e eles aquietam, vão fazer o que eu pedi... porque é impossível o que eles fazem...” (Claudia)

- para fazê-los fazer algo que tem que ser feito

“ Para fazer bagunça eles estão sempre juntos, só que daí, na hora que cansa de brincar deixa tudo esparramado, normalmente eu tenho que

pegar um chinelo e ameaçar de bater porque senão ninguém guarda nada, deixa lá...” (Raquel)

e inclusive para conseguir a cooperação

“ Às vezes você está na maior correria, tem que passar em mil lugares, e eles ficam lá tomam o banho mais demorado do mundo, fazendo as coisas e ao mesmo tempo assistindo TV, aí eu dou uns gritos ou ameaço que vou pegar um chinelo para eles se apressarem...” (Raquel)

Embora presente, se faz necessário ressaltar que alguns pais consideram o “fazer ameaça de bater” uma agressão tanto quanto o próprio bater, como pode ser constatado nesta fala:

“ Eu não gosto de ficar ameaçando não, eu não acho legal... Isto é tortura mental...” (Rosana)

A colocação de limites por sua vez, refere-se aos tipos de brincadeiras:

“ Por exemplo, ficar pulando... aí vai quebrar uma perna, depois vai ter que sair correndo, não pode subir na árvore, Deus me livre de subir num muro.” (Cibele)

- aos locais das brincadeiras

“ Eu não deixo eles brincarem na rua, deixo o portão fechado e falo para a empregada não deixar sair... só tem criança grande aqui, então eu não deixo.” (Edlene)

- com quem brincar

“ Pode brincar dentro do limite delas, são três, a gente acha que as três pode muito bem brincar junto, não precisa de mais gente.” (Cibele)

- ao que pode ou não ser feito

“ Mas assim, de regra não, de regra vocês tem o quarto de vocês, cada um tem sua cama, aquela é a mamãe e o papai que dorme, fica apertado, conversa, tal e tal.” (Rosana)

- e aos espaços da casa

“ Ela sabe por exemplo que na cozinha não deixo ela entrar quando

estou fazendo a comida, porque tenho medo de acontecer um acidente, queimar qualquer coisa assim... então ela fica na porta..." (Lisley)

O fato de a mãe também trabalhar fora o dia inteiro, de certa forma constitui um motivo a mais para não deixar os filhos irem brincar na casa de outras crianças. Ao ouvir o relato desta mãe, a sensação que se tem é de que ela está coberta de razão. Vejamos:

" Eu explico para eles: 'Mamãe trabalha o dia inteiro, chega em casa cansada e se a mamãe deixar, vocês querem ir e ficar lá'. Às vezes eles vão e depois não quer vir... se eu deixar eles vão acostumar e aí aquela criança vai vir aqui também. A gente quer sossego, quer descansar, colocar as pernas para cima e com outra criança já não dá." (Edlene)

É importante ressaltar que muitas vezes os pais colocam alguns limites mas ao mesmo tempo, dão a impressão de que não se sentem seguros quanto à validade dos mesmos, e isto os leva a sentir necessidade de quebrar os limites estabelecidos

" Tem vezes que eu abro, não consigo determinar muito isto... não consigo trabalhar muito bem isso daí." (Rosana)

Esta necessidade por sua vez, demonstra a dinamicidade do processo de criar e inclusive quanto as pessoas vão sendo influenciadas por outras que as rodeiam, como pode ser identificado na fala desta mãe que passou a colocar alguns limites influenciada pelo companheiro:

" Eu nunca tinha colocado muito limite para ele, porque nessa história de eu ser sozinha com ele... e eu aprendi muito com o {}." (Marly)

Além disso, parece ser um consenso teórico o fato de não ser indicado voltar atrás em um limite estabelecido:

" Me policio para não voltar atrás, porque senão acho muito complicado, e nessa parte, quem tem mais segurança até do que eu é meu marido, se ele fala, pode fazer o maior escândalo, chorar, que não adianta." (Rosana)

Entretanto alguns pais fazem referência ao fato de voltarem atrás, ou melhor, cederem diante da insistência dos filhos

" Para você suportar pouco a encheção, você faz, você cede, acaba não tendo alguns limites básicos." (Ana Paula)

Os limites portanto, constituem um tipo de recurso disciplinar que tem levado os pais a incluírem mais uma atividade entre aquelas que consideram necessárias à criação dos filhos: “o querer aprender como segurar os filhos”.

“ Quando eu coloco que o colégio ajuda na questão da disciplina, é que um colégio grande necessariamente tem que ter normas. As pessoas não colocam lá exatamente por isso, mas pelas interferências que os pais faziam enquanto eram explicadas as normas do colégio você vê uma grande preocupação nesse sentido, em querer saber como segurar um pouco. Deu corda, deu. Todo mundo queria ter um filho autônomo, independente, criativo, e hoje você... como é que eu seguro um pouco a corda?” (Ana Paula)

As **normas e rotinas** por sua vez foram muito mais referidas em relação a um desejo de que elas existissem de forma concreta, do que uma referência a uma realidade. Quando elas existiam estavam relacionadas ao horário de dormir.

“ Ainda fico um pouco em conflito em relação a questão de delimitar o tempo. Muitas vezes sou mais rigorosa com eles e explico: vamos dormir cedo e tal...” (Rosana)

- ao horário de brincar

“ ... a noite ele chega e quer brincar com os amigos, então brinca, mas só até umas sete e meia, oito horas, depois tem que vir para casa, tomar um banho, jantar, começar a se acalmar para dormir, porque senão dá meia noite e estas crianças ainda querem estar brincando.” (Ana Paula)

- ao horário de estudo

“ ... não tem nenhum horário que ela quer fazer a tarefa, sempre tem alguma coisa legal na televisão que ela diz que precisa assistir, então o jeito foi determinar, senão fizer de noite, no outro dia vai ser a primeira coisa a ser feita.” (Raquel)

Observe-se que os pais desta geração assim como os das anteriores também reconhecem o valor de começar a ensinar algumas coisas, como por exemplo o ter disciplina, desde cedo.

“ Acho que tem que ter um horário de estudo, ter uma certa disciplina e isto tem que começar de criança, por que senão, como você vai conseguir

isto com um adolescente de 14, 15 anos.” (Ana Paula)

É importante ressaltar que alguns pais, embora apresentem dificuldades para a colocação de normas e rotinas, talvez em razão de conhecimentos teóricos sobre esta questão, percebem-nas como importantes para os filhos:

“ ... acho que a criança, quando ela tem uns limites mais claros, sente mais segurança, sabe onde está, sabe o que ela pode e o que não pode. Acho que é muito mais tranqüilo para ela lidar do que a incerteza: ‘eu faço isso, como é que vai reagir? Eu vou tentar, de repente é aceito, de repente eu fico de castigo’.” (Ana Paula)

De qualquer forma muitos pais sentem mais segurança em começar a estabelecer algumas normas quando a escola também passa a exigir:

“... a gente acaba se cobrando daquela atividade que tem que fazer. A escola ajuda, porque a gente cobra e lá também vai ser cobrado, porque se eu faço alguma coisa em casa e lá ela nem se dá conta, nem olha, quer dizer... fica uma coisa difícil.” (Ana Paula)

pois nestes casos, eles próprios têm oportunidade de observar na prática, os efeitos que as mesmas podem provocar nas crianças.

“ Sinto que ele também está gostando disso, de ter regras, limites. Parece que ele se sente importante de ter aquelas coisas... Ah! se chegar atrasado...” (Ana Paula)

O **chamar a atenção**, ao que parece, é um dos recursos disciplinares mais utilizados pelos pais desta geração,

“Chamar a atenção tudo bem, chamar a atenção tem que chamar, eu chamo e quero que as pessoas chamem também para me ajudar.” (Claudia)

e por incrível que pareça, o menos atendido pelos filhos, e isto desde pequenos:

“ ... mas é que a gente tá direto né, tipo: { } não faz isto, é direto assim, só que ele olha para mim e dá risada...” (Patrícia)

de qualquer forma, alguns pais apontam certos cuidados que acham necessários para que este recurso seja utilizado com sucesso, como por exemplo, não ir agradar a criança após

uma bronca.

“Eu acho que é pior porque não é assim que tem que fazer, tem que impor as coisas, dar bronca e não ir agradar.” (Edlene)

Finalmente, o **bater** nessa geração é bem menos freqüente, sendo referido, quase sempre, ao contrário do que ocorria nas outras gerações, como o último recurso utilizado.

“... eu tenho bastante paciência, sou muito de conversar antes de ter que dar uns tapinhas, porque eu dou uns tapinhas, não sou só no diálogo não.” (Rosana)

Isto porque os próprios pais não se sentem bem fazendo isto:

“Ele nunca bateu, nunca relou nos meninos, ele se sente mal quando percebe que a gente vai bater, ele não tolera, nunca tolerou...”
(Alexandra)

porque consideram uma agressão:

“Nunca bati mais do que dois, três tapinhas, nunca mais do que isto, porque tenho medo de perder a conta e começar a agredir. Porque bater para mim hoje é uma agressão, mas naquela época eu não achava.” (Alexandra)

e também porque, hoje em dia, algumas crianças se mostram conhecedoras de aspectos do estatuto da criança e do adolescente e de certa forma ameaçam seus pais diante de qualquer coisa:

“Minha neta tem 10 anos e ela fala mesmo; não precisa me bater não que eu chamo a senhora no juiz, e a mãe dela fica quieta, vai fazer o que?” (Joana)

Observe-se que este problema não acontece só com filhos adolescentes e de classes menos favorecidas: crianças de oito, dez anos e pertencentes a famílias bem estruturadas também usam muito bem este argumento.

“Eu acabei mudando, porque antes na hora da raiva eu batia, agora eu dou bronca por que bater não leva a nada, e as crianças aqui em casa são assim, se a gente pega mais forte neles já começa chorar: ‘oh! já ficou uma marca’. Porque agora já tem o estatuto do adolescente na televisão e eles falam: ‘Olha lá mamãe, não pode bater viu!’ Então ele acha que se deixou marca vai para cadeia, aquela coisa toda.” (Edlene)

3.5 - CRIANDO OS FILHOS EM MARINGÁ NAS TRÊS GERAÇÕES

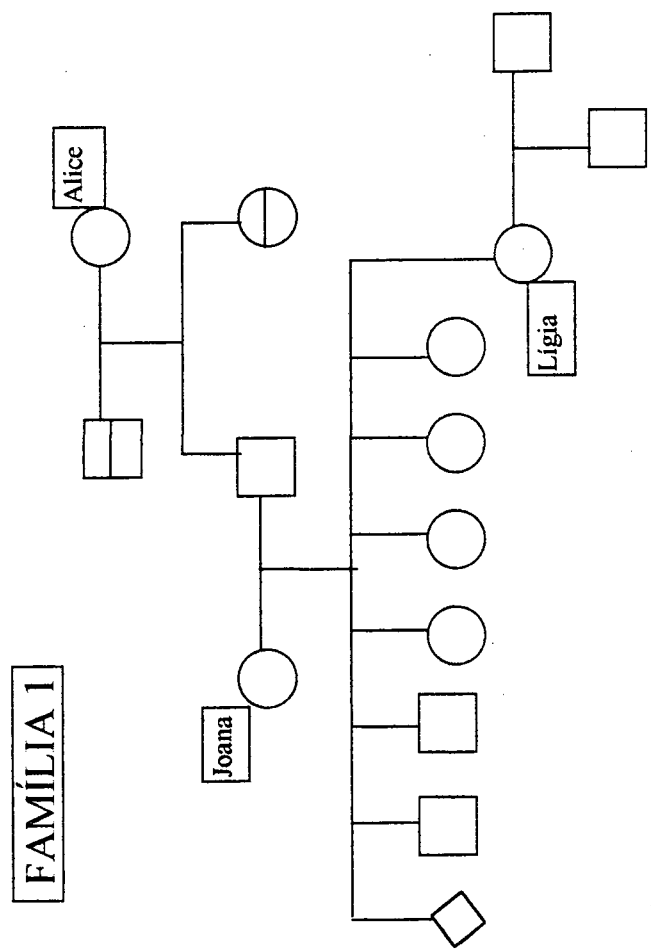
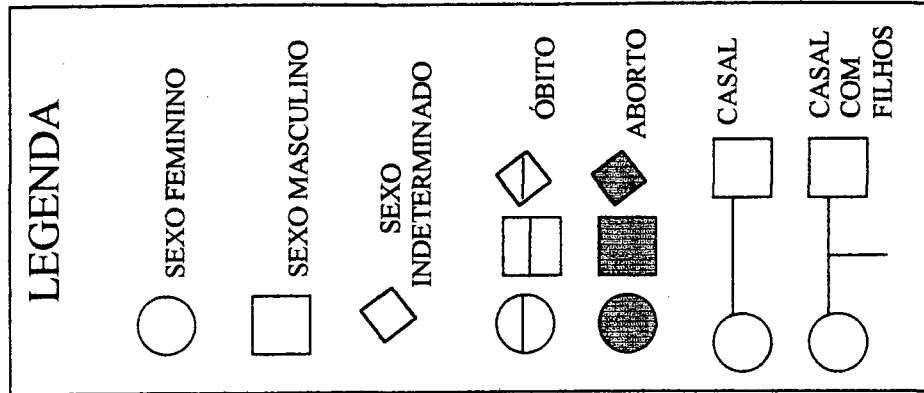
*“ Não existe nenhum estágio que provoque
mudança mais profunda ou que signifique
desafio maior para a família que a adição de
uma criança ao sistema familiar.”*
(Bradt)

Nessa seção procurarei realizar algumas reflexões sobre criar os filhos, buscando salientar e pontuar, de forma sucinta, algumas semelhanças e diferenças que identifiquei em relação à experiência e representações das famílias das gerações sobre a criação de seus filhos.

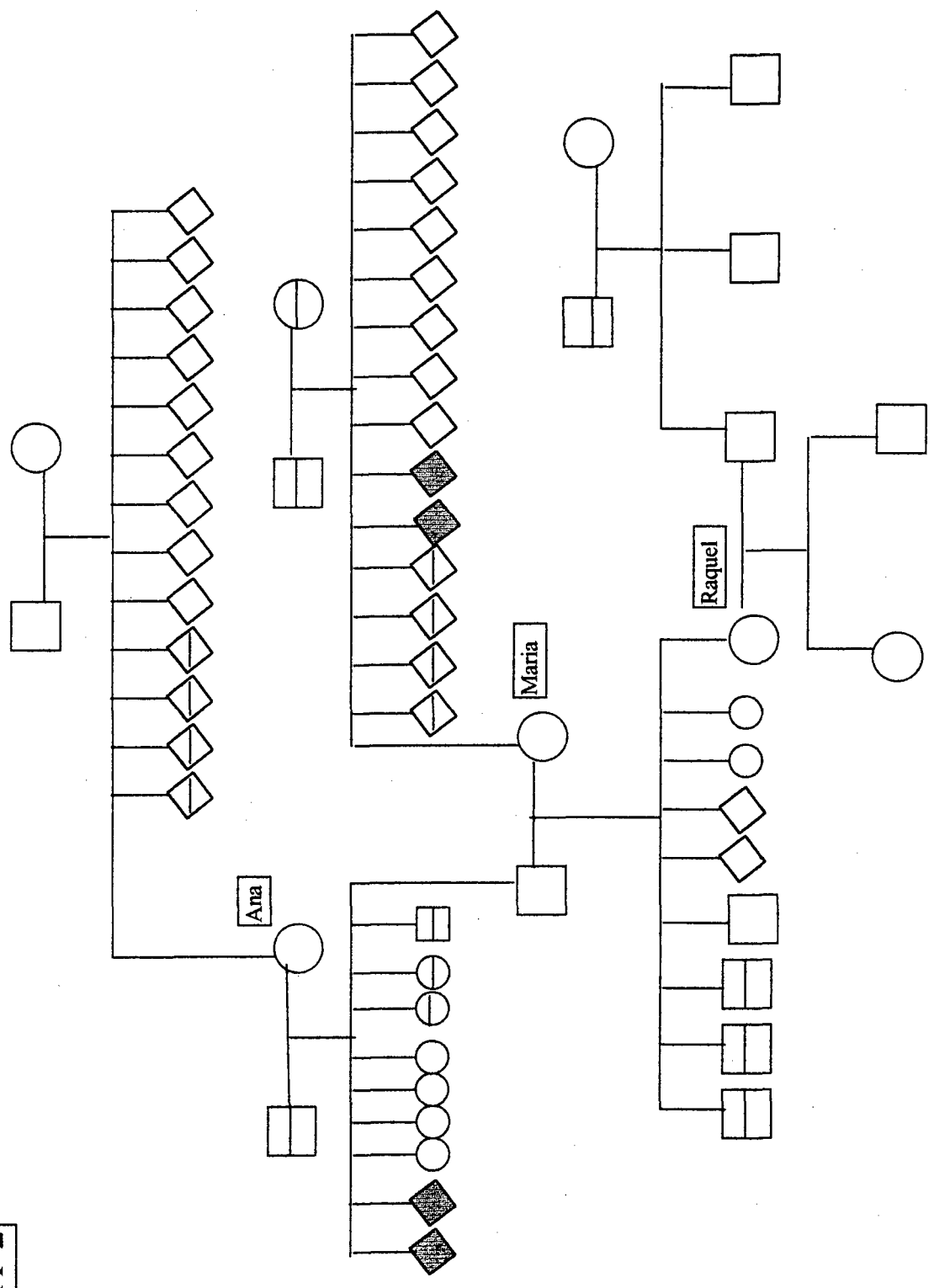
A organização e estrutura das famílias ao longo das três gerações se mostra como um dos principais aspectos reveladores da pluralidade do tema família e criação dos filhos. A fim subsidiar algumas discussões apresento nas figuras 3 e 4 o genograma intergeracional das duas únicas linhagens familiares entrevistadas nas três gerações, embora nos dois casos as bisavós fossem paternas, em vez de maternas, o que melhor substanciaria a força da linhagem.

Nesta discussão as duas famílias serão utilizadas como representativas, de modo figurado, do conjunto de dados de todas as famílias, o que me permitirá realizar algumas pontuações sobre as semelhanças e diferenças entre as gerações.

GENOGRAMA INTERGERACIONAL DA FAMÍLIA



FAMILIA 2



3.5.1 – Pontuando semelhanças e diferenças.

Na terceira geração, as famílias de Lígia e Raquel podem ser definidas como típicas de seu tempo por vários fatores, como se segue.

- O número de filhos é limitado, pois embora com oito anos de união, os casais possuem apenas um e dois filhos respectivamente;
- Os filhos, graças ao uso de métodos contraceptivos, foram espaçados (Raquel esperou que a filha tivesse dois anos) ou demoraram para chegar (depois de casada Lígia esperou seis anos para engravidar);
- As uniões, considerando-se apenas as mães, ocorreram em um período de vida substancialmente mais tardio (Raquel se casou com 28 anos e Lígia com 24 anos);
- Tanto Lígia como Raquel possuem curso superior, esta última inclusive está realizando um curso de doutorado;
- Lígia e Raquel sempre trabalharam fora de casa e se representam como independentes financeiramente;
- Lígia e Raquel não tiveram nenhuma intercorrência em suas histórias obstétricas: não tiveram aborto e nem casos de óbitos e os filhos nasceram em um ambiente hospitalar após acompanhamento obstétrico durante os nove meses de gravidez.

Em contraposição, observam-se em relação à 1ª e 2ª gerações as características a seguir descritas.

- O número de filhos tidos na segunda e primeira gerações é no mínimo o triplo do da terceira geração;
- O espaçamento entre os filhos era bastante reduzido, normalmente em torno de 12 a 18 meses, e representado pela necessidade de precisar desmamar o último filho por ocasião de uma nova gravidez;
- As uniões conjugais ocorriam em um período precoce na vida das mulheres (Maria se casou com 16 anos e Joana se casou com 20 anos; a mãe de Maria no entanto, se casou com 12 anos);
- Maria e Joana não chegaram a concluir o quarto ano primário, Ana fez o primeiro ano e não continuou os estudos porque na época a menina maior não podia freqüentar escolas de homem; e Alice por sua vez não chegou a freqüentar os bancos escolares;
- Maria e Joana sempre trabalharam muito, mas só em casa. Além do trabalho com a casa e os filhos, no início do casamento Maria trabalhou na lavoura e mais tarde tomou conta

de um comércio da família. A informalidade deste trabalho é caracterizada por duas polaridades: de um lado ela era responsável pela realização de todo o trabalho, e por outro, não tinha nenhum poder de decisão; O papel desempenhado era como o de um empregado (sem carteira assinada e sem salário) executando ordens. Na primeira geração Ana relata que no início do casamento ajudou o marido na realização do trabalho com a lavoura, mas eles sempre foram proprietários, e logo que a situação melhorou ela ficou por conta do cuidado dos filhos e com a casa. Alice por sua vez, teve sua rotina de vida, que era caracterizada pelo desenvolvimento do trabalho doméstico e pela confecção de rendas de birro para venda inclusive em outros estados, como São Paulo (morava em Sergipe), alterada pela morte prematura do marido, o que desencadeou a necessidade de se submeter a diferentes tipos de trabalho;

- As intercorrências obstétricas foram uma constante na primeira e segunda geração. Maria teve dois abortos e perdeu três filhos (1 natimorto e dois com menos de um mês de vida), Joana também teve um caso de óbito antes do primeiro mês de vida, Ana teve dois casos e Alice teve um caso de óbito nestas mesmas condições. Os relatos destas mulheres permitiram identificar que todos os casos de natimortos foram decorrentes de problemas durante o trabalho de parto, Ana e Alice fizeram referência ao fato de ficarem normalmente três, quatro dias sofrendo as dores do parto, uma delas inclusive chegou a ficar oito dias em trabalho de parto, que culminou com uma hemorragia muito grande e o nascimento de um natimorto. Mesmo nos casos de Maria e Joana que vivenciaram o período de transição, representado pelo fato de os primeiros filhos terem nascido nas mãos de parteiras e os últimos em ambiente hospitalar, também é possível inferir que as condições de assistência ainda eram precárias, Maria inclusive refere que um de seus filhos morreu durante o parto porque o médico estava bêbado e utilizou de forma incorreta o fórceps, mutilando a criança. Ainda com relação à história obstétrica me chamou a atenção o número de filhos e de perdas infantis da mãe de Maria e da mãe de Ana.

Algumas características relacionadas à criação dos filhos e tidas como peculiares de cada geração também são identificadas em relação a estas mesmas famílias. Na primeira geração identifiquei que:

- as três crianças freqüentaram a creche; o filho de Lígia ainda está na creche e os dois de Raquel, tão logo saíram da creche passaram a freqüentar uma escola maternal no período da tarde, e pela manhã ficavam em casa sob os cuidados de uma empregada;
- as três crianças têm quartos individuais;

- os pais participam, em graus diferentes, dos cuidados com os filhos;
- as duas crianças mais velhas (filhos de Raquel) passam praticamente a manhã inteira na frente da televisão, têm suas brincadeiras restritas ao espaço da casa e suas amizades construídas a partir do ambiente escolar;
- o dia das crianças é preenchido por atividades escolares, atividades culturais e de lazer formais (além dos dois fazerem natação, e uma vez por semana terem uma atividade extra no colégio, ela faz ginástica rítmica desportiva e ele futebol, ela ainda faz balé duas vezes por semana pela manhã) e atividades que exigem pouco gasto de energia física, como jogar videogame ou no computador e assistir televisão.

As características destes aspectos na segunda e primeira gerações são:

- as crianças foram criadas estritamente no ambiente doméstico e por suas próprias mães (só as duas avós do estudo que trabalharam fora fizeram referência a uma outra realidade: uma já deixou as filhas na creche e outra contou com a ajuda de empregada de uma irmã no cuidado dos filhos);
- os quartos das crianças eram coletivos, quando muito separados por sexo (todas as meninas em um quarto e todos os meninos em outro);
- os pais, via de regra, mantinham-se distantes de qualquer atividade relacionada aos cuidados com os filhos, com exceção do impor regras e limites e dos castigos;
- as crianças utilizavam os espaços da casa e principalmente da rua para brincar, suas amizades eram construídas a partir do universo em torno do local de moradia;
- o dia das crianças da segunda geração era preenchido por atividades escolares, brincadeiras ao ar livre e participação na realização de tarefas, principalmente com a casa; na primeira geração ele era preenchido basicamente por atividades escolares e participação em atividades laborais; nessa geração, as brincadeiras eram relegadas a um segundo plano, ou seja, para depois de cumpridas as obrigações.

3.5.2 - Os resultados frente a literatura

- O espaço da criação

Os filhos da primeira geração, pelo menos até uma certa idade, foram praticamente todos criados no meio rural. É interessante notar que nessa geração os pais já começaram a mudar para a zona urbana motivados por uma preocupação com o estudo dos filhos. O

processo de urbanização, segundo Azzi (1993), provoca um enfraquecimento no modelo de família patriarcal, por conseguinte também diminui o sentido de dependência da mulher em relação ao marido, que inclusive passa a exercer algumas atividades fora do lar. A urbanização também determina uma maior preocupação com a formação dos filhos, levando os pais a praticar o planejamento familiar.

- O número de filhos

A acentuada redução no número de filhos constatada neste estudo em apenas três gerações é representativo do que ocorreu com a família brasileira após 1960, a qual segundo Monteiro (1994), passou de um nível de fecundidade média de seis para três filhos por mulher. A literatura tem apontado vários fatores que têm contribuído para a redução no número de filhos e é possível constatar que a maioria deles estiveram presentes, de forma interrelacionada, no cotidiano das famílias maringaenses ao longo das três gerações, entre os quais se destaca o acesso a informações e uso dos meios contraceptivos, a urbanização e todas as mudanças decorrentes da mesma, como, por exemplo, a maior inserção da mulher no mercado de trabalho e as dificuldades inerentes a esta inserção no que se refere à criação dos filhos.

Ao analisar o perfil da família de classe média no estado de São Paulo, Berthoud (1997) constatou identificou que a maioria das famílias identificadas como em fase de aquisição, tem só um filho (43%), outros 23% tem dois filhos e apenas 16% tem mais de dois filhos, sendo que 18% das famílias nesta fase compõem-se apenas do casal.

- O planejamento dos filhos

O planejamento dos filhos, representado pela redução no número e pelo espaçamento, seja entre os filhos ou entre o casamento e o primeiro filho, deve-se primordialmente aos métodos contraceptivos. O acesso às informações referentes aos mesmos e o próprio uso de tais recursos representou o ponto de partida na configuração de grandes mudanças na família brasileira e por conseguinte na maringaense.

As mulheres da primeira geração relataram com frequência o desejo de não ter tantos filhos e, inclusive, a tentativa de evitá-los através do coito interrompido, abstinência e até da prática do aleitamento materno. Contudo, elas mesmas representam que estas tentativas não eram bem sucedidas, principalmente nos primeiros anos do casamento.

Estas representações dão conta de que à ocasião já se tinha alguma noção relativa à existência do período fértil, pois as mulheres se referem ao fato de não terem relação ou de utilizarem o coito interrompido principalmente durante o período que “não podia”. Vale salientar que, segundo as mães da segunda geração, o período reconhecido como “perigoso” era o próximo ao da menstruação, o que demonstra que os resultados dos estudos de Ogino (Japão, 1924) e Knaus (Áustria, 1929) sobre a possibilidade de espaçar os nascimentos pelo recurso aos períodos agénésicos da mulher, chegavam deturpados no conhecimento do senso comum. Ademais, embora a crença de que uma nova gravidez poderia ser evitada através da prática do aleitamento materno fosse corrente, as próprias mulheres dessa geração relatam que vivenciaram a experiência de falha desta estratégia, sem contar que na primeira geração o fato de precisar desmamar um filho em função de uma nova gravidez constituiu relato frequente.

Mais uma vez conclui-se que os contatos esporádicos com profissionais de saúde, a própria posição da Igreja, que era contrária à limitação do número de filhos, e a dificuldade de acesso a informações, determinada tanto pelo baixo nível de escolaridade quanto pela inexistência de meios adequados, constituíam grandes entraves à difusão de conhecimentos relacionados ao processo saúde-doença, no qual se incluem informações sobre meios de evitar uma gravidez não planejada

Embora date da década de 50 o desenvolvimento de estudos sobre os anticoncepcionais orais, a aprovação de sua comercialização só ocorreu em 1960 nos Estados Unidos, com rápida difusão por todo o mundo. Mulheres deste estudo pertencentes à segunda geração, três anos após, em 1963, já começaram a utilizar o anticoncepcional oral, embora à ocasião isto ocorresse por indicação médica e principalmente em casos em que a mulher corria risco de vida.

Segundo os relatos das mulheres, pelo menos nesta parte do País, não havia muita divulgação sobre os mesmos, o que acredito ser por influência da Igreja Católica, que sempre se posicionou contrária à utilização de meios que visassem limitar o tamanho das famílias (Azzi, 1993).

- A época do casamento

A urbanização influencia por um lado, a inserção da mulher no mercado formal de trabalho e por outro, o aumento nos anos de escolarização. Estes dois fatores por sua vez passam a interferir na época de ocorrer o casamento na vida das mulheres.

Com relação a este aspecto identifiquei por exemplo que, na segunda geração o casamento foi mais tardio (aos 24 anos) para a única mulher que já trabalhava fora e que tinha maior grau de instrução, já que era professora. As outras mulheres dessa geração se casaram com no máximo 20 anos.

- Níveis de escolaridade

A urbanização também resultou num aumento do padrão educacional exigido, o que se refletiu tanto na educação formal como na informal, a qual passou a ser recebida através dos meios de comunicação de massa e não mais dentro da própria família, em relações intergeracionais (Leite, 1993).

O fato de identificarmos que o estudo hoje não tem o mesmo valor apregoado em gerações anteriores tem a ver, em grande medida, com a frustração dos que depositaram na escolarização prolongada dos filhos a esperança de vidas melhores. Isto porque as oportunidades ocupacionais são percebidas como escassas, de tal forma que a escolarização vem gradativamente perdendo a força como um instrumento não só de elevação social mas, pior que isso, nas camadas baixas, até de garantia de sobrevivência (Gomes, 1995)

- Os responsáveis pelo cuidado da criança

No ambiente rural e mesmo na cidade, antes da inserção da mulher no mercado de trabalho, a maior parte das famílias tinha o seu trabalho de subsistência muito voltado para o ambiente domiciliar. Neste ambiente, de alguma forma, mesmo trabalhando, as mães permaneciam próximas dos filhos. Na primeira e segunda gerações, quando a mãe trabalhava na lavoura, as crianças, mesmo as pequenas, eram levadas junto para a roça; na segunda geração, quando a mãe trabalhava em casa costurando para fora, a criança também permanecia a seu lado.

Mesmo quando ela já trabalhava fora, as condições de trabalho eram outras: as duas mães desta geração que viveram esta situação (Odete e Tereza) fizeram referência ao fato de levarem o filho junto consigo quando iam dar aula. As condições de vida também eram outras, o número de filhos na primeira e até na segunda geração permitia às mães que precisavam trabalhar fora, a alternativa de deixar os filhos pequenos sob o cuidado dos mais velhos.

Por outro lado, era comum as pessoas de uma mesma família morarem próximas umas das outras; além disso, a relação com os vizinhos eram mais estreitas, de forma que as mães, embora não contassem muito com a colaboração dos pais, conforme identificado neste estudo, no caso de uma necessidade podiam contar com uma rede ampliada de suporte no cuidado de seus filhos.

Hoje em dia as condições de vida e de trabalho das famílias de camadas médias são muito diferentes. Diante das crescentes taxas de inserção da mulher no mercado formal de trabalho e da ocorrência de uma diminuição na rede de parentesco e mesmo na distância de moradia, as creches (públicas e privadas) surgem como uma alternativa às famílias de camadas médias, tanto para assistir as crianças, favorecendo sua auto-organização e socialização, como para auxiliar as mães no cuidado dos filhos, de forma a liberá-las para o trabalho, profissionalização e auto-realização.

Inicialmente no Brasil o termo creche se referia às instituições de caráter beneficente que cuidavam de crianças órfãs ou filhas de pais pertencentes às camadas baixas cujas mães precisavam trabalhar. Nestas condições, segundo Santana (1996), a creche surge como um elemento redutor da mortalidade infantil, e de forma indireta, como um elemento de acréscimo de salário, uma vez que a família é, em grande medida, liberada de custos referentes à compra de suprimentos alimentares, consumo de água, energia elétrica, pagamento de empregada e outras despesas que obrigatoriamente teriam se a criança permanecesse no ambiente doméstico.

A partir da década de 70, no entanto, à medida que o papel da mulher nas diversas classes sociais sofreu alterações e as condições de vida são modificadas, marcadamente por uma diminuição das áreas domiciliares para a criança brincar, intensificação do trânsito e saída da mulher do ambiente doméstico, as creches passaram a ser vistas como instrumento indispensável no processo educativo, representado pela possibilidade de estimulação dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança. Começam a surgir no País instituições particulares destinadas à camada da população que dispunha de recursos para pagar os serviços prestados, as quais são designadas no senso comum como “creche” ou “escolinha”.

O alcance do papel da creche como elemento estimulador da criança, no entanto, está muito relacionado as questões econômicas. Lefèvre (1994), por exemplo, ao analisar o papel da creche na socialização de crianças pobres, afirma que esta representa o caminho para a inserção social e conseqüente ingresso da criança em sua cultura, pois como afirma

Preuss (1986), a creche antecipa a exposição da criança aos valores do grupo social mais amplo.

Foi a partir da utilização das creches por mulheres de camadas médias que se intensificaram os estudos sobre os seus efeitos na criança. A partir de uma extensa revisão bibliográfica, Preuss (1986) sintetiza alguns dos aspectos que costumam permear as preocupações dos pais em relação à permanência da criança na creche (que inclusive foram identificados neste estudo), ressaltando que os aspectos abordados não devam ser encarados como definitivos ou verdades absolutas. Por exemplo, em relação ao desenvolvimento emocional da criança ela conclui que, desde que mantida a proporção adequada do número de adultos por criança e o ambiente adequado às necessidades infantis, não há prejuízo nas primeiras ligações afetivas das crianças. A creche parece influenciar positivamente o desenvolvimento intelectual das crianças, sobretudo as de classe baixa. Ressalta no entanto que as pesquisas realizadas até então se preocuparam apenas com aspectos reprodutivos do funcionamento cognitivo, tais como a memória, extensão do vocabulário e desempenho em testes padronizados de inteligência. Quanto aos riscos para a saúde, os estudos têm demonstrado que a incidência de doenças corriqueiras (resfriados, indisposição alimentares) é comparável à que ocorre em segundo ou terceiros filhos criados em casa, desde que mantida a proporção adequada de pessoal e exista um sistema eficiente de comunicação com a família..

Provavelmente, é a necessidade aliada à divulgação e mesmo constatação destes aspectos que tem levado as famílias deste estudo a representarem a creche e a escolinha como uma estratégia segura e confiável no cuidado dos filhos.

- A mulher e sua inserção no mercado de trabalho

Os censos realizados no Brasil pelo IBGE têm apontado um considerável aumento na proporção de mulheres que constituem a população economicamente ativa, refletindo-se numa substancial mudança no papel que a mulher desempenha na sociedade brasileira. No início deste processo a preferência era por ocupações que não as afastassem do lar; hoje, no entanto, grande parte das mulheres que trabalham fazem-no fora de casa e por período de tempo integral; ou seja, cumprem jornadas de seis a oito horas diárias. No que se refere à sua composição, observa-se que inicialmente era formada quase totalmente por mulheres de classe baixa, enquanto hoje é grande o contingente de mulheres de classe

média e média alta que passaram a exercer atividades fora da esfera doméstica por motivos de ordem econômica e de natureza pessoal (realização profissional e social).

Outra mudança observada diz respeito ao número de horas de trabalho, uma vez que no início, as mulheres pertencentes às camadas médias que optavam por trabalhar fora procuravam fazê-lo de forma a não prejudicar seu desempenho como esposa e mãe. Ou seja, de modo geral procuravam trabalhar apenas quando os filhos já estavam em idade escolar e, quase sempre, em horários compatíveis com os horários das crianças, ou quando podiam contar com a cooperação da família (mães, irmãs, sogras) ou de babás de “toda confiança”(Preuss, 1986).

Os fatores determinantes na inserção da mulher no mercado de trabalho variam por classe social. Eles são de ordem cultural nas classe média e alta, onde há uma necessidade de igualdade de condições com o sexo oposto (Miranda, 1983); mas na classe baixa isso foi determinado pela pauperização acentuada das famílias, nas quais o trabalho do homem não é capaz de prover o sustento da casa, sendo necessário que a mulher participe do orçamento.

O aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho em Maringá guarda uma relação direta com o processo de urbanização ocorrido durante a década de 60 e metade da de 70. O início da feminização do magistério, o que em São Paulo ocorreu na década de 20, em Maringá só tem início na década de 50. Segundo relato das informantes, até meados da década de 50 as mulheres constituíam a totalidade dos professores nas escolas primárias, porém no curso ginasial, praticamente só existiam professores do sexo masculino.

Ao analisarem o efeito da urbanização na vida das famílias, Saffioti e Bongovani (1976) afirmam que com o trabalho fora de casa a vida feminina ganha novas dimensões, pois ao “sair” de casa as mulheres alteram sua postura diante do mundo exterior. O fato de participarem ativamente na formação do orçamento familiar, faz com que as mesmas passem a ocupar uma nova posição na estrutura doméstica e isto por sua vez, altera não somente os vínculos que as unem ao marido e aos filhos mas também favorece uma nova divisão na realização dos afazeres domésticos.

- A criança e a privacidade

A individualização do quarto das crianças hoje existe em decorrência de dois fatores. O primeiro está relacionado à própria valorização da criança como um ser único,

que possui uma característica própria e que necessita de um espaço individualizado para exercitar a sua independência e autonomia. O segundo fator por sua vez guarda relação com as condições de vida de antigamente. Ou seja, com o número de filhos de cada família, era impraticável que cada filho tivesse um quarto só para si. Bettelheim (1988) afirma que o dormir no mesmo quarto e às vezes na mesma cama possibilitava às crianças desfrutar de calor humano, segurança e companheirismo e que hoje se aspira dar a cada filho seu próprio quarto de dormir e, se possível, seu próprio banheiro, para que se tenha o máximo possível de privacidade.

Contudo a individualização do quarto das crianças constitui apenas uma das muitas manifestações do individualismo caracterizado pela redução da autoridade do marido e do pai. Essa por sua vez, contribui de modo decisivo para que os filhos assimilem a posição de “sujeito de direito”, dentro e fora da unidade doméstica, ficando em segundo plano a condição de “sujeito de deveres”. Assim, segundo Romanelli (1995) “a ação socializadora das famílias de camadas médias, que é fruto de mudanças em sua estrutura, concorre para que o individualismo dos filhos prevaleça sobre as aspirações de cunho coletivo”

- Os pais e a criação dos filhos

A maior participação dos homens da terceira geração nas tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos identificados neste estudo reforça o que vem sendo diagnosticado em muitos estudos. Em meados da década de 70, Fein (1976) identificava que os pais estavam descontentes com seu papel secundário, ou seja, com sua contribuição indireta na vida das crianças, já que, devido ao pouco suporte em seu ambiente de trabalho, eles não podiam dar uma maior atenção aos filhos. Porém, com a crescente inserção da mulher no mercado formal de trabalho e em período integral, esta justificativa começou a ser revista. Ao abordar esta questão, Toscano (1996) refere que depois da emancipação da mulher está surgindo um novo fenômeno, que poderia ser chamado de “humanização” masculina e que está se materializando na forma do pai moderno, o qual não se incomoda em dividir com a esposa os cuidados com os filhos. Pastore (1997), analisando a pouca disponibilidade de tempo das mães em relação às crianças, ressalta o importante papel que os pais vem desempenhando ao se fazerem presentes e darem atenção aos filhos de todas as idades, do bebê ao jovem e ao adulto.

Este compartilhar de tarefas no entanto, ainda não é uma realidade em pequenos centros, Marcon et al (1997) realizaram um estudo aqui mesmo em Maringá, utilizando

como informantes mulheres de diferentes níveis econômicos que são funcionárias da Universidade, e identificaram que há uma predominância significativa de participação da mãe em relação ao pai em todas as atividades desenvolvidas com as crianças de todas as idades, exceto em levá-las passear e brincar, na qual aumenta a participação dos pais, embora ainda em proporção menor do que a das mães, além de serem estas as atividades desenvolvidas mais frequentemente por ambos.

De qualquer forma, Paz e Alencar (1988), realizaram um estudo entre mães profissionais (de período integral e parcial) e mães não profissionais e identificaram que já na década de 80, no caso das famílias em que a mulher trabalhava fora, esta percebia o marido como tendo uma participação mais ativa, com um maior envolvimento na educação e socialização da criança.

Rezende e Alonso (1995), por sua vez, realizaram um estudo com pais usuários de um serviço público e identificaram que pelo menos naquela amostra (constituída por pais que tinham em comum o fato de estarem acompanhando a mãe e a criança em uma consulta pediátrica), a participação nos cuidados dos filhos representava uma forma de realização pessoal, de demonstrar carinho, de cumprir com seus deveres e de usufruir o seus direitos, além de um desejo de compartilhar as tarefas familiares. Segundo as autoras, os aspectos que mais atraem os pais na realização dos cuidados são: a troca de carinho entre pai e filho, o prazer de acompanhar o desenvolvimento da criança, de estar junto à criança e de perceber as respostas da crianças na interação pai e filho, a comunicação entre pai e filho; a sensação de cumprir as obrigações e responsabilidades paternas, e finalmente de perceber o bem-estar da criança

Estas autoras afirmam que este processo de “paternagem” é, em muitas situações, pouco compreendido pelas próprias mulheres-mães, as quais relutam sutilmente em abrir mão da exclusividade dos atos de cuidar dos filhos e do *status* que este papel lhes confere na sociedade. Aspectos relacionados a esta questão foram identificados neste estudo. Por exemplo, a não ser nos casos em que a mãe não tinha nenhum tipo de ajuda, a troca de fralda era considerada por ela mesma como uma das atividades que não deveriam ser delegadas aos homens-pais. O fato de o pai realizar atividade deste tipo, apesar de não gostar, mostra a importância de os mesmos serem treinados e solicitados para desenvolverem tais atividades.

- As relações entre as gerações

Os dados deste estudo apontam que, por um lado, as relações entre as gerações eram muito mais presentes do que o são hoje. Isto porque as avós e seus ensinamentos praticamente constituíam a totalidade do referencial que era adotado pelas mães no desenvolvimento de atividades relacionadas com os filhos, em especial em situações ligadas à saúde e à doença. Na segunda geração as avós representaram o suporte seguro e necessário às mães que começavam a longa jornada sem volta do trabalho fora de casa. À ocasião as creches praticamente inexistiam e, diante já da redução no número de filhos, deixar a criança sob os cuidados da avó era prática corriqueira.

Atualmente, no entanto, as famílias ainda experimentam o desejo de se mostrarem auto-suficientes e dependentes da família de origem. Aspectos relacionados a esta tentativa de negação do conhecimento das gerações anteriores foram evidenciados por exemplo no estudo de Salem (1985) e de Almeida (1987). As autoras ressaltam a mudança havida em relação à vivência de uma gravidez. Antigamente, a família de origem constituía um modelo significativo de aprendizado, experiência e saber sobre a maternidade, e as mães, avós, tias e irmãs mais velhas eram apontadas como fontes de aconselhamento e exemplo a serem seguidos; no entanto, para as gestantes da década de 80, a família de origem chega mesmo a representar um obstáculo e uma interferência negativa à “vivência genuína” da gravidez e da maternidade (Salem, 1985). Por isto o “casal grávido” sente necessidade de refrear a tendência que existe, por parte das famílias de origem, especialmente da mulher, de buscar uma maior aproximação, e para tanto eles limitam a quantidade de informações relacionadas à evolução da gravidez e até procuram esquivar-se destes contatos (Almeida, 1987).

No final dos anos 80 no entanto, realizando um estudo com mulheres grávidas que se submeteram a uma assistência pré-natal convencional e cuja maioria inclusive pertencia a classes sociais menos favorecidas, Marcon (1989) identificou que a figura da mãe aparece de forma bastante acentuada durante toda a experiência de uma gravidez, especialmente na função de apoio e de troca de experiência sobre as alterações que estavam sendo percebidas.

No que se refere especificamente à criação dos filhos, identifiquei neste estudo que as avós ainda são consideradas como um recurso “seguro” de cuidado à criança, porém só apropriado a determinados casos. Ou seja, as mães de hoje consideram melhor para a criança que esta frequente uma creche/escolinha do que fique rotineiramente sob os

cuidados das avós. Contudo, nos casos em que a criança não pode freqüentar a creche (estar doente, período de férias ou recesso) as avós são apontadas como o recurso mais utilizado, não só porque muitas vezes a mãe nem tem outra alternativa, mas também por representar o recurso mais confiável.

Na primeira e segunda gerações as avós foram representadas como “presentes” embora muitas vezes morassem distante. Isto aconteceu por seu papel no nascimento dos filhos (muitas vezes ela era a própria parteira) e por sua influência na forma de educar e criar os filhos. Na terceira geração no entanto, percebi que em geral as famílias mantêm uma distância muito grande dos avós: apenas três famílias fizeram referência ao fato de visitarem os avós com regularidade e dessas, apenas uma relatou explicitamente a preocupação em favorecer o vínculo do filho com a avó. As demais deram-me a impressão de praticamente não se utilizarem das avós no desenvolvimento do cuidado cotidiano dos filhos. Os pais e os próprios avós (Marcon, 1997) podem não querer que esses assumam os cuidados cotidianos dos netos, mas isto não deve ser motivo para o não estabelecimento de vínculos entre avós e netos, pois eles são importantes. Oliveira (1993) ressalta que as famílias que não valorizam a relação de seus filhos com os avós estão perdendo em termos culturais e na construção e reconstrução de suas práticas e representações. Barros (1987), a partir de depoimentos de pessoas de meia idade, identificou que com os netos, os avós podem expressar seu afeto ou o lado prazeroso sem constrangimento, e isto dá uma idéia de totalidade. Os netos por sua vez, vivenciam o prazer de se sentirem objetos de uma atenção especial.

Em uma revisão bibliográfica sobre a influência dos avós na família, Dias (1994) constatou que alguns estudos apontam uma influência positiva e outros para uma contribuição negativa da presença dos avós junto aos netos, dependendo principalmente de sua personalidade e da relação existente com os filhos. Outros fatores apontados pela autora como interferindo na conexão avós e netos foram: sexo e idade dos avós, estágio da vida da criança, papel que os pais desempenham em relação aos avós, satisfação com a vida, nível sócio-econômico, status conjugal, diversidade étnico cultural, distância geográfica e eventos disruptivos da vida.

- O relacionamento entre pais e filhos

Os dados deste estudo que apontam a distância no relacionamento e a dificuldade de aproximação entre pais e filhos existentes na primeira e até na segunda geração

reforçam os já encontrados em muitos outros estudos. No entanto faz-se necessário ressaltar que ao longo das três gerações (embora com menor ênfase na atual) a relação entre mães e filhos é percebida como diferenciada. Ou seja, as mães, com algumas exceções, normalmente tinham uma atitude e eram percebidas como aliadas dos filhos. Isto ocorreu mesmo na primeira e segunda gerações, quando existia maior rigor disciplinar e distanciamento no relacionamento entre pais e filhos. Atualmente, no entanto, percebe-se uma cumplicidade maior entre pai e filhos do que entre mães e filhos, o que acredito esteja muito relacionado a uma maior participação e interesse dos pais em acompanhar mais de perto o desenvolvimento dos filhos.

Contudo, vale salientar que como a responsabilidade maior pela criação dos filhos ainda é tida como da mãe; o pai até está mais presente, porém ainda se mantém a uma certa distância, cabendo à mãe estipular e cobrar as regras, e ao pai (enquanto uma pessoa que assiste de perto, sem no entanto, colocar a mão na massa), assumir o papel de defensor e fonte de agrado à criança.

Segundo Romanelli (1995), a relação das mães com os filhos é mediada tanto pela autoridade quanto pela afetividade, sendo que esta estimula uma maior proximidade nas relações as quais não são decorrentes de maior disponibilidade de tempo nem de um suposto instinto materno, "...mas resulta de uma clara divisão sexual, tanto de atribuições de encargos e de cuidados materiais quanto da expressão de sentimentos e de emoções".

Assim, as relações de autoridade e poder têm um caráter diferencial, conforme se manifestam nas relações do pai ou da mãe com os filhos. A autoridade do homem (marido - pai) durante muito tempo foi incontestável, especialmente enquanto o interesse coletivo predominava sobre as vontades individuais, caracterizando a ordenação doméstica denominada por Ariès (1986) de *familismo*.

Atualmente no entanto essa autoridade já não é absoluta e total, os filhos negociam com os pais a realização de aspirações individuais, as quais normalmente não seriam aceitas em gerações anteriores; eles também podem tentar impor sua vontade. E neste, tanto quanto no caso anterior os filhos estariam exercitando seu poder e questionando a autoridade ou mesmo o poder paterno. Soma-se a isto o fato dos pais cada vez mais deixarem de ser o principal provedor financeiro do consumo doméstico, graças a crescente participação da mulher no mercado de trabalho. Assim, a estrutura familiar gradativamente deixa de ser hierarquizada (do homem à mulher; do mais velho ao mais novo) para tornar-se igualitária.

Romanelli (1995) ainda aponta que graças à afetividade, a autoridade da mãe sofre menos abalos do que a do pai. Além disso, a despeito das grandes mudanças ocorridas nas relações familiares o autor também identificou que os filhos de ambos os sexos continuam a procurar a mãe quando enfrentam problemas diversos. Reforça o autor que o fato de procurá-la não quer dizer que eles aceitem e coloquem em prática as orientações dadas, mas importa saber que eles avaliam e aceitam a mãe como alguém com quem possam partilhar seus problemas. Isto ele acredita que ocorre em decorrência da forma como a mãe exerce sua autoridade sobre os filhos, ou seja, como ela ocupava e acreditava que ocupava uma posição de inferioridade ela aprendeu a usar o comando sobre os filhos de modo difuso e indireto – ou seja, usa recursos indiretos para conseguir a obediência dos filhos. O uso desses recursos e da afetividade favorece o estabelecimento de uma relação de proximidade entre mães e filhos.

Em um estudo realizado com crianças no início do processo de escolarização sobre suas representações a respeito de poder e autoridade Guareschi (1993), identificou que elas estruturam suas representações, principalmente, através daquilo que as pessoas são, fazem, falam e possuem. As crianças, segundo a autora, atribuem maior poder ao pai do que à mãe não apenas pelo receio das punições utilizadas pelo homem, que, embora mais raras, são mais fortes, mas principalmente pelo reconhecimento da posição econômica, profissional e social que ele ocupa no grupo familiar

- A forma de criar os filhos

Durante a coleta de dados, a segurança com que avós e bisavós afirmaram acreditar que criaram bem os seus filhos chamou-me a atenção, não só por minha própria insegurança, mas porque ao longo do estudo estava constatando, tal como Biazoli-Alves (1994) e Zargury (1994) que atualmente mais e mais pais vivem o conflito e o medo de não estarem agindo certo com seus filhos. Para Zargury (1994) a justificativa para esta situação repousa em vários fatores. Por exemplo, enquanto nossos pais liam livros sobre educação das crianças normalmente escritos por pediatras, os quais definiam clara e objetivamente quais atitudes deveriam ser tomadas nas mais variadas circunstâncias, (ou seja existia uma “fórmula” pronta para todas, ou quase todas, as situações; os pais desta geração são bombardeados pela veiculação de informações que preconizam por exemplo que “cada filho é um filho, cada momento é um momento”. De acordo com esta orientação os pais precisam o tempo todo estarem decidindo qual a melhor conduta a ser tomada em

determinada situação, e como afirma Zargury (1994) “colocar em prática todas essas teorias, todas as recomendações em geral tão liberais torna muito mais difícil, às vezes até aflitiva, a tarefa de educar”.

Segundo Biazoli-Alves (1994) os jovens pais enfrentam conflito em relação à maneira como eles próprios foram criados e a assimilação, na vida adulta, de novos padrões de educação oriundos de diferentes fontes. A autora identificou que enquanto as mães das décadas de 40 e 50 adotavam como referencial na criação de seus filhos as atitudes e crenças advindas basicamente do sistema em que foram criadas, este mesmo sistema era reforçado através da emissão de conselhos sobre a criação por parte daquelas pessoas significativas como a mãe, a sogra e outros parentes. Nas décadas de 50 e 60 ainda é adotado o mesmo referencial da anterior, porém por influência dos meios de comunicação escrita, outros padrões começam a ser conhecidos, de tal forma que nas décadas de 70 e 80 as mães já começam a apresentar um padrão diferenciado: passam a evitar repetir a forma como foram criadas e os conselhos das gerações mais velhas, passando a buscar uma orientação científicista, com base em livros, artigos de revistas ou conselho de pediatras e psicólogos.

A psicologização (processo de interpretação e uso equivocado dos conceitos da psicologia) gera dúvidas e contradições e por conseguinte o surgimento de culpa e insegurança. Cada vez que um pai ou mãe zanga-se com o filho, proíbe alguma coisa ou lhe nega algo, começa em seguida a questionar se agiu certo ou não. Para Zargury (1994) é inegável que na família, o pai e a mãe ocupam uma função que por si só lhes dá poder. E eles devem ter poder, porque a criança, como ser em formação, ainda não possui determinados conhecimentos e capacidades que a habilitem a gerir sozinha sua vida; mas devido a grande influência que o psicologismo tem tido sobre os pais é cada vez mais difícil encontrar pessoas que consigam tomar certas decisões que envolvem proibições em relação aos filhos. Ou seja, o medo de errar, de castrar, de frustrar leva os pais a uma atitude de excessiva permissividade e de falta de autoridade em relação aos filhos.

Mais recentemente os pesquisadores têm descoberto a importância da percepção emocional e da capacidade de lidar com os sentimentos como fator de sucesso e felicidade. Segundo Gottman e DeClaire (1997) defensores desta linha, para os filhos que aprendem com seus pais como funciona a emoção, inteligência emocional envolve a capacidade de controlar os impulsos, adiar a gratificação, motivar-se, interpretar as insinuações da sociedade e lidar com os altos e baixos da vida. Sendo assim, segundo os autores, os pais

devem funcionar como “preparadores emocionais” e ensinar os filhos estratégias para lidar com os altos e baixos da vida. Pais que atuam como preparadores emocionais “não se opõem às manifestações de raiva, tristeza ou medo dos filhos. Nem as ignoram. Ao contrário, aceitam as emoções negativas como coisas que fazem parte da vida e aproveitam os momentos de exaltação emocional para ensinar os filhos importantes lições de vida e construir um relacionamento mais íntimo com eles.”

Se a questão da inteligência emocional é apontada como fonte de sucesso e felicidade pessoal e profissional é evidente que os pais gostariam de funcionar como “preparadores emocionais”, mas como um pai ou uma mãe consegue agir assim se nunca lhe foi ensinado algo a esse respeito?

Ainda com relação a esta questão Bee (1984) afirma que o grau de autonomia que os pais concedem aos filhos e suas práticas disciplinares fazem parte de seus estilos de criarem os filhos e que existem três estilos fundamentais diferentes:

- a) estilo competente: aquele no qual os pais demonstram física e verbalmente que gostam dos filhos mas colocam limites explícitos e são firmes no respeito a regras pré-estabelecidas, embora sejam flexíveis;
- b) estilo permissivo: neste, os pais são amorosos mas não são firmes em relação a limites, mostrando-se passivos e excessivamente condescendentes;
- c) estilo autoritário: os pais são firmes mas pouco calorosos, não sendo inclinados a demonstrações de carinho e afeto.

De acordo com tudo o que vimos anteriormente, fica claro que o estilo mais indicado é o competente (acho que o próprio nome o diz), pois é como afirmam Bonamigo e Rasche (1988) as práticas de criar os filhos que são benéficas ao seu desenvolvimento são aquelas que facilitam o desenvolvimento do autocontrole e não da conformidade.

- A relação estilos de criação de filhos e serviços de saúde

Na primeira geração os serviços de assistência à saúde praticamente inexistiam, as mulheres davam à luz com a ajuda de parteiras e em casa e os problemas de saúde eram geralmente tratados com “simpatias”, benzimentos e remédios do tipo chás, feitos com ervas e raízes. Na segunda geração a figura do médico, em especial o médico amigo da família, no casos em que a família tinha um bom poder aquisitivo, já aparece com grande ênfase, mas nunca com fins preventivos. Nos casos de doenças o médico ou a farmácia eram procurados com frequência, embora as famílias continuassem a tratar por conta

muitos dos problemas relacionados à saúde dos filhos. Lembro-me por exemplo, de que em minha família, era uma prática comum tratar ferimentos perfuro cortantes com um emplasto constituído de uma mistura de fumo, urina e farinha de mandioca. Embora o parto dos últimos filhos desta geração já tenham ocorrido em ambiente hospitalar, o período de gravidez normalmente transcorria sem nenhum acompanhamento obstétrico.

Na terceira geração consolida-se a hegemonia do saber técnico-científico, traduzido por uma procura freqüente de profissionais relacionados à área da saúde (psicólogos, odontólogos, fonoaudiólogos) e de forma particular o médico. Embora esta procura ainda seja mais frequente nos casos em que exista uma necessidade instalada, ela também existe em grande proporção com fins preventivos. As mães da segunda geração inclusive costumam achar “um exagero” a quantidade de vezes que as crianças da terceira geração são levadas ao médico.

Ademais, segundo Almeida (1987), na década de 80 os parâmetros que direcionavam a escolha de um médico para o acompanhamento de uma gravidez eram totalmente diferentes dos adotados em décadas anteriores; não se baseavam unicamente na competência técnica e reconhecimento de autoridade, mas eram valorizados também outros aspectos como afetividade, simpatia e informalidade. Os dados deste estudo apontam que estes aspectos continuam, de alguma forma, sendo valorizados até os dias de hoje, o que se traduz por uma maior procura de médicos homeopatas. Isto ocorre por que as pessoas entendem que estes utilizam uma perspectiva mais ampla na compreensão da gênese da doença.

Apesar de toda importância que é dada hoje pela família ao conhecimento científico e aos aspectos preventivos o profissional enfermeiro não foi referido em nenhum tipo de situação. Falou-se do médico, da parteira, do dentista, do fonoaudiólogo, do psicólogo, do fisioterapeuta, mas não se falou do enfermeiro. Será que o papel deste profissional ainda não é conhecido pelas famílias? Será que este é um problema do local onde o estudo foi realizado ou será que esta inexpressividade é uma realidade generalizada?

3.5.3 – Repensando a criação ...

De acordo com minha percepção sobre os dados deste estudo, a criação dos filhos é um processo dinâmico que vai sendo moldado/construído a partir das interações ocorridas entre os pais e entre estes e as pessoas que lhes são mais próximas, nas quais se incluem os próprios filhos. Baseia-se nos símbolos e significados que cada um dos pais traz em sua bagagem cultural e que vão sendo modificados a partir das interações sociais, estabelecidos com outros indivíduos.

Desta forma, estudar a criação dos filhos implica necessariamente conhecer as representações de mulheres de diferentes gerações sobre o significado/concepção do ser criança. Constatei que as representações, guardadas as devidas proporções e características, mantiveram-se em todas as gerações em torno de dois núcleos básicos: um que se refere ao comportamento da criança e outro relativo às atividades que a criança pode, deve ou tem capacidade de desenvolver. No que se refere ao comportamento das crianças, identifico que as representações ora se referem ao comportamento apresentado, ora ao comportamento desejado, isto especialmente na terceira geração.

As crianças da primeira geração são representadas como seres que tinham um comportamento exemplar: eram obedientes e educadas.

A leitura que faço deste protótipo construído da criança tida como exemplarmente bem comportada é de que era este o tipo de comportamento esperado de uma criança para a época, tanto que o bater como recurso disciplinar era utilizado sempre que a criança não atendia a esta expectativa. Por outro lado, a utilização deste recurso por sua vez, por si só era capaz de determinar o comportamento das crianças, uma vez que, de acordo com o interacionismo simbólico, o ser humano age em relação às coisas com base nos significados que elas têm para ele. Se fazer arte, desobedecer ou não ser educado “significava” apanhar, a criança podia optar, uma vez que o interacionismo simbólico descreve o ser humano como imprevisível, ativo no mundo e livre de alguma forma, no que faz, com base em sua definição de situação.

Por outro lado, a crítica destas mulheres ao “mau” comportamento das crianças de hoje, o que atribuem ao fato de os pais não estarem sabendo educar os filhos, indiretamente as leva a re-significar a infância de seus filhos de forma diferente, pois do contrário estariam criticando a si mesmas.

Nas representações das mães da segunda geração a criança já aparece como um ser inserido num contexto social mais amplo do que o familiar. O comportamento, que ainda é referido como exemplar (pois que a criança é rememorada como educada e obediente), abrange outras facetas, as quais de certa forma denotam o sair da esfera privada para a pública: era obediente *“por cumprir os horários de chegar em casa”, “davam satisfação”, “nunca saíram sem a mãe saber”...*

Este comportamento parece ser coerente com o respeito às normas estabelecidas, tendo em vista uma ocupação cada vez maior do espaço público, pois corresponde ao momento histórico da cidade de Maringá marcado principalmente pelo processo de urbanização a que foram submetidas as famílias maringaenses. No início da década de 60 mais da metade da população do município residia na zona rural e em 1970 os residentes na zona urbana já eram a grande maioria, em torno de 80%.

Paralelamente a uma melhoria nas condições de vida, a urbanização trouxe embutido o surgimento de alguns problemas. Estes, por sua vez, foram responsáveis pelo fato de algumas mães desta geração começarem a representar o comportamento da criança e da criança adolescente de forma distinta. Ou seja, a criança adolescente começa a ser representada como um ser problemático, lembrado principalmente por um comportamento caracterizado pela rebeldia e desrespeito à autoridade dos pais.

Já na terceira geração, diferentemente do que ocorre na primeira, de criança obediente ela passa a ser representada como desobediente, e de educada a uma *“pessoa que não respeita nada e ninguém”*. Os pais desta geração atribuem o comportamento das crianças à sua própria falta de pulso e justificam que assim agem porque acreditam que *“a criança precisa de liberdade para desenvolver sua criatividade”*.

O fato de o comportamento das crianças constituir um dos núcleos de referência à concepção da criança em todas as gerações está diretamente relacionado à importância atribuída pela família a este aspecto. Ou seja, educar as crianças constitui uma das tarefas universalmente aceitas como parte da socialização, e portanto uma função da família. A forma como a criança manifesta seu comportamento no entanto, esta relacionada à forma como ela é educada, e isto por sua vez é influenciado por “correntes” filosóficas que de tempos em tempos tomam novas direções.

Em uma extensa revisão bibliográfica, Biazoli-Alves (1994) identifica que do ponto de vista histórico a conceituação das práticas de educação muito evoluem. De uma

Moralidade Religiosa, centralizada na idéia de salvar a alma da criança, fazendo-a obediente e temente a Deus, passou para uma Moralidade Higienista, que na busca da formação de um corpo e de um caráter sadios, orienta a criação da criança dentro de uma regularidade de hábitos e ausência de satisfação de suas vontades; em seguida passa pela Moralidade das Necessidades Naturais - na qual se detecta uma influência acentuada do pensamento psicológico divulgado na época - segundo o qual tudo é natural, bom e permitido, desde que seja a vontade da criança. A partir da década de 50, com a Moralidade Individualista e de Curtição, são mantidas as condições de liberdade da moralidade anterior; além disso a criança passa a ser vista essencialmente como objeto de afeto, fonte de aprendizagem e contato prazeroso. No final da década de 70 e início da de 80 surge a Moralidade Mista, que, preocupada com o desenvolvimento saudável da criança, mantém algumas características anteriores, como o individualismo e a liberdade, mas ao mesmo tempo, a partir da discussão dos acertos e erros de valores anteriormente assumidos, reconhece a necessidade de impor alguma regulação ao comportamento das crianças.

Em um estudo realizado ainda na década de 80, Bonin (1986) procurou identificar as representações sociais de mães de diferentes níveis de escolaridade sobre a criança, a partir de respostas dadas a uma série de questionamentos. Os resultados então obtidos em relação ao comportamento da criança, embora decorridos quase 15 anos, não diferem substancialmente dos resultados deste estudo, ou seja, naquela ocasião a criança já era concebida como desobediente e teimosa.

No que se refere às atividades que a criança pode, deve ou tem capacidade de desenvolver, as representações das três gerações mostram a criança na primeira geração como alguém que tinha que estudar e devia ajudar na realização de atividades com a casa e com a lavoura. Ressalta-se que nesta época o estudo era um valor percebido pelo pais como tal, mas não totalmente incorporado; isto fazia com que muitas vezes os pais se vissem obrigados a ficarem tentando convencer os filhos sobre esta necessidade. De acordo com os relatos das mães é possível identificar a existência de um equilíbrio na distribuição de tempo entre estas duas atividades, sendo brincar reservado para o final da tarde, depois de cumpridas as obrigações, *“quando voltava da escola”*.

Na segunda geração o tempo da criança já começa a ser preenchido prioritariamente com atividades escolares e brincadeiras, inclusive a criança retornava à escola fora do horário normal de aula, para a realização da prática esportiva. Neste contexto, é o trabalho

que passa a ter um caráter de ajuda e não mais de responsabilidade, por parte da criança, pela realização de determinada atividade.

Na terceira geração as crianças praticamente não realizam nenhum tipo de atividade relacionada ao trabalho, nem ao nível de ajuda; em contrapartida passam a maior parte de seu tempo livre (fora do horário da escola) em frente à televisão, *videogame* ou computador, atividades que se caracterizam pelo pequeno gasto de energia e pelo fato de poderem ser desenvolvidas com a criança sozinha ou em pequenos grupos (com duas, três crianças) e dentro de casa. Estas características por sua vez se apresentam como tranquilizadoras para os pais, os quais temendo pela segurança dos filhos, preferem que estes permaneçam sob a proteção da casa a que fiquem brincando livremente pelas ruas.

Em contrapartida a preocupação com o pequeno gasto de energia física e o desenvolvimento de habilidades motoras determina a necessidade de que as crianças passem a praticar formalmente algum esporte.

As alterações em relação aos tipos e lugares onde são desenvolvidas as brincadeiras de infância têm sido apontadas em diferentes estudos (Bosi, 1987; Biazoli-Alves et al, 1995; Cardoso, 1998; Tozo, 1996), assim como a grande participação das crianças na realização de várias tarefas nas gerações anteriores (Bosi, 1987; Biazoli-Alves et al, 1995), comparada a uma quase inexistente participação na geração atual (Zagury, 1994).

3.5.4 – Os valores que permeiam a criação dos filhos nas três gerações...

Na primeira geração os principais valores que permeavam a criação dos filhos eram a necessidade de estudo e a importância da presença da mãe junto da criança, decorrente de sua responsabilidade pela criação dos filhos. Isto repousava num eixo central, que era zelar pela boa educação da criança em termos do comportamento que esta deveria apresentar, de tal forma que surgiu a crença *“mãe boa é a que corrige o filho”*.

Outro aspecto bastante valorizado por esta geração é a necessidade de começar a ensinar à criança, desde pequena, seja os limites a que ela deveria obedecer ou as tarefas/atividades a serem desempenhadas.

Quando se investigam os valores que permeavam a criação dos filhos na segunda geração, observa-se que mais uma vez eles se encontram relacionados ao comportamento exigido da criança.

Constata-se que os valores de então ressaltavam a qualidade da relação entre pais e filhos, mais especificamente da mãe em relação aos filhos; além disso eles começavam a se mostrar bastante coerentes com o propósito de valorização da pessoa da criança, uma vez que constitui um valor deixar a criança perceber quanto era amada.

O estudo por sua vez constituía um aspecto muito valorizado na criação dos filhos desta época. Esta valorização parece estar relacionada à crença existente no senso comum de que o estudo era o passaporte para o alcance de melhores condições de vida, através de uma ascensão econômica. Era um valor reforçado pelo contexto mais amplo, uma vez que nessa mesma época o acesso às escolas em Maringá era incentivado através da ampliação do número de escolas primárias, tanto na zona urbana quanto na rural. Ademais, na zona urbana, além da ampliação no número de escolas secundárias, as de ensino superior também começavam a aparecer (Faculdade Estadual de Ciências Econômicas em 1959, Faculdade Estadual de Direito em 1966 e Fundação Faculdade de Ciências e Letras em 1966), culminando com a criação da Universidade Estadual de Maringá em 1970, através da junção das três faculdades existentes, as quais já ofereciam 7 cursos: Ciências Econômicas, Direito, História, Geografia, Ciências do primeiro Grau, Letras Anglo - Portuguesa e Letras Franco - Portuguesas.

Mas o anseio dos pais dessa geração era de que seus filhos tivessem mais do que uma formação básica, eles valorizavam o fato de o filho ter um curso superior. Assim, ao mesmo tempo que o fato de os pais enviarem seus filhos para estudar fora funcionou como pressão para que cursos de nível superior fossem instalados na cidade, esta instalação por sua vez criava a necessidade para outros pais de que seus filhos os frequentassem.

Se por um lado o estudo se constituiu em um valor construído pela própria necessidade sentida e vivenciada pelos pais dessa geração, que se representam como “vítimas” da ausência de estudo

“... a gente sabia o quanto fazia falta não saber fazer uma conta”,

por outro lado, o convívio de perto ou o conhecimento de que a condição de vida de famílias cujos pais tinha estudo era muito melhor, provavelmente teve um papel importante nesta construção.

Além disso não pode deixar de ser lembrado que esta é a época correspondente ao famoso “milagre econômico”, ocasião em que, a nível de país, começaram a ser instaladas as grandes indústrias, e profissionais com curso superior em outras áreas além dos de direito e medicina, passaram a ser requisitados e muito bem pagos. Na região de Maringá, um outro fator que concorreu para a valorização do estudo foi o declínio da cultura do café, devida às grandes geadas. Desta forma, a exemplo do que ocorreu em São Paulo algumas décadas antes (Trigo, 1993), era necessário dar aos filhos homens uma educação que os habilitasse a garantir o nível econômico da família através de outras atividades, em face do declínio do lucro advindo da agricultura.

Outro valor bastante lembrado pelas mães dessa geração diz respeito ao comportamento dos filhos. A idéia central deste valor está relacionada principalmente ao comportamento a ser apresentado fora do ambiente da casa. É provável que este valor tenha sido incorporado em decorrência da acelerada urbanização ocorrida nesse período. O aumento populacional (passou de 104 mil habitantes em 1960 para quase 170 mil no final da década de 70) e a urbanização forçam os governantes a melhorar as condições de infraestrutura, pois logo no início desse período as ruas já eram asfaltadas e a população já contava com o fornecimento de luz elétrica e água encanada.

O desenvolvimento da cidade a partir do início desse período pretendia, portanto, o atendimento de duas frentes: dotar a população urbana de infraestrutura relativa às condições de moradia e atividades sócio-culturais: segundo LUZ (1980), neste período o município já tinha 3 cinemas, vários clubes recreativos e uma boa rede de ensino.

A vida urbana, segundo Azzi (1993), favorece a influência dos meios de comunicação social sobre a vida familiar e maiores oportunidades de lazer através de clubes recreativos, cinemas, colaborando significativamente para que se rompam, inclusive nos pequenos centros, as resistências culturais aos novos hábitos implantados na família e sociedade brasileira. Neste contexto, os valores relativos ao comportamento das crianças visavam o estabelecimento de normas que possibilitassem o convívio social em uma esfera mais ampla que apenas a familiar/doméstica.

Ressalta-se que o próprio papel da mãe é representado de uma forma diferente do da primeira geração; a mãe agora, mais do que corrigir e criar os filhos, também deveria defendê-lo socialmente, além de dar o carinho, o amor e o prazer de sua companhia.

Na terceira geração os valores que permeiam a criação contemplam basicamente quatro grandes áreas: o comportamento, a valorização da criança enquanto ser humano, os limites e o relacionamento.

No que se refere ao comportamento observa-se uma tendência à valorização de aspectos relacionados ao desenvolvimento de capacidade para enfrentar a sociedade competitiva. A valorização do *ser criança* por sua vez determina todo o enfoque da criação dos filhos, havendo uma preocupação com este aspecto inclusive na construção dos valores relacionados aos tipos de limites e à forma de aplicá-los. Finalmente, a crença de que a criança precisa, desde a mais tenra idade, ser estimulada no desenvolvimento de habilidades de comunicação / sociabilidade, constitui outra tônica relevante, especialmente no relacionamento mantido entre pais e filhos. Em oposição ao que acontecia nas gerações anteriores, principalmente na primeira, a socialização das crianças, colocada em prática através da relação entre essas e seus pais, são marcadas por uma valorização do brincar em oposição ao treinamento para o trabalho. Isto acontece por que, segundo Oliveira e Alvarenga (1993), nas representações maternas os jogos simbólicos e o espaço da brincadeira estão incorporados enquanto elemento fundamental para o desenvolvimento infantil.

Constata-se que, embora o estudo ainda seja considerado um valor para esta geração, este é um valor já incorporado, não mais discutido: todas as crianças frequentam uma escola. A questão agora é garantir o acesso a um ensino de qualidade, o que se acredita só ser possível em escolas de ensino privado, bem como acesso a diferentes estratégias que possibilitem um desenvolvimento completo do indivíduo, pois existe a consciência de que não basta ter um diploma, necessário se faz que o indivíduo saiba enfrentar a sociedade competitiva de hoje e provavelmente de amanhã.

3.5.5 – Atividades que envolvem o criar nas três gerações...

As atividades que envolvem o criar nas três gerações encontram-se intimamente relacionadas às crenças e valores e à própria concepção de criança. Assim é que, na primeira geração, disciplinar (colocando limites e corrigindo) e educar a criança (ensinar como se comportar) constituem atividades rememoradas com bastante ênfase.

A forma de colocar em prática a criação também guarda relação com o contexto mais amplo, ou seja, era a quantidade de atividade a ser desenvolvida que levava as mães a “*não ficar cuidando de qualquer coisinha*”, “*não agradar a criança*”. Se por um lado a característica do trabalho desenvolvido pela mulher à ocasião (cultivo de lavoura em família) possibilitava levar o filho junto para o serviço, por outro lado, as condições de vida da época, quando as famílias de origem moravam distante, faziam com que cada família se tornasse auto-responsável pela criação e cuidado de seus filhos.

A participação da mulher no cultivo da lavoura era uma necessidade, tanto por parte dos pequenos proprietários, que desta forma não precisavam contratar mais mão-de-obra, como por parte dos empregados, já que as famílias recebiam pelo total do produto (café) colhido.

Estes mesmos fatores concorreram para que os filhos começassem a desenvolver algumas atividades laborais: a prática de acompanhar os pais no trabalho fazia com que eles fossem, aos poucos, aprendendo a arte do ofício, mesmo porque existiam diferentes tipos de atividades e entre elas algumas mais apropriadas para o trabalho infantil, de forma que ensinar o trabalho e colocar para trabalhar desde pequeno era uma prática comum nesta geração.

Dentre as atividades laborais desenvolvidas por crianças, o cuidar de irmãos mais novos, para que a mãe pudesse continuar indo à roça, era uma das mais frequentes e, inclusive, desenvolvida por crianças dos dois sexos, muito embora, tão logo fosse possível, principalmente na zona rural, já fossem implementadas atividades consideradas próprias para cada sexo: às meninas eram destinadas as tarefas com a casa, e aos meninos, o trabalho com a lavoura.

Ressalta-se que as filhas mulheres também aprendiam a trabalhar na lavoura e, via de regra, só uma, geralmente a mais velha, ficava responsável pelos cuidados com a casa, embora por ocasião das colheitas todos trabalhassem na lavoura, independentemente do sexo.

As preocupações relativas à criação dos filhos nessa geração podem ser classificadas em dois tipos: aquelas que perpassam todas as gerações (as doenças e o futuro dos filhos) e as peculiares ao período em questão. Ou seja, existia por exemplo, o medo de a criança ser mordida por algum bicho ou então de chorar e não ser ouvida, o que estava relacionado à necessidade de levar a criança junto para a roça.

Na segunda geração as atividades que envolvem o criar também encontram-se muito relacionadas a disciplinar a criança através do estabelecimento de normas e rotinas e a educar as crianças no sentido de ensiná-las a se comportar socialmente.

Paralelamente a isto, a construção do valor da criança começa a determinar a necessidade de outros tipos de relações, passando a envolver a demonstração do afeto o diálogo e o favorecimento à sociabilidade.

Na terceira geração a valorização do *ser criança* é uma manifestação geral que se reproduz (traduz) em todas as atividades que envolvem a criação dos filhos, uma vez que estas são realizadas com o intuito de favorecer o desenvolvimento da criança, protegê-la e/ou respeitar a sua individualidade.

Constatai, portanto, que ao longo das gerações foram diminuindo a responsabilidade delegada à criança, bem como a cobrança de que a mesma apresentasse um comportamento pautado no respeito às pessoas mais velhas.

Da primeira para a terceira geração mudam também radicalmente os atores do processo de criar, não tanto quanto aos elementos, mas principalmente quanto ao tipo de participação de cada um deles neste processo. Vejamos: em todas as gerações a mãe ocupa o papel de responsável pela criação; na primeira geração suas principais referências são sua própria experiência e a experiência de sua família de origem; os elementos que mais contribuíam no desenvolvimento desta tarefa eram os próprios filhos mais velhos, não tendo o pai nenhuma ou quase nenhuma participação. Na segunda geração as referências adotadas pelas mães para a criação de seus filhos extrapolam o contexto familiar: a proximidade das casas na zona urbana favorece que um maior contato seja mantido com vizinhos, os quais passam a influenciar as condutas a serem tomadas

“ Eu tinha uma amiga que era minha vizinha e ela tinha os filhos mais velhos, então a gente trocava muito, eu me informava mais dela que estava do meu lado... era só perguntar ela me orientava.”

Além de que, o Governo Estadual começa a ter certa influencia na criação dos filhos, especialmente no que se refere aos cuidados com a manutenção da saúde e prevenção da doença. Marques (1996) enfatiza em seu trabalho que o Estado tomou para si a responsabilidade de desenvolver na população “uma consciência sanitária”. Para tanto realizou um trabalho dirigido à população, de Educação para a Saúde, o qual era viabilizado através dos Distritos Sanitários, das Associações particulares e da imprensa.

No rádio, principal meio de informação utilizada pela população até o início da década de 70, era realizado um programa denominado “Momentos de Saúde” que consistia em oferecer uma série de conselhos, informações e instruções sanitárias.

A difusão de conhecimentos técnico-científicos, especialmente na área da psicologia infantil, encarregou-se de provocar mudanças nos valores e na concepção de criança a partir de então.

Com relação à concepção da criança propriamente dita, chama a atenção, além do aspecto de valorização do *ser criança*, a questão do sexo das crianças. Enquanto na primeira geração ter filhos do sexo masculino constituía uma questão de honra para os homens (alguns ficavam durante algum tempo sem olhar a criança por esta ter nascido do sexo feminino), na segunda geração a diferença de tratamento aparece quando os pais atribuem diferentes tarefas para filhos de um e de outro sexo e também quando acreditam que a filha mulher não precisava fazer faculdade; e na terceira geração esta diferença praticamente não existe mais, pelo menos para os pais que tem filhos dos dois sexos. Isto por que esses pais fazem questão de demonstrar todo o tipo de afeto para filhos de ambos os sexos.

Contudo, a valorização do sexo dos filhos ainda é percebida quando a família só tem menina ou só menino, ou seja, nos dois casos foi possível identificar um desejo, às vezes implícito e noutros explícito, de ter filhos dos dois sexos, o que convenhamos é muito diferente da posição de alguns pais na primeira geração que praticamente só queriam ter (ou pelo menos a maioria de) filhos do sexo masculino.

Este desejo no entanto, conforme identificado neste estudo, não interfere na forma de criar os filhos. Resultados semelhantes foram encontrados por Biazoli-Alves e Caldana (1992) que ao investigarem as práticas educativas usadas pelas famílias identificaram existir pouca diferença entre mães de meninos e meninas, o que segundo as autoras, “... aponta num sentido moderno onde o cuidado e educação oferecidos aos dois sexos tendem a se assemelhar em função da menor diferenciação de papéis femininos e masculinos”.

Finalizando a discussão gostaria de salientar que as freqüentes transformações observadas na sociedade e na família brasileira determinam a necessidade de romper com antigos ideais de família. Enxergando as famílias em sua concretude será possível trabalhar efetivamente com as mesmas. Quem se propõe a trabalhar com família passa a ver de forma mais positiva a realidade de família que temos hoje: casamento com dois salários; casais não casados ou recasados; adoções por progenitores solteiros, casais sem filhos... É

como afirma Carter e McGoldrick (1995), “os profissionais devem excluir de seu vocabulário palavras e frases que os vinculem a normas e preconceitos do passado, tais como: filhos do divórcio, filho ilegítimo, lares sem pai, mãe que trabalha, etc”.

CAPÍTULO 4

OS CAMINHOS QUE AS FAMÍLIAS APONTAM PARA UMA ENFERMAGEM FAMILIAL

Conhecer as famílias... interpretar, a partir de meu imaginário, as mensagens parcialmente contidas nas entre-linhas, sintetizar a complexidade de tudo o que se deu a conhecer, reconhecer a pluralidade e a diversidade do cotidiano socialmente vivido e traduzir para o papel tudo o que foi captado em relação às representações de famílias de três gerações sobre sua experiência em criar os filhos, - este era o propósito. Agora, olhando para trás, vejo que muito do que foi lembrado permanecerá em silêncio, pois foi deixado de lado por não ter tido “luz” suficiente para atrair a atenção de minhas lentes, que teimavam sempre em focalizar aspectos conhecidos, já vivenciados em minha trajetória de vida, interferindo sobremaneira na leitura que fazia do conjunto dos dados.

Seriam estes os aspectos mais importantes a serem focalizados? Difícil de saber, assim como é difícil fugir de um caminho que sinto instintivamente traçado. Apesar dessa “interferência”, retornando o ponto de partida, as representações das famílias sobre a experiência vivenciada ao criar seus filhos, identifico que vários aspectos “pontuaram” minha leitura.

Em primeiro lugar se faz necessário enfatizar que na minha leitura sobre as representações feitas existem algumas fissuras, algumas regiões nebulosas que dificultaram a reconstrução da significação desta atividade pelas famílias; de qualquer forma o criar os filhos é representado como algo que se dá inserido em um contexto e influenciado por este. Este contexto torna a experiência de criar um filho única para cada família e também para

cada filho, já que uma mesma família experimenta de forma diferente a criação de cada um de seus filhos. Isto porque cada experiência de criação é determinada pelas interações entre pais e filhos e entre estes e o meio social mais amplo. Assim, a cada experiência se soma a anterior, que vai sendo acrescentada ao referencial de criar da família. Além disso, cada nova experiência é vivenciada em relação a um outro ser/criança, que por sua vez possui características inerentes à sua pessoa.

É esta dança de interações intra e extrafamiliar que molda e permeia a criação, na segunda geração, dos últimos filhos e em especial do caçula, traduzida na prática por uma maior permissividade e privilégios, ainda que as representações sobre os valores sejam tidos como únicas para todos os filhos.

Ademais, a criação dos filhos é representada como algo implícito no próprio viver da família. Criar um filho implica necessariamente reconhecer e valorizar a simultaneidade com que as coisas acontecem em relação aos filhos. A criação, portanto, não é representada como algo que possa ser fragmentado. Suas atividades constituem e pertencem a um conjunto no qual não existe e nem cabe fragmentação ou interrupção: agora vou ver o lado psicológico..., agora vou começar a ver o desenvolvimento..., a educação, ... o preparo físico. Na prática, todas as preocupações e atividades que envolvem o criar podem ocorrer simultaneamente, embora, dependendo das interações com o contexto mais amplo, dos valores, das crenças, da história de vida da própria família, determinadas áreas ou facetas deste criar possam ser abordados com intensidade diferenciada para diferentes atores.

No que se refere a nós, profissionais de saúde, importa saber que neste contexto o enfrentamento de doenças (pelo menos das comuns e corriqueiras) constitui-se apenas em facetas do criar. Ou seja, a doença faz parte do criar, ela não é vivenciada de forma isolada, à parte da criação, há uma simultaneidade. Não é porque se está cuidando da criança doente que se deixa de criar os filhos. As famílias de forma geral não se preparam para vivenciar a doença.

Tenho, assim, um primeiro ponto importante de reflexão:

Enquanto as famílias se preocupam com a "vida" e seu cotidiano, nós, profissionais de saúde, fazemos um recorte na realidade e passamos a agir como se esse "pedaço" da realidade representasse o todo. Em função disso, insistimos em nos preparar para atuar na doença e, não

contentes com isso, ainda tentamos atrair a atenção das famílias para a necessidade de se preocuparem com a doença.

Com relação a este aspecto considero que, dada a formação profissional, o recorte é até necessário, mas os profissionais não podem se esquecer de que estão fazendo um recorte de algo muito mais amplo e complexo, e de que esse recorte, portanto, não corresponde ao todo do processo de viver e nem de criar.

As representações mostram ter havido muita mudança na composição e na organização da família, mesmo quando se considera um pequeno espaço de tempo, configurado em apenas três gerações. Enquanto na primeira e segunda gerações além de todas as mulheres serem oriundas de famílias com sete ou mais filhos, suas próprias famílias constituídas também podiam ser identificadas como numerosas, visto ser o número de filhos sempre igual ou maior que 4, na terceira geração esse número é reduzido para uma média de dois, sendo o terceiro representado quase sempre como uma exceção, um “acidente”

A forma de organização familiar nas camadas médias também se alterou, de famílias estruturadas nos padrões do modelo nuclear, assumindo o pai a quase total responsabilidade pela manutenção financeira da família, para um modelo de família onde a mulher passa a contribuir, par a par com o homem, na manutenção da casa, configurando ao mesmo tempo mudanças tanto no papel do homem como no da mulher.

A estrutura da família como um todo foi alterada, pois embora a predominância ainda seja de famílias constituídas por pai, mãe e filhos, observa-se que, enquanto na primeira geração a separação conjugal só ocorreu após os filhos estarem “criados”, na terceira geração, devido a inúmeras mudanças, mas em especial ao fato da mulher, de certa forma, ser livre da dependência econômica do homem, ela surge mesmo quando as crianças ainda são pequenas. Surge assim, o segundo ponto de reflexão:

Se a família através dos tempos muda sua estrutura, sua organização, seus valores e seus papéis, a enfermagem, em suas manifestações do assistir, precisa reconhecer a necessidade de pensar as famílias de forma plural (com várias possibilidades de organização), pois histórica e antropológicamente falando-se não existe um modelo de organização familiar que possa ser tido como único.

Os dados deste estudo demonstram que a família muda até na mesma geração; então a enfermagem também precisa conhecer a história e a evolução das famílias, estar atenta aos tipos de estrutura familiar que estão se configurando em nosso meio, às mudanças no papel da família e no de seus membros, e principalmente às mudanças na forma de criar os filhos, uma vez que as manifestações deste criar possuem implicações na saúde futura e presente do ser/criança e da família como um todo.

Diante de tantas mudanças e de tantas particularidades é inevitável a conclusão de que jamais pode ser utilizado um mesmo programa de assistência à criação dos filhos para todas as mães, para todas as famílias. A assistência tem que ser individualizada para cada família, e coerente com a sua realidade de vida, com suas concepções, seus valores e suas representações sobre a criança, sobre a criação, sobre as relações entre pais e filhos, enfim sobre a sua própria concepção de vida.

A enfermagem não aparece nas representações das três gerações, aparece o médico, a parteira, o farmacêutico. Se nas gerações anteriores os profissionais de enfermagem não existiam em número suficiente para estarem presentes em localidades pequenas como a cidade de Maringá nas décadas de 50, 60 e 70, esta não é mais a realidade das duas últimas décadas, pois com a criação do curso de Enfermagem na Universidade Estadual de Maringá em 1981, este profissional passou a existir, se não nos número recomendados pela Organização Mundial da Saúde, pelo menos em número suficiente para se fazer conhecer.

Tenho aqui portanto, mais um ponto de reflexão:

A invisibilidade do enfermeiro através dos tempos e acima de tudo nos dias atuais tem um significado concreto para a enfermagem: ela precisa rever sua prática.

Acredito que o profissional enfermeiro tem um papel importante a desempenhar junto às famílias na criação de seus filhos. As famílias estão mostrando suas reais preocupações, seus valores, suas dúvidas, - e o que nós enfermeiros estamos fazendo no sentido de apoiar estas famílias? Continuamos nos preparando para atuar em momentos de crise, em momentos em que a doença já está instalada, e perdemos a chance de atuar no presente, o qual se configura como o momento quando ainda é possível evitar muitas das doenças.

As famílias hoje estão preocupadas em saber o que é certo ou errado na criação dos filhos, como estabelecer limites, e nós profissionais de saúde não estamos dando atenção suficiente para estas questões, que afinal constituem a problemática do viver dessas famílias.

Outro dia alguém comentou que as propagandas que o Governo estava fazendo sobre o uso de “camisinha” no carnaval como estratégia para evitar a AIDS, eram de certa forma um estímulo para que os jovens tivessem relacionamentos sexuais ao primeiro encontro. Ou seja, o setor saúde tenta consertar uma coisa e estraga outra, porque relações desprovidas de afeto mais cedo ou mais tarde podem ter reflexos na saúde mental destes jovens, ainda tão despreparados para o relacionamento sexual.

Além disso, no senso comum, as famílias de forma geral não consideram os profissionais de saúde os mais indicados para trabalharem com os jovens aspectos relacionados à violência e à sexualidade, porque consideram que estes não possuem sensibilidade suficiente que lhes permitam ver o adolescente como pessoa, como um todo, já que sem ver suas preocupações, seu contexto mais amplo, “entram de cabeça” no cumprimento de seu dever: ensinar como usar “camisinha”.

Nosso agir, portanto, é visto pelo senso comum como permeado pelo tecnicismo em todas as suas áreas de ação. No que se refere à mulher, por exemplo, grande ênfase continua sendo dada aos aspectos biológicos de sua existência, e no entanto sabemos que a problemática de saúde da mulher é muito mais que a presença de uma doença ginecológica a ser tratada, é mais do que a necessidade de garantir recursos para a detecção precoce de câncer, para promover uma gravidez sem risco. É isto também, mas é muito mais. A grande problemática hoje é a existência da mulher estressada física e mentalmente pelo acúmulo de papéis e de funções, é a existência da mãe ambivalente, da mãe dividida que precisa trabalhar fora mas ao mesmo tempo não quer deixar de dar atenção aos filhos (sejam eles de que idade), gerando angústia e sofrimento.

Traçando um paralelo com o desenvolvimento deste trabalho surge um novo ponto de reflexão:

A mesma problemática vivenciada por ocasião da organização dos dados, em decorrência da focalização da objetiva de minhas lentes para aspectos que têm um significado pessoal, também deve estar existindo em

relação ao agir da enfermagem que tem focalizado suas lentes em determinados aspectos e não em outros.

Preocupa-me no entanto saber que se trata de dois pesos e duas medidas. No trabalho acadêmico esta focalização não só é permitida como estimulada, porém no agir da enfermagem ela precisa ser avaliada e inclusive submetida a uma ampla reflexão e discussão sobre suas conseqüências.

Em mim particularmente, as reflexões iniciais sobre o agir da enfermagem suscitaram uma série de inquietações. Por que na prática e efetivamente a família ainda não se constitui, em geral, no objeto da assistência da enfermagem? Por que, apesar de todos os indícios mostrarem a necessidade de se assistir a família ao invés de o indivíduo, os serviços de saúde e a própria enfermagem continuam se estruturando para um atendimento individualizado e com caráter curativo em vez de preventivo?

Estamos fazendo o melhor possível ou estamos apenas deixando que a objetiva de nossas lentes continuem simplesmente à procura de caminhos que, de tantas vezes trilhados, já são nossos conhecidos; caminhos com os quais já possuímos uma certa “familiaridade”. Eles com certeza são mais fáceis de serem seguidos, mas possuem o inconveniente de já conhecermos onde e como terminam. E o pior é que ultimamente não estamos mais satisfeitos com o que encontramos ao final da jornada; pois fica sempre a sensação de ter sido apenas uma medida de caráter paliativo, que resolve (quando resolve) o problema de forma limitada (superficialmente e por pequeno período de tempo).

Tenho portanto, mais um ponto de reflexão:

O modelo biomédico puro e simplesmente é insuficiente para dar conta de uma assistência completa mesmo a nível individual, quanto mais para a família.

Quando afirmo que o modelo biomédico não é suficiente, o que quero dizer é exatamente isto. Não se trata de negar este modelo, ele é inclusive necessário, trata-se no entanto de enfatizar a necessidade de complementá-lo a fim de se obter um modelo mais complexo, capaz de dar conta, de atender a outras dimensões do viver do indivíduo e da família, além do biológico.

Na minha modesta leitura das representações das famílias destas três gerações, enxergo as “dicas” que as famílias estão nos dando sobre as possibilidades de atuação. A primeira delas diz respeito à necessidade de nos fazermos presentes, não só na doença (pois esta é esporádica e não corresponde à totalidade da vivência do criar), mas acima de tudo no cotidiano.

É preciso estar presente e junto com a família descobrir meios que possam fortalecê-la, mobilizá-la, impulsioná-la no alcance de seu próprio equilíbrio e bem-estar. Junto com a família descobrir estratégias que facilitem o desenvolvimento de sua tarefa de socializar e adaptar a criança a uma convivência saudável física e mentalmente na sociedade. Ao mesmo tempo, estar junto com a família no aprendizado constante do desempenho de papéis, afinal as famílias hoje encontram-se em constante transformação; e por conseguinte, não são só os filhos que crescem fisicamente e ao mesmo tempo precisam se desenvolver emocionalmente; os pais também precisam aprender a ser pais e a atuar como tais. Cumpre discutir e descobrir com a família quanto os pais se apresentam como figuras significativas para seus filhos e portanto como modelos a serem seguidos, surgindo assim a necessidade de um agir que possibilite, além da interação plena da família, o fornecimento de padrões adequados na formação da personalidade da criança.

Há que se estar junto com a família, estar presente, tendo por objetivo fortalecer e descobrir as potencialidades da família na condução de seu processo de viver/ser/estar saudável, para além do aspecto biológico. A abordagem deve ser no sentido de apoiá-las e fortalecê-las no enfrentamento de suas tarefas diárias, sejam ou não elas relacionadas diretamente à saúde, posto que saúde não representa mais única e exclusivamente ausência de doença.

A invisibilidade do enfermeiro através dos tempos e também hoje pode ter a ver com o fato da doença não constituir evento corriqueiro e sim esporádico no cotidiano das famílias, e isto faz com que as relações com os profissionais de saúde não sejam frequentes; mas também pode ter a ver com o fato de a enfermagem não estar voltando sua prática para problemas que realmente interessam às famílias.

Somente após a aprendizagem de um compartilhar experiências cotidianas os enfermeiros serão verdadeiramente reconhecidos e procurados em situações de doença. E nestes casos, convenhamos, já temos experiência suficiente para subsidiar um agir coerente com as expectativas das famílias, embora nem sempre este agir seja colocado em prática.

Nos momentos de crise o agir da enfermagem é diferenciado e de certa forma reconhecido, mas o mesmo não acontece em situações corriqueiras do dia-a-dia, as quais são muito mais frequentes, e portanto podem ter um resultado mais prático na saúde da família como um todo. Ainda estamos à procura de caminhos a serem trilhados; sabemos no entanto que as pessoas precisam ser abordadas e entendidas como pertencentes e inseridas em uma família, e que esta constitui um alicerce seguro e capaz de promover o desenvolvimento das capacidades e criatividade necessárias aos indivíduos, para que estes possam traçar sua própria trajetória de viver/ser/estar saudável.

A relação entre profissionais de saúde e famílias tem que se pautar numa relação diferenciada, única. Para tanto o profissional precisa saber como o outro define a situação, conhecer a cultura do outro, colocar-se no lugar do outro, precisa ouvir o outro, interagir com o outro. Precisa entender o significado que o outro dá às suas experiências.

Existe uma espécie de consenso (do qual eu compartilhava) de que a enfermagem está se preparando para trabalhar concretamente com a família, e para tanto encontra-se na fase de desenvolver estratégias específicas. No entanto, depois do desenvolvimento deste estudo meu postulado é que não existe razão que justifique continuar esperando de braços cruzados que teóricos da enfermagem desenvolvam metodologias e estratégias apropriadas para uma abordagem junto à família, pois o que sabemos até o momento me possibilita reconhecer que o principal recurso de abordagem é o próprio profissional, através da manifestação de uma postura adequada, pautada essencialmente na humildade e sinceridade de querer estar junto.

Este tipo de postura por si só é capaz de favorecer o desenvolvimento da interação necessária para capacitar e fortalecer a família no desempenho de suas funções. A interação por sua vez se consolida através de pequenos gestos, como um olhar receptivo, um tom de voz agradável, um toque suave e seguro e acima de tudo uma disposição... para ouvir verdadeiramente, para estar junto, para crescer junto, enfim na disposição de ter a família como co-participante do processo de cuidar/criar.

Esta postura se mostra eficiente tanto em situações de saúde como de doença, já que em nossa realidade, onde os serviços de assistência à saúde (que na verdade só fazem assistência à doença) não satisfazem as necessidades da população, a família tem um papel importante a desempenhar na promoção da saúde, na prevenção da doença e na recuperação da saúde. O cuidado prestado pela família em quaisquer destes níveis tem

como principal característica o fato de ser permeado por relações sociais e carregadas de investimentos afetivos. E é exatamente isto que o diferencia do cuidado formal. Os investimentos afetivos têm a capacidade de estimular as forças vivas do indivíduo/família doente, promovendo com maior facilidade e rapidez a recuperação da saúde.

Conclui-se que compete ao profissional de saúde, em especial ao enfermeiro, refletir sobre o tipo de assistência a ser prestada à família no sentido de ajudá-la no desempenho desta importante tarefa que é o cuidar/zelar pela saúde de seus membros. Cada situação precisa ser entendida como uma oportunidade ímpar de colaborar adequadamente na expansão do referencial adotado pelas famílias em situações de saúde e doença. Compete aos profissionais de saúde deixar que as famílias experienciem a sensação real de não estarem sós no enfrentamento de seus problemas cotidianos, como, por exemplo, o de criar os filhos.

Urge portanto repensar o ensino e a prática da enfermagem. Isto porque a formação acadêmica não tem dado conta de ampliar a visão dos profissionais no que concerne à compreensão do processo de viver, adoecer e curar, o qual ainda se encontra ancorado prioritariamente no modelo biomédico, que prioriza o atendimento individual, curativo e institucional, ou seja, não valoriza o esforço e as dificuldades da família para viver, ser/estar e se manter saudável. Na formação destes profissionais precisam ser adotadas estratégias que propiciem novas formas de abordagens, assim como o estabelecimento de novos parâmetros de assistir e cuidar, priorizando a busca da integração do cuidado formal com o informal, tendo em vista não só reconhecer, mas melhorar a qualidade do cuidado prestado pela família, tanto em situações de saúde como de doença, como meio de transformação de nossa realidade de saúde.

No campo da pesquisa, concluo pela necessidade de se realizarem estudos que visem aprofundar o conhecimento sobre o cotidiano das famílias; mas, que fique claro, estes estudos já não podem ficar restritos ao propósito exploratório, é necessário terem os mesmos por objetivo, além de ver como a família funciona neste complexo todo, que é o cotidiano do viver, também o de investigar a influência e os efeitos que uma atuação da enfermagem familiar, nos moldes discutidos anteriormente, teria sobre o cotidiano das famílias e em suas interfaces com o processo de saúde e doença.

Os dados deste estudo revelam que, na interação com as famílias com o objetivo de assisti-las no desempenho de suas tarefas com os filhos, o referencial a ser utilizado será o

de criação conforme concebido pelas próprias famílias, o que vimos neste estudo, envolve muito mais que o apenas socializar a criança. Criar para as famílias é muito mais que educar, socializar, cuidar na doença. Criar é enxergar a criança de forma completa, com todas as suas necessidades e particularidades; é atender a essas necessidades de forma individualizada, por mais insignificantes que possam parecer.

Finalmente, ainda na interação com a família devemos começar a utilizar claramente o termo criar, pois ele como vimos ao longo do estudo representa melhor a complexidade das tarefas desenvolvidas pelos pais (avós e outros) em relação aos filhos. Além disso, ao utilizarmos a palavra “criar” estaremos reconhecendo e acentuando o caráter de novidade imprevisível (Abbagnano, 1970) que estas tarefas possuem no dia-a-dia. Criar um filho é comparável a uma obra de arte na qual o artista vai pouco a pouco definindo os traços e a tonalidade das cores. É acima de tudo um processo inacabado, único para cada filho. Um processo que vai sendo moldado, construído pelas interações ocorridas entre os pais e entre estes e as pessoas que lhes são mais próximas, no qual se incluem os próprios filhos, os quais atuam como sujeitos de seu próprio viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo : Mestre Jou, 1970.
- ALMEIDA, M. I. M. A “nova maternidade”: uma ilustração das ambiguidades do processo de modernização da família. In: FIGUEIRA, Sérvulo, A. (org.). **Uma nova família?: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro : Zahar, 1987. p. 55 - 68.
- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 77, p. 53 - 61, 1991.
- ANDRE, M. E. D. A. **Etnografia na prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1986.
- AZZI, R. Família, mulher e sexualidade na igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, M. L. (org.). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo : Loyola, 1993. p. 101-34.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 6. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- BARROS, M. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1987.
- BASTOS, N.C.B. Educação para saúde na assistência à saúde da família. **Rev. Fund. SESP**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.107-14, 1979.
- BAUER, M. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho. **Textos em representações sociais**. Rio de Janeiro : Petrópolis, 1994. p. 261 - 96.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. Rio de Janeiro : Campus, 1988.
- BERTHOUD, C. M. E. Um olhar na família paulista. In: CERVENY, M. O e BERTHOUD, C.M.E. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1997.
- BIAZOLI - ALVES, Z. M. Intersecções das análises quantitativas e qualitativas. **REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA**, 18, 1988, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: USP, 1988. P. 487-92.

- _____. **Família - socialização - desenvolvimento.** Ribeirão Preto: USP, 1994, 178 p.
Tese (Livre docência) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.
- BIAZOLI - ALVES, Z. M.; VENDRAMIM, P.; CALDANA, R. H. L. O cotidiano de famílias brasileiras no início do século XX: os papéis masculino e feminino. ENCONTRO IBERO AMERICANO SOBRE FAMÍLIA, 3, 1995, São Leopoldo. (publicação avulsa) 15 p.
- BIAZOLI -ALVES, Z. M. M. e CALDANA, R. H. L. Práticas educativas: a participação da criança na determinação de seu dia-a-dia. **Psic., Teor. Pesq.**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 231-42, 1992.
- BOGDAN, R.; TAYLOR, S. J. **Introduction to qualitative research methods.** New York: John Wiley & Sons., 1975.
- BOLWBY, J. **Apego.** São Paulo : Martins Fontes, 1984.
- BONAMIGO, E. M. R. e RASCHE, V. M. M. O processo de socialização da criança nas famílias de classe popular. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 4, n. 3, p. 295 - 315, 1988.
- BONIN, L. F. R. Representações sociais das mães a respeito da criança. REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 38, 1986 (publicação avulsa). 14 p.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, USP, 1987.
- BUB, L. I. R., et al. **Marcos para a prática da enfermagem com famílias.** Florianópolis: UFSC, 1994. 195 p.
- BUDÓ, M. L. D. **Cuidando e sendo cuidado: um modelo cultural de suporte à saúde em comunidade rural de descendentes de imigrantes italianos.** Santa Maria: UFSM, 1994. 222p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria.
- BYERLY, E. L. The nurse-researcher as participant-observer in a nursing setting. **Nursing Research**, New York, v.18, n.3, p.230-6, 1968.
- CANNELL, C. F. e KAHN, R. L. Coleta de dados por entrevista. In: FESTINGER, L.; KATZ, D. A. **Pesquisa na psicologia social.** Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1974.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação.** 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.
- CARDOSO, S. R. **Memória e jogos tradicionais infantis: lembrar e brincar é só começar.** Marília: UNESP, 1998. 195 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação - Universidade Estadual Paulista.
- CARTANA, M. H. **Rede e suporte social das famílias.** Florianópolis: UFSC, 1988. 157p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina.

- CARTER, B.; MAC GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A.. Coleção Memória e Sociedade, 1990.
- _____. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 15, n. 5, p. 173- 191, 1991.
- _____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo : Martins Fontes, 1992. Cap VI, p. 177-211.
- COLLIÈRE, M. F. Invisible care and invisible woman as health care providers. **International J. of Nursing Studies**. Great Britain, v.23, n.2, p. 95-112, 1986.
- DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J. W.; CRISTENSEN, P. J. **Nursing process: application of theories, frameworks and models**. ST. Louis : C. V. Mosby, 1986. p. 87 - 99.
- DIAS, C. M. de S. B. A importância dos avós no contexto familiar. **Psicol. : Teor. Pesq.**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 31-40, 1994.
- ELSEN, I. **Concepts of health and illness and related behaviour among families living a Brazilian fishing village**. San Francisco: UCSF, 1984. 301p. Tese (Doutorado em Ciências de Enfermagem). University of California.
- ELSEN, I.; PATRICIO, Z. M. Assistência à criança hospitalizada: tipos de abordagens e sua implicação para a enfermagem. In: SCHMITZ, E.M.R. **A enfermagem em pediatria e puericultura**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1986. p. 169-79.
- ELSEN, I. Desafios da enfermagem no cuidado de famílias. In: BUB, L. et al. **Marcos para a prática de enfermagem com famílias**. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 61-78.
- ELSEN, I. Saúde familiar: a trajetória de um grupo. In: BUB, L.I.R. et al. **Marcos para a prática da enfermagem com famílias**. Florianópolis: UFSC, 1994. p.19-60.
- FEIN, R. Man's entrance to parenthood. **The Family Coordinator**, v.25, p.341-8, 1976.
- FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social**. Lisboa : Teorema, 1992.
- FERNANDES, M. E. Memória camponesa. In: MATOS, M. A. et al (orgs.) **REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA**, 21, 1992, Ribeirão Preto: USP (publicação avulsa).
- FERREIRA, M. C. R. O apego e as reações da criança à separação da mãe: uma revisão bibliográfica. **Cad. Pesq.**, São Paulo, v. 48, p. 3 - 19, 1984.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : Guanabara, 1989.

- GERSHWIN, M. W.; NILSEN, J. M. **Health by families**. In: GILLIS, C. L. et al. **Toward a science of family nursing**. California : Addison - Wesley, 1989. p 79.
- GLASER, G. B.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. Chicago : Aldine Publishing, 1976.
- GOMES, J. V. Família: cotidiano e luta pela sobrevivência. In: CARVALHO, M. C. B. (org.). **Família contemporânea em debate**. São Paulo : EDUC, 1995. p. 61 - 72.
- GOTTMAN, J.; DECLAIRES, J. **Inteligência emocional: e a arte de educar nossos filhos**. 26. ed. Rio de Janeiro : Objetiva, 1997.
- GRUNSPUN, H.; GRUNSPUN, F. **Assuntos de família**. São Paulo : Almed, 1984.
- GUARESCHI, N. M. de F. A criança e a representação de poder e autoridade: negação da infância e afirmação da vida adulta. In: SPINK, M. J. **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 212 - 33.
- HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JUNQUEIRA, E. A boa vida no interior. **Veja**, São Paulo, v. 31, n. 10, p. 71 - 76, 1998.
- LEFÈVRE, F. A importância da creche para o processo de inserção social e para o ingresso da criança na cultura. **Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 57 -9, 1994.
- LE GOFF, J. **L'imaginaire médiéval**. Paris: Gallimard, 1985.
- LEININGER, M. Teoria do cuidado transcultural: diversidade e universalidade. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TEORIAS DE ENFERMAGEM, 1, 1985, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 1985. p. 255-276.
- _____. **Qualitative research methods in nursing**. Orlando : Grune & Stratton, 1985.
- _____. **Culture care diversity and universality: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing Press, 1991.
- LEITE, M. L. M. A mulher das camadas médias entra no mercado de trabalho. In: MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo : Loyola, 1993. p. 191-6.
- LEVCOVITZ, E. ; GARRIDO, N.G. Saúde da família: a procura de um modelo anunciado. **Cadernos de Saúde da Família**, Brasília, v. 1, n.1, p. 3-9, 1996.
- LOFLAND, J. **Analyzing social settings: a guide to qualitative observation and analysis**. Belmont : Wadsworth., 1971.

- LUZ, F. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá.** São Paulo: USP, 1980, 435 p. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- LUZ, F.; OMURA, I. A. R. A propriedade rural no sistema de colonização da Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná - Município de Maringá. SIMPOSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 8, 1976, São Paulo. *Anais...*, São Paulo, 1976, p. 783-815, 1976.
- MANCIAUX, M. A saúde da família. **A saúde do mundo**, Genebra, p. 4. ago/set., 1975.
- MARCON, S. S. **Vivenciando a gravidez.** Florianópolis: UFSC, 1989. 383p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.
- _____. **Assistência pré-natal: um estudo etnográfico.** Rio de Janeiro : Uni-Rio, 1990. 272 p. Tese (Livre-Docência em Enfermagem em Saúde Pública) - Universidade do Rio de Janeiro.
- _____. Vivência de mulheres sobre o desmame tardio da criança. **Rev. Gaúcha Enf.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 43-50, 1996.
- MARCON, S. S. et al. Trabalho da mulher: o confronto com a realidade familiar. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 135-56, 1997.
- MARCON, S. S. Avós: presença e lembranças no cotidiano de cuidar. **Texto Contexto Enf.**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 369-379, 1997.
- MARQUES, M. C. da C. **A Mortalidade infantil na colonização do norte novo do Paraná: o caso de Maringá.** São Paulo : USP, 1994. 123 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- MÉDICE, A. C. Mulher brasileira: muito prazer. In: LABRA, M. E. (org.) **Mulher, saúde e sociedade no Brasil.** Petrópolis: Vozes/ ABRASCO, 1989. p. 71-118
- MELLO NETO, G. A. R. **A simbolização da criança no discurso do adulto entre realidades psíquica e social.** São Paulo : USP, 1993. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo.
- MIRANDA, V. M. M. A. **A proposta de creche: a quem compete? a quem se destina.** Salvador : UFBA, 1983, 65 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) - Universidade Federal da Bahia.
- MONTEIRO, M. F. G. Saúde reprodutiva. In: KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família brasileira: a base de tudo.** São Paulo : Cortez / UNICEF, 1994. p. 172 - 83.
- MOTTA, A. B. e N., NETO, Z. M. Tempo de mulher - tempo de trabalho entre mulheres proletárias em Salvador. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.37, n.9, p. 1442-51, 1985.

- NITSCHKE, R. G. **Nascer em família: o caminho da interação familiar saudável.** Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina.
- NOGUEIRA, M. J. C. Assistência de enfermagem à família. **Rev. Enf. Novas Dimens.**, São Paulo, v.3, n.6, p.327-46., 1977.
- OLIVEIRA, P. de S. **Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos.** São Paulo : USP, 1993, 145p. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, D. C. e ALVARENGA, A T. Representações maternas do desenvolvimento infantil: praxis e conhecimento. **Mundo da Saúde**, v. 20, n. 1, p. 403 - 12, 1996.
- PAIM, L.; TRENTINI, M. Indo além do modelo médico - uma experiência de ligação teoria-prática na assistência de enfermagem. **Texto & Contexto Enf.**, Florianópolis, v. 2, n. 1, 13- 32, 1993.
- PASTORE, K. Pais e filhos com hora marcada. **Rev. Veja**, São Paulo, v. 30, n. 30, p. 82-89, 1997.
- PATRÍCIO, Z. M. **A prática de cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural.** Florianópolis: UFSC, 1990. 282p. Dissertação (Pós-Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- PAZ, M. G. T. e ALENCAR, E. M. L. Relações familiares e aspectos da socialização infantil em famílias de mães profissionais e não profissionais. **Psicol. Teor. pesq.** Brasília, v. 4, n. 1, p. 69 -81, 1988.
- PEARSALL, M. Participant observation as role an method in behavioral research. **Nursing Research**, New York, v.14, n.1, p.37-42, 1965.
- PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.9, n.18, p. 9-18, 1989
- PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.
- PETRUCELLI, J. L. Nupcialidade. In: KALOUSTIAN, S. M. (org.). **Família brasileira: a base de tudo.** São Paulo : Cortez / UNICEF, 1994. p . 159 - 71.
- PINTO, M. E. B. **Concepções de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira.** Campinas: UNICAMP, 1997. 202 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas.
- PRADO, D. **O que é família.** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

- PRANDI, J. R. **Catolicismo e família: transformações de uma ideologia.** **Cadernos Cebrap**, São Paulo, 1975. p. 24 - 33.
- PREUSS, M. R. G. **Atitudes maternas e tipos de cuidado alternativo escolhido por mães que trabalham fora.** **Psicol. Teor e Pesq.**, Brasília, v. 2, n. 3, p. 213 - 25, 1986.
- QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravar no registro da informação viva.** São Paulo: CERU, FFLH USP, 1983.
- _____. **Relatos orais: do "indizível" ao "dizível".** **Ciência e cultura**, v. 39, n. 3, p. 272-86, 1991.
- QUEIRÓS, S. R. R.; JANNOTTI, M. L. M. **Memória da escravidão em famílias negras de São Paulo.** ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS (ABEP), 6, Olinda, **Anais...**, Olinda, 1981, p.115-30.
- RAY, M. **Philosophical analysis of caring.** In: LEININGER, M. **Caring: an essencial human need.** Thorofare: N.J. Slack. 1981. p.25-36.
- RIBEIRO, I. **Sociedade brasileira contemporânea, família e valores.** São Paulo : Loyola, 1987.
- RIBEIRO, R. M. et al. **Estrutura familiar trabalho e renda.** In: KALOUSTIAN, S. M. (org.). **Família brasileira: a base de tudo.** São Paulo : Cortez / UNICEF, 1994. p. 135 - 58.
- ROMANELLI, G. **Autoridade e poder na família.** In: CARVALHO, M. C. B. (org.). **Família contemporânea em debate.** São Paulo : EDUC, 1995. p. 73 - 88.
- SALEM, T. **A trajetória do "casal grávido": de sua constituição à revisão de seu projeto.** In: FIQUEIRA, S. A. **Cultura e psicanálise.** São Paulo : Brasiliense, 1985.
- SAFFIOTI, H.; BONGIOVANI, I. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Petrópolis : Vozes, 1976.
- SANTANA, J. S. S. **A creche como elemento contributivo para a inserção da mulher no mercado de trabalho.** **Rev. Baiana de Enf.**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 75 - 92, 1996.
- SANTOS, P. L. **Representações sobre o comportamento de leitura de crianças e adolescentes.** São Carlos : UFSCar, 1993. 165 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos.
- SAVATER, F. **Ética para meu filho.** 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- SPITZ, R. A. **Doenças de carência afetiva do bebê.** São Paulo : Martins Fonte, 1979.
- THOMPSON, E. P. **O termo ausente: experiência.** In: THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Zahar: Rio de Janeiro, 1981. p. 180-200.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

- TOSCANO, M. Pais modernos. **Diálogo médico**, v. 11, n. 4, p. 52 - 5, 1996.
- TOZO, S. M. P. S. **A infância em gerações diferentes: o cotidiano e o lúdico**. São Carlos: UFSC, 1996. 126 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos.
- TRIGO, M. H. B. Educação e reprodução social no grupo cafeeiro paulista. In: MARCÍLIO, M. L. (org.). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 197-203.
- UPHOLD, C. R. HARPER, D. C. Methodological issues in intergenerational family nursing research. **Advances in Nursing Science**, v. 8, n. 3, p. 38 - 49, 1986.
- VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- VITALE, M. A. F. **Vergonha: um estudo de três gerações**. São Paulo: PUC, 1994. 191 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- ZARGURY, T. **Sem padecer no paraíso: em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos**. 11. ed., Rio de Janeiro : Record, 1994.
- WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.